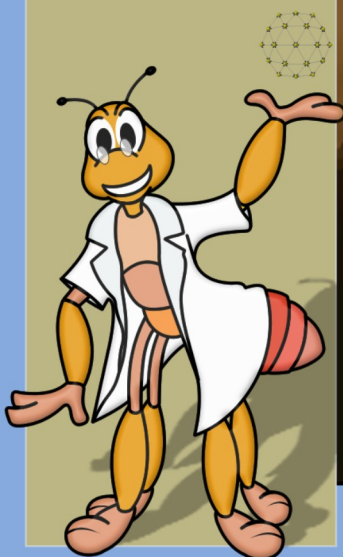


PIETRO UBALDI NA BAHIA

MEMORIAL SOBRE A CHEGADA E IMPLANTAÇÃO DO PENSAMENTO E DA OBRA DE PIETRO UBALDI EM FEIRA DE SANTANA E NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA, BAHIA - BRASIL

Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni



Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade

Ficha catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado – UEFS

Barboni, Suzi de Almeida Vasconcelos
B194p Pietro Ubaldi na Bahia [recurso eletrônico]: memorial sobre a chegada e implantação do pensamento e da obra de Pietro Ubaldi em Feira de Santana e na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia-Brasil/ Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni – Feira de Santana: NFSEE, 2025.
230 p.: il.

Ebook
Formato PDF
ISBN 978-65-01-83046-9

1. Espiritualidade 2. Ubaldi, Pietro. 3. Evolução espiritual. 4. História local 5. Feira de Santana, Bahia. 6. Memórias. 7. Relato de experiência. I. Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 141.155(814.22)

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária – CRB-5/695

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS
Av. Transnordestina, S/N – CRIS – Anexo do MT6
Novo Horizonte – CEP: 44.360-900
Feira de Santana – BA
Tel.: (75) 3161-8380 | E-mail: barboni@uefs.br
<http://fsee.uefs.br/>

Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni

PIETRO UBALDI NA BAHIA

**MEMORIAL SOBRE A CHEGADA E IMPLANTAÇÃO DO PENSAMENTO E DA OBRA
DE PIETRO UBALDI EM FEIRA DE SANTANA E NA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
FEIRA DE SANTANA, BAHIA – BRASIL**

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde,
Educação e Espiritualidade (NFSEE/UEFS)

Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade (NFSEE)
1ª Edição – Copyright©2025 livre

Direitos de Edição Reservados ao Núcleo de Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei no 9.610/98. Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nos 10.994, de 14/12/2004, e 12.192, de 14/01/2010.

FICHA TÉCNICA

REITORA	Amali de Angelis Mussi
VICE-REITORA	Rita de Cássia Brêda Mascarenhas Lima
PRÓ-REITORA DE EXTENSÃO	Taíse Bomfim de Jesus
DIRETORA DO DSAU	Sílvia da Silva Santos Passos
COORDENADOR DO NFSEE-UEFS	André Renê Barboni
PRODUÇÃO EDITORIAL	André Renê Barboni
REVISÃO	Ana Rita Sulz
	Luiz Alberto Nogueira Lago
DIAGRAMAÇÃO	André Renê Barboni
CAPA	André Renê Barboni
PREFÁCIO 1	Ana Rita Sulz
PREFÁCIO 2	Luiz Alberto Nogueira Lago

Para

*Oswaldo Pinheiro Requião, Lauritz Rodrigues Bastos, Dejazet de Almeida
Vasconcelos, Enésio Freitas Cerqueira, Alípio Oliveira, José Amaral,
Benedito Zancaner, Romano e Gina Galeffi.*

*Porque as memórias de suas bonitas lutas ubaldianas não podem ser
esquecidas.*

Reconhecimento

Ao **Caboclo Indayá de Baturité**, nosso pai ancestral espiritual, pela guiança, pelas curas, pela proteção e, sobretudo, pela coragem, no rompimento de estruturas eurocêtricas que possibilitou a fundação da Associação Espírita Jesus de Nazaré, em 1942, através da sua inspiração oculta, humilde e bendita; assim como pela quebra de exclusividade dos médicos, no encaminhamento dos expedientes de cura, reabilitação e prevenção de doenças.

Aos **Mentores do Círculo da Comunhão do Pensamento**, pela rica interação com Kardec e os postulados espíritas, sem conflito.

À minha **Família Jesus de Nazaré**, pelo amor a Cristo, que nos une, pela fé em Kardec, dedicação aos livros de Chico Xavier e respeito a J. B. Roustaing, que produziu toda uma história de companheirismo e salvação; e a todas as pessoas que compuseram/compõem o **Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana** que, com seus esforços sinceros, mantiveram viva e acesa a chama do pensamento de Pietro Ubaldi em Feira de Santana, desde 1980.

“Um velho sábio foi procurado por alguns membros de uma aldeia, para que lhes dessem um ensinamento. O sábio perguntou: “As pessoas da aldeia sabem sobre aquilo que vou falar?” Responderam que não. O sábio, então, disse: “Neste caso, não adianta eu ir, pois não entenderiam minha mensagem”. Imediatamente, retrucaram: “Eles sabem, sim”. “Se eles já sabem – argumentou o sábio –, minha presença é dispensável”. Os aldeões pensaram um pouco e disseram: “Na verdade, alguns sabem e outros não”. O sábio afirmou: “Ora, então, os que sabem ensinem os que não sabem”.

Diante do impasse, os aldeões finalmente convenceram o sábio a ir para a Vila, uma vez que conseguiriam expressar a motivação mais profunda da solicitação:

“Alguns sabem mais, outros sabem menos, mas o que queremos mesmo é saber com o senhor”¹

Apresentação

Quando Suzi me convidou para fazer a apresentação desta obra me senti e ainda me sinto honrado com este convite. Uma obra que conta uma história da qual eu também faço parte, que mudou a minha vida e me chamou à responsabilidade para o meu dever de minimamente contribuir para a vivência e difusão de uma obra que está sob a égide e o comando de “Sua Voz” e na qual o próprio Pietro Ubaldi se colocava como um humilde instrumento. Uma “formiguinha” trabalhadora num complexo, orgânico e ativo formigueiro mundial, no qual Feira de Santana e a UEFS (Universidade Estadual de Feira de Santana), têm um papel significativo que Suzi, uma autêntica filha da terra e professora, agora, aposentada desta instituição tão querida dela, questiona e se surpreende com tal protagonismo. Certamente algo que se dá pelo mesmo motivo pelo qual: “santo de casa não faz milagres”.

O mesmo espanto e dificuldade em reconhecer esse protagonismo que eu mesmo tive e que os demais membros do Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana, têm em admitir e assumir um protagonismo maior na tarefa de vivência e difusão da obra ubaldiana, ao se darem conta da sua grandeza e origem. Algo que não é só nosso, pois muitos outros admiradores da obra ubaldiana, são ainda tímidos e vacilantes em reconhecerem que também podem aceitar o convite feito pelo próprio professor Pietro Ubaldi, quando em 1966, fez a oferta simbólica e oficial ao Brasil e aos povos da América Latina da Obra, para que a aceitássemos, a estudássemos, vivêssemos e divulgássemos a grande mensagem do Evangelho de Jesus, fundamental para que a Nova Era da civilização do espírito (A Nova Civilização do III Milênio) pudesse se concretizar e se implantar na Terra.

Uma mudança essencial que se fundamenta no novo biótipo humano, o evoluído, que se pauta no amor altruísta em contraposição ao míope amor egoísta do tipo involuído, que Pietro Ubaldi nos convida a superar. Este, um tipo competitivo que só vê no próximo um inimigo que ele precisa derrotar e que agindo assim, promove um ambiente de luta constante de todos contra todos e que só pode terminar na destruição de todos.

Atualíssimo e sobretudo oportuno, Pietro Ubaldi, com o seu convite nos faz ver que somente dando este “salto quântico” evolutivo, com a adoção do modo de ser do tipo evoluído, é que a humanidade poderá implantar a Nova Civilização do III milênio, a civilização do espírito, isto é, voltada para as coisas do espírito, daquilo que realmente importa e é permanente e, onde uma nova ordem se impõe: amar a Deus de todo o nosso entendimento (esse é o primeiro e o maior mandamento), bastaria isso, mas como o nosso entendimento ainda é pequeno,

Jesus que cumprindo a Lei nos legou essa orientação, nos deu um segundo mandamento, semelhante àquele: nos amar e depois amar o nosso próximo como a nós mesmos. A leitura atenta da obra ubaldiana nos permite descobrir que a Lei da Vida e a própria evolução, seguem isso e, na sua essência, são isso: Amor, pois Deus é, também, na sua essência Amor, algo que não temos como fugir, pois não existe nada no Universo que não tenha essa “substância”.

Então, em essência temos o Divino em nós e se estamos alinhados a essa Lei de Amor, se estamos trabalhando na seara do Cristo, então, Deus é por nós e aí daquele que se interpõe contra isso, pois no imponderável, que a obra de captação nouírica que Pietro Ubaldi nos oferta, ele: desvela essas leis, mostra a sua lógica matemática e nos impõe o dever de compreender isso e, assumirmos o nosso papel nesse imenso organismo universal.

Neste trabalho, Suzi nos traz elementos para ver e compreender um pouco deste intrincado mecanismo de concatenação de ideias e ações, que os incansáveis trabalhadores as dimensões invisíveis para o olho humano comum, por detrás das grandes e inovadoras realizações humanas, notadamente o que se deu na sua cidade natal.

Mas, mais do que isso, esse trabalho também é uma memória, reconhecimento e homenagem às outras “formiguinhas”, muitas delas que anonimamente deram a sua preciosa contribuição, mas que precisam ser lembradas não para exaltar, mas para inspirar àqueles que ainda vacilam em assumir o protagonismo que lhes é devido. Coragem, *Sapere aude!* E, boa leitura!

Feira de Santana, Bahia, 20 de novembro de 2025.

André Renê Barboni
Professor Pleno da UEFS

Prefácio 1

Depois que concluí e enviei as minhas impressões acerca da leitura deste livro, apesar de ser uma noite agradável de verão, eu não consegui dormir. Depois de muito relutar, resolvi levantar da cama e pegar um livro que estava a ler, mas que andava meio esquecido. O sono só me encontrou quando já passava das 5:00 horas. Pela manhã, lendo a mensagem enviada por Suzi em resposta ao meu e-mail, foi quando, de súbito, lembrei que ainda faltava escrever o prefácio. À minha memória veio o questionamento da autora sobre o “vai e vem” do pensamento de Ubaldi no Brasil, e como ela, feirense, filha de família de espíritas, teve acesso e se tornou herdeira da sua obra. Naquele momento senti o generoso cuidado da Espiritualidade e, ancorada neste, me arrisco aqui a tecer uma analogia entre as duas leituras, “PIETRO UBALDI NA BAHIA – memorial sobre a chegada e implantação do pensamento e da obra de Pietro Ubaldi em Feira de Santana e na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia – Brasil”, de Suzi de Almeida Vasconcelos Barboni, e “Imune”, de Matt Richtel.

O livro de Matt Richtel discorre sobre o sistema imunológico humano, mas também fala da paixão de cientistas e nos faz refletir sobre a morte. Naquela madrugada de continuidade da minha anárquica leitura, deparei-me com o capítulo sobre a AIDS (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida). O autor lembra que a doença apareceu num contexto de pouco apoio às investigações científicas, nomeadamente, sobre Imunologia, e ressalta o compromisso e a dedicação dos cientistas que se mantinham firmes na busca de explicações sobre como nosso corpo/organismo identifica e aniquila aquilo que nos adoce e até pode nos matar. Mostra como a insistência dos cientistas, através dos séculos, tem proporcionado que remédios, vacinas, tratamentos, e até mesmo a cura seja alcançada.

O livro “PIETRO UBALDI NA BAHIA – memorial sobre a chegada e implantação do pensamento e da obra de Pietro Ubaldi em Feira de Santana e na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia – Brasil”, escrito por Suzi Barboni, é detidamente atento aos documentos, rico em fatos e fiel à História, está envolto em lembranças e emoções vividas e sentidas pela autora, que se misturam e se complementam. A autora recorda que o pensamento ubaldiano chegou ao Brasil num contexto de intolerância religiosa, e ressalta o compromisso e a dedicação dos espíritas que continuaram perseverantes na busca pelo entendimento sobre a nossa alma/espírito, e como a obstinação dessas pessoas, através dos tempos, tem possibilitado a propagação e o fortalecimento da fé em Cristo.

Penso que esta seja a “chave”. A humanidade vai se preparando, mesmo sem ter consciência do que está por vir, e assim vai evoluindo, seja do ponto de vista físico – corpo/organismo, seja no âmbito espiritual – alma/espírito.

Neste lindo tributo a Pietro Ubaldi, à “Família Jesus de Nazaré” e ao Espiritismo, a nossa querida Suzi amavelmente nos adverte com coragem, respeito e gratidão aos personagens que ampararam a reconstrução desse livro-memorial, que a sua fé nos bons propósitos é inabalável.

Que tenhamos humildade, esperança e fé, pois, como nos ensina Ubaldi: “Dentro de nós, em nossa profundidade, já reside o germe dos infinitos desenvolvimentos do divino”.

Ana Rita Sulz

Professora aposentada – DLA/UEFS

Prefácio 2

Quando vamos ler um livro, levamos conosco, de início, uma expectativa sobre o seu conteúdo, especialmente quando já temos alguma ideia do que iremos encontrar nele.

Apesar de já ter, anteriormente, um pouco de conhecimento sobre o seu teor, esta obra surpreendeu-me positivamente e possibilitou-me um novo olhar; um novo campo se abriu diante de mim, dada a fartura e a qualidade das informações que ela contém.

Destaco, particularmente, os esclarecimentos essenciais para o espírita consciente de suas capacidades, que não se deixa limitar, por outras mentes, no infinito campo do saber. Ao longo da nossa história, mentes conservadoras e dominadoras, por assim dizer, estabeleceram regras, limites, selecionando o que poderia ou não ser dado a conhecer. Manter as pessoas na ignorância, sabemos muito bem, facilita o controle e a dominação no exercício do poder e suas conveniências.

Por que insistir em circundar os conhecimentos, classificando-os, erradamente, em “Roustainguismo”, “Kardecismo” ou “Ubaldismo”? Por que resistir à unificação do saber? Como podemos colocar em patamares tão afastados os luminares que nos inspiram o mesmo amor e a mesma busca pelo conhecimento edificante? Kardec, Chico e Ubaldi, por exemplo, são produtos da mesma Fonte Sublime, que há de se reconhecer, em breve.

Este livro nos convida a conhecer a saudável inter-relação entre o Espiritismo e outras correntes espiritualistas, em perfeita sintonia com seus princípios basilares. O leitor ficará encantado e entusiasmado com a forma como Suzi Barboni apresenta diversos estudiosos, ícones do Espiritismo, no Brasil e, especialmente em Feira de Santana, com admirável conhecimento, que nos afirmam, com total segurança, que existe uma perfeita conexão e complementariedade entre os pensamentos de Allan Kardec, Chico Xavier, Pietro Ubaldi e Jean Baptiste Roustaing.

Impressiona a quantidade de dados e documentos históricos apresentados, fazendo uma correlação do pensamento de Ubaldi com a história da nossa cidade, de modo geral. Há um verdadeiro resgate de informações que se perderiam, não fosse o abnegado trabalho de “garimpagem” e pesquisa de Suzi. Aliás, vale registrar a minha gratidão e satisfação por caminhar seguindo os seus passos, na sede por estudar os ensinamentos de Pietro Ubaldi. Provavelmente, nenhuma outra pessoa estaria tão apta a escrever esta obra, dado o seu vasto

conhecimento e a sua dedicação. Nascida em berço espírita, ela honrou e honra até hoje, o legado de sua saudosa mãe, também “nossa”, Dejazet Vasconcelos.

No imenso empenho e zelo de nos oferecer as informações com o maior nível possível de detalhes, Suzi chega a se expor, a compartilhar passagens da sua intimidade familiar, fruto da sua emoção, o que denota seriedade, doação e, sobretudo, confiança.

Temos uma história para nos orgulhar. As forças do atraso, que tantas vezes, ao longo da nossa história, sufocaram os movimentos do progresso, encontraram em Feira de Santana, em especial, na AEJN – Associação Espírita Jesus de Nazaré, ao longo dos seus 83 anos de existência, o que lhe conferiram maturidade, um terreno fértil para se edificar a nova e grande ideia, o ponto de resistência, responsável e serena, àqueles que se acham no direito de opinar sobre o que não conhecem e se conhecem, não respeitam o contraditório, não aceitam o encontro dialético dos conhecimentos e assim cometem o lamentável crime de tolher ou abafar a informação. A todos deve ser dado o direito de conhecer, profundamente, os fundamentos de uma corrente de pensamento. Só assim se pode discernir para melhor decidir. Lembremos das recomendações do Apóstolo Paulo: “Examinai tudo, retende o que for bom!”.

Trata-se, pois, de um livro para estudar, guardar e, principalmente, compartilhar e disseminar as informações nele contidas, uma vez que ele traz valiosa contribuição para conhecermos a nossa origem, nossa história e, principalmente, nossas perspectivas. Certamente, será de imenso valor para os futuros pesquisadores, tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele, que buscam conhecer essa parte da história do Espiritismo na Bahia e, especialmente, em Feira de Santana, com ênfase na importância da obra do insigne pensador, filósofo e espiritualista, Pietro Ubaldi.

Feira de Santana (BA), 03 de julho de 2025.

Luiz Alberto Nogueira Lago
AEJN

Minha Queridíssima mãe Suzi,
Primeiro, agradeço tanto exemplo de
amor e caridade que você passa pra
nós, todo o tempo, em suas palestras,
coordenações de grupos de estudos e
tudo mais a que você se dedica de
forma incansável na divulgação do
Evangelho e da Doutrina Espírita.
A participação no Projeto Memórias da
FEB, ontem, foi, como sempre, maravilhosa,
admirável!

Coloco-me humildemente à disposição
para fazer o que for preciso, para colaborar
com o "cantinho das memórias"
em nossa Casa Espírita.
Te admiro, te amo!

Bufo,

Mônica Bastos

20.05.24

SUMÁRIO

Capítulo 1 – Panorama geral deste livro.....	17
Capítulo 2 – Minha aproximação com o pensamento ubaldiano.....	38
Capítulo 3 – Quem é o filósofo Pietro Ubaldi e qual é a sua relação com o Brasil?.....	47
Capítulo 4 – Em busca de acervos para integração dos dados.....	70
4.1 MONTE ALVERNE DO BRASIL (SOBRADINHO, DF).....	70
4.2 MANSÃO DO CAMINHO (SALVADOR, BA).....	72
4.3 INSTITUTO PIETRO UBALDI (CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ).....	74
4.4 ESCOLA JESUS CRISTO (CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ).....	74
4.5 SÃO VICENTE (SÃO PAULO).....	75
Capítulo 5 – Contextualizando Feira de Santana.....	77
Capítulo 6 – Ubaldi chega em Feira de Santana: para o povo ou para a elite?.....	95
6.1 UBALDI EM FEIRA DE SANTANA E NA UEFS.....	97
6.2 COMO TIVE ACESSO E POSSE DESTES DOCUMENTOS E OUTROS QUE ERAM DO DR. REQUIÃO.....	121
Capítulo 7 – Os primeiros Centros Espíritas de Feira de Santana.....	127
Capítulo 8 – A segunda metade de nossa andança.....	148
Capítulo 9 – Kardec-Roustaing-Ubaldi: uma outra síntese possível?.....	164
Capítulo 10 – Finalização de nossa andança.....	217
FONTES PRIMÁRIAS.....	221
REFERÊNCIAS.....	222

Capítulo 1 – Panorama geral deste livro

Este memorial tem como tema (re)construir o itinerário do pensamento de Pietro Ubaldi da Itália para Feira de Santana, Bahia, e a formação de adeptos da sua filosofia na cidade. E neste particular, entender como se deu a chegada deste pensamento na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

A primeira hipótese que levantei é de que as principais situações que se configuraram para este trajeto e implantação do pensamento ubaldiano em Feira de Santana e na UEFS estavam ligadas a se vencer as barreiras linguísticas, geográficas, culturais, ideológicas e religiosas. O desembarço e seus desdobramentos me diziam que essa era uma história que merecia ser contada e analisada à luz da Espiritualidade e de seus planos.

A segunda hipótese estava ligada à preservação da memória espírita na cidade, em especial à memória da Associação Espírita Jesus de Nazaré (AEJN)², que precisava ser recuperada ou então o abandono a soterraria e os poucos vestígios que ainda restavam se perderiam.

Com estes propósitos e cuidados, desenvolvi a problematização histórica como estratégia de construção de sentido, fruto do cruzamento entre a história acadêmica/documental e a experienciada (LOPES, 2017)³ sobre o percurso do movimento social filosófico-religioso espírita com foco em “Pietro Ubaldi em Feira de Santana, Bahia”.

Isto porque é **impossível** (re)construir a memória da chegada e permanência do pensamento de Pietro Ubaldi em Feira de Santana/UEFS fora do contexto espírita/espiritualista local. Assim, este memorial deve ser lido com a mente aberta, com sensibilidade tanto para meus limites como para meu esforço, pois não tive como desvincular as histórias, e precisei contar ambas, tentando simplificar o que era complexo, registrando o que temos, documentando o que ainda ficou preservado. Aqui nestas páginas também há a autorrepresentação: eu mesma, espírita, escrevendo nossa história.

Devido a um dos maiores problemas para entender a história do Espiritismo em Feira de Santana, que são as fontes, e fontes fidedignas, tanto pela falta de fontes primárias, documentos oficiais dos Centros Espíritas ou informantes espíritas (escritos, imagens, etc.), como pelos possíveis poucos informantes sobreviventes, a história do pensamento de Ubaldi também acaba prejudicada.

2 Designação atual. Fundado em 1942 como Centro Espírita Jesus de Nazaré (CEJN). Hoje Associação Espírita Jesus de Nazaré (AEJN), que em recente revisão dos seus Estatutos, incluiu como sua missão, o estudo e difusão do pensamento de Kardec, Roustaing e Ubaldi. Neste livro, para os fatos até 2020 será utilizada a sigla CEJN. Após este período, AEJN.

3 http://www.ensinodehistoria2017.bahia.anpuh.org/resources/anais/8/1507273977_ARQUIVO_TextofinalIVEncontrodeensino2017.pdf.

Adicionalmente, como pesquisadora, uma vez que tive acesso poucas fontes documentais e a apenas alguns poucos informantes, que me trouxeram apenas um lado sobre os fatos, tenho que ter cautela naquilo que escrevo sobre esse período de nossa história, “avançando às apalpadelas, por hipóteses, enquanto puder” (UBALDI, 1988).

Considerando que os primeiros escritos de Ubaldi, traduzidos para língua portuguesa, no Brasil, por Guillon Ribeiro, datam de 1932 (publicação na revista *O Reformador*), que o primeiro evento acadêmico sobre Ubaldi na UEFS foi em 1980, estou falando de um percurso que acumula quase cinquenta anos, e que somados este percurso até os tempos atuais, com mais quarenta e cinco anos, tenho noventa e cinco anos de história para dar conta. Volume imenso de trabalho, que não tenho condições de produzir no momento, e vou tentar trabalhar no recorte temporal 1950-2025.

Assim, venho na contramão produzindo conhecimento, narrativas e nominando nossas trajetórias, a partir de uma perspectiva e de um lócus geopolítico e “epistêmico que corresponde às realidades e aos sujeitos socialmente marginalizados” no interior do Nordeste brasileiro, sobre o itinerário do pensamento de Pietro Ubaldi (da Itália para), em Feira de Santana, Bahia, e, a partir daí, entender um pouco nossa história do Espiritismo.

Outras abordagens: a formação de adeptos da filosofia ubaldiana em Feira de Santana, levando em conta a história do Espiritismo em minha cidade e que, diante dessa confluência, emergiu a importância de se reconhecer a cidade de Feira de Santana como um dos polos de difusão do pensamento de Pietro Ubaldi, bem como reafirmar e valorizar pessoas/grupos proativos locais, responsáveis pela construção, elaboração e execução de todo um planejamento para tal, e a força deste pensamento na cidade.

Estes grupos e pessoas são todos espíritas ou espiritualistas e, como já enfatizado anteriormente, para (re)construir a memória da história de Pietro Ubaldi na Bahia/Feira de Santana/UEFS tenho que, obrigatoriamente, fazê-lo dentro do contexto espírita/espiritualista local, sem tampouco isentá-lo da influência intelectual direta dos espíritas neste espaço, conforme a honestidade de narrativa que me proponho fazer.

Isso em decorrência do pensamento de Ubaldi, em curso de expansão no Brasil espírita desde 1932 e ganhando mais força a partir de 1951 com sua vinda ao país, sendo ciceroneado e acolhido por espíritas e espiritualistas, deparou-se com a possibilidade de ser incorporado ao Espiritismo, não apenas na formulação de mais conhecimento, mas também na busca de soluções para os problemas teológicos ainda não enfrentados pela filosofia espírita, como aconteceu no Centro Espírita Jesus de Nazaré (CEJN), a partir de 1950, com o amálgama Kardec-Ubaldi.

Portanto, foi necessário manter como horizonte a história do Espiritismo em Feira de Santana, desde seus primórdios, e também a história sociopolítica-cultural da cidade, sob pena de promover silenciamentos e apagamentos o que seriam imperdoáveis equívocos. Dessa forma, considereei essencial uma revisão sobre a história de Feira de Santana e os pioneiros do Espiritismo na cidade, a partir da AEJN.

Neste sentido, peço atenção do leitor para um aspecto da minha escrita que considero importante para entendimento deste trajeto, que não é linear nem unidimensional, mas sim, um quebra-cabeça, dentro de um vai e vem da narrativa digressiva aqui apresentada, e, vira e volta, saio de 1951, vou para a década de 1980, depois volto para 1960, pulo para 2004... e por aí vai.

Uma forte razão me movia: honrar nossa história e dos pioneiros espíritas (um tributo à nossa ancestralidade) com a manutenção de nossa própria identidade como integrantes da Associação Espírita Jesus de Nazaré (AEJN). Sem orgulho, sem desqualificar outros grupos espíritas, sem exibicionismo, sem adotar métodos de luta. Para que orgulho? Para que competição? Nada disso condiz com o que Jesus nos ensina! Como pessoas e como espíritas somos diferentes mesmo e defendo que é possível construir consensos e convivência fraterna sincera baseado na liberdade, para viabilizar o avanço do Evangelho. Meu objetivo é resgatar parte da memória espírita feirense.

Nossa cidade tão sem memória, não há uma imagem de povo feirense, mas sim, uma cidade sempre marcada pela violência; precisa de afirmações de espiritualidade, necessita de quem grite palavras de esperança nascidas da alma, que conte suas histórias do cotidiano, de vidas de pessoas comuns, que conte sem pressa e, neste sentido, senti que era meu dever trazer à lume memórias, expor documentos e resgatar fontes jornalísticas que o tempo jogaria no esquecimento, propiciando o surgimento de suposições ou versões inverídicas sobre o Espiritismo e Pietro Ubaldi em Feira de Santana. Por quê?

Por dois motivos: um acadêmico – porque estas versões distorcidas poderiam atribuir a presença do pensamento de Ubaldi na UEFS a um forçado proselitismo religioso meu, uma vez que alguns de seus livros são referência em duas disciplinas de graduação que criei. Para acabar com esta possível narrativa, nesta direção, este memorial apresenta a minha versão dos fatos, e como professora e pesquisadora, ele nasceu e fez parte das atividades do Projeto de Pesquisa “Feira de Santana Real, Possível, Imaginária ou Invisível: as imagens, o olhar e os discursos da Saúde Pública, do Urbanismo e da Cultura sobre a cidade e a Identidade ‘Feirense’ (1900-2012)”, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, envolvendo seres humanos (CEP-UEFS) e pelo CONSEPE UEFS (122/2009), sob minha coordenação.

Sempre tive interesse por estudos interdisciplinares e, por isso, me filiei ao Núcleo de Estudos da Contemporaneidade (NUC-DCHF/UEFS), por volta de 2001, sob a coordenação do Prof. Antonio Godi (*in memoriam*). Com o tempo, eu, o Prof. Dr. Juarez Duarte Bomfim e a Prof^a. Dr^a. Nadia Virginia Barbosa Carneiro construímos o Projeto de Pesquisa, o qual me proporcionou gosto pela pesquisa com fontes históricas e jornalísticas. Posteriormente, me filiei ao Núcleo de Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade (NFSEE), do Departamento de Saúde (DSAU), da UEFS, do Departamento de Saúde (DSAU), coordenado pelo Prof. Dr. André Renê Barboni, que é editor deste livro, que faz parte do acervo de produções no referido Núcleo.

Simultaneamente, com fins de rememorar, narrar e ensinar sobre trajetória da AEJN e do pensamento de Ubaldi em Feira de Santana, de forma comemorativa, concretizando um anseio coletivo de visibilizar nossa linda história, fiz este memorial no compromisso de ajudar na criação de um espaço lá mesmo na AEJN que abrigasse dados, documentos, objetos, artefatos, imagens, etc.

Desde esta época, venho catalogando informações diversas com oscilações e flutuações na coleta e análise dos dados, sendo extremamente difícil reverter esta situação em alguns momentos em função das inúmeras demandas acadêmicas que me envolvi. Agora, com a aposentadoria, retomo a atividade fazendo este memorial que também atende aos ditames éticos do retorno social da pesquisa.

Outro motivo que me moveu, a partir de uma provocação bem positiva da Federação Espírita do Estado da Bahia (FEEB), com apoio precioso e fundamental da presidência da AEJN, nas pessoas de Mônica Bastos de Carvalho e Luiz Alberto Nogueira Lago, com Teonildes Sacramento Nunes como um dos membros mais ativos desta realização, está a **criação do Museu do Espiritismo da Associação Espírita Jesus de Nazaré (ME-AEJN)**, na sede da AEJN, com apoio da UEFS na doação de material e assessoria de museóloga (Processo SEI 082.17214.2025.0000097-79, Parecer Nº PA-NPMA-414-2025).

Com a parceria para a criação deste Museu, a UEFS dá um grande passo atendendo à sua função social reconhecendo o acervo espírita como um valor especial, seja educativo/cultural, seja na promoção da convivência Ciência e Fé, seja garantindo um aspecto da preservação da memória feirense.

É o nosso passado representado no presente, nos salvando de repetir erros, conforme Le Goff:

A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para servidão dos homens (LE GOFF, 1994, p. 477).

O ME-AEJN além de seu propósito cultural, também tem a função de fornecer ao espírita, ao pesquisador, ao visitante não apenas informações mas também uma suave experiência afetiva e emocional que possibilite vencer a intolerância religiosa gerando empatia pela Doutrina Espírita, pelo pensamento de Pietro Ubaldi, pela nossa história.

Semelhante ao que ocorre em outros Centros Espíritas locais, a instituição não apresentava, até 2024, qualquer norteamento quanto a uma política interna de preservação seja iconográfica ou acervos documentais (textuais, imagéticos e audiovisuais), a não ser uma pequena biblioteca para empréstimo de livros, nas suas dependências. É impossível compreender, pertencer e amar adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foi produzida, reflito a partir de Berger e Luckman (1985).

A proposta do ME-AEJN funda-se no processo de patrimonialização decorrente da nossa história como uma construção social, até aqui, de 83 anos, implica no respeito a toda existência da AEJN. É, também, entendido como lugar de encontro entre o material e o imaterial, compartilhamento de memórias, socialização, e exposição permanente do acervo (livros, documentos, objetos, fotografias) que conferem nossa identidade, enquanto AEJN, e a reconstrução do itinerário do pensamento do filósofo italiano, Prof. Pietro Ubaldi, da Itália para Feira de Santana.

Segue-se, ainda, a disseminação em ambiente digital do acervo, com visitas virtuais, acesso livre e gratuito, com base em dispositivos de inteligência artificial (IA).

É meu propósito, e da equipe organizadora, que o ME-AEJN seja um local de perguntas de pesquisa, fonte de informações para as mesmas, que “outras vozes”, principalmente aquelas que não são do ambiente da produção acadêmica, sejam ouvidas.

Os objetos que compõem o acervo do ME-AEJN são aqueles doados pelas famílias Almeida e Requião e se relacionam, basicamente, com o período 1942-1966 de nossa história. Durante boa parte do tempo, permaneceram resguardados afetivamente do descarte e das avarias do tempo, por Dejazet de Almeida Vasconcelos (minha mãe) e por mim, que agora são repatriados, integralmente, para o ME-AEJN.

Outro motivo, é que Pietro Ubaldi nos tornou herdeiros de sua obra e dado meu engajamento, como figurante, há décadas, desde minha adolescência, com a sua obra, como espírita feirense, tendo vivido e conhecendo uma multiplicidade de fatos, personagens, a teia de relações, etc., eu poderia construir um memorial descritivo narrando (a partir de documentos, fontes jornalísticas e entrevistas, e também do meu olhar), a partir do meu olhar, nossa história, atendendo ao duplo propósito de preservar a memória e valorizar nossa herança.

E assim fiz: puxei da memória fatos e histórias narradas por minha mãe, vivi incríveis experiências de recordação, juntei documentos, ouvi algumas pessoas, pesquisei jornais, escrevi bastante. Segue, agora, meu desejo de socialização deste livro, em formato PDF, acessível, gratuito, na página eletrônica do CRIS/DSAU/UEFS, e outras versões, no formato físico, acesso gratuito no Museu do Espiritismo da Associação Espírita Jesus de Nazaré (ME-AEJN), na Biblioteca Central Julieta Carteadó/UEFS e na Coordenação de Pesquisa do DCHF/UEFS.

Unindo os motivos acima detalhados, em 2023, com a proximidade de minha aposentadoria como professora da UEFS, eu me perguntava se não seria importante escrever um artigo fazendo um apanhado geral que contasse – a partir de minhas intuições, *insights* e memórias vividas e ouvidas – como o pensamento de Pietro Ubaldi chegou, se instalou em nossa cidade e alcançou a UEFS.

Filha e neta de espíritas fundadores da AEJN (lócus feirense do pensamento ubaldiano), desde minha infância tive acesso e participação na espiritualidade espírita e seus conhecimentos e saberes que, ao longo de minha vida, me orientaram, me sustentaram, me estimularam. Eu não era nascida quando Pietro Ubaldi mudou-se para o Brasil, e nem acompanhei sua estadia mas, na adolescência, conheci o seu pensamento e tornei-me uma de suas admiradoras e leitoras. Ou seja, são pelos menos 45 anos de memórias.

Já sentindo o peso dos anos e da obrigação para com as gerações futuras, de deixar um legado, o mais fidedigno possível, fiz um rápido esboço e logo percebi que minha memória era insuficiente. Natural eu ter esquecido um ou outro acontecimento, pessoas, lugares, datas, etc.

Os meses passando e várias vezes me debati questionando-me se eu seria a pessoa certa ou se tinha o direito de escrever a história do trajeto do pensamento de Ubaldi e do Espiritismo em Feira de Santana.

Penso que, talvez, não fosse eu a pessoa mais qualificada, mas obedeci a um impulso interior, pacífico, de expressar minha opinião, que não é completa e nem a única a deter a verdade, e mesmo assim, tenho direito de expressar minha versão, ainda que com seus vieses. Por mais que tenha buscado neutralidade ou a imparcialidade nas análises, sempre eu me pegava defendendo Ubaldi, ressaltando pessoas, mesmo sabendo que não estou escrevendo simplesmente para escolher um lado ou defender uma causa, defender uma opinião e, a partir dela, persuadir o leitor sobre as “minhas certezas”.

Minha intenção é apresentar alguns elementos que possam contribuir utilmente para o avanço do conhecimento e das discussões sobre uma história, entender seus desdobramentos e tirar implicações dela. É o trabalho de revolver um passado, como fonte de informações e autoridade, sobre nosso presente e,

ainda, como promotor e produtor de sentidos para a atualidade (HARTOG, 2006).

Chamou minha atenção, durante a escrita deste livro, o interessante relato de Marcelo Rubens Paiva, autor do celebrado livro “Ainda estou aqui”. Ele se refere a jovens de vinte anos de idade que, com o lançamento do filme homônimo, agora em 2024, estão redescobrimo o livro, e compara ao que aconteceu na Alemanha, com o filme “A Lista de Schindler” (1993):

[...] o jovem alemão estava fazendo fila na porta do cinema, porque estava interessado no que aconteceu. Eu acho que o jovem de hoje está querendo saber um pouco da história do país, depois de um período em que a ditadura foi vangloriada e os torturadores foram considerados heróis. Em que pessoas tentaram um golpe de estado inspirados no golpe de 64, pediram intervenção militar ao redor dos quartéis. A juventude quer saber o que aconteceu. Eu vivi, todo mundo da minha geração viveu, mas muita gente mais jovem também viveu. Mas eles [pessoas com menos de 20 anos], não” (<https://www.metropoles.com/entretenimento/marcelo-rubens-paiva-cumpre-missao-com-jovens-apos-ainda-estou-aqui>).

Essa consciência da necessidade de ver o passado, segundo Guimarães (2007), “implica em repensar igualmente o lugar e as condições de produção das diferentes narrativas acerca do passado”, poder conhecê-lo, de forma que o passado transforme-se em presente – por ajudar a entender, ver e escrever o nosso presente. E neste presente existe um frescor saudável de entender Ubaldi, a AEJN e o Espiritismo.

Sem querer entrar campos de batalha de pautas identitárias, aqui relembro Costa, Fialho e Leffa (2024) tentando buscar apoio para demonstrar que, “ao construirmos uma narrativa sobre nossa experiência, estamos interpretando a mesma, dentro de um contexto presente, (re)construindo, assim, nossa noção de identidade”.

Prossegue enfatizando que:

a impressão que fica nessas pesquisas é a de uma história sempre inacabada, que continua a cada instante com novas interpretações às experiências passadas, o que, acrescentamos, tem potencial significativo para nossa constante autotransformação.

E segue alinhado à perspectiva de Rego (2014) em que

a narrativa sugere recorrentemente uma espécie de estética do inacabado e insinua a importante lembrança de que, no que se refere à vida, há sempre o sentido da impermanência, do movimento – muitas vezes imperceptível – das coisas, pessoas, valores e lugares.

Os estudos em história do Espiritismo no Brasil têm gerado interessantes e valiosos resultados e apontado novos caminhos, desafios e escopos

temáticos de abordagem para aprofundamentos em questões pouco conhecidas. Portanto, também sobre o tema deste livro, merece ser evocada a ausência de registros consolidados e que tento cobrir parcialmente uma pequena parte desta lacuna deixando esta fonte de dados para as futuras gerações uma vez que:

A memória cultural preserva as características de uma sociedade, transforma suas lembranças em história e promove o aprimoramento cultural, através do conhecimento do passado que se aprende para o futuro. O patrimônio histórico local deve ser preservado por que garante o acesso permanente do patrimônio documental, compreendendo que a conservação são as medidas essenciais para evitar a deterioração do documento (SILVA, 2012).

Recorrendo à metodologia de análises documental, bibliográfica e fontes jornalísticas, bem como a entrevistas, durante anos, busquei identificar o cenário, as pessoas que viabilizaram estes percursos, compreender as suas múltiplas contribuições para o meio acadêmico e para o espiritualismo, no contexto da história do Espiritismo em Feira de Santana, a partir do século XX.

Como eu me sentia um pouco insegura e meio despreparada, fiz um “piloto” para sentir o terreno onde estava pisando. Escrevi um artigo enorme com alguns dos resultados parciais e publiquei em 2024 no relatório de atividades do NFSEE⁴. Já adiantando, porém, que aqui alguns dados e algumas versões foram melhor interpretadas e, assim sendo, o artigo pode estar caduco em diversos aspectos. Foi a melhor coisa que fiz como treino para escrever este memorial, uma vez que ali percebi que estava me expondo publicamente, associada à grande responsabilidade sobre a real dimensão da escrita de uma questão tão preciosa, do ME-AEJN, dos documentos... enfim, a enorme empreitada que eu estava assumindo sozinha.

Não sou escritora, nem tenho habilidades em Língua Portuguesa, nem talento ou potência literária, e peço a paciência do leitor para minhas falhas. Igualmente, não sou historiadora, não domino as metodologias da pesquisa histórico-social. Mas também não sinto que estou interferindo ou “tomando o lugar” de profissionais que lhes cabe na pesquisa e na escrita.

Também não quero competir com ninguém. Não escrevo por dinheiro nem por projeção midiática. Escrevo porque quero produzir um memorial/testemunho escrito por quem viveu e viu. Escrevo na intenção de ser um trabalho cooperativo, uma contribuição pequena em forma de texto para trazer a minha versão, que, reconheço, é arriscado, por se constituir uma exposição íntima, minha visão parcial e pessoal, mas, totalmente, muito respeitosa, cuidadosa e, ainda (por que não dizer?), cheia de gratidão, alegre/bem-humorada, e que, antes de mais nada, não é definitiva nem conclusiva.

4 BARBONI, A. R.; BARBONI, S. de A. V. (Orgs.). *Sapere aude + Ubuntu*: Relatos e experiências de quem se importa. – Feira de Santana - BA: Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS / UEFS. 2023. 301 p. ISBN 978-65-01-26418-9.

Com relação ao que considero uma herança valiosa e iluminada que meus avós, meus ancestrais deixaram para Feira de Santana – pois que é também parte da história de minha família “Jesus de Nazaré”⁵, não quero o conforto das certezas mas do possível das realizações humanas, uma vez que não estamos no comando do barco da vida. E neste mar, ora revoltado ora calmo, esta história de aventura me trouxe verdadeiras surpresas, tesouros escondidos e muitas particularidades que me eram desconhecidas, logo, o autoconhecimento aqui foi de uma proporção que o leitor não tem ideia!

Falar sobre Ubaldi e sua obra, atestar a chegada deste manancial de luz em minha terra é, primeiro, uma honra e também uma alegria imensas! Tarefa leve e prazerosa, cheia de entusiasmo e amor que me foi possível realizar aos 62 anos de idade, como um preito de gratidão. Abriu-se, de forma sobrenatural, uma comunicação com meu querido professor, como nunca vivi. E eu, no grau máximo de sensibilidade, plenamente identificada com o propósito de contar a história, sem muita cerimônia, fui me aproximando de sua emanção amorosa e inteligente, recebendo as melhores e mais lúcidas orientações.

Vivi uma experiência extraordinária, com alma, sentimentos e emoções, bem longe de fazer apenas uma pesquisa fria e racional, mas sobretudo uma escrita motivada, apaixonante, cheia de júbilo e alegria.

Ao longo destes meses escrevendo, eu me permiti envolver pela energia paternal amorosa e protetora emanada de Pietro Ubaldi e como consequência, reforçar meu *self* ajudando em minha transformação pessoal. A construção deste livro serviu, não só para conhecê-lo melhor, acompanhar a cronologia das suas viagens pelo Brasil, ser apresentada aos amigos e apoiadores, entender e reconstruir certos fatos, mas, sobretudo, para intensificar minha admiração pelo querido professor, sentir a apaixonante vitalidade de suas ideias, o que repercutiu demais na conclusão do trabalho de escrita.

Compartilho aqui que, ao finalizar este livro, senti uma saudade enorme de Ubaldi, uma saudade profunda, doída, como se eu estivesse este tempo todo na presença física dele, como se tivéssemos convivido como orientador e aluna, como se eu ouvisse sua voz, olhasse seus olhos, sentisse seu cheiro, assistisse suas aulas. Todo este percurso também me levou para longe, naqueles tempos de São Vicente, de Cafarnaum, de Versalhes, da Itália de Francisco e contemporânea.

Só sentimos saudades do que foi/é bom e uma coisa é certa: Ubaldi é um espírito bom, muito elevado (“Ubaldi interpreta o pensamento das altas esferas espirituais, de onde ele provém” – Chico Xavier). Ele foi um homem benevolente, útil, gentil, manso, incapaz de ofender alguém, vocacionado à introspecção e a orações e não perdia ocasião de ensinar sem pedantismo e

5 Família aqui se refere não apenas apenas àqueles laços biológicos e legitimamente constituídos mas a visão ampliada de família como irmandade e comunidade por meio da constituição da família religiosa, conforme inspirado por Reis (2007).

manifestar sua fé em Cristo, que vislumbrava uma nova civilização de felicidade e justiça para a humanidade.

Ele não apenas sonhou com tudo isso: sua obra oferecia meios para a verdadeira e perene felicidade das pessoas, os meios de garantir o direito de ser feliz, que pode ser traduzido como “direito ao despertar da consciência”, ou seja, evolução espiritual. Estar perto dele, seja através de sua obra ou sua emanção espiritual, me tornou melhor e aguçou bons sentimentos em mim, que me doe a esta doce amorosidade.

Aos futuros pesquisadores mais aptos cientificamente do que eu, e que, porventura, se interessem por este tema, fica a tarefa da produção de um texto menos emotivo e mais racional, mais científico e historiográfico, bem ao gosto da academia.

Nesta minha caminhada à semelhança de muito longe mesmo – e me perdoem a comparação – uma *Colle Umberto* nordestina, também percebi que Ubaldi, ainda que não se comunique ostensivamente pelas vias mediúnicas, não queria ser esquecido pelos brasileiros, povo que ele tanto amava. Eu não estou enganada sobre isso, porque por todo canto onde fui buscar informações, encontrei dados importantes, pessoas prestativas, que ressaltavam a grandeza do professor de Gubbio, só de ouvirem seu nome, e sempre dispostas a contribuir com a pesquisa, mesmo tantos anos depois de sua morte e dos apagamentos a que foi injustamente submetido.

Com toda boa vontade dos poucos informantes e dos responsáveis por coleções/acervos, destaco que, ainda assim, não tive como levantar TODOS os documentos e dados sobre sua vida no Brasil, mas apenas o que era possível alcançar neste momento, pela pesquisa que se circunscreve ao Estado da Bahia, com visitas a acervos de outros Estados, mas sempre atenta, cuidando para não cometer a gafe de omitir pessoas e fontes importantes, como eu própria senti na pele.

Sem rancor, mas quero compartilhar com o leitor como é decepcionante para mim constatar que algumas pesquisas acadêmicas realizadas na UEFS (na nossa amada UEFS), sobre o Espiritismo em Feira de Santana, são incompletas, superficiais ou pior: deliberadamente omitem e excluem referências, fontes de dados e temas de interesse, o que se aproxima do que Lima (2011) denomina apropriadamente “censura disfarçada”.

Não estou reclamando méritos, mas aqui assinalo que produzi junto com meu orientando de Iniciação Científica na UEFS um resumo expandido (MORGADO; BARBONI, 2011) e, sozinha, vários textos em jornal de circulação local sobre resultados da pesquisa no enfoque das representações sobre o Espiritismo na Cidade e, em momento algum estes materiais são citados pelos historiadores acadêmicos locais em suas produções, mas citam outras fontes jornalísticas.

Para mim, ou o levantamento de dados foi rápido ou está caracterizado o que Sarmiento (2019) relata sobre “seleção preferencial de fontes” e hierarquização dos fatos, conforme valores ideológicos determinados, filtrando numa lógica corporativa de grupos acadêmicos, que se consideram detentores exclusivos do saber, e emudecem, em suas produções, vozes consideradas por eles como periféricas, ou sem valor, moldando a construção de uma realidade fabricada.

Ou, ainda, Le Goff (2012), apontando que, a partir das escolhas do pesquisador, determina-se o que sobrevive ou não, selecionando suas fontes, priorizando determinados documentos (e negligenciando outros). Seriam os artigos, teses, resultantes de montagem da história?

E aí ficam mais estas perguntas: seriam estas pesquisas mecanismos de silenciamentos e invisibilidades, estabelecidos numa relação de dominação/resistência? De quem parte a censura? Qual o interesse nesse apagamento? Para que isso? Qual a intencionalidade?

Faço este memorial longe dos holofotes, não reclamo méritos ou direitos autorais, reconheço as falhas e a simplicidade desta contribuição. É um livro gratuito, disponível para quem quiser pesquisar, pensado em minha família AEJN. Nele, trago alguns elementos coletados nas fontes, alguns esquecidos e recuperados a tempo, senão permaneceriam à margem da produção historiográfica daqueles pesquisadores que se interessarem futuramente pelo tema. Enfim..., os documentos que produzi estão aí e o debate das ideias são o que realmente ficam para a posteridade; e vamos em frente!

A obra ubaldiana, de 24 volumes, é, por si só, autobiográfica. Além de “A História de um Homem”, o leitor encontrará nas 10 mil páginas de seus livros, fragmentos, relatos, fatos de sua vida e suas experiências, conforme em “As Noures” (1988, p.77):

Para compreender minha personalidade importa haver assimilado os conceitos expostos em “A Grande Síntese” como conclusões no campo da evolução individual e especialmente os seguintes: “As sendas da evolução humana”, “A lei do trabalho”, “O problema da renúncia”, “A função da dor”, “A evolução do amor”, “Psiquismo e degradação biológica”.

Jorge Damas Martins também escreveu um livro “Para Entender Pietro Ubaldi”, bem interessante, leve, que eu gosto muito pela didática, objetividade e clareza dos conceitos.

Biografias outras de Ubaldi estão disponíveis, *on line*, gratuitamente, em palestras, além de vídeo excelente produzido, em 2009, por Oceano Vieira de Melo, pela Versátil Filmes: “A Grande Síntese de Pietro Ubaldi”, e também livros.

As biografias, extremamente cuidadosas e muito bem narradas por José Amaral, nos livros “Pietro Ubaldi e o Terceiro Milênio” (anexo ao livro “Grandes Mensagens” de Ubaldi; “Pietro Ubaldi, o Missionário” e “Pietro Ubaldi & Nazarius”, todos publicados pela extinta Fundação Pietro Ubaldi (FUNDAPU) hoje Instituto Pietro Ubaldi (IPU)), são excelentes. Li, utilizei os três livros como fonte de dados fundamentais para estes escritos, e indico aos leitores que busquem conhecer Ubaldi através destas fontes pela alta qualidade, confiabilidade, riqueza de detalhes, testemunhos, documentos e imagens.

Além da qualidade dos livros escritos por Amaral, eu reforço a indicação destas fontes porque não posso, aqui neste livro, sobrecarregar o leitor com a extensa biografia de Ubaldi. Sigo com o propósito de contribuir para organizar o nosso passado local e alguns fatos sobre Pietro Ubaldi na Bahia/Feira de Santana/UEFS, devido à lacuna de relatos escritos. O que antecede a este fato, recomendo ao leitor que busque nas fontes acima indicadas.

Importante também relembrar que este livro não possui a pretensão de analisar, esmiuçar ou discutir, com profundidade, quase noventa anos de história do pensamento de Ubaldi no Brasil desde as primeiras publicações, nem as pessoas que estavam em derredor. Não tenho fôlego, nem elementos, para abordar todos os múltiplos aspectos dos acontecimentos e percursos desta extensa trajetória e seus múltiplos atores.

Tendo ciência do quão artificial é essa separação que vivemos no âmbito do movimento espírita, uma vez que somos todos espíritos imortais, que reencarnaremos em diferentes posições mas sempre com propósito de reforçar laços de amor, a proposta aqui é apresentar alguns dados sobre “Pietro Ubaldi em Feira de Santana e na UEFS”, lançando luz a algumas reflexões acerca da identidade e luta, enquanto consciência política de seus adeptos, para a sua visibilização articulada com a garantia de seu espaço como importante filósofo italiano do século XX, conforme publicação *“Filosofi Italiani del XX Secolo”* (figura 1), que coloca Pietro Ubaldi ao lado de Antonio Gramsci, Umberto Eco, Norberto Bobbio, Maria Montessori e Romano Galeffi.

Figura 1 – Capa e detalhes do livro “Filosofi italiani del XX secolo”.



- Editora: Books LLC, Wiki Series (1 agosto 2011)
- Idioma: Italiano
- Capa comum: 318 páginas
- ISBN-10: 123264563X
- ISBN-13: 978-1232645634
- Dimensões: 18.9 x 1.69 x 24.6 cm

No seu período de vida aqui na Terra, Ubaldi não estava só, havendo inúmeros outros intelectuais e espiritualistas no mesmo campo, como Romano Galeffi, Henri Bergson, Chico Xavier, Sigmund Freud, John Dewey, Paulo Freire... não vou alongar a longa lista para não correr o risco de omitir algum notável.

Portanto, entenda o leitor que este livro é apenas um capítulo da gigantesca saga que foi a vida de Pietro Ubaldi, filósofo italiano radicado no Brasil, e como seu pensamento chegou e se instalou em Feira de Santana, Bahia, há quase 80 anos, numa época em que o interior do Nordeste brasileiro vivia embaixo do enorme preconceito geográfico que, em parte, persiste até os dias atuais, quando o Sul e o Sudeste viam a região como atrasada, pobre, seca, incapaz, feia, inóspita, triste, violenta, assim como o estereótipo do nordestino, que vai desde o sotaque caricatural e a fome crônica até alusões à mestiçagem, pouca inteligência, adoecimento, mendicância e à preguiça.

Fortalecendo minha segunda hipótese, ao longo desta pesquisa, percebi que não houve uma preocupação geral por parte das comunidades espíritas de Feira de Santana com o registro histórico/documental e, naqueles que houve alguma anotação/preservação de acervo, estes não foram bem conservados ou foram destruídos de forma “inocente”, acidental ou criminosamente. Neste último, as invasões/roubos nas Casas Espíritas eram comuns, há décadas, como ocorrido no CEJN no período 1980-2000, quando aconteceram dois arrombamentos que resultaram em destruição praticamente total de seus arquivos e acervos, com abertura de Boletim de Ocorrência e investigação policial, nada recuperando.

E acidentalmente (e comicamente!!!), pois atas das reuniões do CEJN no período 1942-1960 foram encobertas com recortes de revistas de imagens de astros hollywoodianos com cola não-lavável, pela garota adolescente Dejazet Vasconcelos, filha de Olegário e Eloína Almeida, que, na residência de seus pais “encontrando os livros de ata fáceis e julgá-los sem utilidade, deu-lhes a devida utilidade” (OLIVEIRA, 1985).

Esta falta de um certo cuidado com as memórias é bem comum na cidade. Em 1985, eu já havia identificado a referida lacuna e durante o mês de aniversário do CEJN, naquele ano, pedi ao Sr. Alípio de Lima Oliveira, um dos decanos da Casa, que registrasse suas memórias sobre a história do CEJN. Talvez este tenha sido o primeiro registro escrito, localmente, sobre a história do Movimento Espírita de Feira de Santana.

Inicialmente, o Sr. Alípio relutou, alegando falta de dados e informantes, mas depois de minha insistência, ele produziu seu manuscrito que se transformou num repositório de informações importantes, por ser uma das poucas fontes de acesso público para estudos acadêmicos que permitem entender a história do Espiritismo em Feira de Santana.

Este material foi datilografado por mim, lido e comentado por ele mesmo, em reunião doutrinária no CEJN, e posteriormente publicado no jornal espírita Interação, e disponibilizado na documentação do CEJN, para registro.

A possível forma de cobrir o hiato, que seria a história oral, já foi apontada por Alípio Oliveira, em 1986, como difícil, pois muitos informantes que viveram e testemunharam acontecimentos já haviam falecido e os que estavam vivos, ou estavam com a memória afetada pela idade avançada ou eram “informantes secundários”, reprodutores de informações que ouviram de outras pessoas, não se caracterizando como fontes primárias, testemunhas de fato. Sem fontes documentais e sem informantes, este legado histórico estaria praticamente apagado e com poucos vestígios para os jovens pesquisadores. Na minha vez, quando iniciei o levantamento de dados, há alguns anos, haviam pouquíssimos informantes vivos e atualmente apenas um.

Para compor a narrativa deste livro foram feitos estudos exploratórios a partir de levantamentos bibliográficos, entrevistas, visitas a instituições, pesquisas em bibliotecas/arquivos, e pesquisa em fontes jornalísticas virtuais e materiais, com recorte temporal de pesquisa a partir do ano de 1951 – ano que Ubaldi faz sua primeira viagem ao Brasil, tendo como base o eixo a região Sudeste e, na turnê, veio à Bahia – até o presente, uma vez que foi nesse período que seu pensamento se tornou significativo no Brasil, ou seja, 1951-2025.

Sempre que possível, evitei as leituras dos comentadores da obra ubaldiana e peço desculpas aos autores por não os citar, não estou negando suas

excelentes contribuições, mas não é propósito deste modesto escrito debater conceitos ou argumentos ubaldianos.

Preferi a via biográfica descritiva e fiz assim para não cair nas questões conceituais, dogmáticas, na reprodução de seu pensamento, perdendo o foco do livro, tentando buscar a universalidade e a imparcialidade, como Ubaldi sempre quis.

Um longo recorte temporal, ausência de informantes, fontes muito escassas...; o leitor já percebeu que meu trajeto para uma pesquisa acadêmica não foi algo simples. Destaco que o tema “Pietro Ubaldi no Brasil” não é estudado; as fontes documentais jornalísticas, ligadas às classes dominantes, são dispersas ou não disponíveis (amostra analisada é relativa às edições disponíveis destes jornais); ausência de pesquisa acadêmica e algumas fontes são religiosas e por esta característica acabam caindo em vieses de interpretação e generalizações; a desorganização de arquivos; a falta de especialistas e estudos específicos na área, entre outros entraves.

Esta escassez bibliográfica deriva do desinteresse acadêmico em realizar pesquisas neste sentido, pois Ubaldi ainda é um desconhecido na Universidade brasileira, e se pouco se tem escrito sobre “Pietro Ubaldi no Brasil”, sobre “Pietro Ubaldi em Feira de Santana” não há nada, apenas recortes noticiosos de jornais. Neste aspecto, agradeço a Lauritz Rodrigues Bastos pelos recortes colecionados ao longo de quase cinquenta anos de militância no pensamento ubaldiano e que, antes de falecer, gentilmente me repassou todo este bem conservado material, estando apenas amarelados pelo tempo. Constatada a escassez de fontes acadêmicas, estou me valendo desses fragmentos jornalísticos como fontes de pesquisa em toda sua fertilidade.

A falta de fontes acadêmicas (sejam artigos, dissertações, teses, monografias ou resultados de pesquisas) impede uma visão científica/metódica sobre o tema. A escassez de estudos similares não permitiu assim uma análise mais profunda, para que fosse possível presumir possíveis resultados sobre Ubaldi em Feira de Santana. Assim, nessa trajetória de construção deste livro, passei por experiências singulares, surpreendentes, de (re)encontros e descobertas que permitiram, pelo menos, estabelecer algumas hipóteses, reconhecer os caminhos do passado, sem romantizar ou fantasiar personagens perfeitos ou como “jornada de heróis”, apontando, também, o que não deu certo, com todo cuidado ético que o fazer pesquisa pede. Neste sentido, este estudo se configura como introdutório e acredito que, mesmo com as dificuldades encontradas, é um ponto de partida para pesquisas futuras, que possam trazer mais elementos sobre o pensamento ubaldiano na Bahia, em Feira de Santana e na UEFS.

Por outro lado, vários estudos que consegui localizar foram realizados pelo Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS (DCHF), por alguns professores e alunos de História (graduação/Pós-graduação) sobre Feira de Santana, porém, tratando sempre dos mesmos problemas de pesquisa: a origem da cidade, seu clima e suas feiras-livres, a linguística, o comércio em geral, a cultura do sertão, a seca, Lucas da Feira e o banditismo, os cangaceiros, e alguma produção sobre conflitos religiosos entre o Catolicismo-festa da padroeira-cultos afro e, só mais recentemente, Morgado (2011; 2015; 2021), com *Iniciação Científica*, Mestrado e livro sobre o Espiritismo em Feira de Santana, com destaque à pessoa do Dr. Osvaldo Pinheiro Requião, tema ainda não esgotado, sendo estes trabalhos de pesquisa, boas fontes de dados. Todo este acervo aqui citado compõe um rico patrimônio que conta a história da cidade, conectando-o às nossas lutas presentes.

Logo, foi preciso fazer uma leitura crítica dessas fontes, de outras disponíveis na Mansão do Caminho em Salvador (Bahia) e na internet, para vencer as dificuldades metodológicas que surgiram: quando se pretende fazer um estudo desta natureza, é necessário adotar uma perspectiva pluridisciplinar, na expectativa de se identificar/entender os fatos sobre o pensamento de Ubaldi em Feira de Santana⁶.

Avançando pelo enfoque da necessidade de produção do conhecimento sobre Pietro Ubaldi no Brasil, na Bahia, e, no caso deste livro, em Feira de Santana, pela ausência de informações acadêmicas, identifiquei que prevalecem as fontes documentais religiosas, que academicamente estigmatizadas pelo preconceito, são marginalizadas, relegadas, não valorizadas e circunscritas a um público específico. Resulta, com isso, que a história local continua desconhecendo os sujeitos, suas histórias de vida, seus feitos e o entendimento da realidade sobre Ubaldi, em Feira de Santana, gerando desinformação.

Há muito tempo, a Sociologia vem se ocupando em vários estudos na compreensão da constituição das identidades de grupos sociais e sua inserção, focadas nas questões raça, classe e gênero. No projeto de pesquisa que integrei um dos objetivos visava caracterizar grupos populacionais ao longo da história recente de Feira de Santana e a formação das individualidades, suas subjetividades e relações sociais e culturais.

A combinação dessas três perspectivas – Cidade/História local/Religiosidade espírita – me pareceu importantíssima para elaborar uma metodologia que respondesse ao problema da pesquisa, às hipóteses levantadas e à realidade dos fatos sobre a “chegada” de Ubaldi na Bahia, em Feira de Santana e na UEFS. Esta metodologia, com base na Nova História, me favoreceu muito para uma escrita num estilo próprio, quase coloquial, mas sem fugir da busca da objetividade e da problematização em nome da

6 Sobre este aspecto, nada foi encontrado no Instituto Pietro Ubaldi, em Campos dos Goytacazes (RJ) sobre o pensamento Pietro Ubaldi em Feira de Santana.

cientificidade do discurso. É tanto que, até aqui, o leitor já se deparou inúmeras vezes com uma estrutura de texto meio “chata”, mais acadêmica.

A Nova História (reconhecimento acadêmico de diversos e marginalizados temas) tem surgimento contemporâneo, e sua metodologia é balizada pela crise dos paradigmas explicativos da realidade opondo-se à objetividade e racionalidade das leis científicas no domínio das ciências humanas. Claro que a metodologia precisou ser adaptada e flexibilizada de forma a contemplar as duas perspectivas: a da Nova História, a historiografia inglesa, principalmente do neomarxista inglês E. P. Thompson (“Costumes em comum”) e a francesa da qual Jacques Le Goff faz parte; e da Espiritualidade.

Com isso, o levantamento jornalístico, bibliográfico e documental mostrou ser necessário para dar relevância às várias interligações que formam este fenômeno, para uma aproximação da interpretação mais adequada à conjuntura, a partir de uma “fotografia do presente”. Ou seja, “o passado ilumina o presente e vice-versa”, permitindo fazer uma reconstrução da história da cidade para entender as particularidades – no caso em tela, Ubaldo em Feira de Santana e na UEFS.

Para alcançar os objetivos, há que se destacar todas as fontes de dados: entrevistas, artigos/livros/outras escritos eletrônicos, disponíveis em portais, sites e museus virtuais, depoimentos, materiais disponibilizados na Coordenação de Pesquisa e Extensão do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS (CPEX/DCHF-UEFS), os jornais locais e outras fontes jornalísticas, sendo estas últimas fontes fatores cruciais e que muito contribuíram neste estudo.

Nas buscas bibliográficas priorizei o escritor “Pietro Ubaldo” evitando “estudos ubaldianos”, ou similar, para que não fossem incluídos materiais sobre o famoso escritor João Ubaldo Ribeiro.

Foi de fundamental importância também buscar as fontes orais (pessoas conviventes e residentes na cidade), uma vez que a evidência oral reforçou os achados bibliográficos, além de recuperar e recriar o objeto da pesquisa, em épocas de pouco registro, complementando também as fontes documentais.

Os depoimentos orais foram colhidos ao longo do tempo, desde 2012, a partir de testemunhos de pessoas que viveram e conheceram o pensamento de Ubaldo, a maioria já falecida. Todas eram escolarizadas e os dados e informações gerados encontram-se dissolvidos no corpo geral deste artigo. Informações valiosas foram obtidas por intermédio da memória, das recordações, dos fragmentos de memórias e esquecimentos dos que se dispuseram a relatar suas impressões e vivências e que puderam se expressar, expondo sua visão sobre Ubaldo. Estas narrativas de relatos de suas vivências nortearam as reflexões aqui

expostas e funcionaram também como uma espécie de ponte entre a teoria e a realidade dos fatos.

Fiz, adicionalmente, coberturas fotográficas digitais com auxílio do Prof. Dr. André Renê Barboni, em especial durante a visita ao Monte Alverne do Brasil (Sobradinho/DF), à Mansão do Caminho (Salvador/Bahia), ao Instituto Pietro Ubaldi e à Escola Jesus Cristo (ambos em Campos dos Goytacazes/RJ), que resultaram em bons levantamentos de dados e registros de imagens depositados no Banco de Imagens do NFSEE/DSAU/UEFS. Por desejos pessoais afetivos, fomos até São Vicente (SP) e identificamos o jazigo da Família Ubaldi no Brasil, o prédio onde eles moraram e o Hospital São José, onde Pietro Ubaldi faleceu. Dispensável descrever como fui invadida pela emoção....

Agrega-se ao objetivo do trabalho minha intenção de que ele represente também, além de um registro, uma forma de homenagem à Osvaldo Pinheiro Requião, Lauritz Rodrigues Bastos, Dejazet de Almeida Vasconcelos, Enésio Cerqueira, Romano e Gina Galeffi *in memoriam*, seis militantes do pensamento de Pietro Ubaldi em terras baianas; e, ainda, a todos aqueles que fizeram acontecer Ubaldi em Feira de Santana e na UEFS, seja com sua dedicação e paixão pelo tema, arriscando-se a receberem rótulos e exclusão, seja no Movimento Espírita feirense ou no ambiente acadêmico, com todas as consequências pessoais, profissionais e políticas que este fato implica: Prof. Dr. Dante Galeffi (UFBA) e Prof. Dr. André Renê Barboni (DSAU/UEFS).

Estendo a homenagem em forma de reconhecimento ao Prof. Dr. Nilo Reis (DCHF/UEFS), que apoiou totalmente, via Núcleo de Estudos Filosóficos (NEF/UEFS), a realização do Congresso Pietro Ubaldi em Feira de Santana (2004), no Centro Universitário de Cultura e Arte (CUCA/UEFS); e ao Prof. Dr. Gilmário Brito, que me aceitou, sem julgamentos, como aluna-ouvinte, em sua disciplina, na Especialização em História da Bahia (DCHF/UEFS) e, generosamente, me transmitiu seu conhecimento sobre *Escola dos Annales*, Thompson, Le Goff, Nova História, lá nos idos de 2002, orientando-me, como possível, na iniciação à pesquisa histórica que muito contribuiu para meu olhar e buscas bibliográficas.

Peço ao amigo leitor que lembre sempre, durante a leitura: os fatos e os acontecimentos aqui narrados aconteceram numa Feira de Santana entre os anos 1950-1980, tecidos por homens e mulheres comuns e, como qualquer ser humano, imperfeitos, limitados, que se esforçaram, cada um entregando o seu melhor possível, não cabendo julgamentos. Portanto, “feito é sempre melhor que “não feito”⁷, fugindo da história tradicional, que se organiza em torno dos feitos dos heróis ou “grandes homens”, cidades.

Busquei encontrar a história oculta, desconhecida. Aquela que atende aos percursos metodológicos da Nova História: a micro-história, a vida local, mais lenta, dos ritmos locais e regionais dos diferentes grupos humanos em relação a seu meio, estruturas que modelam as sociedades, seja o comércio, o estilo de vida e sua organização, seja das mentalidades. A Nova História e as adaptações que aqui foram feitas se adéquam perfeitamente a essa pesquisa (CARDOSO e VAINFAS, 2012).

Neste sentido, deduzi que uma via teórico-metodológica para realizar a análise histórica – moderna tendência de análise da historiografia, que longe do paradigma estruturalista – sensível a novas abordagens antropológicas ou sociológicas, seria ideal. Esta metodologia permitiria restaurar o papel dos indivíduos na construção dos laços sociais, abordando os sistemas simbólicos de ideias e imagens de representação coletiva, a que se dá o nome de “imaginário social”.

Nessa dimensão, imaginário social passa a ser uma produção coletiva, composto por um conjunto de relações imagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade, governado por mecanismos e dependências desconhecidos dos próprios sujeitos.

Essa metodologia remete necessariamente à minha tarefa enquanto pesquisadora, que deveria ser capaz de captar a pluralidade dos sentidos e resgatar a construção de significados que preside o que se chamaria a “representação do mundo”. Logo, toma-se, por pressuposto, que a história aqui exposta é, ela própria, representação, é memorialista. Assumir esta postura implica admitir que não há um único processo compreensivo para a história aqui contada, além de admitir critérios como o da ficcionalidade (já admitidos por mim) e do relativismo, para a recuperação do passado, e assim, outras pesquisas, outros olhares são necessários para entendimento desta chegada do pensamento de Ubaldi em nossa terra.

Infelizmente, há no senso comum espírita brasileiro, um imaginário que filósofos são personalidades pouco sociáveis, que vivem nas nuvens, insensíveis aos problemas concretos e imediatos do mundo, em nada contribuindo para o benefício ou para o prazer da sociedade (HUME, 2024). De fato, Ubaldi foi um filósofo muito introspectivo, que tentou concretizar, em linguagem escrita, o que “ainda é informe e caótico” (SOUZA, 2022) e converter em cosmos, e pela complexidade, sim: Ubaldi escreveu para poucos. Óbvio que Ubaldi não é para imaturos, distraídos ou neófitos, e não digo isso em tom depreciativo. Mas para entender suas teorias e seus argumentos, o leitor tem que ter maturidade psíquica, biológica, já tenha acumulado recursos intelectuais suficientes para penetrar suas ideias com clareza e buscar na linguagem uma relação com o conteúdo de sua mensagem. Com esses “requisitos” ele foi mal interpretado, não atraente, mal falado, tido como esnobe e ainda permanece desconhecido.

Ato contínuo, também se faz uma ilusória associação entre Ubaldi e elites intelectuais, políticas e financeiras no Brasil, incutindo a ideia de fácil expansão de seu pensamento nos anos 1950, devido a estas influências que lhe garantiram privilégios. Mudar este imaginário requer uma mudança na lógica de se entender a pessoa de Pietro Ubaldi, sua vida, missão e o porquê da generosa oferta de sua obra ao povo brasileiro, da qual, sinto-me também herdeira.

Não há indícios nem pessoalmente jamais acreditaria, a partir das leituras e pesquisas que faço, que sendo homem, branco europeu, intelectual na expressão plena do termo, com posses financeiras e produção de parte de seus livros na Europa, que ele deveria corresponder ao estereótipo do letrado arrogante colonizador ou o tornem um erudito do “centro do mundo”. Nascido num país que foi o berço do fascismo, Ubaldi nunca alimentou o sentimento de nacionalidade ou simpatia aos governos totalitários do Nacional Socialismo europeu. Seu propósito é contra hegemônico ao materialismo, à exclusão social, e sua opção em viver como pessoa comum com recursos suficientes para sobreviver, sem nenhum glamour, sem preconceitos, num país considerado periférico, subdesenvolvido, na época, como o Brasil, dá maior legitimidade a seu pensamento bem elaborado, repleto de fraternidade, honestidade, seu claro senso ético-moral e de responsabilidade social.

Aqui no Brasil, Ubaldi escolheu viver como pessoa comum, com padrão e estilo de vida de classe média-média, tomando um rico contato com o povo brasileiro, também entre as gentes de vida simples, reconhecendo problemas sociais e modos de vida de trabalhadores diversos. Longe do ambiente e das formalidades da vida prática acadêmica, aqui viveu em uma cidade do interior de São Paulo e permaneceu convicto e fiel, ao que escreveu até o fim de sua vida, e mesmo passando por graves dificuldades financeiras, tragédias e perdas pessoais, diferentemente de muitos outros filósofos cristãos, nunca experienciou uma crise de fé, mantendo-se sereno abraçado ao seu ideal crístico e à Sua Voz.

Logo, não é possível descrever este trajeto do pensamento de Ubaldi sem apresentar as bases tidas como estranhas, ingênuas, irregulares de suas ideias e concepções de mundo, que, para seus seguidores, é indestrutível:

Cristo não diz aos pobres: “revoltai-vos”. Seu sistema é radicalmente diferente do usado pelo mundo. A este, que não sabe perceber senão através do claro-escuro, vitória-derrota, faz compreender que Ele não enxerga no pobre um derrotado. Assim como não diz: “revoltai-vos”, igualmente não diz: “sofrei passivamente”. Diz, ao contrário: “Ó vós, que sois vítimas da injustiça, tolerai, tende paciência!”. Por que, então? – perguntemos.

Como sempre, a filosofia de Cristo atinge sua complementação num mundo ultraterreno, na íntima realidade das coisas, em que toda a aparência que enxergamos se completa e se justifica. A razão – Cristo nos responde – é que a injustiça que vos oprime é toda humana, e por isso temporária, ligada apenas a esta vida terrena; é uma pequena injustiça secundária, que não pode violar e não viola a justiça divina, maior, que faz do oprimido um credor. Estai, portanto, tranquilos, embora hoje sofraís, e se isso não vos parece justo, Deus é justo e a injustiça do momento será compensada, reequilibrada. Na verdade, possuíis um direito; vossa consciência não vos engana: ele vos será concedido.

O sistema do universo é perfeito, lógico, equilibrado, de uma estabilidade absoluta; porém, o homem normal, involuído, não sabe ver a tão grande distância e considera logro essas promessas. Culpa de sua miopia.

A nova afirmação irrompe com um grito no início do Discurso da Montanha, enunciando-se imediatamente os temas fundamentais. No seu contrapor-se, sente-se a inversão das posições, o jogo das forças opostas, o dualismo do binômio de que aqueles temas são os extremos e em que aquelas forças se equilibram. Eis o texto (Lucas, 6):

“Bem-aventurados vós, os pobres, porque o reino de Deus é vosso!”

“Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados!”

“ Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir!”

“Mas, ai de vós, ó ricos, porque já tendes a vossa satisfação!”

“Ai de vós, que agora estais fartos, porque sofrereis fome!”

“Ai de vós, que agora rides, porque estareis em tristeza e chorareis!”

O problema é resolvido pelo caminho das bem-aventuranças. Isso quer dizer que o pobre, o faminto, o sofredor não somente recebem fraternalmente compaixão, não somente são confortados com o reconhecimento de seu direito a compensações, mas são considerados verdadeiramente felizes, isto é, vencedores, afortunados, ao passo que quem pelo mundo é invejado como vencedor é reconhecido um vencido, um desgraçado. Este é o juízo de Deus, que se substitui ao juízo humano. É assim que Deus julga.

Não vos arrogueis, portanto, ó pobres, o direito que só a Ele compete, de fazer justiça. E justiça já vos foi feita. Se quiserdes exercê-la, por vossas mãos, pela violência, turbareis o equilíbrio que já existe. A razão já é vossa e se assim procedêdes a perderéis, precipitando-vos da altitude de vencedores na miséria dos vencidos; descereis da harmonia dos planos divinos, engolfando-vos no marasmo das baixas competições humanas. Já possuis razão perante Deus. Bem-aventurados sois vós. Que quereis mais? Se não esperades a justiça de Deus, mas, apenas a de vossa violência e rebelião, então passareis da situação de credores à de devedores.

Não tenteis legitimar o vosso furto, dizendo que a propriedade já era um furto. E a vossa propriedade, agora, com tais sistemas, que seria então? Não percebeis que justamente o vosso furto atual legitima o furto passado e que estareis, assim, no mesmo plano e que copiareis o que acusais? Por que somente o vosso furto deveria ser justo e por que o outro é injusto? E vós, improvisados executores da justiça, aplicá-la-eis? Não. A filosofia do interesse carece de lógica e se com ela quiserdes passar por justos, estareis mentindo. Não, não é lícito jamais roubar, nem mesmo aos ladrões, como é cômodo admitir. Se assim procederdes, não sereis executores da justiça, mas, também ladrões, e deveis pagar.

Existe uma desgraça muito maior do que a pobreza: é a culpa. Adquiri mérito, em primeiro lugar, porquanto nada podereis possuir com segurança e alegria se não for merecido.

Assim iluminados e confortados os pobres, depois de os haver elevado sobre um pedestal de grandeza contra os juízos humanos e de os haver exortado a não perder tão preciosa posição de vantagem, Cristo se dirige aos ricos, aos afortunados e, contravertendo a seu respeito o discurso, mostra-lhes sua miséria, não lhes dá oportunidade de fuga nem trégua, indicando-lhes os graves deveres inerentes à sua posição e fazendo-os temer as consequências do seu não-cumprimento (UBALDI, A Nova Civilização do Terceiro Milênio; Conferências de 1951).

Deixando um pouco de lado os aspectos religiosos, enfatizo que a obra de Ubaldi congrega elementos de natureza cultural, filosófica, e assim convido os leitores a aqui conhecerem um pouco da história de Pietro Ubaldi no Brasil, com recorte na Bahia/Feira de Santana, e, nesta oportunidade, aproximar-se de forma leve e prazerosa de seu pensamento, que está vivo e ecoa até hoje no espaço espiritual sistêmico brasileiro.

Capítulo 2 – Minha aproximação com o pensamento ubaldiano

Não farei aqui uma exposição autobiográfica, mas apenas relatos do que pode ser alcançado pela minha memória consciente dos assuntos, das opiniões e preconceitos acumulados por mim e que vão influir e repercutir ao longo deste livro, na história intergeracional do meu grupo familiar, envolvido com o Espiritismo. Como explica Hobsbawm (1994): “[...] porque ninguém pode escrever sobre seu próprio tempo de vida como pode (e deve) fazer em relação a uma época conhecida apenas de fora [...]”.

Os riscos assumidos por minha superexposição pessoal fazem parte do contexto “memorial”, enquanto estilo de escrita, pelas suas dimensões identitárias, autorreflexivas, ideológicas e pelo caráter “prestação de contas”. Sei da vulnerabilidade em que me coloco.

Sou a primogênita de uma família cristã, com pai católico e mãe espírita, filha dos fundadores da AEJN. Meu pai, natural de Lustosa, na época distrito de Santo Amaro, foi educado nos rigores do colégio do Padre Norberto e do trabalho duro na fazenda. Minha mãe nasceu em Feira de Santana, era linda e viveu até o casamento como uma moça burguesa, fútil e mimada (como ela mesma reconhecia).

Após o casamento minha mãe, aprofundou sobremaneira sua fé espírita e meu pai tornou-se espiritólico (ia às missas, tomava passes, respeitava as comunicações mediúnicas), determinando o Espiritismo como religião dos filhos.

As bases cristãs do casal e seus valores pessoais foram determinantes para manutenção, por mais de trinta anos, da organização interna com foco bíblico de nossa família, até meu pai falecer em 1996.

Casa doada por meus avós maternos, cinco filhos, cada um com sua singularidade, dificuldades financeiras severas, mas recursos afetivos e espirituais não faltavam. Falo isso pela expressão dos fatos e não para causar lágrimas de empatia em que lê.

Meu primeiro contato com Pietro Ubaldi, pensamento e obra, foi em 1980, no Anfiteatro da Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia (UEFS), num evento de Extensão Universitária.

Eu tinha apenas dezessete anos de idade, não conhecia Ubaldi nem seus seguidores, era caloura na UEFS e em nada contribuí para essa atividade de Extensão.

Figuravam como palestrantes do evento, entre outros, o Dr. Romano Galeffi, sua esposa Dr^a. Maria Luigia Magnavita Galeffi (Gina Galeffi) e Dr. André Luiz Peixinho (detalhamentos adiante). A palestra proferida por este último, médico e professor de Medicina da Universidade Federal da Bahia foi uma aula brilhante, magistral, didática, clara, que versava basicamente sobre a técnica funcional da lei de Deus.

Ou seja: conheci Pietro Ubaldi na UEFS, nas palestras no Anfiteatro módulo 2, num Curso de Extensão. Aquele evento foi uma espécie de “portal”. Naquela tarde de sábado, as ideias de Ubaldi ali expostas tocaram o meu coração e marcaram para sempre meu espírito: aquela gota de conhecimento me fez uma pessoa melhor, e não apenas uma pessoa com mais informação filosófica e intelectual.

Dali em diante, mesmo muito jovem, imatura perante a vida, caloura na UEFS, segui com a intuição de “examinar tudo”. Iniciei meu mergulho, sem temor e com entusiasmo, no pensamento ubaldiano, lendo trechos de seus livros, participando de eventos, formando rede de grupos de estudos e congressos. Vislumbrei uma outra possibilidade de vida: nunca mais eu fui a mesma.

A minha apreciação temática de toda obra de Ubaldi veio de dois pontos disparadores: do caráter espiritualista lógico de seu pensamento e, meu respeito pelos seus adeptos locais e nacionais. Nunca pelo endeusamento, pela exaltação da pessoa/imagem de Ubaldi, cuja admiração e amor que nutro por ele foram construídas com o tempo e aprofundamento de leituras.

Como já expliquei, pelo senso comum, Ubaldi era pintado como “intelectual para poucos iniciados”, produtor de uma obra filosófica-mística-esotérica-espiritualista de altíssima dificuldade para entendimento, mesmo entre mentes brilhantes. Essa rotulagem ganhou contornos muito especiais aqui na Bahia, destacando na minha cidade, Feira de Santana, com assimilação superficial de suas teorias.

Ubaldi não criou nem nunca apoiou um “ubaldismo”, assim como Kardec não criou um “kardecismo”. Ser espírita e leitor/adepto das ideias de Ubaldi não dava o direito de ninguém se auto intitular ou tratar o outro como “ubaldiano” (ou “espírita ubaldiano”), designativo difícil de ser sustentado, uma vez que nem o Espiritismo possui linhas nem denominações, nem o pensamento de Ubaldi conduz seus leitores a tal aberração. A concordância com o pensamento e a obra de Ubaldi se caracterizam pela prática e pela transformação ético-moral, nunca por rótulo, e a mim sempre interessaram os primeiros.

Assim, comecei a participar do Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana (NPUFS), em 1981, onde se lia e comentava seu mais famoso livro “A Grande Síntese”, e também outros livros secundários de sua produção, sem

maiores aparatos filosóficos. O grupo era classificado no cenário espiritualista feirense da época como “elite”, uma vez que Ubaldi não era atraente para todos (considerado “muito alto”), dado o caráter complexo do seu pensamento e as discussões ali travadas.

Entrei no NPUFS conduzida “pelas mãos patriarcais” do Sr. Enésio Cerqueira. Um dia, na AEJN, ele se dirige à minha mãe, e firmemente ordena que adquirisse um exemplar de “A Grande Síntese”, para mim, e que no domingo próximo ele passaria, às 15h, para me levar ao grupo de estudos. Minha mãe, que na época cuidava da Livraria Osvaldo Requião do CEJN, pegou o volume da LAKE e me entregou. Assisti aquilo tudo quieta e resignada, sem contestar, sem entender o rumo do minha vida tomava naquele momento.

De fato, no domingo seguinte, por volta das 14:45h, segui com Sr Enésio, no sol inclemente da tarde de um domingo vazio e silencioso, pela Avenida Getúlio Vargas. As reuniões eram realizadas na residência de Noêmia Requião, na Rua Comandante Almiro (onde hoje está instalado o Shopping Eldorado), domingos, à tarde, quinzenalmente, com um grupo pequeno de simpatizantes e curiosos, bem heterogêneo na formação intelectual, composto na maioria por idosos. Nestas reuniões o foco era o estudo de “A Grande Síntese”, que visava uma primeira aproximação com o pensamento ubaldiano, apropriação conceitual e formação teórica.

Estas reuniões eram bem sérias, pouco dinâmicas e meio monótonas: na minha memória: lia-se um parágrafo e as interpretações eram incipientes, superficiais, de caráter inconcluso, gerando algumas discordâncias internas no grupo. Mesmo com toda dificuldade, nunca houve cerceamento nem restrição de discussões caracterizando o NPUFS, desde sempre, como espaço democrático e de livre expressão.

Alguns debates eram travados em torno daquelas questões, consideradas as mais pertinentes do ponto de vista do Espiritismo. Isto porque **A Grande Síntese** não era parecida com nada que conhecíamos... “Evolução em Dois Mundos”, do Chico Xavier?... melhor exemplo de avizinhamento, mas, definitivamente, não era a mesma coisa.

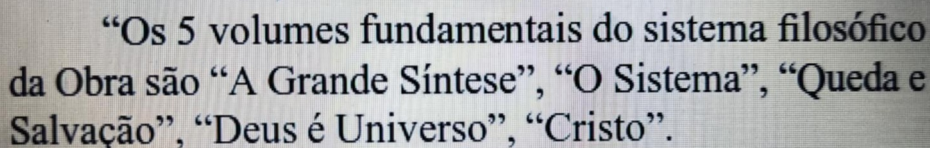
Insistimos nesta metodologia meio fracassada, mas não aguentamos muito tempo, pois se mostrou improdutiva e até meio cansativa pelo dia e horário. Logo veio a sugestão de mudar tudo: a metodologia e os encontros para domingos quinzenais para o turno matutino, com estudo de diferentes livros de Ubaldi e sob a coordenação do Sr. Manuel Viana, como será explicado à frente, contemporâneo de Osvaldo Requião e considerado ‘mais versado na obra’ (ATAS, 1980). Oportunidade única de ouvir nosso querido Viana, com sua fala firme e seu sotaque lusitano, que impôs uma certa disciplina no grupo e aprofundou um

pouco as discussões mas os conceitos ainda eram um tanto misturados com senso comum ou confusos. Havia repetição de conteúdos informativos sobre a Obra; transmissão de conhecimentos já existentes nos livros; surgiam muitas perguntas e respostas possíveis mas nem sempre satisfatórias; e uma forte tendência a não aceitar a queda vibracional como necessária, apenas como uma ideia muito longínqua. Ou pior: errada.

Fiquei cerca de quatro anos neste novo formato do NPUFS, com participação apenas física, sem nenhum destaque intelectual, exceto pelo carinho e acolhimento dos demais membros. Neste ínterim, me aproximei de outro livro, “Ascese Mística”, mas não consegui ir muito adiante, porque preconceituosamente, achei muito católico. Tentei “A Nova Civilização do Terceiro Milênio”: nada avancei. A minha mente imatura considerou indigesto e parei logo nos primeiros capítulos. “O Sistema” era forte demais para uma adolescente. Consegui algum aprofundamento no livro “Cristo”, fazendo até uma palestra na AEJN, sob incentivo e aplauso de Sr. Viana e esposa, que assistiram. Para Ubaldi, Cristo era o leão. Cordeiro era São Francisco de Assis. Perfeito!

Assim, paralelo com “A Grande Síntese”, fui lendo capítulos, páginas, beliscando, aqui e ali, a obra toda, desleixadamente. Assistia palestras, participava de grupos de estudos, conversava sobre Ubaldi com simpatizantes. Ouvi Prof. Henrique Rodrigues fazer alusão ao pensamento monista. Levei uns 10 anos assim. Até que com mais maturidade de vida, as dores da vida – os “sobe três degraus e desce dois”, me deparei com “A Lei de Deus”... dobrei os joelhos! Tudo fazia sentido, exceto a “queda vibracional”, que eu considerava um escorregão na obra. Eu não entendia nem aceitava a tese do emborcamento. Jamais poderia aceitar que somos os demônios. Tudo por ignorância e imaturidade! Eu desconhecia o eixo fundamental da Obra e perdi tempo, sem conseguir ligar os conceitos.

Figura 2 – Trecho da carta nº 52, de Ubaldi a Manuel Emygdio, sobre os pilares do edifício de seu pensamento.

A imagem mostra um trecho de uma carta, com o texto em uma fonte serifada, negrito, sobre um fundo escuro e texturizado. O texto afirma que os cinco volumes fundamentais do sistema filosófico da Obra são: "A Grande Síntese", "O Sistema", "Queda e Salvação", "Deus é Universo", e "Cristo".

“Os 5 volumes fundamentais do sistema filosófico da Obra são “A Grande Síntese”, “O Sistema”, “Queda e Salvação”, “Deus é Universo”, “Cristo”.

FONTE: Silva (2015).

Em 1986, mudei para Brasília (DF), para fazer mestrado na UnB, levando na bagagem, além de livros científicos, “A Grande Síntese”. Fui acolhida por Ariston Santana Teles e família, todos espíritas originários daqui de Feira de Santana, que lá residiam desde anos 1970, instalados numa chácara, em

Sobradinho, cidade satélite do DF, de propriedade de Noêmia (Ex-Prefeita da Cidade da Fraternidade). O quarto-gabinete de Ariston era um tudo: acervo riquíssimo, mundo de livros, discos, papéis soltos, pastas, cartas, fotos, imagens. Tive livre acesso mediada por ele que, muito gentil e didaticamente, explanava sobre cada foto, cada autor, livro, cartão. Nestas explicações, óbvio, Ubaldi era tema. Aprendi muito sobre espiritualidade, história do Espiritismo, Chico Xavier... Ariston também mantinha no espaço da chácara o Centro Espírita Chão de Flores, tribuna livre para se falar em Ubaldi sem medo de censura.

Paralelamente, indicado por Ariston, também integrei, em Brasília, durante um período muito curto, o Centro de Pensamento de Pietro Ubaldi (conhecido como “a salinha”), incentivada por Ariston Teles, Regina e Flávio Vervloet.

Este Centro funcionava perto de onde eu morava no Plano Piloto, num espaço comercial da Asa Norte, com José Bonifácio Alexandre (1930-2000) criador da salinha, Kleber Campos, Macieira Netto Junior, Diná de La Roque Almeida, entre outros tantos que não me recordo mais. Tentei localizar alguma informação sobre este Centro, na web, mas foi em vão, não há registros. Vi que José Bonifácio Alexandre, como coordenador do Centro, chegou a escrever uma carta ao Dr. Mario Schenberg, do Instituto de Física da USP, sendo impossível identificar o teor.

Em 1988 comecei a namorar André Barboni, paulista de Ribeirão Preto, estudante do Mestrado em Engenharia Elétrica na UnB, que era espírita filho e sobrinho de família espírita raiz. Ele coordenou o Grupo Espírita da UnB, já havia lido “A Grande Síntese” e conhecia Roustaing. Nosso encontro gerou um potente impacto mútuo sobre nossas vidas e personalidades, mesmo porque fomos descobrindo como nossas histórias e visões de mundo eram parecidas.

Devotos de Santo Antônio de Pádua e de São Francisco de Assis, damos graças por tudo a estes dois iluminados espíritos interventores, que têm um papel fundamental em nossas vidas e escolhas.

Casamos pouco tempo depois e começamos uma jornada de leituras e discussões domésticas sobre a Obra de Pietro Ubaldi. Paralelamente, eu mantinha uma certa participação ativa com palestras em centros espíritas do DF. Vivemos cerca de cinco anos numa condição aproximada de exilados de nossas famílias, o que gerou uma grande cumplicidade e força, nas buscas espirituais mediadas por Ubaldi.

Mudamos para a Bahia em 1994, e, após fixarmos residência em Feira de Santana, foi que se apresentaram as condições propícias para uma militância com a Obra ubaldiana. A vinda para Feira de Santana interferiu de múltiplas formas em nossas vidas, desde a mudança de profissão, número de filhos, estilo de

vida, filiação ao CEJN, mas a grande influência, com bastante ênfase, foi na produção intelectual que desenvolvemos, como também na escolha ideológica por Ubaldi-Kardec-Chico Xavier-Roustaing.

Fizemos concurso para Carreira de Magistério do Ensino Superior da UEFS, e a partir de nossa ação docente abriu-se um leque de oportunidades, que em Brasília não parecia ser possível. Vivendo com poucos recursos financeiros, casa bem simples, alugada, sustentar três filhos, não foi fácil mas nunca faltaram fé, forças e esperança para realizar os eventos, fazer palestras em diversos espaços e cidades, estudar ciência e espiritualidade.

Com o engajamento ao CEJN e atividades docente/pesquisa na UEFS criamos uma dinâmica rede de sociabilidades tanto no campo intelectual como espiritual, com afinidades, interesses e sensibilidade comuns, gerando partilha de saberes, ideias, realizações, vínculos duradouros e alegria da convivência. Foram diversos ramos desta rede, mas no caso específico do contexto ubaldiano, muitos desses laços de amizade se constituíram ou foram intensificados durante as temporadas em que realizamos eventos com chancela do CEJN, com as vindas à Feira de Santana de Maurício Crispim, Jorge Damas, Júlio Damasceno e Gilson Freire.

O círculo de amizade e companheirismo a que pertencemos existe e persiste não só por conta das afinidades pessoais, sobretudo, também, por influência do pensamento ubaldiano, que juntos todos respiramos. À exemplo, em 2012, André foi convidado por Jorge Damas para proferir palestra num evento ubaldiano em Mendes (RJ). Nos anos de 2016 e 2017, participamos como palestrantes, dos Congressos IBBIS em Goiânia e Brasília, à convite de Maurício Crispim (eu apenas em 2017).

Vinte e cinco anos depois de nossa chegada à Feira de Santana, as circunstâncias se alteraram muito positivamente: os filhos, já adultos e autônomos, seguiram suas vidas e mudamos para nossa casa própria, com construção ainda inacabada, no estilo rústico e simples, cuja arquitetura inspirada ecologicamente nos permite alguns “luxos”, como a agradável circulação cruzada de brisa, áreas ensolaradas, captação de água de chuva, conforto térmico e uma visão da região em 360°. Localizada numa área bem periférica da cidade, próxima a zona rural, na direção da Baía de Todos os Santos, que nos garante bem de perto, a tranquilidade da vida na roça e, ao mesmo tempo, a ensolarada e colorida sensação de viver na praia, dentro da comodidade da cidade, com conexão com a natureza, os moradores locais, o sol nascente. Sentimos a mesma impressão que Ubaldi escreve em “As Noúres”. Contato com a natureza, luz do sol, brisa e silêncio. As noites de verão são estreladas, a mata com pirilampos e a brisa com cheiro de mar é constante. Nas chuvas, podemos ver a água que cai do céu escorrer pelas vidraças diversas.

Cor e som. A casa não é muda, há oração, poesia, vozes, música. O colorido dos adornos e das plantas, paredes encharcadas de vibrações de fé, de uma atmosfera rarefeita, das luzes do dia e da noite. Estas emanções salutares são percebidas pela sensibilidade psíquica dos visitantes que respondem a essas emanções das paredes onde durante dezenas de domingos, fizemos nossos cultos de oração com a família reunida, ou eu e minha mãe, que orávamos solitárias, e nelas infundimos o melhor fluido oriundo da manifestação da Divindade.

A casa é das festas e reuniões de família e alguns amigos. Nunca permitimos que as ondas grosseiras do álcool e similares imundícies espirituais invadissem nossa morada, num “assalto de vibrações ofensivas”. Eu e André aqui vivemos muito mais intensamente a inquietante experiência do pensamento e da vida intelecto-espirituais, à dois, que, embora nas constantes lutas, tensionamentos e nas divergências entre duas personalidades muito fortes, é equilibrada pela convivência com a Espiritualidade e pela relação recíproca dos contrários.

Há que se ressaltar, neste sentido, a existência de uma pluralidade de entendimentos, identidades, acordos para os quais nosso foco é sempre intelecto-espiritual, espírita e ubaldiano. Conflitos desnecessários da caminhada à dois nunca foram vivenciados por nós. Quem nos vê nas nossas visões contraditórias, não sabendo compreender, pode classificar-nos como “exagerados emocionais”, sem perceber que há complementariedade, que cada forma de vida elabora suas defesas e, como pode, combate o seu bom combate. “Esse contraste não se chama cisão, mas harmonia” alude Ubaldi em “A Nova Civilização do Terceiro Milênio” para tratar de duas extremidades quando tendem a equilibrar-se.

A nossa divergência é saudável e positiva encharcada da sinceridade, da busca pela coerência entre o falado e o vivido, e da verdade, defendendo um ideal sintonizado com Ubaldi, tendo o poder de atrair forças positivas e colaborativas do Universo para outras trincheiras, mais dignas, dentro do mesmo propósito. Logo, amor é construção diária, dinâmica, honesta, com propósito constante.

Nesta nossa residência, temos nosso gabinete, “a fábrica de mundos”, como poetizou nosso colega Prof. Jorge Nery. Assim como descrito por Ubaldi sobre o pequeno gabinete dele, temos um “ambiente de paz, onde os objetos e livros expressam nossas pessoas” e sonhos, com “atmosfera ressoante”, saturada e adaptada às nossas vibrações (sempre ponho uma vareta de incenso ou óleo essencial que misturado ao cheiro do mato ou da chuva, potencializa ainda mais nossa presença), acesso à internet, música ambiente (que vai desde canto gregoriano à bossa nova que amamos) de onde produzimos nossos livros, aulas, escritos, palestras, “lives”, numa psicossfera com nosso tipo particular de vibração.

Das inúmeras prateleiras, documentos, objetos memoriais, livros, velhos livros de Dr. Requião, coleção de Ubaldi herdada de minha mãe, livros que foram de meu sogro, e outras fontes.

Neste gabinete, André faz, pelas madrugadas, dedicadamente as traduções da Obra de Ubaldi, numa mesa em frente à minha de forma quase espelhada, de onde, entre outras atividades, escrevi este livro. Estas traduções têm sido, para ele, além de um exercício acadêmico de excepcional realização, um vasto mergulho no pensamento de Ubaldi, conduzindo a reflexões críticas sobre o lugar acadêmico, social, político e intelectual de sua obra no mundo contemporâneo decaído, tendo ele a manifesta convicção que é o biótipo do justo que irá transformar essa nossa sociedade adoecida. Tem também a finalidade espiritual em que a sensibilidade de André é posta à duras provas de superação do “homem velho” e decaído. Se eu pudesse decifrar em palavras a imagem que vejo, poderia dizer que é André em seu trabalho silencioso e solitário, num exaustivo esforço de longa maturação, em progressiva sensibilização, e não me refiro à mediunidade barôntica. Enquanto receptor humano relativamente envolvido ele entra em correspondência com Ubaldi através de seus livros, como pode e como sabe, por simpatia e afinidade, conforme sua capacidade, uma vez que, “a compreensão é um fenômeno de ressonância” (UBALDI, 1988).

Não somos médiuns ostensivos, mas quando trabalhamos em nosso modesto e bagunçado gabinete, sinto que somos atravessados por forças colaborativas positivas, oriundas das Vozes do Céu, de onde as ideias fluem abundantemente. Sentimos a orientação discreta de Ubaldi, que nos observa amoroso, sugere ideias, induz buscar bibliografia na sua própria obra. Eu e André, dois pequenos “eus”, com suas pobres culturas tentando seguir cambaleantes os passos do professor...!

Durante a pandemia de 2020, com o recomendado isolamento social pelo Ministério da Saúde, tivemos que nos reinventar e iniciamos, junto com quase duas centenas de alunos do Período Letivo Extraordinário da UEFS (PLE-UEFS), aulas remotas nas disciplinas optativas: BIO161 – Saúde e Espiritualidade e BIO163 – Terapias Corporais, discussões sobre vida, saúde, espiritualidade, alegria, personalidade, baseado em Reich, Lowen, Groff e Ubaldi. Saindo desta rica experiência a primeira publicação⁸, com apoio da Pró-Reitoria de Extensão.

A partir de então, engatilhamos dezenas de trabalhos, todos editados em pdf, gratuito, acessível pela página da UEFS (<https://cris.uefs.br>). Estes livros escritos por nós e pelos alunos são bem simples, têm finalidades bem práticas, concentradas numa única missão: de colocar em circulação pública o máximo de conteúdo que possa divulgar a Espiritualidade, a vivência dos alunos, e com destaque, para nós, o pensamento de Ubaldi.

E seguimos os dois juntos, na fé, na esperança, nutridos por Jesus-Kardek-Chico-Ubaldi-Roustaing e quem está nesta linha de evolução. Nós dois

8 Barboni AR, Barboni SAV. (Orgs.). Bricolagem com experiências acadêmicas remotas em tempos de covid-19. – Feira de Santana - BA: Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade da UEFS / UEFS. 2021. 352 p. ISBN978-65-00-23216-5.

sabemos que temos muito a caminhar e fazer para construir o verdadeiro amor, como ensina nosso amado professor: “[...] para chegar ao verdadeiro amor é preciso ter sofrido cinquenta anos juntos, unidos pelo sofrimento que redime e não pelo gozo material que nada produz em sentido evolutivo.” (SILVA, 2015, p. 205).

Capítulo 3 – Quem é o filósofo Pietro Ubaldi e qual a sua relação com o Brasil?

As noúres, o sistema, o antissistema, a queda, a evolução, as ressonâncias, a superconsciência, a justiça, o amor, os ideais franciscanos, são algumas expressões que exercem sobre os leitores de Pietro Ubaldi um enorme fascínio, movem as ideias e conceitos como matéria-prima à obra toda e ao coerente e sofisticado pensamento ubaldiano, expresso em vinte e quatro volumes e inúmeras palestras proferidas, por ele mesmo, durante sua vida no Brasil, de 1951 a 1972, quando faleceu. Seus livros, bem como estas palestras, versam sobre elementos epistemológicos e metodológicos de seu pensamento, que tem como fundamento a existência de Deus e sua Lei, a queda vibracional (“perda do paraíso”) e o retorno a Deus (evolução).

Pietro Ubaldi (1886-1972) foi um filósofo cristão espiritualista alinhado a São Francisco de Assis, que nasceu na Itália, na cidade de Foligno, em 1886, e viveu os últimos vinte anos de sua vida na cidade de São Vicente, no Estado de São Paulo, Brasil, país que adotou como pátria chegando a ofertar sua obra ao povo brasileiro/aos povos da América Latina.

Bacharel em Direito, nunca exerceu a profissão de advogado, dedicando-se à carreira de professor do ensino fundamental de escola pública na Itália, possuía muita e diversificada cultura/leitura, poliglota, tinha refinados conhecimentos musicais, uma educação aprimorada e um complexo e original pensamento analítico-crítico sobre o universo, que é explicado por ele como uma estrutura orgânica de natureza física-dinâmico-psíquico-espiritual.

Reencarnacionista convicto, apaixonado pelo Cristo, viveu a mediunidade intuitiva, de onde hauriu o conhecimento fundamental para produzir suas teses, inspirado por “Sua Voz”, que não pode ser caracterizada como espírito desencarnado, mas sim, uma corrente de pensamento potente, crística.

[...] O meu caso não é mediunidade para sessões chamando qualquer espírito. Isto não sei absolutamente fazer. Eu comunicava só com a “Sua Voz”, para meus livros e com D. Antonieta agora. Com outros familiares, até pai e mãe, não consigo comunicar. [...] (SILVA, 2015, p. 211).

Seus vinte e quatro livros formam o que se chama “Obras Completas” e, didaticamente, foi dividida em obra italiana, que vai das “Grandes Mensagens” até “Deus e Universo”; e a obra brasileira, de “Profecias” até o último livro, “Cristo”. A complexidade de temas tratados na Obra caracteriza a forte influência da Ciência (notadamente a Física Quântica e as Ciências Biológicas) e dos ideais franciscanos, de total obediência ao Evangelho.

Seus primeiros escritos chegam ao Brasil em 1934, traduzidos por Guillon Ribeiro, para o periódico “O Reformador”, da Federação Espírita Brasileira (FEB). Nesta época, Ubaldi é reconhecido como filósofo, depois passa a “místico” para alguns. De fato, o plano de trabalho ubaldiano envolve, sim, experiências místicas, no sentido do despertar interno da Espiritualidade e conexão com o Divino, mas não se reduz a elas, enquanto experiências particulares e solitárias, conforme tratarei à frente.

Ubaldi enfrenta os problemas de seu tempo. Assim como Bergson, Rousseau e Pascal, ele põe em xeque a Ciência, a Filosofia, denunciando e analisando seus limites, seus métodos, sua linguagem, a camisa-de-força metodológica imposta pela própria ciência, de inspiração aristotélica, cartesiana e kantiana (CARNEIRO, 2021). Propõe, assim, a superação de suas discursividades, por meio do emprego da intuição. Logo, é um trabalho hercúleo, reunindo ensinamentos que transcendem as esferas, tanto materialistas como as religiosas.

Seu principal livro é “A Grande Síntese” (1939), com pesado aparato científico, de onde ergueram-se grandes elementos estruturais de seu pensamento, escrito ao longo de três verões na Itália, que é considerado como a porta para composição de toda obra. De lá, Sua Voz fala de forma clara, firme e doce, ocupando-se, ao longo de cem capítulos, do problema do existir, prometendo liberdade, segurança, e no entendimento de suas equações, previsibilidade a todos os aspectos da vida.

Este livro foi traduzido em diversas línguas, ganhou o mundo, conquistando a atenção de incontáveis leitores, ganhou fama e espaço, chegando a Ernesto Bozzano, Einstein e Enrico Fermi – chancelas importantes, que lhe deram prestígio.

Monteiro Lobato também se encantou com “A Grande Síntese” e em 03 de junho de 1944, apresenta a Anísio Teixeira suas impressões, e relata “[...] que encontrei o meu livro – o queijo para casa e comida do rato velho que sou” (VIANNA; FRAIZ, 1986, p. 91).

Figura 3 –

Artigo publicado no Jornal EVOLUÇÃO. Campos [dos Goytacazes]: Fundação Pietro Ubaldi (FUNDAPU), Ano V, n. 37, fev. 1984. Especial Oração do Viandante. Bimestral. Com destaque para artigo “Monteiro Lobato escreve a Anísio Teixeira sobre a grande síntese”, contendo carta de Monteiro Lobato a Anísio Teixeira, de 1944.



MONTEIRO LOBATO ESCREVE A ANÍSIO TEIXEIRA SOBRE A GRANDE SÍNTESE

Carta de Monteiro Lobato
a Anísio Teixeira — falando
sobre **A Grande Síntese**, de Pie-
tro Ubaldi

S. Paulo, 3.6.1944

Anísio.

Passou por aqui um engenheiro baiano, Nery, que muito me falou de você; e também um moço da livraria do Otalles, que te levou meu abraço. Mas esta não é para nada disso — nem para comentar a entrada americana em Roma, o grande fato do dia de hoje. É para te comunicar algo muito mais importante.

Todos nós, Anísio, temos o vago sonho de encontrar um LIVRO que nos seja como uma casa definitiva — a casa de sonho que procuramos. Um livro no qual moremos, ou passemos a morar como um rato dentro de um

LIVRO — o queijo para casa e comida do rato velho que sou. E chama-se **A GRANDE SINTESE**, de Pietro Ubaldi. Foi traduzido por Guillon Ribeiro e publicado pela Federação Espírita. Temos de lê-lo de rabo a cabo — começando pelo fim. Estou a vagar no alto mar desse livro e tonto, deslumbrado, maravilhado — e inclinatíssimo a reescrevê-lo, tal a minha certeza de torná-lo três vezes mais claro. Guillon sabe a língua e tem estilo mas não procura facilitar a compreensão do leitor. Eu procuraria à força de clareza.

Quis mandar-te o livro em vez de apenas indicá-lo, mas não achei nenhum nas livrarias, estão tirando nova edição. Fica aí de alcateia para fagar um quando esta saia. E leia-o como estou fazendo: sem pressa nenhuma, com a simpatia aberta como uma flor; leia digerida e traduzidamente, isto é, re- traduzindo mentalmente em palavras tuas, não apenas as palavras que

Purezinha morou nela todo esse tempo, e foi essa persistência que me atraiu a atenção. Abria-a ao acaso, comecei a lê-la... e eis-me evangelizante! Eis-me a escrever ao Anísio para que a leia também. Por que ao Anísio e não a outro qualquer? Porque você é a Inteligência pura, Anísio, e tenho a certeza de que a tua opinião sobre o livro pode coincidir com a minha — e que glória para mim por tê-la indicado?

Mas se acaso seguireis meu conselho e leres A GRANDE SÍNTESE, não quero que me escreva logo após a leitura — e sim um ano depois: isto é, depois que a leitura amadurecer, como os vinhos...

Adeus. Dê-nos a tremenda notícia de que anda projetando uma daquelas famosas vindas a S. Paulo. Venha levantar o ânimo de S. Paulo que está "crest fallen" com a tua já tão longa ausência.

Lobato escreve que se dispõe a ser um melhor tradutor de “A Grande Síntese”, à guisa de uma clareza textual, por considerar o texto de Guillon Ribeiro incompreensível. Recomenda ainda uma leitura sem pressa, “de cabo a rabo”, iniciando do fim para o início do livro.

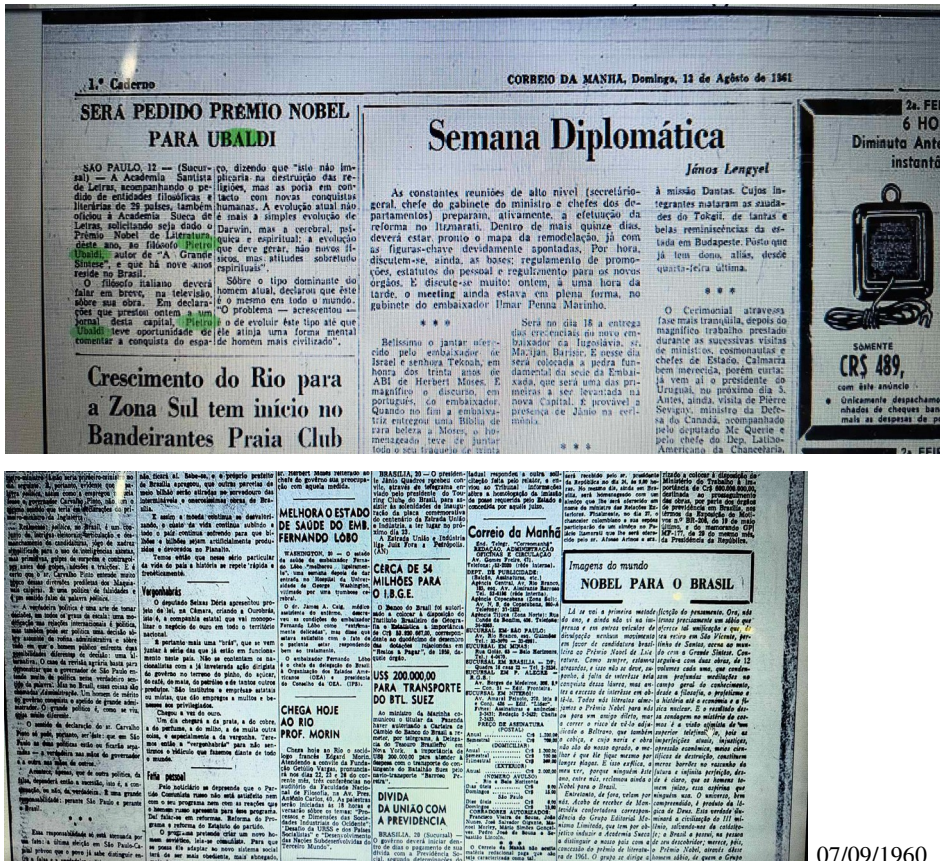
Em carta-resposta a Lobato, datada de 26 de agosto de 1944, Anísio relata que encontrou em Dewey o que buscava inconscientemente.

Mas a sua carta trouxe-me o desejo de voltar ao meu Dewey. E se puder voltar, isto é, se tiver forças de refazer a viagem, hei de lhe escrever sobre essa “residência da casa de meu pai”. Porque o Dewey, como o Ubaldi, construiu uma esplêndida morada, dessas de que a gente não quer mais sair. Aliás, com Dewey não é bem uma morada, mas uma “plataforma de lançamento”, de onde a gente parte para todas as direções do quadrante do futuro [...] De todos os filósofos é, com efeito, o único que não quis fazer uma filosofia, mas dar-lhe o método para você fazer a sua filosofia [...] Mas a verdade é que em Dewey encontrei alguém que põe na busca mais alguma coisa que o puro buscar. Não é a busca pela busca. Mas um buscar consciente da felicidade que produz esse esforço por encontrar; com encontros que constituem tão somente novas plataformas para novas buscas, numa confirmação daquela sábia palavra de Laocoonte, se não me engano, pela qual a verdade toda só a Deus pertenceria, e a nós homens, o buscá-la eternamente, a imensa delícia de um eterno jogo com a verdade [...].

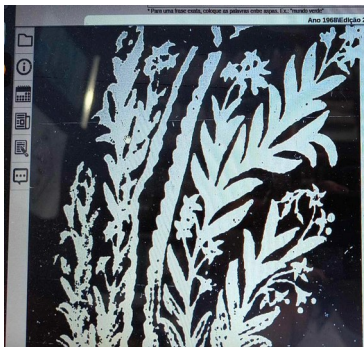
Em resposta, Anísio Teixeira não nega os postulados de Ubaldi, aquilatando-o a Dewey, que considera sua plataforma para voos enquanto Lobato parece ter encontrado suas respostas. Ou seja, trata-se de um momento importante de nossa história intelectual, de um debate pacífico entre Lobato e Anísio e que, guardadas as vocações, questões filosóficas e carências intelectuais das duas importantes personalidades, ficou restrito apenas às considerações de cada um, sem ganhar a mídia, sem desdobramentos.

Com a imigração de Ubaldi para o Brasil, em 1952, e circulando desde os meios intelectuais a simples de Centros Espíritas e sociedades espiritualistas, fazendo palestras, um movimento de intelectuais brasileiros desencadeado em 1960 reúne elementos para a candidatura de Ubaldi para o Prêmio Nobel de Literatura. Carlos Drummond de Andrade é um dos apoiadores, através de sua coluna do jornal Correio da Manhã (figura 4).

Figura 4 – Matérias publicadas no Jornal Correio da Manhã sobre a candidatura de Pietro Ubaldi ao prêmio Nobel de Literatura.



07/09/1960



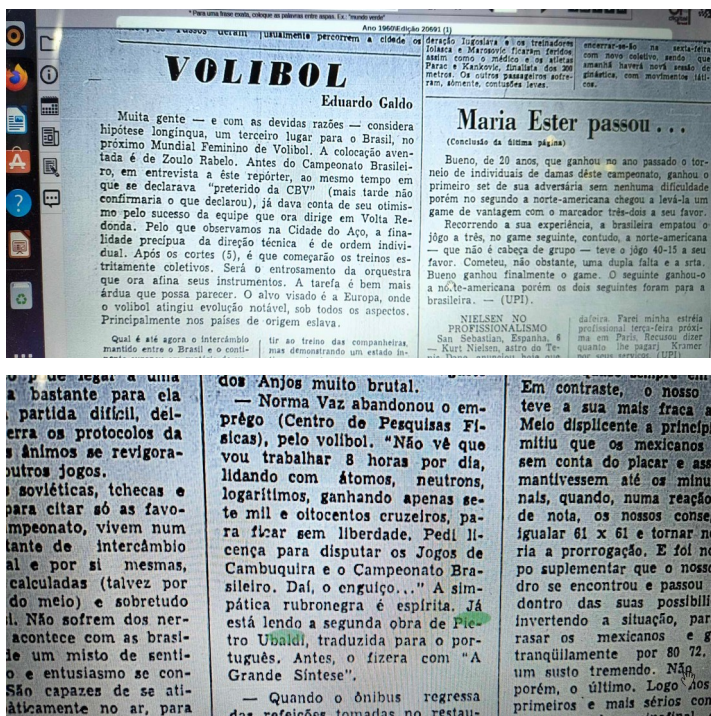
espiritualista que impedirá a catástrofe humana. Com base nos ensinamentos revelados ao mestre, e por este codificados em algumas dezenas de volumes, expressão analítica da verdade que ele, afinal, conquistou.

Há tempos, esses discípulos pensaram em obter para Ubaldi o Prêmio Nobel, e muita humilde colheu para uma missão ao projeto, sem resultado. A Academia Sueca, surda ao pensamento messiânico de Ubaldi, preferiu-lhe o ingratidão Ivo Andrić. No ano seguinte, mais tentativa: o Nobel para Steinbeck. Era intenção dos ubaldistas renovar anualmente a candidatura, até que os de Estocolmo acordassem e vissem não existir na face da Terra ninguém mais merecedor do galardão que o nosso Ubaldi. Pois o Prêmio, por vontade expressa do seu doador, não foi instituído para distinguir o autor da melhor obra de caráter idealista? Ora, o homem dos dois contadores de história, apresentados com o Nobel, jamais quisemos as pestanas para exco-negarmos o abissal mistério do destino humano e dar-lhe, com a explicação, a solução. Motivo (extra-ofi-cial) da recusa da Academia: se os livros de Ubaldi resultam de mensagem divina, tendo sido ele me-ro transmissor, o Nobel deveria ser concedido a Deus, e não a seu intérprete. Creio que os admira-

12/03/1968

Entre os destaques e celebridades da época, Martim Francisco, técnico de futebol, declara ler Kant, Rousseau, Freud, Spinoza, Alexis Carrel, Pietro Ubaldi (Revista Manchete, 21/03/1953 – Ed. 0048) e também a esportista jogadora de vôleibol, Norma Vaz, declara ser espírita e leitora de Pietro Ubaldi.

Figura 5 – Destaques na mídia jornalística sobre Pietro Ubaldi.



Mesmo com filosofia própria, sua afinidade com o pensamento platônico (mito da caverna), de Allan Kardec (reencarnação/evolução espiritual, justiça divina e fraternidade), Teilhard de Chardin ("companheiro de martírio"; sofrimentos morais; espirais da evolução espiritual; paixão pelo Cristo⁹), Goethe ("Fausto": tentações do mundo, poder e riqueza), Bergson (ideal moderno de ciência positiva ante o espiritualismo contemporâneo e a metafísica com o seu método intuitivo), permitiu que, pela perspectiva do homem justo, honesto, que o próprio Ubaldi traduz a partir da sua própria experiência de vida com a realidade injusta, fosse possível o entrelaçar de todas essas correntes de forma responsável, lógica, original e segura. A retidão ética de Ubaldi indicava um projeto de vida, um caminho de obediência e coerência entre o escrito-falado-vivido, uma vez que "toda a filosofia séria tem uma dimensão biográfica" (GOUHIER, 1961).

A nova matriz científica-filosófica em toda sua obra (Monismo), sustenta a fecunda tese de Unidade de Lei (Amor) e de Substância (matéria, energia e espírito como estados distintos da mesma essência) criados a partir de uma Inteligência Transcendente (Deus).

Para Ubaldi, houve uma criação única e espiritual no Absoluto da qual derivou, por queda vibracional, todos os universos e sua trina estrutura: matéria, energia e espírito, no Relativo (queda do anjo), tudo regido pela Lei de Amor. Ou seja, somos a derrocada do *sistema*: o *antissistema*, caracterizado pela imperfeição e transitoriedade que, por Evolução, retorna à Deus (Sistema; Casa do Pai; Céu; Planos Divinos; Sala do Trono). Com estes elementos, Ubaldi desenvolve toda uma filosofia sofisticada e complexa, que tem como eixo regulador a existência e sua fé em Deus, como criador/mantenedor de tudo que existe e para onde tudo retorna.

Sua tese também aprimora a metáfora do paraíso perdido por rebeldia do homem (queda do homem) e a redenção futura, com a vinda de Cristo, por meio da recomposição do mito expresso no livro bíblico do Gênesis.

O entendimento desta causa primordial e ontológica (queda do anjo) é indispensável para a compreensão crítica de seu pensamento por estarem aí embutidos os conceitos de “*sistema*” e “*antissistema*” e o significado da evolução. Este ciclo em espiral, do espiritual à matéria, e da matéria em direção ao espiritual, permitiu uma compreensão profunda sobre o Universo, onde nos encontrarmos, e seu funcionamento e, com isso, tomarmos consciência de nós mesmos.

Comparativamente com relação à criação original, as ideias espíritas eram mais moderadas, mais tímidas, mais aristotélicas (para o Cristianismo, Deus está no Céu; para o Espiritismo, estamos mergulhados em Deus como peixes no oceano). Isso não impediu que Guillon Ribeiro, livre de preconceitos e dogmatismos ali vislumbasse uma ampliação para os estudos espíritas de **O Livro dos Espíritos**. Como disse anteriormente, graças a ele, Ubaldi já era conhecido no Brasil, desde início do século XX, primeiro pelos seus artigos traduzidos e publicados no periódico espírita, “O Reformador”, depois pela **A Grande Síntese** (em 1939, quando aqui foi lançada pela FEB) e outros livros subsequentes que o caracterizavam como filósofo espiritualista cristão, portador de mediunidade.

Pelos achados desta pesquisa, é bom sublinhar, aqui, que é graças a essa percepção de Guillon Ribeiro que a conexão Kardec-Roustaing-Ubaldi será selada, expressa na revista O Reformador, e se espalhará pelo Brasil espírita, ganhando simpatizantes, alcançando terras longínquas, chegando à Bahia, às cidades do interior, incluindo a nossa Feira de Santana.

Aqui, podemos encontrar um significado profundo do que escreve Guillon Ribeiro, em “Os Quatro Evangelhos” (ROUSTAIN, 1999): “O Espiritismo é, hoje, a rede de Pedro”. Minha mãe repetia esta frase e hoje, emocionada, eu percebo seu significado sublime: sim, Sua Voz também nos escolheu, incluiu Feira de Santana, na rede de Pedro! Nordestinos, do semiárido baiano, também somos herdeiros, e somos eternamente agradecidos ao Prof. Ubaldi pela oferta gratuita e generosa de sua obra para nós brasileiros e demais irmãos da América Latina. Feira de Santana é solo adubado que recebeu a boa semente desde anos 1950, e, como herdeiros, temos a responsabilidade de cuidar deste patrimônio.

Narra Edgard Armond, no livro “Conferências no Brasil” (1952)¹⁰, que, em 1949, os direitos autorais para publicação das obras de Ubaldi foram conquistados pela Federação Espírita do Estado de São Paulo (FEESP), via esforços de A.J. Batista Lino (então diretor da Livraria Allan Kardec Editora, LAKE), que também esteve envolvido no processo da visita de Ubaldi ao Brasil. Mas não bastava publicar e vender livros; o pensamento ubaldiano precisava estar-no-mundo, criar seu espaço, ser compreendido, ser socializado, ser popularizado em língua portuguesa, espalhar-se, impor-se. Ou então ficaria restrito a coleção bibliográfica obscura, desconhecida, excêntrica, fazendo número em prateleiras de bibliotecas, excêntrica, sem fazer diferença.

Convidado por um grupo de apoiadores (Comissão Pró Visita de Pietro Ubaldi ao Brasil), caracterizando uma grande campanha em função do reconhecimento, à necessidade urgente de uma ampla divulgação de seu pensamento no “Brasil coração do mundo, pátria do Evangelho”, Ubaldi recebeu em seu retiro na Úmbria, Itália, a visita de Silvino Canuto de Abreu, que era uma espécie de porta-voz do conjunto dos interessados em sua vinda ao Brasil.

A disseminação de seu pensamento num Brasil dos anos 1950, gigante e sem infraestrutura, exigiu, além de soluções inéditas e ousadas, um alto investimento financeiro e disposição pessoal da equipe local.

Em março de 1951, uma campanha foi criada e liderada por Edgard Armond, em nome da FEESP, numa ação conjunta envolvendo espiritualistas, políticos, lideranças espíritas, entre eles, Clóvis Tavares, líder da “Sociedade dos Amigos de Pietro Ubaldi”, com sede em Campos dos Goytacazes (RJ), atendendo aos anseios do povo brasileiro para que Ubaldi viesse ao Brasil.

Em 22 de julho de 1951, Ubaldi chega ao Brasil, no Aeroporto do Galeão, RJ, para uma estadia de três meses de conferências, em diversos Estados brasileiros, escreve Armond. Inicia-se uma das mais belas contribuições para a educação em espiritualidade profunda no Brasil. Para aquele homem de 65 anos,

10 Conferências no Brasil, LAKE, São Paulo, 1952.

estrangeiro, foi todo um exaustivo e apaixonante processo pedagógico, no qual ele esteve envolvido, com a convicção de quem cumpre um dever, sem fingir santidade. Sai pelo Brasil afora, espalhando boas sementes sobre as novas formas de conceber o mundo, ouvindo e falando com o público e não apenas transferindo ou impondo conhecimentos, uma vez que o propósito era trabalhar a capacidade de raciocínio lógico das pessoas, frente ao problema da “origem de tudo”.

Em todas as palestras, Ubaldi configurava sempre como orador principal, nos diversos Estados. O idioma não parece ter sido problema: Clóvis Tavares, admirador e amigo desde sempre, poliglota, foi seu tradutor nesta extensa turnê e esteve presente nas dezenas de conferências, exceto aquelas que ocorreram no Nordeste brasileiro.

Apesar do apoio de políticos influentes da época, Ubaldi não se filia a nenhum partido ou impulsiona candidaturas, própria ou alheias, não tomou posição direita/esquerda, mas não foi omissor, “neutro”. Como explicado exaustivamente por Paulo Freire, é impossível uma educação neutra que se diga a serviço da humanidade, dos seres humanos em geral, e Ubaldi era consciente de sua missão como professor das massas.

Totalmente apoiado nos ideais cristãos franciscanos, definiu para si mesmo uma vida de pobreza e justiça, sempre a favor dos oprimidos. Em diversos capítulos de seus livros, trata sobre Política, no aspecto filosófico, e da equidade, embasado no Pensamento Social do Cristo, que inspira o tratamento de temas, como: os biótipos terrestres, o Estado, o Capitalismo, o Comunismo, Justiça Social e a Propriedade Privada.

Nas palestras proferidas no Brasil, focadas no público adulto, ele se apresenta como um pensador a serviço de uma radical mudança de mundo, mudança essa que ele mesmo vive e acredita, saindo do individualismo para o modelo sistêmico, do altruísmo e da honestidade, insurgindo contra a lógica materialista, separatista e antivital. Sua tese de queda vibracional cria sentido para o existir do Universo e significados práticos importantes, na vida de cada pessoa.

O período 1951-1961 com intensa atividade de palestras, cursos, materiais publicados, Ubaldi se compromete com o desenvolvimento do nosso país. Nessa perspectiva, Ubaldi assume, no Brasil, um papel, sobretudo, político. Ele se posiciona, na experiência e sabedoria acumulada nos seus 65 anos de idade, como professor de uma nova civilização para o povo brasileiro, ciente de que a disseminação desse novo mundo implicava num saber mais elaborado sobre o Universo – origem e seu funcionamento – poderia, de alguma forma, trazer consciência de vida, mudanças radicais, infundir otimismo e alegria, proteger contra a exploração materialista, organizar para a construção de uma sociedade mais fraterna e justa, aqui na América do Sul.

O papel de Ubaldi, como educador, para esta nova civilização do espírito, era viabilizar a aprendizagem e o entendimento destes novos referenciais, criando, também, condições favoráveis e aprimorando os conceitos operatórios para uma **Pedagogia da Bondade**, ou a **Bondade como Pedagogia** (“Eu gostaria de fazer o bem na maior escala possível”¹¹). Não defino a **Pedagogia da Bondade**, ou a **Bondade como Pedagogia**, com base em algum autor, ou linha filosófica específica, que não seja o próprio Ubaldi.

[...] a obra de educação é verdadeiramente o ato de fraternidade. O educador representa a força do bem, fazendo-se canal para a sua descida desde o divino, [...] A educação é bondade [...]

...

Devemos voltar-nos ao povo para elevá-lo em massa(...) (UBALDI, 1939).

Ainda que não formalizada em seus livros, eu percebo essa Pedagogia da Bondade, por ele exercida, como um dever, que criava espaços e condições para um diálogo reciprocamente educativo. Com esta rica experiência, Ubaldi por sua vez, também se permite sair das couraças de homem europeu e vai sendo impregnado pela “alma simples, alegre e bom coração” dos brasileiros, ainda que pela sua alta sensibilidade mediúncia, isso lhe custasse muito.

Neste processo de ensino-aprendizagem com o povo, Ubaldi interagiu como homem, como médium/sensitivo, lendo a alma dos sujeitos de diversas identidades e origens, condições intelectuais e interesses pessoais, exigindo dele, além do dever, um exercício pedagógico vigoroso de mediação, para possibilitar o acompanhamento e participação das pessoas ativamente ao seu raciocínio. Mas não apenas isso: seu propósito também era tocar, com bondade, seus corações angustiados, como expressa em “As Noures” (1988, p. 70):

[...] pode-se compreender quão tormentosos esforços a sociedade impõe a esses sensitivos, que, no entanto, devem dar gratuitamente, não se tornando suspeitos, o fruto de suas vidas. Têm de permanecer no mundo de todos, onde se deve ganhar com o trabalho o direito de viver; têm de sofrer os choques proporcionados à sensibilidade normal e que são para eles esmagantes [...]

Entretanto, se o dever que nossa época impõe é o de ir de encontro ao povo, este é também o seu primeiro dever, porque eles se encontram mais no alto. É preciso indicar e abrir os caminhos ativos da ascensão ao povo, porque este não sabe e se atira por caminhos que encontra abertos.

Ele fala em auditórios, com muita classe, voz clara, expressiva, de timbre suave, atento aos questionamentos, ensinando com absoluta imparcialidade, sem manipulação ou doutrinação mas transmitindo segurança em seus argumentos fecundos, para a compreensão de suas teses avançadas e quase inacessíveis, que ele buscou articular ao saber científico, numa perspectiva que tivesse como centro o homem em evolução.

Sempre em paletó e gravata, no inclemente clima tropical brasileiro sem a climatização hoje tão corriqueira nos espaços fechados, sem formalidade, solenidade ou estratégias para hipnotizar plateias, ou ainda, apelando para anedotas. Manteve-se humilde – nunca acatou endeusamento à sua pessoa. Sem narcisismo, sempre discreto, sério, respeitoso e modesto em suas palestras, comunicando sem arrogância um saber que ele entendia não ser seu, mas oriundo de outras dimensões espirituais. Jamais enalteceu a Europa, a si mesmo ou seu trabalho. Não tratava de sua vida particular, nem depoimentos íntimos, seja da vida familiar ou vida profissional.

Nos breves intervalos de descanso destas viagens pelo Brasil, ele e os apoiadores próximos visitavam locais que se revestiriam de grande significado espiritual, como veremos adiante: a praia, obras sociais, entre outros.

Que cidades foram escolhidas para ouvir, discutir suas ideias? Qual o critério usado nesta escolha?

Não encontrei respostas para estas indagações, mas creio que, pela diversidade regional, dimensão territorial do país e o curto período de sua estadia, as visitas de Ubaldi se restringiram a algumas capitais e pouquíssimas grandes cidades, sem alcance junto às periferias e setores rurais. Talvez, pressupondo ações de forma orgânica, em redes dinâmicas, os participantes se tornassem multiplicadores e fortalecessem a disseminação do pensamento ubaldiano. Uma das capitais visitadas por Ubaldi e sua comitiva foi Salvador, e mesmo com a proximidade entre a capital baiana e Feira de Santana, não encontrei registros ou indícios de participantes ouvintes feirenses que tivessem se deslocado para conhecer o filósofo italiano.

Figura 6 – Desenho feito por Pietro Ubaldi, com alguns locais visitados na primeira vinda ao Brasil.

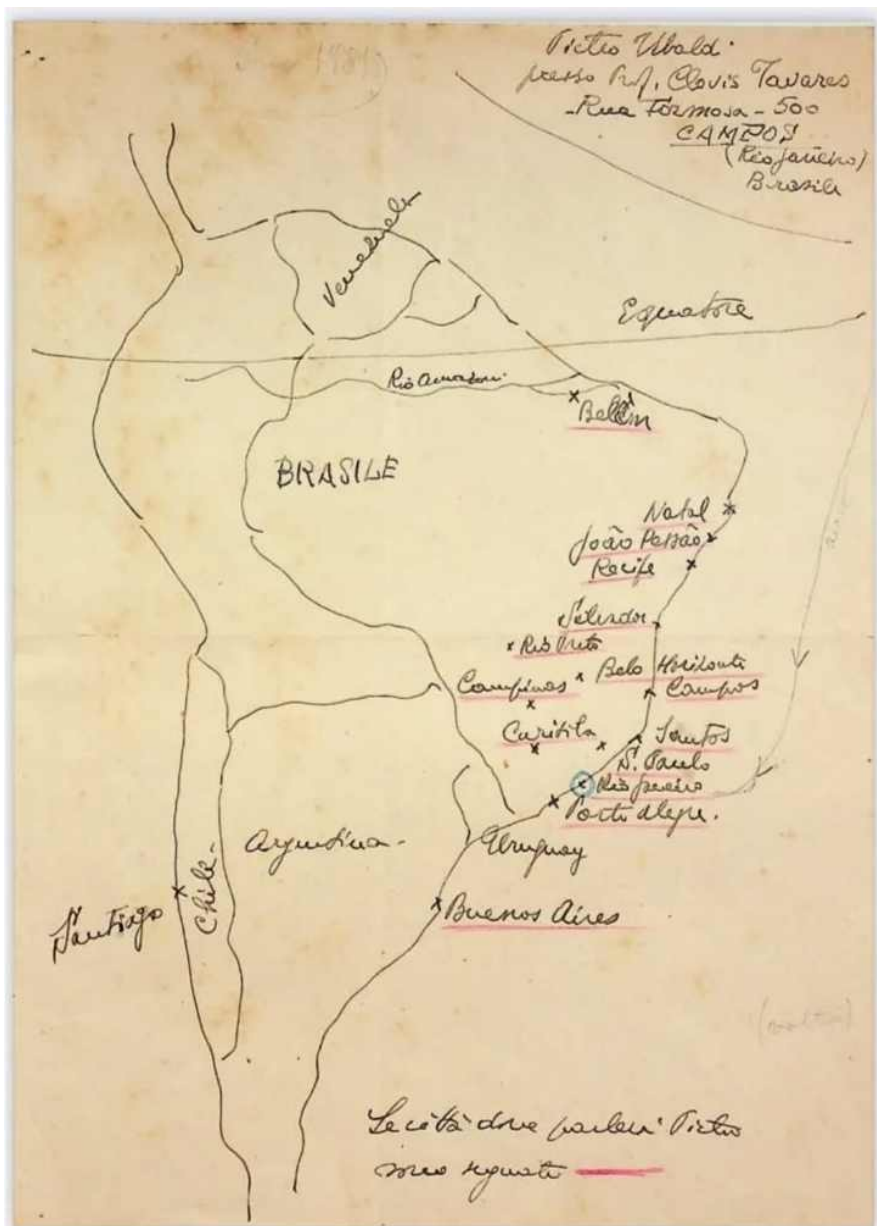


Figura 7 - Prints de recorte com resenha "Verdadeiro Exemplo de Apóstolo", sobre palestras realizadas por Ubaldi em Santa Catarina, outubro de 1951, publicadas no jornal O Estado. (Continua).

O Estado

Florianópolis, Terça-feira, 30 de Outubro de 1951

POR CULPA DO GOVERNO

Foi o teor do telegrama recebido pelo Deputado Walter Tenório Cavalcanti:

Na qualidade de representante do povo, eleito pelo PSD, quero solicitar ao preclaro amigo apresente-se veemente protestos contra o deplorável estado em que se encontram os longos muros, inúmeras pontes, e pontilhões existentes nas rodovias estaduais, neste município, oferecendo grave perigo ao trânsito. Muitas são as pontes e pontilhões feitas de madeiramento fraco, sem a necessária resistência. Ainda ontem caiu a ponte provisória que vinha servindo há diversos meses, sobre o Rio da Vargem, na estrada Caril-Lajes, quando passavam caminhões da Empresa Arlindo Rosa, contendo vários carros, procedentes de Porto Alegre e destinada à praça de Jaciaba e outras, ficando completamente estragados o caminho e a carga. Misericórdia formo salvo o esforço e o trabalho, o Governo Estadual, é responsável direto, em virtude de não haver tomado providências para a reconstrução de duas obras. Jámal se verificou tamanho descuido, no administrativo, principalmente, pelo Poder Executivo.

Verdadeiro Exemplo de Apóstolo

APOS DUAS MEMORÁVEIS CONFERÊNCIAS. O ILUSTRE PENSADOR ITALIANO, APOS VISITAR O SR. GOVERNADOR EM PALÁCIO, EXTERNOU IMPRESSÕES A "O ESTADO". — FUNDADA A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA UNIVERSALIDADE DE CRISTO

A culta sociedade florianopolitana hospedou, de sábado à manhã, de ontem, o Prof. Pietro Ubaldi, catadrático de filosofia em Roma e uma das mais notáveis expressões da cultura moderna.

Tão logo o ilustre pensador chegou a esta Capital, o Prof. Ubaldi, catadrático de filosofia em Roma e uma das mais notáveis expressões da cultura moderna.

Tão logo o ilustre pensador chegou a esta Capital, o Prof. Ubaldi, catadrático de filosofia em Roma e uma das mais notáveis expressões da cultura moderna.



Na noite de domingo último, ao velho e centenário Teatro Alvaro de Carvalho, conforme fora anunciado, perante centenas de pessoas, entre as quais o sr. Tenório Cavalcanti, representante do Estado, o Prof. Pietro Ubaldi teve a satisfação de falar ao público desta Capital, sendo, pelo sr. Elvies Tavares, a sua segunda Conferência, sob o tema "O Problema do Destino e do Impedimento".

Apresentou à culta sociedade florianopolitana, o Jorn. Oswaldo Melo, falando, ainda, nesta oportunidade, de os srs. Altino Oliveira e

Fundada a Ass. Brasileira do Teatro Alvaro de Carvalho da Universidade de Cristo (Pietro Ubaldi) - Associação

O Estado

Florianópolis, Terça-feira, 30 de Outubro de 1951

Verdadeiro Exemplo de Apóstolo

ANIVERSÁRIOS:

MARIA HELENA GARCIA
Comemorou, ontem, o seu 30º aniversário natalício, entre a alegria dos seus pais e amigos, a interessante e menina Maria Helena Garcia, filha do sr. Márcio Garcia, alto funcionário do PASE, nesta Capital.

Na residência dos seus pais, Maria Helena reuniu as suas irmãs e amigas, oferecendo-lhes interessante festinha, com rinhos doces e guaranis.

O ESTADO, entretanto, registra o feliz aniversário, felicitando a aniversariante.

KATZ C. S. F. LIMA
Passa, hoje, o aniversário natalício do jovem Luiz Carlos Sayão Ferreira Lima, estudante e filho do dr. Armando Ferreira Lima, alto funcionário do Ministério da

Verdadeiro Exemplo de Apóstolo

NA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

DISCURSO DE INTERESSE DO DEPUTADO ENEDINO RIBEIRO — ESTRADAS PESSIMAS — A U.D.N. E UM TELEGRAMA AO CHEFE DA NAÇÃO — APOLOJO AO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE SERVIDORES PÚBLICOS, NA PRÉSIDIA DA REPÚBLICA E AO GOVERNADOR DO ESTADO.

Presidência a sessão de ontem, da Assembleia Legislativa, o deputado Protázeno Vieira.

Depois de lido o expediente, ocupou a tribuna o deputado Siqueira Belo, que falou sobre o Dia do Funcionário.

Depois de exaltar o servidor público, requereu fossem transmitidos telegramas de congratulações, pelo transcurso da data, ao presidente da Associação Catarinense de Servidores Públicos, na Presidência da República e ao Governador do Estado.

Apoiando o requerimento em nome da Bancada da União Democrática Nacional, foi ao microfone o deputado Bulcão Viana, que lembrou as homenagens sempre prestadas, pela Casa, aos honrados servidores públicos.

Pelo P.T.B., solidarizando-se, falou o deputado Paulo Marques, tendo o deputado Enory Teixeira Pinto se associado ao proposto em nome do P.S.P.

Ainda a encenda, a 10.

O deputado Enedino Ribeiro serviu-se da tribuna para fazer uma investida contra a encenda, a 10, e para a proposta orçamentária por deputados do Partido Social Democrático.

Verdadeiro Exemplo de Apóstolo

Florianópolis, Terça-feira, 30 de Outubro de 1951

NOVAMENTE O ESTADO DE EMERGÊNCIA NO CAIRO

CAIRO, 29 (U.P.) — A polícia concentrada no bairro central desta capital e nas imediações das estradas, norte-americana e britânica, em vista de ter aumentado a tensão no Cairo, pelo curso de rio em consequência da volta de Winston Churchill ao poder na Inglaterra. A primeira hora de hoje foi proclamado o estado de emergência no Cairo, na expectativa da repulção dos distribuidores.

O mais antigo Diário de S. Catarina

Ano XXXVIII

N. 11.970

50 CENTAVOS

Florianópolis, Terça-feira, 30 de Outubro de 1951

NOVAMENTE O ESTADO DE EMERGÊNCIA NO CAIRO

CAIRO, 29 (U.P.) — A polícia concentrada no bairro central desta capital e nas imediações das estradas, norte-americana e britânica, em vista de ter aumentado a tensão no Cairo, pelo curso de rio em consequência da volta de Winston Churchill ao poder na Inglaterra. A primeira hora de hoje foi proclamado o estado de emergência no Cairo, na expectativa da repulção dos distribuidores.

Figura 7 – Prints de recorte com resenha “Verdadeiro Exemplo de Apóstolo”, sobre palestras realizadas por Ubaldi em Santana Catarina, outubro de 1951, publicadas no jornal O Estado. (Finaliza).



Em que pese currículo e títulos acadêmicos, Ubaldi não foi/é pesquisador, catedrático, intelectual acadêmico ou teve carreira de professor universitário. A densidade teórica de suas teses, permitiu que ele vivesse o mundo dos pensadores e estudiosos laicos e espiritualistas brasileiros de diversas correntes da época. Suas palestras, programas de rádio, eventos, visitas a obras sociais diversas e encontros com outros espiritualistas e o público em geral, seguiu na contra-hegemonia intelectual, num movimento orgânico que avançava cada vez mais.

Estes muitos pensadores e estudiosos espíritas e espiritualistas brasileiros de diversas correntes, após ampla divulgação do pensamento de Ubaldi, nos anos 1950, procuraram aproximar-se, debater, estarem atentos ao seu pensamento monista e associar as suas ideias, notadamente ao Espiritismo.

Os que tiveram contato pessoal com Pietro Ubaldi, durante sua vida no Brasil, referem-se a um homem inteligente, educadíssimo, afável, tímido, que abominava a mentira, e era inclinado aos simples. Ele nunca discriminou ninguém por qualquer discordância filosófica ou religiosa, classe social, etnia, gênero, e com entendimento fraterno, sabia conviver com as diferenças.

Ele era otimista, de olhar fixo no Cristo. Os temas de seus livros guardam esperanças, consolações, amor de um Deus misericordioso e presente em todo lugar, em todos os templos e corações.

Mesmo na Itália, Ubaldi era avesso às religiões de massa, às multidões preferindo o recolhimento, as igrejinhas singelas, locais silenciosos, vazios, quietos para suas orações, como assim falava Ariston Teles, em suas palestras (ATAS, 2007).

Mesmo com seu reconhecido talento filosófico, Ubaldi não era adaptado ao *métier* de intelectuais eruditos, figurões acadêmicos e professores renomados,

orgulhosos de seus saberes ou de adulações, aplausos, dos debates, academicismos, e polêmicas. Pelo contrário, era reservado, observador e silencioso, na maior parte do tempo, ciente de sua missão junto aos poderosos: “Minha peregrinação destina-se à educação das elites, dos dirigentes. Nunca prego ao povo, às massas. Faço conferências e não promovo comícios” (Revista O Cruzeiro, 1968 – Louco, iluminado, sábio ou enviado de satã? Texto de Jorge Ferreira).

Ubaldi não veio o Brasil para fundar religião ou ser líder religioso. Ele sempre foi e é livre; nunca se preocupou se estávamos fazendo boas traduções de seus livros ou não, se estávamos valorizando seu legado ou não. Ele veio para cá e, embaixo de todo sofrimento, cumpriu seu dever. Agora, é conosco, que aparentemente ter entendido sua mensagem (ATAS, 2007).

Clóvis Tavares faz contatos para estabelecer um itinerário de visitas e palestras para Ubaldi no Brasil, recebendo acolhida, a exemplo deste trecho da carta resposta de Chico Xavier a Clóvis Tavares, registrada no livro “Sal da Terra”, de autoria de Clóvis Tavares:

Pedro Leopoldo, 30 de março de 1950

[...] Acredito profundamente que a mensagem de Pietro Ubaldi é a tradução do pensamento do nosso Divino Mestre para a inteligência do nosso século. Nosso devotado missionário é o instrumento de venerandas vozes, das quais se destaca 'Sua Voz', a voz de nosso Amigo Celestial.

[...] Tudo o que você puder me enviar de Ubaldi ser-me-á um grande conforto. Todas as notícias e trabalhos dele são por mim esperados com ansiedade...

Com aquiescência de Chico Xavier, em 1951, levaram Ubaldi até a cidade de Pedro Leopoldo, Minas Gerais, para o encontro com o médium e expoente espírita, visando reconhecimento, apoio, prestígio e produzir engajamento do Movimento Espírita, e também, cooperação e vivências espirituais.

Neste encontro, Chico Xavier teria revelado a Clóvis Tavares que Ubaldi era a reencarnação de Pedro da Galileia. Então, apresentar Ubaldi à comunidade espírita e espiritualista como Pedro reencarnado seria uma forma de dar-lhe prestígio, legitimar sua obra e seu pensamento, definindo seu destino, seu caráter, sua missão? Sim, porém não foi determinante.

Desta primeira estadia de três meses em 1951, muitos frutos promissores foram colhidos. A repercussão e a aceitação inicial de seu pensamento foram significativas, a tal ponto que, desta rica experiência vem o convite para Ubaldi mudar para o Brasil, por ter recebido promessas de apoio por parte de seus simpatizantes, e considero que o fator que exerceu maior influência na decisão pela migração para o Brasil foi a grande receptividade de sua mensagem, banhada em águas de afeto pela pessoa dele, como pode ser lido abaixo:

Meu pressentimento, expresso em minha anterior mensagem, cumpriu plenamente. O Brasil respondeu de modo completo, com perfeita compreensão, confirmando com fatos o que me fora antes anunciado por inspiração. Tudo se processou normalmente, conforme a vontade de Deus e seus planos estabelecidos. Agradecemos a Deus, que nos ajuda através dos difíceis caminhos do bem.

Apenas uma ou outra voz isolada se levantou contrária. E se isso aconteceu foi somente porque alguns não puderam compreender. Se houvessem entendido os conceitos fundamentais do meu trabalho, claramente por mim expostos, que são: “imparcialidade” e “universalidade” e sobretudo “amor a todos”, a elevação daquelas vozes teria imediata e claramente aparecido a todos como coisa sem sentido (Ubaldi, Grandes Mensagens).

Aos meus queridos amigos da Escola Jesus Cristo, de Campos.

A imensa tristeza de sentir-me distante de vós me impele a escrever-vos estas linhas e assim posso estar, ao menos por alguns instantes, presente entre vós.

Já havia previsto e vos havia descrito esta cena: aqui estou Gubbio, sozinho, junto a minha mesinha de trabalho, ao lado do leito, em meu quarto frio. Lá fora há neve e tudo é silêncio.

Olho as fotografias tiradas no Brasil, em Campos, em Atafona: olho vossas cartas e dádivas e choro de saudade de todos vós. Quantos testemunhos de afeto me destes! Entre vós, em Campos, encontrei a grande afeição de que tanto tinha necessidade e que falta aqui, onde me encontro.

[...]

Amo-vos imensamente e já não posso viver aqui sozinho, longe de vós, sem vossa presença. Seja nosso pranto de tristeza confortado pela certeza de que nos abraçaremos de novo. Somente esta certeza é que me dá ainda força para viver, lutar e sofrer.

Com minha imensa gratidão por tudo que por mim fizestes, abraço-vos a todos com afeto (Ubaldi, Grandes Mensagens).

E em 08 de dezembro de 1952 desembarcam no porto de Santos, Ubaldi e sua família– ele, esposa, filha e duas netas¹² – fixando residência em São Vicente, Estado de São Paulo¹³, abaixo do trópico de Capricórnio.

“Estou escrevendo em terra brasileira, no Natal de 1955, em São Vicente, sua *‘cellula mater’*, três anos após haver desembarcado, a 8 de dezembro de 1952, nesta minha nova pátria”, escreve Ubaldi no prefácio (Gênese da II obra) do livro “Profecias”. Aqui, ele considera São Vicente como célula mãe de sua nova vida e o Brasil, a nova pátria.

Neste mesmo livro, Ubaldi descreve sua viagem de travessia do Atlântico. Não encontrei registros sobre quais foram os impactos e as impressões iniciais de sua família – o “Brasil sonhado”, paradisíaco – acostumada ao clima e a sociedade europeia, ao chegar ao porto de Santos, Brasil. Ele, a esposa, a filha e duas netas pequenas. Era dezembro, verão num país marcado pelo clima tropical,

12 Silva (2015, p. 33).

13 A cidade de São Vicente nomeia um de seus logradouros Rua Pietro Ubaldi – Conjunto Residencial Humaitá, CEP 11.348-000. Assim como Rio Verde (GO) CEP 75903-123, Vila André Luiz; CEP 28024730, Alphaville, Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro; Praça Pietro Ubaldi – Carrão, São Paulo – SP, 03501-010; e, Escola Espírita Pietro Ubaldi, Goiânia (GO).

quente nesta época. Como terá sido esse encontro, a passagem pela alfândega, o trânsito, os prédios públicos, as igrejas, os hospitais, os colégios, a presença policial e militar, as pessoas andando nas ruas, a chegada na nova residência, a falta de fluência no português, o fuso horário, o cotidiano, as sociabilidades...?

Outra questão: como o Brasil chegou até eles, através da mídia, e, em especial, qual a expectativa de sua família pelas narrativas do próprio Ubaldi?

Neste período, entre 1951-1960, cerca de 90 mil imigrantes italianos vieram para o Brasil. Deste período até 1970, especialmente no Sudeste, foi o deslanchar da acumulação de capital, quando o país ingressa no processo de industrialização, com a produção de bens de consumo em especial, os de bens de capital, os duráveis, com a chamada industrialização “pesada”, e pela entrada de multinacionais (TAVARES; BELUZZO, 1979).

Quase nada está publicado sobre a imigração italiana para o Nordeste brasileiro, pois o número de italianos para a região foi ínfimo, se comparado ao contingente que rumou para os estados do Sul e do Sudeste. Todos os estudos sobre imigração de italianos para a Bahia não incluem Feira de Santana. Muitos escritores italianos, contrários à imigração para a província da Bahia, publicaram nos jornais estrangeiros acusações depreciativas à Bahia, como terra sem recursos, sem civilização, de elementos primitivos, sem hábitos, sujos e mal educados – o que indica o modelo etnocêntrico europeu. A região sertaneja, semiárido, do bioma caatinga, onde Feira de Santana se localiza, sempre foi considerada atrasada, miserável, inhóspita, rústica, muito quente, e sem perspectivas de desenvolvimento.

Dentre os diversos intelectuais, pensadores e estudiosos, os que eram espíritas tentaram consolidar um novo referencial vanguardista, entre Ubaldi e Kardec, nunca uma substituição de um pelo outro.

E como se sabe, com a publicação de novos títulos e o empenho dos leitores, aprofundando a compreensão de seus argumentos, interpretando a nova informação, de acordo com suas próprias crenças, inicia-se um jogo de forças e a obra de Ubaldi ganhou severas críticas de adeptos do Espiritismo, uma vez que, mais do que na elaboração de um novo pensamento científico-moral/ético-religioso, alegava-se o conflito e a interferência negativa de suas ideias, nos ditames originais da Codificação Kardequiana. Ubaldi incomodou por problematizar temas tidos como dogmas espíritas e então o conflito estabelecido visava a superação do aspecto conservador da Doutrina Espírita, a tal “pureza doutrinária” liderado por Herculano Pires numa campanha anti-Ubaldi¹⁴.

Ubaldi, pessoalmente, não alimentou as revelações de suas reencarnações, nem as polêmicas em torno de suas teses, e também não se dobrou aos imperativos dos interesses particulares desse ou daquele grupo. “É crime trair

o ideal”, escreveria. Movido pela ética, pelo dever e pela coerência de seu caráter honesto, extremamente reservado e sem alarde, afastou-se, humilde e silencioso, das arenas de disputas. Não, não foi uma estratégia astuta. Ele percebeu que suas colocações não foram bem compreendidas e não encontraram eco entre muitos espíritas da época e assim, sem querer polemizar e entendendo o momento psicológico, preferiu ausentar-se das contendas¹⁵.

O prejuízo foi grande. Prejuízo moral principalmente. Desarmado, Ubaldi na sua sinceridade e honestidade, sofreu todo tipo de violência simbólica. Foi isolado, cancelado, excluído, abandonado por muitos de seus apoiadores, caindo de certa forma no ostracismo. “Certamente, hoje não mais se mata o corpo; faz-se pior: isola-se o indivíduo, pondo-o em condições de não mais poder viver e produzir. Em resumo, ele é morto em espírito”, escreveu Alessio Galati, num opúsculo sem data, publicado pelo Grupo Editorial Monismo sobre “A Função Histórica de Pietro Ubaldi na Hora Presente”.

Não satisfeitos com o cancelamento, também passaram a difamá-lo, como já se ensaiava anteriormente conforme noticiado em “O Reformador”, de setembro de 1944¹⁶. Plínio Antônio Branco escreve um artigo com o título: “A Grande Síntese”, no qual responde a um articulista do jornal “Folha da Manhã”, de São Paulo, que tratava “A Grande Síntese” como livro fascista, “recomendando-lhe prudência na apreciação que fez de tão respeitável trabalho”.

Além disso, no espaço acadêmico, há ainda o uso da obra e argumentos de Ubaldi para sustentar ideias alheias ao seu foco. Miguel (2012), em sua dissertação de Mestrado sobre o “Movimento Universitário Espírita (MUE): Religião e política no Espiritismo brasileiro (1967-1974)”, mostra que a referência à obra ubaldiana, citando trechos, foi usada para sustentar argumentos, bem como justificar ideias e militância políticas:

... é com A Grande Síntese que o articulista quer convencer o leitor da importância do Estado, do seu aperfeiçoamento e do seu papel na renovação social. Citando a obra de Pietro Ubaldi: “(...) à frente desta renovação não pode estar senão o órgão máximo da consciência coletiva: o Estado”, Noronha Filho pretende dos espíritas um posicionamento e uma atuação efetivamente política no objetivo de promover profundas transformações sociais (A Fagulha, nº 4, p. mar – abr, 1968, p. 7). E, nessa atuação, o papel da Doutrina Espírita seria central: “nossa doutrina filosófica, lastreada no conceito dinâmico de evolução, tem de ser a base de todas as concepções políticas modernas, em consonância e paralelismo com a visão cosmogênica de Chardin e o conceito dialético de Marx” (A Fagulha, nº 4, p. mar – abr, 1968, p. 8).

15 Segundo o site da União Espírita Cearense (https://usece.blogspot.com/2013/06/surge-uniao-espirita-cearense_29.html) “No ano de 1963, José Herculano Pires assumiria atitude enérgica em relação às pretensões e críticas de Pietro Ubaldi à obra da Codificação Espírita. O fato deu-se por ocasião do Sexto Congresso Espírita Pan-americano, realizado em outubro de 1963, em Buenos Aires. Ubaldi enviara ao congresso uma tese (vide o *Libro del Sexto Congreso*, p. 296-304, editado pela Confederação Espírita Panamericana em 1964). A comissão redatora dos anais do VI Congresso Espírita Pan-americano (congresso presidido pelo filósofo Humberto Mariotti) respondeu às críticas e pretensões de Pietro Ubaldi nos mesmos termos de Herculano Pires. (maiores detalhes ver <http://www.vinhadeluz.com.br/site/noticia.php?id=1306>)”.

16 Disp.: <https://app.docvirt.com/revreform/pageid/20949>.

Para este mesmo autor

A Grande Síntese, de Pietro Ubaldi, conforme já analisamos em estudo anterior (MIGUEL, 2009b), é uma obra que assume, por vezes, posições até mesmo ditatoriais (UBALDI, 1937, p. 407). A concepção de Estado é organicista e corporativista (UBALDI, 1937, p. 394), é defendida a harmonia entre capital e trabalho (UBALDI, 1937, p. 375-376), criticando-se o comunismo pelo seu objetivo de nivelamento econômico (UBALDI, 1937, p. 376-377) e condenando a luta de classes com um discurso explicitamente elitista, considerando o proletariado “supremamente inapto, em sua inconsciência, para qualquer função diretora” (UBALDI, 1937, p. 403) (MIGUEL, 2012, p. 133 e 134).

Mas não era essa a intenção de Ubaldi, partidos, lutas e disputas, como ele relata a um correspondente: [...] querer levar este livro [A Grande Síntese] para o terreno das lutas políticas que não é o meu e no qual não o posso acompanhar”¹⁷.

Assim como a polêmica da oferta da obra ao Brasil e povos da América Latina (Figura 8), outros fatos também não são tratados com justiça, entre aqueles que se propõem a escrever uma história do Espiritismo no Brasil, o que é impossível entender, dados o compromisso ético com a consciência. É muita ingenuidade pensar que os escritores/pesquisadores de dentro e de fora do Movimento Espírita são todos neutros, nas suas produções, apesar de se dizerem ser. Há aqueles que são honestos com o levantamento de dados e a interpretação e análise dos fatos, outros não.

Figura 8 – Recorte do N. U. M. (Boletim do Núcleo Ubaldiano de Metafísica, de São Vicente, São Paulo), ano IV, 1966, nº 6, onde se vê listagem de divulgadores no Brasil e no exterior.



Até hoje, Ubaldi é injustiçado, olhado com restrições e desconfianças, e maltratado, sem direito a defesa, seja por interpretações distorcidas de seu pensamento, seja por calúnias. Pessoas que considero despreparadas, por não o conhecerem nem lerem seus livros, desenham um quadro inverídico dos acontecimentos; constroem um discurso dúbio sobre os fatos, os escritos, as ações e falas de Ubaldi, dando margem à desinformação, às injúrias e difamações que não são poucas¹⁸.

Até 2008, estudos acadêmicos da historiografia sobre História das Religiões no Brasil são pouquíssimos, conforme Usarski (2008)

[...] em termos meta-teóricos e no sentido de uma “política acadêmica”, a Ciência da Religião no Brasil ainda demonstra um atraso significativo em relação à situação e ao status epistemológico da disciplina em diversos outros países e à inserção de suas unidades acadêmicas e seus representantes individuais em órgãos internacionais, por exemplo, na mais importante entidade científica da área no nível mundial, a International Association for the History of Religions (IAHR).

Fora fontes religiosas, poucos têm se debruçado sobre a chegada de Pietro Ubaldi no Brasil e seus desdobramentos, tampouco percebendo-o como um considerável acontecimento para a história do Espiritismo e do que ocorreu a partir daí. Por isso, considero importante promover referenciais positivos sobre seu pensamento entre nós.

A obra/o pensamento de Ubaldi, repletos de contribuições significativas para com seus pares, poderia também ampliar o olhar espírita sobre questões profundas, sobre o existir e com as trocas proporcionadas pela “abertura para a infinitude do aprender no contexto da pluralidade/diversidade de saberes e experiências de mundo” (SILVA, FERNANDEZ, SARCADO, 2017).

Mas não. Não foi levado em consideração pelos próprios espíritas este potencial, sendo Ubaldi rotulado de “não espírita”, seus livros contra-indicados (semelhante a um “índice espírita”) e, portanto, colocado à margem e tratado com certa desconfiança. Viralizaram recomendações para distanciamento de seu pensamento e não faltavam aos espíritas líderes, formadores de opinião e palestrantes de má-fé, que mesmo sem veracidade do conteúdo de suas falas e sem leituras sobre Ubaldi, passaram a atacá-lo.

A desinformação sobre Ubaldi era cada vez mais amplificada pela confiança que o público depositava nestes líderes espíritas, e também, por “preguiça espiritual”, não se mobilizaram para uma leitura crítica das 10 mil páginas que Ubaldi escreveu. Logo, a responsabilidade da calúnia recai tanto sobre o agente disseminador de desinformação quanto ao seu ouvinte que acata.

18 Concorde com as cartas abertas de Gilson Freire: “A oferta de Pietro Ubaldi ao espiritismo, por ocasião do VI Congresso Espírita Pan-Americano de 1963 (Uma Resposta à Crítica de Herculano Pires)” e “Carta aberta em Defesa de A Grande Síntese de Pietro Ubaldi: Uma crítica ao artigo ‘Uma análise científica de algumas afirmações de A Grande Síntese’, de Alexandre Fontes da Fonseca”.

Uma explicação, dada socialmente, para a exclusão da obra/do pensamento de Ubaldi dos centros espíritas é caracterizada pelo conflito entre ensinamentos de Kardec e a obra ubaldiana. Naqueles Centros, tidos como mais maleáveis, seguem pela alegada falta de preparo dos espíritas que “não estão preparados para Kardec, quanto mais para Ubaldi!”. Esse último argumento encobre a real explicação para a rejeição: Ubaldi era considerado uma ameaça, um desvio, para a Doutrina Espírita, e não um complemento, uma força, como seus defensores entendem. “(...) entenderam tudo na forma de luta e de agressividade, quando nós nunca pensávamos nisso”, relata Ubaldi¹⁹.

Com a proposital omissão sobre Ubaldi e sua obra, muitos espíritas vivem até hoje uma censura velada, permanecendo sem conhecê-lo e, pegando emprestado uma frase de Pinto (1962²⁰ *apud* LIMA; MICHELOTTO, 2015), “[...] é claro que estão mal preparados, pois se foram preparados para não estar preparados!”

Por outro lado, milhares de exemplares de livros diversos de Ubaldi foram espalhados pelo país inteiro, os quais tiveram muitos leitores. Seus conceitos foram assimilados, suas ideias ganharam novos formatos e, dessa forma, aparecem, sem atribuição de autoria, em diversos livros e falas. Sobre estes covardes, que reproduzem seu pensamento sem garantia do mérito, ou aqueles que não assumiram a defesa de Ubaldi, leia-se: os que leram alguns de seus livros, viram a lógica do pensamento ubaldiano mas nunca tiveram coragem de assumir isso publicamente ou citar corretamente a autoria, não é preciso falar nada sobre eles. Basta não lhes dar importância..., mas que eles existem, existem.

No entanto, mesmo com as dissidências e “cisões interiores”, no movimento espírita da época tanto nacional como também em Feira de Santana, pela nascente rejeição a Ubaldi, seus seguidores, militantes, engajados e alguns simpatizantes das suas ideias, permaneceram fiéis, divulgando sua obra com muito esforço, inclusive financeiro, e passaram a reivindicar o lugar de Pietro Ubaldi como “pensador/filósofo espiritualista”, desvinculando-o do Espiritismo. O norte apontado por este rótulo de “pensador/filósofo espiritualista” viabilizava e privilegiava um novo caminho para disseminação do pensamento de Ubaldi: as Universidades. Imaginavam, seus seguidores, que, neste espaço tido como neutro, locus de reflexão livre de fundamentalismo, fanatismo ou clubes, Ubaldi teria garantida sua dignidade de filósofo, sem rivalidades religiosas ou dogmáticas de um “ubaldismo x kardecismo”. Tal ativismo foi muito importante, tanto para recrutar personagens que sustentariam a bandeira de seu pensamento, mas, sobretudo, para tradução e publicação de suas conceituadas obras completas, em português, desencadeando a expansão de seu pensamento, não “deixando morrer” suas ideias. Esse grupo de seguidores uniu-se em torno de um projeto, numa luta

19 Silva (2015, p. 324).

20 PINTO, Álvaro Borges Vieira. **A questão da Universidade**. Rio de Janeiro: Editora Universitária, 1962.

que não era somente para eles, mas entendiam ser “uma luz” para todo povo brasileiro, voltado para o esclarecimento espiritual, libertação do materialismo, justiça social. “A Obra vai se impor”, afirma Ubaldi a Manuel Emygdio na carta nº 140 de 30 de junho de 1966²¹.

A Universidade brasileira foi, de fato, um novo espaço onde forças políticas, curiosos, intelectuais, jovens cientistas e filósofos em sinergia promoveram palestras, debates e outras atividades de difusão do pensamento de filósofos, pensadores, especialmente nos anos 60-70 do século XX. Surgiu no Estado de São Paulo, entre 1967-1974, o Movimento Universitário Espírita (MUE), altamente crítico e politizado, voltado para questões sociais, tendo algumas obras de Ubaldi como suporte ideológico (ainda que de interpretação enviezada para sustentar um socialismo cristão espírita). Foram fortemente rechaçados “por parte dos principais dirigentes do Espiritismo brasileiro, ensinando assim a sua própria extinção” (MIGUEL, 2012).

Entrementes, as universidades brasileiras, como um todo, estavam focadas na industrialização, com formação de engenheiros, economistas, químicos, arquitetos, enfim, áreas que possibilitem o desenvolvimento industrial e técnico do país (LIMA; MICHELOTTO, 2015).

E, no caso de Ubaldi..., quais Universidades acolheriam seu pensamento? Como seu pensamento chegou à Universidade? Quem eram as pessoas que levaram seu pensamento à academia?

A história desses militantes e suas lutas são também a história da fixação e da expansão do pensamento de Ubaldi no Brasil, especialmente pós anos 1960. É a história daqueles que acataram suas ideias, seduzidos pela esperança de uma nova civilização do espírito. Eram os mesmos que, entusiasmados, sentiram os ares da renovação da espiritualidade no país, da necessidade de conceitos lógicos para grandes e velhos problemas que o espiritualismo não respondia. Foram porta-vozes de um mundo novo que sempre existiu mas que não percebíamos.

Muito embora as concepções teóricas de Ubaldi, como, por exemplo, a “queda espiritual” (considerada como retroação pelos espíritas), e o “Monismo” (entendido pelos espíritas como uma espécie de panteísmo) – espinha dorsal de seus escritos – tenham sido frequentemente contestadas, elas vieram para ajudar a estabelecer um novo paradigma teórico, altamente promissor para o Espiritismo, o que não foi levado em consideração pelo movimento espírita da época. Se pensarmos num Espiritismo científico, como queria Kardec e Leon Denis, temos que avançar, propor novos modelos explicativos, ou então ficaremos eternamente afivelados no século XIX. Dogmatizados.

21 Silva (2015, p. 33).

De outra sorte, o pensamento ubaldiano, se absorvido e adaptado, poderia ter ajudado a superar problemas brasileiros locais, dentro das circunstâncias históricas/econômicas/sociais do Brasil, no século XX, uma vez que suas teses têm caráter pacífico, universalista, transformador radical, com base na moral evangélica do homem honesto, justo e fraterno. Além disso, propiciaria ao Brasil uma independência cultural por uma Filosofia Brasileira²², “verde-e-amarela”, com originalidade de pensamento, abarcando a articulação prática em diversos campos da ação humana.

Os adeptos das ideias de Ubaldi passaram, então, a divulgá-las amplamente, de forma independente, sem prosélito, com justiça social, como eles acreditavam e se articulavam, almejando inserção acadêmica.

Então, para entender isso, vamos retomar: no Brasil, Ubaldi chega como filósofo/pensador e cristão, aos sessenta e cinco anos. Veio da Itália como professor de nível fundamental aposentado e aqui alinha-se aos espiritualistas. Não falou apenas para o público seletor, *petit* comitês intelectuais ou de “iniciados”. Sem nenhuma vinculação acadêmica, apenas um professor do ensino fundamental. Não foi convidado como membro de banca examinadora de mestrado/doutorado, ou professor visitante em nenhuma universidade brasileira. Não prefaciou livros, tampouco houve concessão do título de *professor honoris causa*, e nem participou de evento acadêmico sublinhado pela importância do conferencista, ficando sempre fora do espaço institucional de produção de saberes filosóficos e científicos que é a universidade. Como, então, adentrar a Universidade? Como chegou à UEFS?

A UEFS nunca teve o privilégio de receber em seus auditórios ou conhecer a pessoa de Ubaldi, mesmo porque ele faleceu quatro anos antes de sua fundação. Mas, nos anos 1980, movidos pela ânsia desenvolvimentista (material e espiritual), vários militantes entusiastas de seu pensamento aqui da Bahia, estavam em Feira de Santana e levaram seu pensamento para a UEFS. E foi graças a eles, pela poderosa força que os movia, que eu, a menina espírita de dezessete anos, dentro de uma Universidade pública, através da palestra de um professor, teve, pela primeira vez, acesso ao controverso pensamento de Pietro Ubaldi. E eu nunca mais foi a mesma..., Para sempre!

Por fim, insisto: como preservar o que não conhecemos? Conhecer a nossa história é fundamental para preservarmos e valorizarmos a memória e a história de nossa caminhada aqui na Terra. Daí este Memorial. Daí o esforço para consolidação do Museu da AEJN.

Capítulo 4 – Em busca de acervos para integração dos dados

Com o alargamento das fontes, para ter dados que dessem suporte à pesquisa, foram feitas algumas visitas para consultas e refletindo sobre os fatos, as versões, que permitiram questionar parte da história oficial sobre o porquê da rejeição à oferta ao Brasil da obra de Ubaldi.

4.1 MONTE ALVERNE DO BRASIL (SOBRADINHO, DF):

Estivemos, em Maio 2017, no Monte Alverne durante o Seminário sobre Pietro Ubaldi do Monte Alverne, Brasília/DF, evento este em que eu e André fomos palestrantes, a convite de Ariston Santana Teles (*in memoriam*), diretor da instituição.

O Monte Alverne está descrito em sua página, na web (<https://www.montealverne.com.br/>), como “um espaço de desenvolvimento espiritual, com praças e centenas de árvores, no bairro Grande Colorado, em Brasília-DF”, fundado em 21 de abril de 1985.

Visitado anualmente por centenas de pessoas, em virtude de uma série de atividades de cunho espiritual/terapêutico, gratuitas, abertas à população, em geral, possui espaços livres, compostos por pracinhas, jardins, trilhas, monumentos, cabanas de palha, além das diversas edificações que comportam biblioteca, espaço terapêutico, auditório e sala de exposições. Ali está a Biblioteca Pietro Ubaldi.

Constituída como uma biblioteca circulante, ela oferece, em seu acervo, livros dos mais variados temas. Ainda, apresenta obras, fotos, objetos pessoais e documentos exibidos em balcões de mostruários, que apresentam a vida e a obra do médium italiano Pietro Ubaldi. Para a apreciação dos volumes oferecidos nas estantes, a biblioteca conta, também, com uma sala de leitura (<https://www.montealverne.com.br/>).

Ao entrarmos na chácara, a sensação é de paz e acolhimento num ambiente saturado de espiritualidade. Na paisagem, praticamente original, árvores, edificações e jardins, escassamente dotados de infraestrutura de segurança (vigilância, pânico, incêndio). Há uma imagem de Francisco de Assis, patrono do espaço. Segue um auditório, à direita, onde se realizam palestras, seminários e trabalhos de cura espiritual. Há um espaço, por nome “Nave”, onde ocorrem curas para crianças. Depois, segue o espaço da Biblioteca.

Esta Biblioteca propicia contatos diretos e acesso livre ao acervo, sem barreiras ou vigilância, com interesse na iconografia ubaldiana, e, neste aspecto, pode ser entendida de certa forma como Museu. O espaço reúne, na verdade, um

amplo acervo, além dos livros, guardados aleatoriamente, que compõem a memória, a coleção e bens culturais ligados à Ubaldi. Todos estes materiais estão sob a guarda do Monte Alverne.

Trata-se de amplo salão, com muitas peças, quadros, fotografias, recortes de jornais e revistas e muitos outros objetos, dispostos em uma certa organização, por temas, expostos e manuseáveis pelos visitantes, importantíssimos na história de Pietro Ubaldi no Brasil.

Diante deste acervo, à medida que adentrei o salão, percebi a riqueza e o valor de tudo que ali estava depositado, representando a história de Ubaldi no Brasil. A riqueza está visível na quantidade de abordagens de pesquisa, com geração de conhecimento, a partir do acervo depositado na Biblioteca, para além do entretenimento e da curiosidade dos visitantes.

Figura 9 – Fotos da nossa visita ao Monte Alverne, Brasília-DF, 2017.



Mesmo com a liberdade de acesso, não tive como garimpar muitos dados em função do foco da visita, que era uma sensibilização, uma aproximação inicial com patrimônio material depositado no Monte Alverne, e procurar indícios para o melhor caminho, para busca pelas fontes para desenvolver estudos.

Embora o objetivo da visita tenha sido a aproximação, na época, identifiquei três questões que comprometem a existência/resistência desse patrimônio: 1- A conservação precária (com evidente presença de cupins); 2- A falta de catalogação e identificação dos documentos e objetos; 3- Acesso livre, sem um certo controle ao acervo, possibilitando envelhecimento precoce, desgastes e avarias, trazendo a delicada questão da inadequação do espaço, com relação a sua exposição e tratamento do acervo, bem como a vulnerabilidade à qual cada material está ali exposto.

A intenção aqui é apenas apontar a situação e jamais criticar.

4.2 MANSÃO DO CAMINHO (SALVADOR, BA):

A instituição Mansão do Caminho localiza-se à Rua Jayme Vieira Lima, Nº 104, Bairro Pau da Lima, em Salvador (BA), ocupando uma área de 78.000m².

Fundada em 15 de agosto de 1952, surgiu com o propósito de acolher e amparar crianças órfãs e necessitadas, através da implantação da metodologia de “lares substitutos”, na tentativa de oferecer, às crianças e adolescentes o modelo mais próximo que se pode ter de um lar familiar. A instituição fundadora e mantenedora da Mansão do Caminho é o Centro Espírita Caminho da Redenção, idealizado e inaugurado por Divaldo Pereira Franco e Nilson de Souza Pereira, em 7 de setembro de 1947, que está envolvida pelas verdes matas e pelas diversas flores que encantam, nos seus diversos jardins, contando atualmente, com 44 edificações onde funcionam departamentos (RISSO, 2020).

Em 2015, a jornalista, Ana Landi, publicou o livro “*Divaldo Franco: A trajetória de um dos maiores médiuns de todos os tempos*”, pela Bella Editora, a primeira biografia jornalística de Divaldo Franco. No capítulo 20, intitulado “Úmbria” (p. 179 a 186), a autora se dedica a relatar a conexão de Divaldo Franco com Pietro Ubaldi, a partir da página 182. A primeira menção direta a Ubaldi-Divaldo Franco está ligada à viagem de 1951. Alguns fatos ali narrados podem ensejar interpretações dúbias, no que concerne a descrição da reunião com Chico Xavier e Ubaldi, na Fazenda Modelo, que Divaldo não estava presente.

A autora relata que Benedito Zancaner havia doado toda sua correspondência e mais 03 (três) originais de livros de Ubaldi para Divaldo Franco.

No dia 21 de fevereiro de 2024, após agendamento com intervenção amiga de Mariinha Belo Pina (ex-coordenadora do CR 03, amiga pessoal de Divaldo), fomos recebidos na Mansão do Caminho, eu como membro da UEFS-AEJN-NPUFS. Na caravana, André Barboni; Mônica Bastos e Luiz Alberto

Nogueira Lago (Beto Lago), estes últimos presidente e vice-presidente da AEJN, respectivamente.

Iniciamos nossa pesquisa pela Biblioteca Joanna de Ângelis, onde fomos muito bem recebidos pela equipe local, que se dispuseram a nos ajudar, esforçando-se para indicar, no acervo, as respostas aos nossos questionamentos. Duas prateleiras desta Biblioteca abrigavam diversos livros de Ubaldo, de diversas edições e editoras, numa excelente organização. Ali encontramos um exemplar de A Grande Síntese, que Ubaldo autografa e dedica a Divaldo Franco, em 1951.

Entretanto, os referidos originais que Landi mencionou, ali não estavam e a equipe nos encaminhou para outro Acervo onde fomos acolhidos pela Sra. Iraci, a qual igualmente nos acolheu cordialmente. Uma organização em pastas devidamente identificadas com permissão de acesso, onde localizamos fotografias da turnê de 1951, cópias e originais de cartas, entre elas, uma cópia da carta de Ubaldo para Benedito Zancaner, encaminhando (“pelo Ruy”) 02 manuscritos: “Problemas do Futuro” e “Ascensões Humanas”. Porém, Landi indicava 03. De fato: Sra. Iraci confirmou a informação de Landi e lembrava de ter manuseado estes documentos e encaminhado para o Museu Memorial Divaldo Franco, sob coordenação da Sra. Rose, lá mesmo, no espaço físico da Mansão do Caminho.

Fomos em busca do Museu mas estava fechado, na verdade, não estava organizado. Um dos membros fez a mediação para que conversássemos com a Sra. Rose, para o devido acesso ao material, e conseguimos encontrar com ela, a qual nos indicou a necessidade de um ofício, relatando o objetivo do acesso, e aguardássemos manifestação da Direção da Instituição. Segundo ela, com a extinção da Casa de Parto, estavam agora com foco em organizar o ensino secundário, para acesso ao ensino superior e que, no momento, o Museu não era prioridade. E assim, todo acervo estava desorganizado, sem a menor condição de se permitir alguma consulta.

Voltamos para Feira de Santana e formalizamos a solicitação como orientado, e com nova intervenção da amiga de Mariinha, marcamos nova visita para pesquisa nos manuscritos.

Desta vez, fomos eu e André Barboni, e recebidos com certa cerimônia na sede administrativa da Mansão do Caminho, pela Sr^a Rose. Com aparato de pesquisa em documentos (luvas e máscara), tivemos acesso aos 03 manuscritos: “Problemas do Futuro”, “Ascensões Humanas” e “A Nova Civilização do III Milênio”. Os manuscritos estavam bem conservados e protegidos em plástico transparente. A maior parte, escrita à mão, pelo próprio Ubaldo, aparentando alguma desorganização típica de rascunhos (riscos, recortes, anotações posteriores diversas, etc.) e desordem na sequência de páginas soltas.

Não foi permitida maior interação com o material, e as fotografias, tive o cuidado de fazer de longe.

4.3 INSTITUTO PIETRO UBALDI (CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ):

O Museu Pietro Ubaldi, do Instituto Pietro Ubaldi (IPU), em Campos dos Goytacazes, é um espaço de exposição e guarda do acervo que, em seu conjunto, traduzem a vida de Pietro Ubaldi, desde o nascimento na Itália até sua morte no Brasil.

Apesar do nome “Museu”, não há uma conformação museal, como estamos familiarizados, mas uma exposição simples. As coleções constituem um acervo heterogêneo e estão num amplo salão bem simples, dispostas em vitrines de vidro, em três alas ali dispostas, sem interpretação do material armazenado, e assim, mantidas como forma de preservação e também de exposição permanente, aberta ao público, gratuita, acessível e até certo ponto, interativa.

No acesso, percebi que Ubaldi tinha o hábito de coletar, colecionar e guardar objetos, materiais diversos, documentos, objetos, fotografias, etc., que lhe pertenceram. Fácil portanto, entender o valor histórico, cultural e científico destes materiais, e também o valor afetivo para quem o ama.

O Museu está instalado em um prédio de dois pisos, na movimentada Av. Ruy Barbosa, junto Fraternidade São Francisco de Assis, construído, mais ou menos, na segunda metade do século XX.

A partir da constatação da fragilidade de alguns materiais, e de manutenção e gerenciamento das coleções, iniciou-se, recentemente, uma “Revitalização”, com digitalização de edições antigas e republicação das obras completas (sem revisão).

4.4 ESCOLA JESUS CRISTO (CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ):

Localizada em bairro residencial bem tranquilo, fomos eu e André até a Escola, guiados por Marcos, presidente do IPU, o qual agendou nosso acesso pela manhã. No horário de nossa visita, a instituição estava vazia, presentes apenas nós e o zelador.

São algumas edificações, bem simples, funcionais, bem conservadas e sinalizadas.

Visitamos o Museu, com excelente organização, onde a maior parte do acervo está bem ligado à história da Escola, a Chico Xavier, à entidade espiritual

Célia Lucius e sua história; pequena distinção a Pietro Ubaldi. Lá, encontramos parte dos manuscritos de A Grande Síntese.

Momento mais emocionante foi a visita ao auditório, no púlpito onde Ubaldi proferiu palestras. Uma vibração maravilhosa.

4.5 SÃO VICENTE (SÃO PAULO):

A visita a cidade paulista de São Vicente teve, além da história recente de Ubaldi, uma dimensão afetiva e simbólica, uma vez que esta cidade acolheu Ubaldi e sua família, desde 1952, quando migraram para o Brasil, e residiu durante os últimos 20 anos de sua vida, e ali foi sepultado seu corpo, em 1972.

Ficamos baseados em Americana (SP), na residência de familiares, e eu e André fizemos uma alegre e surpreendente viagem, de carro, até a Baixada Santista. Em 30 de dezembro de 2024, partimos para São Vicente e fomos direto ao Cemitério Municipal, guiados pelo *Google Maps* (guia digital de trajetos via GPS), onde está o jazigo da família Ubaldi.

O Cemitério Municipal de São Vicente está localizado no Largo da Saudade, com boa logística para localização de jazigos. Muitas cruzes de cimento, num mesmo padrão

Fazia um friozinho atípico de verão, chovia muito, céu muito escuro que acentuavam o aspecto de saudade daquele momento. A chuva era como lágrimas, o frio da saudade e o céu ostentavam um luto brando.

Acompanhados por um dos coveiros, fomos andando entre os diversos jazigos até que ele nos apontou o túmulo da família Ubaldi. Jazigo muito simples, como Ubaldi foi, com uma lápide escrita em italiano.

Trêmula, com um pouco de taquicardia, emocionada, sentindo uma saudade doída e muita piedade, de difícil interpretação. Ali, chorei e orei, como se fosse da família. Enquanto isso, um filme espontâneo se passava velozmente em minha cabeça: vi minha Família Jesus de Nazaré, o NPUFS (em especial minha mãe, Lauritz e Beto Lago), Chico Xavier, Maurício Crispim, Jorge Damas, Julio Damasceno, Gilson Freire, Ferdinando Ruzzante, Benedito Zancaner, o casal Galeffi, José Amaral.... Agradei tanto mas tanto...! Fiquei quieta, perdi a noção da chuva, do tempo. Pedi para André registrar em fotos aquele momento de encontro. Saí de lá com certa melancolia e muita saudade.

Seguimos para a Avenida Hospital São José, e, de lá, para a Praça 22 de janeiro. Fizemos registros fotográficos da fachada do Hospital e do edifício Nova Era, onde Ubaldi morou. Passeamos pelas ruas e praça próximas, locais cheios de

memórias, revendo os lugares favoritos de nosso velho amigo filósofo. Uma experiência espiritual comovente!

* * *

Como o leitor acompanhou, até aqui, a história da trajetória do pensamento de Pietro Ubaldi no Sudeste brasileiro, e depois, em Feira de Santana confunde-se com a história da AEJN.

Ou seja, mais que relembrar a chegada do pensamento de Ubaldi ao Brasil e, posteriormente, à Feira de Santana, Bahia, é a nossa própria história, nós, seus seguidores, que não o conhecemos pessoalmente, mas que o amamos, e a leitura e a compreensão dos seus livros nos trouxeram liberdade de pensar, alegria, esperança, e uma responsabilidade de evolução que, aos poucos, vai se maturando, em cada um.

De lá, das Altas Esferas, de onde veio, Ubaldi continua trabalhando por nosso aprimoramento. Honramos a memória de sua vida intelectual-espiritual, plenamente vivida, concretizada em 24 livros, que são nossa herança.

Capítulo 5 – Contextualizando Feira de Santana

Para Thompson e os referenciais de “Costumes em Comum”, os populares e a elite compartilham um modo de produção da vida, estruturado e estruturante, a partir de um conjunto de regras, valores, hábitos e costumes, historicamente definidos e compartilhados (THOMPSON, 1996; CARDOSO e VAINFAS, 2012; KOVALESKI; FREITAS; BOTAZZO, 2006).

Assim, os dados expostos neste trabalho são estudados considerando que os fatos históricos ocorreram, se realizaram, se reproduziram e se difundiram num clima emocional: fé, medo, revolta, reverência, indiferença, êxtase, provocando fenômenos históricos correspondentes, a tal ponto que só se pode entender as atitudes humanas se admitirmos que estas estão sempre impregnadas por alguma forma de emoção, inclusive, na escrita deste livro, as minhas emoções.

Por isso, escrevemos uma História que não só reconheça e identifique os fatos, mas que permita ver, perceber emoções que os forjaram, por entender que estes não são só materialidade, se antes não for movido pela emoção.

Toma-se como pressuposto, nesta pesquisa, que há mais aspectos comuns entre as pessoas do que diferenças e, pelo estudo de Pietro Ubaldi em Feira de Santana, será possível refletir como aspectos diversos e similares participaram/am na construção da cultura local.

Proponho uma rápida visão da Feira de Santana a partir de suas raízes, na tentativa de escrever algo que contemplasse este percurso de Ubaldi em Feira de Santana e sua permanência até os dias atuais na cidade, que, mesmo com ares de metrópole, ainda respira sua origem simples, do campo/roceira, das feiras-livres e da forte desigualdade social, concordando com Carmo (2009), que “avaliar a relevância e a complexidade que a cidade representa no contexto contemporâneo deve apoiar-se na compreensão e na discussão de sua origem, sua trajetória e do seu papel no processo histórico da urbanização”.

É meu entendimento que a obra escrita/pensamento de Ubaldi chegou à Feira de Santana num contexto de luta social e política pela superação do subdesenvolvimento, nos anos 1950, ganhando força nos anos 1970-1980, quando a ânsia do progresso era a tônica, sem maior atenção à contradição social/desigualdade, principal questão que necessitava ser urgentemente resolvida.

A cidade vista apenas como construída por homens não se esgota quando trato, a partir de uma dimensão espiritual, que compõe, através de sua história, o processo de construção de uma nova realidade transcendental. A simplificação e superficialidade com que é tratada a chegada e instalação do pensamento de Ubaldi na cidade é simplesmente absurda.

Feira de Santana sempre foi uma cidade vista ao que era mais “legível”, à materialidade do seu território: marcada pelas claras desigualdades socioeconômicas exibindo grande número de pobres. A continuidade no tempo de problemas derivados da desorganização do trânsito, da insegurança pública, do comércio nas ruas, das atividades profissionais irregulares, das iniquidades no acesso aos serviços, entre outros, vividos por boa parte da população feirense, demonstram o sofrimento do povo e que há muito ainda a ser compreendido e transformado para que o Estado venha a cumprir a sua parte na construção de uma sociedade mais justa, mais saudável. Porém na questão do pensamento de Ubaldi, ele chegou até a cidade mas permanece inacessível a este mesmo povo, que deveria conhecer e desfrutar de seus horizontes de transformação, justiça e esperança.

Quem chega hoje à cidade encontra o seu centro tomado por vigorosas feiras livres diversas que são a marca de sua história e de seu cotidiano, vivido pelas classes populares, que constituem o maior percentual populacional do município.

As feiras-livres exibem um imenso contingente de pessoas trabalhando em condições precárias, desumanas, insalubres, mas daí é que foi gerada a autêntica cultura popular da feira que dá o nome da cidade, símbolo da rebeldia e da resistência dos oprimidos de maneira geral, que se contrapõem à cultura dominante letrada, burguesa e esnobe. A Feira de Santana, a feira que tem uma cidade e a visão de mundo que ela incorpora e traduz: formas culturais fortemente marcadas pelos aspectos regionais e locais do seu povo, povo feirense – diversos grupos étnicos que formavam a população pobre. Negros, mulatos, crioulos, pardos, sararás e brancos.

Souza (2006) problematiza o uso da palavra “pobre/s” e estabelece que “têm em comum habitarem a urbe e terem um limitado acesso ao consumo”. Nas sociedades anteriores e da República Velha são os “trabalhadores braçais, serventes, domésticos, mercadores, jornaleiros, quitandeiras, costureiras, carregadores, pajens, mestres de ofícios e outras categorias” carroceiros, feirantes.

A autora evoca Chaloub (2001), no entendimento da Europa à época em que estes trabalhadores eram “classes perigosas”, constituindo-se “uma representação que ligava o viver dos pobres aos piores medos das camadas dominantes, o medo das massas”.

Pobres, sujos, malvados e feios? Os habitantes subalternos da urbe precisavam ser enquadrados dentro de uma ordem supostamente mais ordenada, bela, higiênica, moral. [...] tais discursos pressupõem intervenções de técnicos como o médico, o higienista, o advogado, o engenheiro, o urbanista, comumente atrelados ao estado, ou ainda de particulares, como o patronato, interessado ele também na disciplinarização dos subalternos (PESAVENTO, 1998, p. 8).

Acessar as memórias/experiências soterradas e a apropriação de fatos históricos sobre a cidade permitirá mais do que a compreensão da gênese da importância da cidade de Feira de Santana, mas também o aspecto central deste livro, que é Ubaldi em Feira de Santana e na UEFS. Para quê? Pietro Ubaldi veio à Bahia em 1951 mas sua rápida visita limitou-se a Salvador. Nunca esteve pessoalmente no interior, em Feira de Santana, onde seu pensamento verdadeiramente floresceu de forma segura e autêntica, fortemente enraizada, chegando a despontar no cenário nacional, entre os seguidores de Ubaldi, como um dos polos de difusão de seu pensamento. E mesmo quando se mudou para o Brasil, em 1952, e realizou diversas viagens até próximo de sua morte, não retornou à Bahia.

Hoje, temos o privilégio do pensamento de Ubaldi, seus livros&cards com frases extraídas de seus livros, centenas de palestras/blogs/canais/redes sociais e plataformas *online* de seus seguidores e comentadores, encontrarem-se disponíveis, gratuitamente, na internet, popularizando, cada vez mais, o legado ubaldiano, uma vez que foram projetadas para atingir um grande e diversificado público, ou seja, com a internet, qualquer pessoa motivada, em qualquer lugar, pode se aproximar do pensamento de Ubaldi.

Mas, há oitenta anos, não era assim mesmo! Não existia esta tecnologia. Nos anos 1950-1980, o acesso ao pensamento de Ubaldi se dava por meio de mídia impressa (livros, jornais, panfletos), palestras, e não estavam disponíveis para as massas, pelas limitações logísticas da época, falta de recursos financeiros, poucos multiplicadores preparados para explicar seu pensamento, além de resistências e políticas restritivas de exclusão, determinadas por parte de grupos hegemônicos religiosos espiritualistas.

E, neste período, Feira de Santana, além das dificuldades listadas, acrescento o fato de ser uma cidade do interior do Nordeste brasileiro, região considerada atrasada, provinciana, periférica, sem infraestrutura (água tratada, esgotos, universidade, auditórios, rede hoteleira, aeroporto, etc.), com problemas sociais e sanitários sérios baixa escolarização da população. Por que o pensamento de Ubaldi veio e aqui floresceu? Que forças estavam envolvidas? Como se deu esta apropriação a fazer frente à marginalização em que Ubaldi foi colocado? Qual a trilha palmilhada por este pensamento, saindo da região Sudeste para o interior do Nordeste?

Elucidar os fatos pode ajudar a problematizar e, até mesmo, compreender o papel de vanguarda que a cidade possuiu no processo de interiorização do pensamento de Ubaldi, e, ainda, ajudar a responder as perguntas acima, o que segundo Alves Neto (2011): a “reconsideração crítica do passado, tendo em vista salvaguardar, para a recordação futura, as possíveis significações dos eventos e experiências formadores do que somos, fazemos e pensamos na

atualidade” E prossegue: “quanto menos o passado mantém uma continuidade com o presente, mais o mundo perde profundidade e estabilidade, e mais o homem perde a capacidade de pertencer ao seu próprio tempo”.

A cidade Feira de Santana pertence ao Território de Identidade “Portal do Sertão”, que integra 17 municípios, com população estimada em mais de um milhão de habitantes. A cidade é um polo urbano dominante de um complexo de regiões que vai desde parte do Recôncavo, do Paraguaçu, do Nordeste da Bahia, da região de Irecê, do “Piemonte” da Diamantina e de parte do Litoral Norte. O traço marcante e presente desde os primórdios de seu desenvolvimento urbano, é sua característica cosmopolita ligada diretamente às atividades comercial, serviços, industrial, agropecuária e educacional (CARMO, 2009).

Ao longo de sua história, a cidade se confirmava como importante centro agropecuário e comercial. No entendimento de Falcão (comunicação pessoal²³), é a Feira de Santana dos feirantes, dos vaqueiros, da agricultura familiar, dos comerciários e dos caminhoneiros/rodoviários, para os quais, em nossa estrutura social ocidental moderna, o trabalho é o principal determinante de como o sujeito se insere na sociedade e produz riqueza.

Ao mesmo tempo, a cidade enfrentava sérias dificuldades e problemas estruturais, que vão desde limpeza pública à ausência de uma Universidade.

Nascida sob a marcha galopante da expansão do comércio de gado bovino no Nordeste brasileiro, a partir da segunda metade do XIX, Feira de Santana, cantada em versos e conhecida como “Princesa do Sertão” – qualificação dada por Ruy Barbosa, em 1919 – ou “Cidade Patriótica” como a heroína da Independência na Bahia, Maria Quitéria, a identificava – segunda cidade do interior da Bahia, passou a ocupar, ao longo do tempo, uma posição de renome na economia baiana, apesar das persistentes secas.

Segundo Carmo (2009, p. 127)

A dimensão política, econômica e social que o município desfrutava era de tal magnitude que despertou o interesse da Família Imperial em conhecê-lo. O que veio a ocorrer, quando da excursão que Imperador D. Pedro II e a Imperatriz Tereza Cristina com sua comitiva visitaram as províncias do Norte do Império, passando por Feira de Santana entre os dias 6 e 7 de novembro de 1859.

Estudos de Almeida e Carneiro (2008) demonstraram que a constituição sócio-histórico-demográfica nas diferentes regiões da Bahia, no século XIX, ocorreu de forma heterogênea, com grande contingente de escravos africanos no Recôncavo, enquanto na zona de agropecuária, na qual está situada Feira de Santana, era bem menor e com escravos brasileiros, em sua maioria.

23 Prof. Dr. Paulo Falcão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, campus Santo Antônio de Jesus, em palestra sobre “A organização do sistema municipal de saúde e o lugar das PICS”, em 23/11/2024.

Nesta época, o Estado da Bahia possuía uma população rarefeita, sendo a maior parte (91,5%) analfabeta, espalhada pelos seus 110 municípios, constituindo um verdadeiro “arquipélago de ilhas humanas”(SANTOS, 2015), dado ao isolamento e distância da capital, Salvador. Com estradas insuficientes, precárias, mesmo para a passagem de tropas de burros e carros de bois, especialmente na época chuvosa, tornando-se um obstáculo às viagens e ao intercâmbio de mercadorias (MENDES, 2009).

Esta precariedade da Estrada das Boiadas obrigou boiadeiros e tropeiros a criarem um roteiro de repouso depois dos longos e exaustivos percursos, passando pela fazenda Santana dos Olhos D’Água. Nesta fazenda, diversos feitos, atrelados à localização, foram permitindo a fixação populacional e um vertiginoso comércio de mercadorias.

Vê-se que Feira de Santana tem sua história e expansão ligadas ao comércio materializado na feira-livre, em acordo com Lucena e Germano (2015), que defendem que o aparecimento das “[...] cidades está relacionado estreitamente com as feiras, que representavam o embrião de uma nova aglomeração humana a partir da atividade comercial”.

Feira de Santana possui, hoje, quase 700 mil habitantes. Localiza-se na região do semiárido baiano e possui duas estações bem definidas: uma chuvosa (entre maio e julho) e outra seca. As singularidades da caatinga influenciaram a cultura local, pois que na seca a vegetação não morre, mas adormece, voltando com todo vigor logo na primeira chuva. A seca prolongada-época chuvosa faz parte do ciclo natural uma leitura equivocada desse fenômeno natural tem sido prejudicial ao longo dos anos de colonização humana para o desenvolvimento de políticas de convivência com a região, seu clima e seu bioma, já ameaçado e fortemente modificado pela ação antrópica.

A antiga percepção de semiárido como região seca, atrasada, miserável, inviável, além de errônea, produziu uma história de dominação política, centrada no coronelismo e na exclusão. Os imigrantes de cidades do interior, de diversos estados do nordeste, fugindo da seca ou em busca de melhores condições de vida (emprego, escola para os filhos), somavam-se à população local.

Em 1960, com a aceleração da industrialização no Brasil, a malha rodoviária que corta Feira de Santana foi melhorada, permitindo a acessibilidade, ampliando o fluxo de mercadorias, dinamizando a economia feirense. Sua localização geográfica privilegiada serviu tanto para rota de boiadeiros como para quem se desloca para o norte/nordeste do país, nos dias atuais.

Este “privilegio geográfico” também contribuiu, no passado, para a produção e o estabelecimento da imagem positiva de “cidade de clima saudável”,

a “Petrópolis da Bahia” sustentada pelo discurso da Saúde Pública, fundamentado no paradigma miasmático, vigente na época.

Construiu-se, desta forma, uma identidade local de morador de cidade “de sã natureza”, definindo, posteriormente, a principal atividade do município: o comércio. Ratifica-se a identidade social do feirense: identidade comercial, historicamente habituado e receptivo ao forasteiro e às mudanças que este traz (SILVA, 2000). Olhado de fora, isto pode parecer mais uma falta de identidade, uma “frouxidão de costumes”, como qualifica Silva (2000), e não, afirmação. Porém, Salvador era considerada uma “cidade velha, cuja condição de metrópole apenas agravava seus problemas e degenerava seu meio ambiente”, desorganizada, de topografia acidentada, e Feira de Santana se distinguia em relação à Salvador, pois, como se pensava na época e se divulgava na imprensa, guardava o ar natural, campesino e saudável, uma rara combinação de elementos, próprio para tratamento de diversas doenças, em especial, a tuberculose (SILVA, 2000).

Marcada pelas novas experiências urbanas e pelos ideais de civilização e progresso, veiculadas durante o século XX – representadas, pela expansão da malha viária, industrialização e crescente urbanização, Feira de Santana chega ao século XXI enfrentando problemas díspares que vão desde a persistente desigualdade social, a superpopulação e violência urbana e a falta de ampla abrangência do saneamento básico até o desordenado comércio de suas ruas.

Onde se vê uma cadeia de acontecimentos, fruto do “progresso”, trata-se de um fato único: o progresso tido sempre como redentor, salvador, é, na verdade, gerador de mais injustiça, uma vez que está alinhado ao capitalismo de base materialista.

Ao construir a história de Feira de Santana, se reconstrói, na verdade, a trajetória da antiga feira de gado, que já foi a feira da Praça João Pedreira e hoje é a feira que parte do Centro de Abastecimento (CA) e se espalha pela cidade, apropriando-se material e simbolicamente de seu espaço roubado. É a mesma feira, viva, dinâmica, que leveda a cidade e lhe dá identidade e nome.

É a mesma feira – centro natural das relações sociais da cidade. A feira que evoca uma multiplicidade de interações, das conversas, das tradições, das festas, dos encontros, da mendicância, das transgressões, das experiências, das compras, vendas e permutas, dos gracejos, das performances corporais e orais, “enfim, das cores, odores e sonoridades que se misturam e se dissolvem”, onde o povo (inconscientemente) efetua as reproduções sociais, culturais e capitalistas da vida cotidiana. A feira se institui, antes de tudo, em uma construção coletiva, espaço de mobilidades, por meio das dinâmicas e diversificadas redes de sociabilidades vivenciadas pelos agentes sociais no âmbito dos territórios construídos (GOMES, 2023).

A cegueira administrativa, engendrada pelo poder público municipal deste processo social-histórico, tornou a cidade alvo de administradores, que (talvez sem perceber as especificidades históricas da urbe) conceberam projetos de modernização “com apoio das camadas dominantes e letradas, em evidente processo de desafricanização das ruas” (SOUZA, 2006) e eliminação dos pobres – acompanhando a transformação da cidade em metrópole – cujos objetivos centravam-se nas concepções ideológicas da higiene e do sanitarismo: a eliminação de símbolos ou vestígios arcaicos (leia-se: a feira), na tentativa de se mudar padrões de comportamento de seus habitantes, tornando-os mais civilizados.

Entre a segunda metade do século XIX e início do XX, profundas transformações históricas subverteram as concepções de tempo e espaço e redefiniram os valores culturais do Ocidente, dentro do que Hobsbawn intitulou o *drama do progresso* – onde ciência, progresso, razão, ordem e civilização, acenavam como os paradigmas da modernidade (PAZIANI, 2004).

Nascimento (2022) relata dois romances escritos sobre essa Feira de Santana do início do século XX: “O Lobisomem de Feira de Santana”, de Fernando Ramos, ambientado em 1945, que, segundo o autor, “é uma homenagem ao povo de Feira de Santana, minha terra. Tem algum valor literário. Vários episódios inexistiram. Outros existiram. Afinal, é uma obra de ficção”, mas evidencia uma Feira de Santana distante dos ares da modernidade, ainda sertaneja; e “Setembro na Feira” (1986), cujo cenário é o cotidiano de Feira de Santana entre 1930 e 1940, na visão do protagonista Florêncio, destacando as mudanças urbanas, a emergência da rodovia BR-116, os novos dos bairros e da expansão urbana.

A cidade é uma realização humana muito antiga, sendo um dos elementos que assinalam o advento do que se considera civilização. A partir do recrudescimento do capitalismo, “questão urbana” ganha uma força surpreendente, colocando diante do Estado a exigência de um *modus vivendi* normalizador do “viver em cidades” (PESAVENTO, 1994).

As ações de modernização são, ao mesmo tempo, destruidoras e criadoras. Intervenções urbanas e projetos de modernização, existentes no Brasil, mostraram-se violentos e excludentes. Estes só se tornaram possíveis à medida que os interesses político-financeiros de governantes e especuladores coincidiram com o ideal de cidade moderna e civilizada, em cujas exigências estavam “varrer os pobres” do centro da cidade ou regenerar e combater a gleba de miseráveis despejados nas ruas ou periferias, para ser e parecer moderno. As soluções urbanísticas mostraram-se parciais e conflituosas: prefeitura, as empresas, urbanistas e os antigos e novos costumes experimentados pela população (PAZIANI, 2007). Em Feira de Santana, não foi diferente.

O projeto de modernização da cidade, capitaneado pela racionalidade médico-higienista, passava pela civilização do povo com instrução escolar, remodelação do espaço urbano, seguindo um plano estético de reforma dos espaços de circulação e sociabilidade na cidade, delimitados pelos padrões capitalistas e caracterizado pela reestruturação da malha viária, industrialização, embelezamento e arborização das praças centrais, necessidades de demolições, higienização de espaços públicos, sem nenhum projeto educativo de excelência (DEMINICE, 2015).

A ideia de instrução escolar, desde o Império, estava vinculada ao projeto de civilização da nação, conforme os discursos dos homens da época, que defendiam que o “acesso à instrução garantiria a libertação do povo da ignorância, reconfigurando uma moral pautada no desenvolvimento como forma de progresso social” (SANTOS, 2016). E na República, na longa transição do trabalho escravo ao livre, “Os indícios são que a educação dos pobres, na última quadra do século XIX, esteve diretamente relacionada à formação de um certo trabalhador e de um cidadão, disciplinado, moralizado²⁴, com um mínimo de instrução elementar, habilitado em um ofício, urbano ou rural, que possibilitaria a sua sobrevivência, a da família que deveria constituir, e ser útil à Nação” (SANTOS, 2016).

Ir à escola era possível para o povo pobre porém era uma possibilidade limitada por diversos fatores, como a falta de escolas e vagas.

Pesquisas que defenderam por um longo tempo a escola pública primária como um lugar frequentado somente pelas elites; e atualmente, novas pesquisas da história da educação que vêm demonstrando que as aulas de primeiras letras puderam sim ter sido um lugar pensado para instruir e inculcar nos pobres o ideal civilizatório defendido pelos homens letrados da época (SANTOS, 2016, p. 12).

Conforme Almeida (2012), a cidade de Feira de Santana, no período republicano, possui dezenove escolas públicas, sendo cinco na sede e as demais nos distritos e povoados, com mil alunos matriculados. Por volta de 1920, a população da cidade era de quase 65 mil habitantes, sendo 12 mil na zona urbana e os demais na zona rural (roças, distritos e povoados).

Segundo estudos de Almeida e Carneiro (2008), por algum tempo, o poder municipal não mostrava capacidade em manter as instituições escolares existentes ou em abrir novas e, só a partir de 1915, começa a existir uma preocupação com a educação, conforme o Jornal Folha do Norte.

[...] Não é novidade o positivar a pouca civilização de Feira, uma vez que ela faz parte dessa região estendida do Maranhão ao Espírito Santo em que, no dizer de Sílvio Romero há “muito atraso, muita pobreza, muita miséria” – região assolada pelas secas, esquecida dos homens do governo. [...] Esperanças sim...: quem não as tem? (Jornal Folha do Norte de 20 de julho de 1912. p. 01).

Pelo visto, a estrutura escolar feirense, nessa época, era precária e não respondia, sequer, à alfabetização, o que ocasionava prejuízos sociais, pois assim como hoje, a educação era considerada via principal de acesso ao prestígio e integração dos estratos “dominantes”. Ainda que as elites controlassem a escolarização do povo, para que não ultrapassasse o ler, o escrever e o contar, a maioria da população feirense era analfabeta, e o acesso ao ensino era dificultado pela falta de escolas públicas ou de opção pelo ensino privado, dificultando o acesso das camadas populares.

No início da década de 1930, é fundada a Escola Normal, em Feira de Santana, com objetivo de formar professoras para educar a imensa massa de analfabetos da cidade e municípios vizinhos, com a intenção de transformar Feira de Santana num polo educador da microrregião, ficando conhecida, na época, como “luz do saber dos sertões”. Sousa (2001) mostra que as professoras quando estudantes, eram adjetivadas, pelos jornais locais, de “Deusas fardadas”. A forte influência da Escola Normal fez com que cidade fosse conhecida como um centro formador, antes mesmo da implantação da Faculdade de Educação.

A correlação do município como importante centro de educação parece ter surgido com a criação das escolas normais, já que estas eram poucas na Bahia, e de outros centros de Ensino, como o Colégio Santanópolis, que oferecia não só curso primário, ginásial e secundário mas também cursos técnicos, a exemplo do técnico em contabilidade, conforme Almeida (2012).

Mesmo com toda tentativa de transformar a cidade num polo educacional, os índices educacionais, nos anos posteriores, são ainda baixos, indicando para a década de 1970, um percentual de 49% de indivíduos com o antigo curso primário completo, em Feira de Santana. A porcentagem de indivíduos com ensino médio completo é alarmante – apenas 8% das pessoas acima de 17 anos em Feira de Santana. Já na década de 1980, a escolaridade em níveis mais altos continua bastante baixa, irrisória, poder-se-ia dizer, pois os percentuais de indivíduos, acima de 17 anos, com o ensino médio completo, é de apenas 9,5%. Com educação superior não é diferente: menos de 1% da população, tanto na capital quanto na cidade, até o final do século.

Há um nível de vida, um âmbito da sociedade civil, em que o encontro entre intelectuais e simples (a começar pelas crianças) é a realidade cotidiana: a escola. É na escola que tem sua raiz aquilo que chamamos de “modo de produção cultural”, com todas as suas contradições, potencialidades e perspectivas, tanto positivas como negativas (BARATTA, 2011, p. 44).

Tentaram eliminar os vestígios de barbárie – identificados aos maus hábitos, à ignorância, à ausência de equipamentos e serviços urbanos regulares, à insalubridade e mau cheiro das ruas, ao afastamento de mendigos, vagabundos e ociosos, às epidêmicas periferias – impondo medidas autoritárias de intervenção,

que previam a sanitização das áreas centrais e dos costumes, como estratégias de controle e disciplinamento de seus habitantes.

Tanto as elites políticas e intelectuais como as religiosas do país compartilhavam a dificuldade em se relacionar com a heterogeneidade social e cultural e, em especial, com os traços que pudessem ser associados a uma origem africana. O que, aos olhos europeus, poderia ser visto como um exotismo merecedor de atenção, aqui aparecia como a marca de nossa vergonha (LOPES, 2016). Como em outros centros urbanos da época (DEMINICE, 2015), a construção de uma cidade alinhada aos moldes europeus, bonita e higienizada, como uma espécie de *petit Paris* dos trópicos, fazia parte do projeto civilizatório das elites políticas e intelectuais daquele início de século XX, de modernização da vila de Feira de Santana.

No entanto, os ideais elitistas violentos e excludentes, encarnados nas reformas sanitárias, não impediram que novos personagens – trabalhadores pobres e miseráveis, empurrados para a periferia – circulassem pelas áreas recém-inauguradas e reinventassem os espaços urbanos: a expansão da feira livre, os serviços urbanos, os passeios públicos, portas de igrejas, os dois primeiros centros espíritas; as esquinas e os embelezamentos no centro passariam a conviver com vendedores de alimentos, mendicância, péssimas condições de higiene e lixo espalhado.

Assim, se a ânsia de *civilizar* Feira de Santana “roceira” significava ordenar os espaços e eliminar costumes arcaicos, para um “futuro melhor”, promissor, conforme uma racionalidade médico-higiênica, na disseminação de valores morais, da formação de atitudes patrióticas e do controle policial para regenerar as massas, a complexidade do tecido urbano criaria perspectivas nada confiáveis, nos primeiros anos do século XX, seguindo a insaciável vocação de comércio e um abarrotar de vendedores, vindos de todos os lugares a desmantelarem a paisagem urbana (GOMES, 2023).

Esse cenário vai se transformando pelo avanço do processo de urbanização, atrelado ao desenvolvimento tecnológico dos meios de transporte. Esse novo modelo estrutural da sociedade feirense fez surgir a cidade das universidades/faculdades, condomínios e centros de compras, assemelhando-se cada vez mais às grandes metrópoles do sudeste brasileiro. Entretanto, ainda no século XXI, no centro da cidade, lavradores e lavradoras das roças trazem suas pequenas produções (animais vivos, frutas, verduras, legumes, raízes, derivados de mandioca, bolos e beijos assados na folha da bananeira, cocadas, milho assado...) esparramando-se pelas calçadas dos becos e ruas da cidade, cotidianamente, de segunda à sábado, fazendo o contraste entre o “moderno comércio do *shopping*” das “novas lojas” e a feira das ruas (SILVA; ANDRADE GÓES; RODRIGUES, 2003).

Historicamente, Feira de Santana é marcada por esta “vitalidade da atividade comercial”, em virtude de sua excelente localização como entreposto, “portal do sertão”, “passagem obrigatória” para circulação Norte/Nordeste do país. Este comércio legou, desde o século XIX, prestígio, abundância, riqueza e *status* à cidade, notadamente pela suas feiras: a feira-livre de suas praças centrais e a feira de gado, que acontece todos os dias (TELES, 2017).

Mesmo com todo este impulso econômico e riqueza que o comércio lega à cidade, um projeto de cidade é veiculado especialmente pelos jornais, no persistente discurso de “difusão do ideário urbano” (CORRÊA, 1989; ARAÚJO, 2005), que alardeia um “espírito de desenvolvimento” que deveria existir no povo feirense, marcado pela industrialização (TELES, 2017).

Pensar em desenvolvimento regional é, antes de qualquer coisa, pensar na participação da sociedade local no planejamento contínuo da ocupação do espaço e na distribuição dos frutos do processo de crescimento (OLIVEIRA; LIMA, 2003).

Vários autores que estudam o sistema urbano, de uma forma geral, baseiam-se na “Teoria do Desenvolvimento Regional” (BELLINGIERI, 2017), a qual encontra limites ao tentar explicar o processo de localização e de endogeneização regional, porque não consegue apreender a complexidade dos processos concretos e dinâmicos da concentração das atividades econômicas sobre um determinado espaço.

A feira-livre de Feira de Santana foi bem estudada pelo Projeto “Memória de Feira Livre de Feira de Santana” (DCHF/UEFS), coordenado pelo Prof. Vicente Deocleciano Moreira. Refletindo sobre os achados desta longa pesquisa e vivenciando a cidade, tenho para mim que a “feira-livre de Feira de Santana” é uma manifestação artística e cultural, uma tradição, muito mais do que um espaço, um lugar, um ambiente de comércio.

Esta manifestação, aparentemente caótica e sempre crescente, é uma marca da história da cidade, a qual traz a sua raiz de origem, iniciando na feira de gado e depois ocupando primeiro o Mercado Municipal, depois espalhando-se para fora, cada vez mais o espaço do centro da cidade. Em 1975, a cidade ainda mantinha certos costumes tipicamente sertanejos. E a feira principal (a da Praça João Pedreira), aquela que deu o nome à cidade, foi transferida para um ponto único da cidade – o Centro de Abastecimento (CA) – “livrando” o centro da cidade da feira, da sujeira, do fedor e dos feirantes, os quais iniciavam sua movimentação e barracas na quinta-feira à tarde, prolongando-se até as feiras de sábado e segunda-feira, desocupando o espaço só a partir da terça-feira. Esta ocupação impedia o fluxo de veículos, gerava lixo, movimentação de ambulantes provenientes da zona rural, gerando desordem e ameaças (OLIVEIRA, 2008).

O comércio – circulação de mercadorias – aparece, então, como forma de afirmação cultural/persistência, como forma de luta e sobrevivência à opressão. O comércio afirma a presença da população oprimida na rua.

Ao proclamar o respeito à “cidade existente” desqualificando os trabalhadores e, ao mesmo tempo, adotando uma intervenção técnica para “resolver o problema da feira-livre”, o discurso se faz ambíguo e apresenta-se como um elemento bastante explicativo da distância entre o projeto e as intervenções concretas, as quais favoreceram determinados grupos econômicos em prejuízo das classes populares (SOUZA, G., 2000).

O discurso modernizador, escorado na saúde pública e na tentativa de organização do espaço urbano, tinha apoio dos comerciantes de tecidos, eletrodomésticos e armazéns, que se sentiam prejudicados com a feira (ou melhorar a imagem da cidade escondendo a feira e o comércio ambulante no Centro de Abastecimento?), uma vez que esta prática era tida como agrária, remanescente do atraso, e não atendia mais aos estágios mais complexos da metropolização (ARAÚJO, 2005).

O surgimento de novas interações espaciais, por volta de 1970, associada à “febre visionária do progresso” dos comerciantes, pecuaristas, profissionais liberais e à criação do Centro Industrial do Subaé (CIS) e da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), imprime novas forças à cidade, dando novas formas ao espaço urbano, contribuindo para sua expansão (SANTO, 2022).

Dados do Relatório de Viabilidade de 1974 (Projeto Cabana) elaborado pela Prefeitura Municipal, aponta, entre outras, as seguintes metas para a construção do CA: eliminar os pontos de estrangulamento que compromete o potencial de desenvolvimento do setor agropecuário, criando obstáculos ao desempenho dos serviços urbanos da cidade; modernizar as estruturas de mercado para a comercialização dos produtos agrícolas; criar um espaço que atenda aos fluxos comerciais; implantar terminais receptores de produção que atendessem ao então estágio da agricultura de subsistência expandindo-o para comercial (SANTO, 2022).

Com a sistematização do espaço, também se previu um melhoramento da receita municipal, havendo um maior controle da arrecadação, o que contribuiria para estruturar a cidade. Percebe-se, assim, uma preocupação com uma organização de espaço que favoreça o comércio e os impostos.

O distanciamento entre vontade popular e vontade da elite e dos governantes fica explicitado na resistência e ocupação irregular, principalmente em ruas centrais. Neste cenário, o interesse dos governos coincide com os interesses das elites: expulsar os intrusos por meio da urbanização, caracterizada

pela racionalidade da ocupação do espaço e precisão geométrica da distribuição dos lugares. Neste ideal de modernizar na ideologia do planejamento, há uma “lógica social” que produz a “cidade sonhada” dos produtores do espaço, superposta “à contracidade dos excluídos do sistema”, na “contramão” da vida (PESAVENTO, 1994).

A crença era de que os feirantes e vendedores ambulantes, sem ser ouvidos, estão “naturalmente” dispostos a aceitar a urbanização da área, porque também “querem progredir”. Trata-se da ressurreição da antiga ideia de “progresso”, trazida pelos europeus, no início do primeiro sistema colonial direcionado para as Américas. A urbanização, na visão exógena e etnocêntrica das elites e dos governantes que as representam, aparece como universalmente válida para todos, acreditando-se, também, que a urbanização proporcionará desenvolvimento e felicidade: uma cidade ordenada, bela, higiênica e segura das propostas burguesas e não a cidade roceira (OLIVEIRA; LIMA, 2003).

Outros símbolos da modernização, ligados à diversas atividades financeiras e comerciais, se dão pela chegada, à cidade, da Rede de Supermercados Paes Mendonça e da Rede de Lojas Departamentais das Casas Pernambucanas, por volta de 1972. Esta última, glamourizada pelo lançamento de um recurso inédito na cidade – a primeira escada rolante da região – atraindo curiosos (SANTO, 2022; PINHO, 2012).

No período, consolidam-se diversas agências bancárias (Banco Bradesco, Banco Itaú) e surgem outras (Banco Mercantil do Brasil e Banco do Nordeste). Prédios modernos de vários pavimentos são construídos (Edifício Anna Muller Falcão, o Feira Palace Hotel e Receita Federal). Lojas com ar-condicionado, vitrines sedutoras, vão tomando conta da cidade (SANTO, 2022; PINHO, 2012).

Nesta direção, o projeto de sanear as ruas, de embelezar a paisagem, da revitalização ou *gentrification* de áreas urbanas centrais, enfim, do declínio do espaço urbano da diversidade (SOUZA, G., 2000; PINHO, 2012) se materializa com a concepção do CA mas a convivência conflituosa das novas atividades (inclusive industriais), comerciais e serviços modernos com aqueles considerados ultrapassados e medievais não finalizaram. O comércio de rua, em destaque o comércio de alimentos, resistiu e não acompanhou a mudança da feira-livre.

Provavelmente, a resistência está relacionada à necessidade de sobreviver num meio moderno, letrado, agressivo, traduzido em formas diversas de exclusão. Com o aumento crescente do desemprego da mão-de-obra não qualificada/analfabeta no país, cresce a violência do Estado contra o povo pobre em luta pela sobrevivência, como é o caso dos vendedores ambulantes, uma categoria que aumenta nas cidades rapidamente pelas mesmas razões

(<http://www.anovademocracia.com.br>). O desprezo, em relação às normas da elite, é uma reação à esta própria elite que, além de lhes negar espaço para sua sobrevivência, tende a acusá-los de culpados pela sujeira, desordem e degradação, não apenas do ambiente físico, mas também dos ambientes construídos socialmente.

A imprensa burguesa, por sua vez, tenta desmoralizar a feira e os vendedores. Há o discurso de que vendedores são mal-educados, violentos, sujos, criminalizando o feirante, e chegam até àqueles que vendem alimentos em porta de escolas e são tidos como ameaça: os que fazem da porta da escola um ponto de venda de drogas.

O discurso técnico não consegue superar a representação das classes populares como não-sujeitos, sem vontade própria, ou sem “possibilidades de escolha em suas formas de ocupação da cidade” (SOUZA, G., 2000; PINHO, 2012).

Fica claro que, para esta população, a maior ameaça deriva do sistema Sociedade. É este último o principal responsável pela sua desgraça. É fundamental ressaltar que nenhuma ajuda verdadeira pode retirar ou negar a dignidade do ajudado. A ajuda emancipatória precisa ampliar a capacidade do ajudado a criar e elevar sua autoestima (OLIVEIRA; LIMA, 2003).

As rápidas transformações dos padrões produtivos por que passam as cidades, no século XX, pressionam o centro tradicional por uma crescente redefinição espacial. Nesse contexto, a elite capitalista busca apoio no poder público para ocupar novos espaços ou readequar os antigos às novas relações de produção, no sentido de renovar o potencial de investimento imobiliário e de negócios. No polo oposto, as classes populares se organizam e resistem às transformações que afetam seu espaço. Em linhas gerais, sabe-se que o desenvolvimento das cidades industriais conduz à sobreposição das atividades nas regiões centrais e à contínua substituição das residências por atividades comerciais e de serviços. A região no entorno da cidade passa a ser ocupada pelas classes populares e, somado à periferia pobre, forma um cinturão que dificulta a expansão do centro, numa lógica capitalista, e bloqueia a ampliação/renovação do valor do solo urbano. As elites estabelecem suas residências em locais distantes e isolados exigindo pesados investimentos públicos em infraestrutura (SOUZA, G., 2000; NERY, 2023).

Frúgoli Júnior (2000²⁵, *apud* SOUZA, N., 2000), estudando o centro da cidade de São Paulo, rebate, veementemente as explicações que associam a “deterioração” do centro da cidade à crescente presença das classes populares, na composição da sua densidade. Segundo este autor, a causa real desse processo associa-se às opções do planejamento urbano recente e ao redirecionamento dos investimentos privados.

25 FRÚGOLI JR., Heitor. **Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole**. São Paulo: Cortez; Edusp, 2000.

Estudando a relação entre espaço e população, as classes dominantes junto ao poder local pressionam, no sentido da adoção de políticas que significaram a limpeza e o disciplinamento do centro, resgatando uma certa “vocação” histórica para bulevar, onde, de modo algum, se encaixariam personagens da rua, deixando explícita a eleição das classes populares (vendedores ambulantes, camelôs, passageiros de transporte coletivo, sem-tetos) como culpadas pela deterioração do ambiente (SOUZA, G., 2000).

Conforme Santos (2003), a estrutura física do CA deveria obedecer a critérios de economicidade, simplicidade, funcionalidade e racionalidade, para abrigar a feira-livre. Com suas escadarias e rampas, acesso livre nos dias de maiores feiras, pode-se inferir que o CA não se estruturou de acordo com a proposta do Projeto Cabana. Com a incessante expansão comercial e aumento no número de comerciantes de todos os gêneros, o CA hoje não é suficiente, e a atividade comercial se alastra pelas circunvizinhanças de forma rápida e crescente, retomando os contornos da antiga feira-livre, imbricando sociabilidades e territorialidades.

De acordo com o Observatório Setorial Territorial²⁶, até 2024, a cidade de Feira de Santana, na Bahia, tinha o seguinte número de estabelecimentos comerciais:

- 5.738 estabelecimentos outros (8,37%);
- 35.796 estabelecimentos Micro Empresário Individual (MEI) (52,2%);
- 23.953 estabelecimentos Microempresa (ME) (34,9%);
- 3.104 estabelecimentos Empresa de Pequeno Porte (EPP) (4,53%);
- 148.085 Empresas Ativas – Março de 2024.

No CA, sabe-se, no entanto, que os dados são ligados aos comerciantes estabelecidos, fixos, que ocupam os “boxes”, pois os vendedores se multiplicam aos sábados e segundas-feiras, dias que permanecem até hoje como os dias das feiras principais, quando não há controle. Nestes dias, com o controle dificultado pelo intenso comércio, semelhante ao que acontecia na “antiga feira”, o CA “fica aberto” a quem quiser comercializar desde um saco de farinha de mandioca, um carro de mão de frutas ou até um pequeno cesto de verduras. Estes comerciantes pobres ocupam as áreas livres para circulação, externas aos galpões, a céu aberto, ou escadarias, aleatoriamente (“não é dono do ponto”), onde expõem suas mercadorias, com elementos rústicos e técnicas tradicionais de exposição e venda (barracas, cestos, balaios, tabuleiros, no chão), com possibilidades de barganha, permutas e pechinchas dos seus produtos; vindos em quase sua totalidade da zona rural da cidade, em caminhões “pau-de-arara”, ônibus coletivo, veículos tipo furgão (transporte alternativo) (ARAÚJO, 2005).

A partir desse momento, o mundo da rua sobrepõe-se ao do planejamento urbano, onde os excluídos, pouco a pouco, vão ocupando o centro, momento em que se inicia, de acordo com o senso comum, o processo de decadência da área, expressas pela lógica dos ‘pedaços’, ‘manchas’, ‘trajetos’, ‘circuitos’ (FRANZINI, 2018).

Os vendedores buscam, também, outros pontos de venda aos domingos, já que neste dia o CA não é aberto ao consumidor, destacando-se as feiras da Cidade Nova, do Tomba, da Estação Nova e do Sobradinho, de acordo com a facilidade de acesso (SANTOS, 2003), numa diária (re)encenação da desigualdade social.

Muitos destes ambulantes migram para o centro da cidade, ocupando avenidas, ruas, esquinas, calçadões e calçadas, numa multidão heterogênea e variada, especialmente os vendedores de frutas, verduras, castanha de caju/amendoim/camarão seco, doces, beijos e derivados de mandioca, queijo, seja em barracas, cestos, bacias ou driblando a fiscalização e fugindo da apreensão de mercadorias, utilizando carro de mão ou bicicletas. Esta migração gerou outros locais de venda que se esparramam como “uma crescente mancha” pelo centro da cidade, na Avenida Senhor dos Passos, na Rua Marechal Deodoro, na Praça Bernardino Bahia e na Rua Capitão França, principalmente. Mostra que o Centro de Abastecimento perdeu a funcionalidade e, incapaz de conter a dinâmica do comércio em seus contornos, desaparece ante a feira que irradia por toda a cidade, sem fronteiras. Nestas ruas, consumidores e vendedores das roças e cidades das vizinhanças, ansiosos de fazerem seu comércio ou sua feirinha, chegam à cidade diariamente.

Criam-se, assim, outros arranjos intermediários no espaço o que é expresso na redefinição do uso de um espaço funcionalmente concebido como passagem e comércio lojista, transformando-o num local onde se fixam algumas pessoas para comércio de alimentos. Com a utilização das instalações e equipamentos presentes na própria rua (a marquise de um banco, a sombra de uma árvore, caixotes empregados como apoio, os favores de outros comerciantes lojistas que guardam seus materiais), torna-se o próprio lugar.

Nessa convivência, nem sempre pacífica, entre vendedores-lojistas-povo, o jogo do estranhamento é constante e alternado, tornando os conflitos evidentes (FRANZINI, 2018). A competição/relações desses grupos nem sempre são mediatizados pelo poder público, ao sempre apontar, na direção dos padrões de urbanização correspondentes, um projeto modernizador onde não cabem as classes populares.

Apesar do uso da palavra “classe”, estes vendedores não se reconhecem como tal, como uma categoria histórica, ou seja, derivada de processos sociais

através do tempo, originários também de uma cultura com traços definidos. Os vendedores são caracterizados pelo isolamento, anonimato, relações sociais fugazes e transitórias e competição individualista. Este fato reforça o argumento de inspiração marxista de que a cidade pode ser sinônimo de exploração, quando enfatiza a diferença entre as classes sociais: os que detêm os meios de produção e aqueles que vendem a sua força de trabalho.

Convém explicitar, também, em que termos gerais essa luta se desdobra e se acirra nas festas populares. O “lucro festivo”, que visa fortalecer comércio, lojas e indústrias, movimentando economicamente a cidade, acaba trazendo mais vendedores para o centro da cidade, destacadamente nas festas juninas, onde a colheita e a fartura de alimentos dão o tom.

Levantar a questão da desigualdade social em Feira de Santana, a partir de sua origens é visibilizar a cidade e de fundamental importância para entender o pensamento de Ubaldi na UEFS. Em Feira de Santana, a desigualdade é também racial, e isto produz a exclusão e a dominação generalizada. Cedo ou tarde, a UEFS terá que refletir sobre a negação do pensamento de Ubaldi para o povo feirense e recuperar o alcance deste pensamento, sob o risco de ser acusada de elitização.

No aspecto cultural, há destaque no cenário nacional/local, para a fundação do Museu Regional de Feira de Santana (SILVA SOUZA, 2019) e, como relatado por Veiga (2017), citando:

Hoje, em Feira de Santana, Jorge Amado estará autografando seu best-seller [sic] ‘D. Flor e seus dois maridos’, ao lado de uma caravana de intelectuais (Lamenha, Diário de Notícias – Salvador, 21 jul. 1966).

Mais de trezentos volumes foram vendidos, atestando o prestígio do romancista em Feira de Santana. (Notícia de redação, Folha do Norte – Feira de Santana, 23 jul. 1966).

Entre os presentes ao ato, a nota assinala os escritores Dival Pitombo e Eurico Alves Boaventura, os pintores Francisco Liberato, Juraci Dórea e Aderbal Moura, o cineasta Olney São Paulo, os jornalistas Hélder Alencar, Raymundo Pinto, Eme Portugal, Antônio Álvaro, Luciano Ribeiro, além do professor José Maria Marques, um dos primeiros reitores da futura Universidade Estadual de Feira de Santana.

Campos (2016) destaca que, em estudos históricos, o intelectual tem forte papel em seu meio social:

[...] enquanto figura representativa – alguém que visivelmente representa certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras” (SAID, 2005, p. 27). E ele define intelectuais enquanto “indivíduos cuja capacidade de pensamento e discernimento os torna adequados para representar o melhor pensamento – a própria cultura, fazendo-o prevalecer” (SAID, 2005, p. 41). Os intelectuais,

nesta concepção teórica, são atores, artífices e intérpretes da política e da cultura, sendo isto propagado na produção e veiculação das suas ideias.

A “marcha pelo desenvolvimento” da cidade era anseio da elite e inegociável um vez que o progresso viria para superar a Feira de Santana roqueira onde os currais e a caatinga dariam espaço às avenidas, aos edifícios aos condomínios, à indústria e à Universidade.

Capítulo 6 – Ubaldi chega à Feira de Santana por Osvaldo Requião

Continua a pesquisa sobre os grupos populacionais/relações sociais e cultura, as identidades de um tempo em Feira de Santana, a partir de 1950, para entendimento sobre como o complexo e sofisticado pensamento do filósofo Pietro Ubaldi chegou e se instalou nesta cidade do interior da Bahia.

Fontes jornalísticas locais (figura 10), têm ajudado a reconhecer sociabilidades, consumo, linguagens, estéticas e caminhos escolhidos. Abaixo, um recorte do registro de propagandas do comércio da época, no Jornal VANGUARDA (semanário político, noticioso e literário. Feira de Santana, 13.08.1950) Aparece uma Feira de Santana que quer civilizar-se, de cultura burguesa comercial, de grupos com condições econômicas e sociais alinhadas ao capitalismo e ao progresso.

Figura 10 – Fontes jornalísticas, datada dos anos 1950, exibindo o cenário socioeconômico local.



Como dito anteriormente, Ubaldi esteve pessoalmente em Salvador, em 1951, recebido por Divaldo Pereira Franco, que ciceroneia o visitante, pela capital baiana, e o acompanhou na turnê nordestina – uma vez que Clóvis Tavares estava com impedimentos pessoais.

A figura 11 é uma das fotografias que compõem o circuito de Ubaldi nas praias de Salvador, em momento de lazer, entre os afazeres de divulgação de sua filosofia, com amigos e simpatizantes. Ele presenciar algo que considero extraordinário: o final de uma rede de arrasto.

Homens rudes, pobres pescadores, corpos semi nus expostos ao sol inclemente dos trópicos, simples pescadores artesanais com seus saveiros, barcos de pequeno porte, unidos pelo mestre do barco. Enquanto os demais presentes, na fotografia em preto e branco (Figura 11), parecem movimentar-se, conversar, Ubaldi está ali parado, quieto, braços a postos, absorto, olhando a rede, repleta de peixes, e os pescadores em seu trabalho. Confiando na intuição, para mim, esta fotografia tornou-se um emblema, como se fosse um daqueles quadros pintados da velha Salvador, por Carybé.

Sem aprofundar na problemática semiótica, e sem nenhum relato documentado por Ubaldi sobre essa fotografia, atrevo-me a algumas observações: que pensamentos, que memórias, sensibilidades e experiências afetivas são revividas? Gatilhos e carga emocionais são facilmente reativados em nosso inconsciente, quando nos deparamos com situações já conhecidas, e aquela cena era muito sua, há pelo menos dois mil anos, e foi revivida com intimidade, aqui na Bahia, o berço da nacionalidade brasileira. Qual o sentido desta experiência metafórica? Para onde Ubaldi foi levado? Um novo olhar com inspiração em Genesaré...?

Figura 11 – Ubaldi presenciando uma rede de arrasto por pescadores, Salvador – Bahia, 1951.

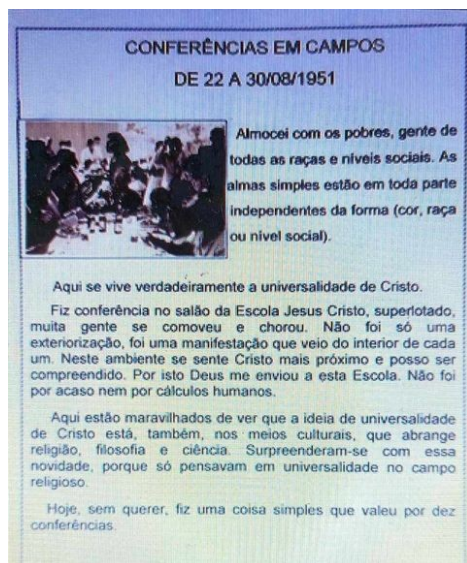


6.1. UBALDI EM FEIRA DE SANTANA E NA UEFS:

“Os donos do poder concebem o plano da cidade ideal sob o lema positivista da ordem e do progresso. Querem encerrar um ciclo histórico e abrir um outro. Destruir para construir, apagar o passado identificado com o atraso [...] O plano da cidade ideal é a referência para a cidade real. Quantitativamente esta deveria ajustar-se ao valor de qualidade daquela, para atender as demandas das elites. A simetria, porém, se rompe pela ação da ‘desordem’ dos eventos da cidade real que surgem na cena, mesmo enfrentando os mecanismos de controle oficial.”²⁷

A chegada do pensamento de Ubaldi a Feira de Santana se processa sob determinadas condições sociológicas muito precisas, a partir dos anos 1950²⁸. Falar e escrever sobre de uma perspectiva que não caracterize o cenário social contradiz a própria obra de Ubaldi. É através de uma leitura crítica das condições espaciais, do território, que se pode desvendar a produção e a reprodução das relações sociais, em um mundo onde as trocas acontecem: a cidade é, então, um espaço normatizado; é um local de análise da realidade social, por meio dos fatos que ali ocorrem (CARLOS, 1996).

Figura 12 – Folheto sobre as Conferências em Campos dos Goytacazes, 1951. Ubaldi fala e come com os simples.



27 GOMES, R. C. **Todas as cidades, a cidade:** literatura e experiência urbana, Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 106.

28 Em 1950, Feira de Santana tinha 107.205 habitantes, sendo 34.277 na zona urbana (sede), segundo dados do IBGE.

UBALDI EM FEIRA DE SANTANA, PARA QUEM: POVO OU ELITE INTELECTUAL? E assim, inicialmente, identifico, na presença e na pessoa do Dr. Osvaldo Pinheiro Requião, em Feira de Santana, o pioneiro – esse que seria e viria a ser militante dos primeiros tempos da defesa e difusão do pensamento de Pietro Ubaldi, na cidade.

Figura 13 – Dr Osvaldo Pinheiro Requião.



O vínculo estreito que Dr. Requião mantinha junto aos dois maiores centros espíritas, na época, na cidade (Grupo Espírita Paz dos Sofredores e Centro Espírita Jesus de Nazaré), abriu e articulou com outros espaços (jornal, palestras em diferentes cidades, etc.) um cenário da constituição formativa e educativa de adeptos de Ubaldi, gerando engajamento e produzindo, uma identidade.

Para se atribuir uma identidade a um grupo, é necessário retomar a História e seus personagens, território, conflitos e vozes. Isto porque “a identidade de algo implica sua diferença de outras coisas”. Falo de “identidade real (ontológica), na perseverança de um ser, principalmente da substância, através do tempo, apesar da mudança das aparências ou dos acidentes. Esta identidade pode entender-se de maneira mais ou menos rigorosa: assim, por exemplo, o corpo humano, a despeito da sucessiva mudança de suas partes, é considerado como sendo o ‘mesmo corpo’, ainda depois de anos decorridos; o mesmo se diga de comunidades” (BRUGGER, 1987).

Neste sentido, acredito que a a atividade virtuosa de Dr. Requião contribuiu para chegada e difusão do pensamento de Ubaldi em Feira de Santana, e formação de alianças e adeptos. Ele era natural de Alagoinhas, nascido a 19 de setembro de 1908, e residiu em Feira de Santana por muitos anos, nas décadas de 1950 e 1960, no século XX. Estudou na Faculdade de Direito da Bahia, tornando-se, depois, promotor público.

Filho de Aristides Pinheiro Requião e Maria Pureza Santos Requião, que tiveram dois filhos: um espírita e advogado (Osvaldo) e outro batista e médico (Josué Pinheiro Requião). O pai era sapateiro, atuando na fabricação de sapatos, e colocou os filhos para estudar na capital.

Seu tipo físico e algumas características da personalidade estavam na escala do chamado “homem comum”: estatura mediana, cabelos pretos; mesmo tendo vasta cultura, falava muito simples, em português correto, sem pedantismo. Era possuidor de hábitos muito simples, por exemplo, comia farinha com torresmo na casa da filha Noêmia, onde compôs vários hinos espíritas. À tarde, comprava, na Padaria da Fé, “pãozinho de peito”, que comia às 17h, com café. Andava de “lambreta, vespa, monareta” (lambreta importada alemã, verde) – meio de transporte pessoal – pois não tinha carro.

Seu *hobby* era cinema. Adorava! Ia quase todos os dias e tinha entrada franca, pois era promotor público. Chegou inclusive a fazer figuração no filme “O Dragão da Maldade contra o Santo Guerreiro”, de Glauber Rocha, rodado em Milagres (Ba), lançado em 1969.

Dr. Requião fez concurso para 1ª Entrância – Promotor Público; foi transferido para a 2ª Promotoria de Castro Alves, Bahia; depois para a 3ª Entrância, Feira de Santana, onde teve várias promoções e recusava para não sair da cidade. Na 4ª entrância foi para Salvador. Foi também Professor Concursado de Ensino Médio, no Colégio Estadual de Feira de Santana, como professor de português (sucedeu, na cátedra, a Prof.^a Regina Vital, e foi sucedido pelo irmão, Josué), em 1959.

Seus escritos e produção literária vão desde artigos para o Jornal “O Castroalvense”, 1946 (assina Osvaldo Requião); Jornal “Folha do Norte” (assina Alonso de Miraval, Coluna “À vol d’oiseau”) ao Jornal da Feira (ou Folha da Feira???), dirigido por Hélder Alencar, 1965 (assina Alcione na Coluna: “Do nosso arquivo de ilusões”). Além disso, escreveu Tese de concurso, monografias, palestras, poemas, etc.

Em dezembro de 1965, Dr. Requião prepara um texto para o I Encontro de Brasília²⁹, 12-13 de março de 1966, confirmando a sua ida junto a Ubaldi, como documentado em carta³⁰ de Ubaldi a Manuel Emygdio em 21 de fevereiro de 1966, onde apresentará os resultados de sua pesquisa sobre “A Queda em Ubaldi”.

29 Silva (2015, p. 345).

30 Silva (2015, p. 33).

Figura 14 – Trecho da carta nº 132 de 04 de janeiro de 1966 onde Ubaldi escreve a Manuel Emygdio confirmando o trabalho escrito de Dr. Requião e sua ida ao Encontro de Brasília.

Carta nº 132, S. Vicente, 4 de Janeiro de 1966

“...O Sr. Oswaldo Requião – Av. Presidente Dutra, 609 – Feira de Santana – Bahia – Brasil – está escrevendo um livro: “A Queda Original e a Redenção” no

qual demonstra que a “Teoria da Queda” concorda com o “Gênesis de Moisés”, a Kabala Hebraica e o Código Sagrado dos Bramanes”. Acho que este senhor está paralelo ao Tagliaferri. Ele sustenta que a Obra não pode continuar relegada em segundo plano como até agora aconteceu no ambiente espírita. Ele fez um resumo de todo o sistema filosófico segundo “A Grande Síntese”, “Deus e Universo”, “O Sistema” e “Queda e Salvação”. Ele entendeu muito bem. Ele cita palavras de Kardec que afirma que a ideia da queda se encontra em todas as religiões. Deve então ser aceita como verdade. Respondi a ele uma longa carta.”

“Depois da visita aqui em casa do Sr. Humberto Mariotti, eis outro movimento em prol da Obra no ambiente espírita. A Mensagem e relativas condenações fizeram barulho e agora os juizes que condenaram estão lendo a Obra para saber qual era esta coisa que eles condenaram e não conheciam.”

Nele faz um introito autobiográfico, escrito à lápis, muito precioso, e que usei, neste livro, para elucidar alguns fatos de sua caminhada (Figura 15).

Escreve também algumas memórias autobiográficas em “Unificação do Espiritismo (Uma experiência vivida)”, igualmente precioso. O Manuscrito de apenas cinco páginas recuperadas, sem data, exhibe alguns pontos de vista pessoais e vivências no Espiritismo. Juntando as duas fontes supra, é possível traçar uma rápida linha histórica da sua chegada e adesão ao Espiritismo e autores de sua predileção.

Figura 15 – Recorte do introito autobiográfico, escrito à lápis, produzido por Dr. Requião, 1965.

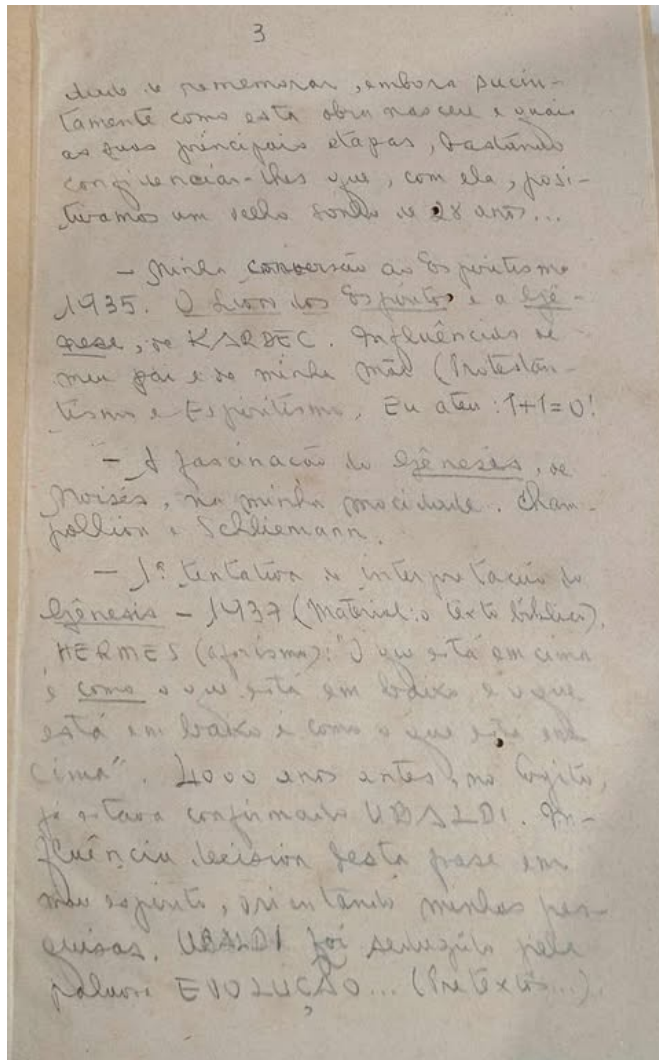


Figura 16 - Introito do manuscrito "Unificação do Espiritismo (Uma experiência vivida)", s/d.

UNIFICAÇÃO DO ESPIRITISMO
(Uma experiência vivida)

Invocação.

1º. Aplauses à UEB pela realização da 5ª. Conferência de fraternização de Mochinhos - Congratulações com as várias representações de Mochinhos com fraternizações neste 5º. Congresso - Especial congratulações com a grande Espírito de Congratulações e com os bons hospitais - Fundação a todos os trabalhadores Espíritos aqui representados, inclusive os do 4º. Congresso, os quais se trouxeram suas colas, bonaparte e mais brilhantes e árticos.

Te certame.

2º. Tema: Unificação do Espiritismo - Tema proposto a mim pela UEB quando da 4ª. Conferência reunida em Curitiba, de que não pude comparecer, por doença da pessoa e da família. Discutamos lá os Espíritos em geral, mas também os Mochinhos aqui representados, por a acrescentarmos correlato com o ideal que eles propõem e perseguem e por estes, de mesmo passo, incluímos nos atos próprios da UEB.

3º. Jornada iniciada no Espiritismo em 1934: influência decisiva de Kardec. Comecei a militar em 1937, por intermédio de Delanne, Denis, Flammarion, Bizzoni,

“Minha conversão ao Espiritismo, 1935”, escreve ele no primeiro documento “A Queda em Ubaldi” (figura 15), divergindo do anotado em “Unificação do Espiritismo (Uma experiência vivida)”, que indica 1934 (figura 16).

Ambos citam a “influência decisiva de Kardec”. Dois livros foram fundamentais neste processo: “O Livro dos Espíritos” e “A Gênese”, ambos de Allan Kardec.

Relatos tratam de que quando Dr. Requião era estudante, em Salvador, a mãe punha na mala de viagem dele (Alagoinhas-SSA), “O Evangelho Segundo o Espiritismo” de Kardec e ele retirava. Por volta de seus 23 anos, mais ou menos, numa das viagens, ele começou a ler o livro. Aceita, imediatamente, o Espiritismo. Numa conversa com o pai, este fica chateado e Osvaldo explica-lhe porque se tornou espírita. Dá um livro ao pai, e foi tão convincente, que ele se rendeu e deixou de ser Batista.

E, durante 28 anos, alimenta o sonho de conhecer os mistérios da criação divina...!

Quando jovem, mesmo declarando-se ateu, recebeu influências de seu pai (protestante) e sua mãe (espírita), levando-o a uma fascinação pelo Gênesis moisaico, com a primeira tentativa de interpretação, em 1937, ano em que segundo “Unificação do Espiritismo (Uma experiência vivida)” (p. 02) ele começa a militar no Espiritismo lendo “Delanne, Denis, Flammarion e Bozzano, principalmente. Roustaing veio depois, quando tomei conhecimento do Fla x Flu – Kardec ou Roustaing?”.

E detalha sua experiência mística contado sua primeira experiência e primeiro contato espírita na cidade de Xique-Xique, Bahia, em 1937 “uma cruz na parede...”.

Suas tentativas de colaboração com hinos, hinos dos condenados às feras no Circo Romano – mediunidade musical. Talvez inspirado pelo Padre Alta recupera hinos entoados no meio e no fim das reuniões da primitiva Igreja, como “Meu Consolo”.

Informantes relataram o que seus escritos denunciavam: sua convicção ao aforismo de Hermes Trimegistus – “O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”, sendo para ele a confirmação, 4000 anos atrás no Egito, da tese ubaldiana. Declara Dr. Requião que este pensamento hermético teve influência decisiva nesta fase, orientando suas pesquisas.

Considerou ele que seus esforços foram em vão, abandonando a matéria e o assunto.

Casa-se com D. Ariene Lustosa Requião, em 1937, tiveram 08 filhos (Arivaldo (morto precocemente), Noêmia, Valdirene, Zuleide, Arivaldo II, Amariene, Zoroastro e Aristides). D. Ariene era católica, “Filha de Maria”, e só ia ao Centro Espírita por causa do marido, tendo engajado-se mais ao Espiritismo após a sua morte.

Segundo ele, de forma bem humorada, escreve que em Feira de Santana “fecha a corrente”... “curto-circuito”...

Em 1943, faz o que chama de “segunda tentativa” unindo o velho sonho com a Cabala (Lorenz). Lê “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing. Faz suas anotações, gerando um trabalho decisivo mas ainda cheio de lacunas, gerando insatisfação com o resultado e a certeza de que poderia fazer melhor.

Há no Prefácio de Os Quatro Evangelhos (vol I, p. 59) uma afirmação que sobremaneira nos intrigou, aí pelo ano de 1943, quando, pela vez primeira, lemos esse admirável livro, tão cheio de fatos e edificantes ensinamentos sobre a vida, a obra e a doutrina de Jesus, a origem e destino do Espírito: (...)(REQUIÃO, s/d)

Relata em “Unificação do Espiritismo (Uma experiência vivida)” uma experiência em Juazeiro, Bahia, envolvendo Kardec-Roustaing. “Confluência frustradora. Sectarismo espírita...”.

É quando Ubaldi cruza seu caminho, em 1944, com “A Grande Síntese”, produzindo o que ele qualifica como “nova e brilhantíssima luz no Gênesis”, mas sente que “algo continua faltando”...

Em março de 1944, na revista O Reformador, da qual Dr. Requião era assinante (figura 17), encontrei, na pagina 52, um artigo de Lino Teles, com o título “As Missões”. Anos mais tarde, em 1950, Lino Teles integrou a Comissão Pró-Vinda de Pietro Uhaldi ao Brasil.

Figura 17 – Comprovante de filiação do Dr. Requião à FEB e assinante da revista “O Reformador”.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
Sede - Avenida Passos, 26-30 - Rio de Janeiro - Brasil
Seções de estudo, às 19,30 horas, às terças e sextas-feiras.
EXPERIENTE: Secretária, das 8 às 17, Biblioteca, das 11 às 19.
Reformador, 8 1/2 às 17. Assistência aos Necessitados das 7 às 17,30.

Recibo N. **16577** E Rs. **57** \$000

Matrícula N. **2210** do socio o Sr. **Dr. Geraldo**
Almeida Reginaldo pagou
na Secretaria a sua contribuição de **Novembro de 1962**
de **42** importância
de **30** maio de **30 de maio de 1962**
Pelo Thesoureiro, **Rg. 200**

NOTA: Participe sempre vossa nut.
per o vossa numero de matric.
330 - Endereço sempre voss.
1. Secretário.

Terço de estudo: Aquele que: A proposta de um novo
socio assignado o empenho de encontrar e trazer para
nos serviços a pessoa que se interessou material.
do socio representa o dobro que deve manter esses serviços.
Oferteie um livro á Bibliotheca

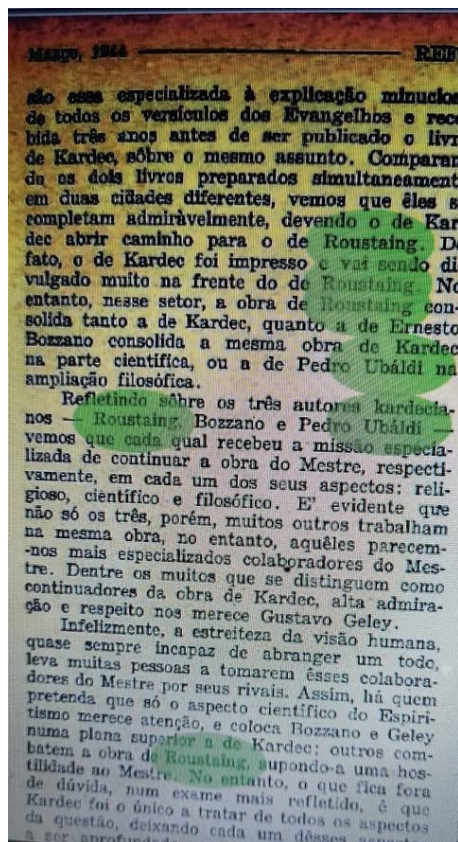
Assignar um novo Assignante para o REFORMADOR.
Os recibos encerrados não devem ser pagos

[illegible]

Neste artigo (recorte na Figura 18), o autor alude a “O Livro dos Espíritos” como complementar a “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, “devendo o de Kardec abrir caminho para o de Roustaing”. E prossegue: “No entanto, nesse setor, a obra de Roustaing consolida tanto a de Kardec, quanto a de Ernesto Bozzano consolida a mesma obra de Kardec na parte científica, ou a de Pietro Ubaldi na parte filosófica” (O Reformador, 1944, p.).

Adiante se lê: “Refletindo sobre os três autores kardecianos – Roustaing, Bozzano e Pietro Ubaldi – vemos que cada qual recebeu a missão especializada de continuar a obra do Mestre, respectivamente, em cada um de seus aspectos: religioso, científico e filosófico”. É possível que artigos como este tivessem forte influência sobre sua forma de pensar o Espiritismo.

Figura 18 – Recorte do artigo “As Missões”, de Lino Teles, publicada em “O Reformador”, 1944, p. 52-53.



Dr. Requião vai viver o que ele mesmo chama de “interregno e marasmo”, entre 1944-1960, período de enlutamento pela morte do filho e a influência moral desta perda.

Como lenitivo, funda, na cidade de Castro Alves, o “Núcleo de Estudos Espiritualistas Ernesto Bozzano”. Rememora: “Grande fase da minha vida espírita! Até protestantes frequentavam nossas reuniões doutrinárias...”.

Neste período, frequenta simultaneamente o Centro Espírita Jesus de Nazaré e o Grupo Espírita Paz dos Sofredores que tinha à frente deste último, o Sr. Deraldo e D. Ziza. Em ambos, realiza palestras e, sempre depois do culto no lar do casal, às 6.^{as} feiras, o qual ia das 19 até às 22h, havia um farto café regional. Requião comentava o Evangelho e palestrava.

Atitudes, frente à condição de trabalhador espírita, eram muito honestas: não gostava de nada no Espiritismo que envolvesse dinheiro e rejeitava a mediunidade paga. Dizia que a justiça começa em casa. Não acreditava em todas as comunicações mediúnicas, nem em todos os médiuns: era incrédulo com relação à comunicações espirituais por diversos médiuns de seu tempo.

No cenário espírita nacional, adorava Chico Xavier, escrevia para ele e talvez tenha ido à Pedro Leopoldo/MG (o informante não tem certeza). Tinha admiração por outro médium de seu tempo, José Arigó. Localmente, acreditava na mediunidade D. Ziza (esposa de Deraldo) e nos seus passes, bem como de Genário Brasil e Enésio Cerqueira. Isso porque Dr. Requião tinha suas cismas pessoais e não tomava passes de qualquer pessoa. Ele mesmo não aplicava passes e dizia: “Eu sou uma porta”, pois não sentia nada mediunicamente. Seu forte eram os estudos (estudava e falava muito de J. B. Roustaing, Kardec e Ubaldi) e a campanha do Kilo (coleta de alimentos de porta em porta para distribuição aos pobres).

Não suportava atividades administrativas dos centros espíritas e tinha atritos devido ao poder estabelecido e nunca aceitou nenhum cargo da Terra, mas sim, aquele determinado por Jesus. Dr. Requião, advogado, fiel ao Cristo Consolador como integrante da Falange Espírita da Verdade, foi o grande defensor e intérprete das mensagens do Evangelho.

Ubaldi cruza, de novo, seu caminho, em 1958, com “Deus e Universo”, que o impacta fortemente: “Encontro, finalmente, nessa obra, os elementos necessários a interpretação que busco”. Segundo ele, “O Sistema” vem depois, em 1960, fornecendo mais dados.

Continua seus estudos, promete a Ubaldi produzir escritos, que realmente chegou a fazê-lo, sendo uma primeira versão do que viria a ser a monografia “A Queda Original e Redenção (Pietro Ubaldi Confirmado)” (Figura

19), recebendo, segundo ele escreve, total apoio de Ubaldi para tal, em carta de agosto de 1963, onde consta: “Agradeço pelo seu estudo sobre a Teoria da Queda. Será muito interessante, para mim, conhecê-lo”. Porém, não envia esta versão a Ubaldi, por considerá-la incipiente. “Deixei-o, pois, dormir mais 2 anos”. Tempo para fortalecimento, maturidade espiritual, mais leituras e afinação da intuição, chegando ao ponto de declarar: “Minha mente se tornou mais ágil”.

Figura 19 – Capa da monografia “A Queda Original e Redenção (Pietro Ubaldi Confirmado)” escrita pelo Dr. Osvaldo Requião, enviada a Ubaldi.



Figura 20 – Ubaldi escreve a Manuel Emygdio sobre Dr. Requião, carta s/n, de 21/02/1966.

“As suas outras cartas respondi a todas. Estou sempre em contato com o Cláudio que pensa informar você da parte do trabalho que ele fará.”

Um grande abraço.

“P.S. Oswaldo Requião – Av. Presidente Dutra, 609 – Feira de Santana – Bahia está escrevendo um livro para demonstrar a verdade da Teoria da Queda.”

“Pretende comparecer em Brasília. Já informou o Sr. Alexandre (Bonifácio).”

Em 1955, Dr. Requião vai viver uma fase decisiva: por um erro de informação, atribuindo o nascimento de Ubaldi no ano de 1878, conclui, “assombrado, que o Mestre completaria, em 18 de agosto, 87 anos.... Tive remorsos da promessa não cumprida” e, então, escreve a Ubaldi garantindo que retomaria o trabalho para remeter-lhe.

Pôs mãos à obra e, a partir dos novos estudos, dados e intuições, as “60 páginas do antigo foram ampliadas para cerca de 200”.

Trata-se de um trabalho complexo, que Ubaldi não chegou a receber completo “mas a parte substancial dele” (que ele vai chamar de “Introdução”). Dr. Requião declara ter realizado um velho sonho, estando plenamente satisfeito! “Vejo positivado meu anseio de 1937”.

Assim, finalizado seus escritos e pleno de júbilo, Dr. Requião convoca um público de cerca de 63 pessoas, entre espíritas, simpatizantes e amigos, para um “memorável encontro” (local não identificado), onde apresentará, em 05 de dezembro de 1965, seu trabalho. E assim se descreve:

... desde os nossos mais tenros anos, o plano espiritual parece que vinha preparando para esta contribuição de nosso pobre espírito e que tanta alegria nos tem proporcionado, porque nos convence de que, nesta vida, não estamos sendo um obreiro de mãos enferrujadas, mas, ao revés, pondo a render, embora em juro inexpressivos, o talento que o Alto nos confiou.

Constam, na sua lista de convidados, feita à próprio punho: Manuel Viana e esposa; Benvindo Melo e esposa; Enésio Cerqueira; Alípio Oliveira e esposa;

Dolores Ferraz; Belarmina Ferraz; Tereza Boaventura; Lauritz Bastos e esposa; Eloídes Tavares; Genário Brasil; Antônio Barreto e esposa; Erasmo Napoleon e esposa; Elísio Dórea e esposa; Valdemira Azevedo; Valdemiro Azevedo e noiva; Bráulio Alves e esposa; Valter Oliveira; Elisio Pires Rebouças e esposa; Edmundo; Prof. José Jorge Assad e esposa; Munir Assmar; Moreira; Ednalva Rolim; Dulcelina Oliveira, mãe e Graçaleide; Aníbal Vasconcelos; Noélia e esposo; Manuel Ferreira; José Mascarenhas; Alberto Mascarenhas; Nair Mascarenhas (e Mascarenhada); Mme. Ioiô Goleiro; Sra. que lê Reformador; Moço iniciante espírita e esposa; Prof.^a da Rua da Aurora; Carvalho, senhora e filho; Nelito (Silene); Giberval (Leda); Ariene; Arivaldo; Zó; Amariene. Alguns nomes estão incompletos ou postos na forma de lembrete, conforme consta na lista.

Apesar de seus nomes não constarem nesta lista de convidados mas segundo informantes Ostiano Bastos e Benvindo Melo também eram simpatizantes do pensamento de Ubaldi. Sabe-se que, já envelhecido, morando em Fortaleza (CE), Benvindo teria dito que seu propósito de leitura em mais de 60 anos de vida espírita estava nos livros de Pietro Ubaldi (palestra pública de Miguel Falcão³¹).

Na página 5 de “Unificação do Espiritismo (Uma experiência vivida)”, Dr. Requião expõe “uma experiência vivida”. A “Confraternização Espírita Feirense... como nasceu... e morreu”. Neste manuscrito, escreve laconicamente “tentativa de unificação em Feira. Sociedades estanques”.

E relata: “Nosso sonho: Ostiano Bastos, Manuel Viana, Dórea e o Centro Jesus de Nazaré. Propaganda da ideia nos Centros Espíritas Jesus de Nazaré, Paz dos Sofredores, Emmanuel e União Espírita Feirense”. Junto aos companheiros citados queria ele que Feira de Santana deixasse de ser “um Reino dividido, com formação de uma mentalidade nitidamente espírita com adoção de pontos de vista unificados, práticos e doutrinários”. Concluiu aludindo os protestantes como exemplo a seguir.

Dr. Requião era conhecido pela convicção espírita, pelo bom humor, pelo olhar positivo em relação à vida, pelo otimismo, não só no âmbito domiciliar, mas em sua vida pública. À época, nos dois Centros Espíritas que ele frequentava (Jesus de Nazaré e Paz dos Sofredores), era conhecido e querido pelo seu jeito vibrante, firme, convicto de falar. Trazia para a tribuna espírita, de forma didática, clara, ética e coerente, os frutos do seu autodidatismo sempre com brilhantismo e humor via anedotas.

Ele está certo da verdade sobre Ubaldi e está disposto a enfrentar as mentes mais endurecidas, mas Ubaldi não concorda com confrontos, especialmente no meio espírita.

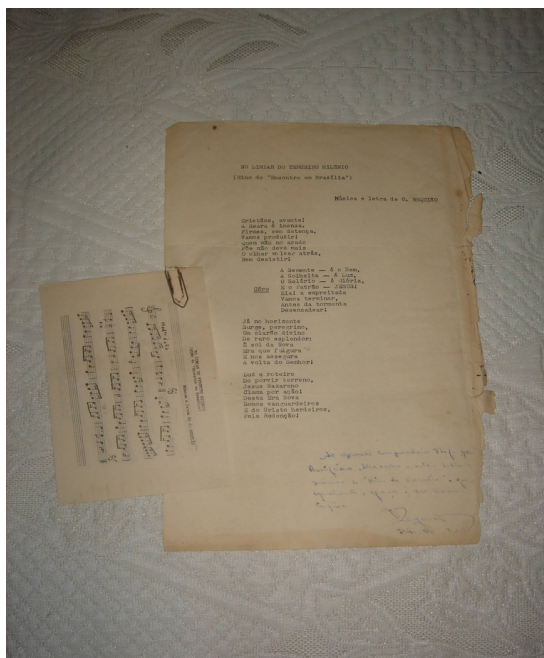
31 Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3TuAEoMzDs4>).

Figura 21 – Ubaldi escreve a Manuel Emygdio não aceitando o espírito combativo de Dr. Requião nas lides espíritas.

“Li a cópia da carta de N. Ceccarini. Vejo que ele recebeu o folheto de Oswaldo Requião. Esse folheto na pag. 11 fala que a teoria ubaldiana se imporá ao lado do Espiritismo ou a despeito do Espiritismo. Escrevi ao Requião que não posso acompanhá-lo em lutas contra ninguém. Ele respondeu que vai tirar esta frase e não irá repeti-la.”

Seus mestres foram Kardec e Ubaldi. Em 1966, foi ao 1º Congresso Pietro Ubaldi, em Brasília, e chorou quando encontrou o velho Mestre. Compôs, para o evento, o hino “No Limiar do III Milênio” (figura 22).

Figura 22 – Originais do hino “No limiar do terceiro milênio”, composto para o Congresso Pietro Ubaldi de Brasília, em 1966.



Ele também compôs outros hinos, como “Obreiros do Bem” (homenagem ao Centro Espírita de Cachoeira, Bahia, de mesmo nome); “A Reencarnação”; “Cântico do Convertido”; “Hino Prece”; “Quando Jesus voltar”; “Hei de vencer” (como apoio aos alcoolistas em luta para abandonar o vício); “Meu Consolo”; “O Filho Pródigo”; “O Sermão da Montanha”; “Redenção”; “Cântico do Natal”, os que consegui levantar. Outro hino de sua autoria é “Colônia Sideral” enviado anos mais tarde após sua morte por via mediúnica.

O hino “Meu Brasil”, atribuído erroneamente à sua autoria, é, na verdade, um hino evangélico. Datado dos anos 1950, foi, sim, adaptado (letra e música) por Dr. Requião para ser cantado nos Centros Espíritas, embalado pelo discurso nacionalista da época e pelo projeto espiritual “Brasil, coração do mundo, pátria do Evangelho”, oriundo do livro homônimo de Humberto de Campos (Espírito), pela mediunidade de Chico Xavier, com forte tendência a valorizar o papel do Brasil no destino da Terra. Esta predestinação encontra fortes argumentos na Obra ubaldiana e envolve Dr. Requião.

Figura 23 – Trecho da carta de Ubaldi a Manuel Emygdio onde declara a função histórica do Brasil e de Brasília.

“A semente foi lançada há tempo. Esta ideia está no âmago de toda a Obra escrita em 24 volumes e que está agora sendo acabada. Um deles é intitulado: “A nova civilização do II Milênio”. No livro “Profecias”, há um capítulo intitulado: “A função histórica do Brasil”. O caminho da Obra foi sempre nesta direção: o Brasil ser berço de uma nova civilização do futuro, e agora que nasceu Brasília, esta capital deverá ser o centro irradiador desta civilização.

Em 2010, durante o 6º. Congresso J. B. Roustaing, realizado e sediado no CEJN foi produzido por Aloízio Matos da Silva (*in memoriam*), com apoio de diversos colaboradores, congressistas, Rádios Web Alvorada Espírita e Boa Nova, gravações dos hinos de Dr. Requião, gerando o CD “Lembranças”³² - um registro musical dentro da originalidade melódica, conforme variações das características vocais dos artistas voluntários participantes. Este CD não teve, nem tem, propósito comercial, com distribuição gratuita e totalmente produzido por doações que custearam sua concretização (figura 24).

32 As faixas 1 e 15 são tidas como inspiradas por Dr. Requião ao médium Aloízio Matos (falecido em 2024).

Figura 24 – Capa e contracapa do CD “Lembranças” com hinos compostos por Osvaldo Requião regravados para o Congresso Roustaing.



O evento ocorreu nos dias 12 e 13 de junho de 2010, contando com a participação de mais de 120 pessoas presentes e mais 300 outras remotas através das rádios web “Alvorada” e “Boa Nova”, que transmitiram o evento. Durante abertura solene, dia 12, foi feita uma homenagem ao Dr. Requião.

Era um leitor voraz. Os editores mandavam os catálogos e ele recebia caixas de livros. Em reconhecimento a este intelectual e seu compromisso radical com a difusão doutrinária espírita, como uma pequena homenagem à sua memória, sua Casa, a AEJN – Associação Espírita Jesus de Nazaré, mantém, há décadas, uma livraria com seu nome (figura 25).

Figura 25 – Livraria Osvaldo Requião, mantida pela Associação Espírita Jesus de Nazaré.



A esposa não gostava destas compras constantes e exageradas ao que ele se defendia, irônico, dizendo: “Quando eu morrer, vende os livros e vai morar em SSA”. Ela respondia: “Vou tocar fogo em tudo”.

Com os amigos, ele comentava sobre sua biblioteca, no mesmo tom irônico: “Quando eu morrer, ela vai mandar tudo para enrolar sabão no mercado”. De fato, após sua morte, seu patrimônio documental – os livros e demais materiais de sua autoria – não foram protegidos e, praticamente, acabaram-se destruídos pela má conservação, restando poucos materiais autorais e exemplares. Tudo se encontra depositado no acervo do ME-AEJN (figura 26).

Figura 26 – Material do Dr. Osvaldo Requião, mantida no acervo do Museu Espírita da Associação Espírita Jesus de Nazaré.



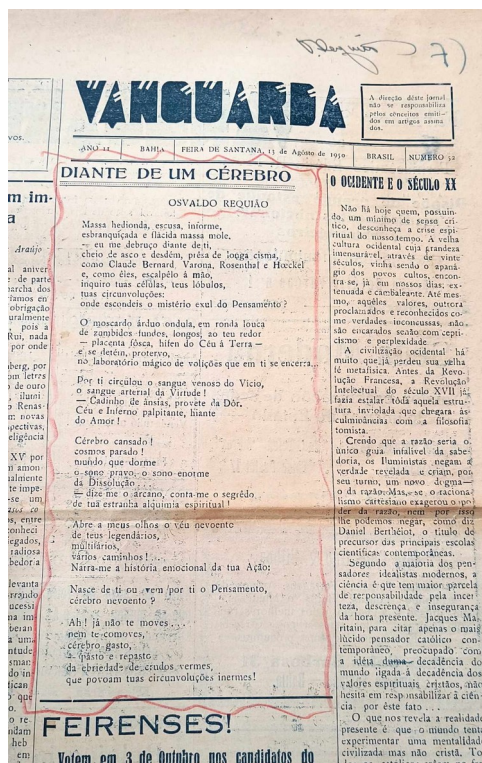
Ao longo deste tempo, só foi possível recuperar, a partir do seu gabinete, dentro das preciosidades, um pouco do que escreveu: “Os fundamentos da liberdade religiosa”, 1954; “Restauração do Batismo”, 1961 (palestra); “A Queda Original e a Redenção”, 1965 (depois rebatizado “A Queda Original e Redenção (Pietro Ubaldi Confirmado)”) e “Kardec, Roustaing e Ubaldi”, (s/d). Todas estas foram tombadas e depositadas no acervo do ME-AEJN

Além de palestrante, colunista e escritor espírita, Dr. Requião escreveu, também, entre outros (figuras 27 e 28), para o Jornal Folha do Norte (figura 29), dando visibilidade às suas teses, com argumentos vigorosos, fortemente embasados na literatura espírita e no seu intelecto.

Figura 27 – Publicação de autoria do Dr. Requião publicado no Jornal “O Castroalvense” em 28 de setembro de 1948.



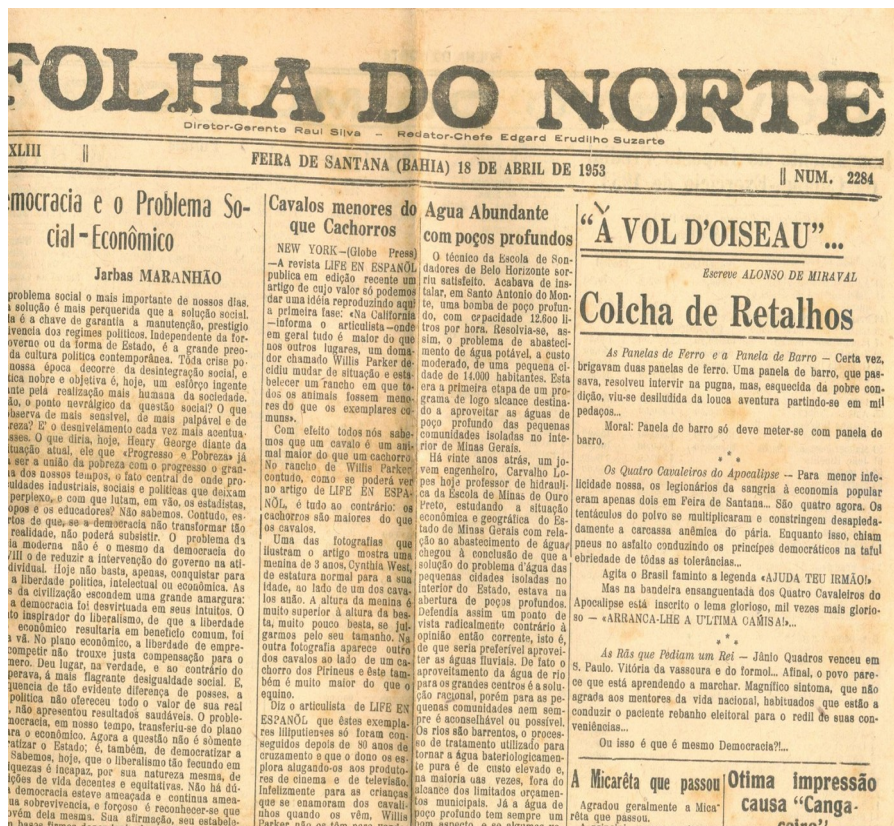
Figura 28 – Poema de autoria do Dr. Requião publicado no Jornal Vanguarda (Semanário político, noticioso e literário) em Feira de Santana, 13 de agosto de 1950.



O Jornal Folha do Norte (JFN), conhecido veículo de comunicação feirense, ativo desde 1909 até os dias atuais, “tem formato tabloide, circula a partir de 10 páginas e mantém linha editorial conservadora. O editor-chefe é o jornalista Zadir Marques Porto e são colaboradores: Livia Freitas Silva (gerente), Licia Silva (colunista), Mário Leal (colunista), e José Raimundo (serviços gerais) entre outros colaboradores” (<http://www.folhadonortejornal.com.br/sobre/>).

Na década de 1950, era um jornal de grande circulação, com boa tiragem. Neste semanário, buscou-se a produção poético-literária de Dr. Requião, no JFN, artigos no período 1940-1970, e foram identificados que seus escritos são assinados utilizando o pseudônimo Alonson de Miraval, mantendo a coluna “À vol d’oiseau” (do francês: “O voo do pássaro”), na primeira página (MORGADO; BARBONI, 2011).

Figura 29 – Publicação de autoria do Dr. Requião no Jornal Folha do Norte, sob o pseudônimo Alonson de Miraval, Feira de Santana, Bahia, 18 de abril de 1953.



Era a única voz espírita manifesta e assegurou, com seus escritos, uma aparente tranquilidade, para que o Espiritismo viesse à tona, no importante jornal e, como movimento filosófico-religioso, não fosse silenciado. Isto porque o Espiritismo era fortemente combatido na esfera nacional e, igualmente na cidade, se estabelece, também, de forma conflituosa, com as outras religiões, com episódios de intolerância dentro do campo religioso feirense, que não podem ser negados (MORGADO; BARBONI, 2011).

No cenário nacional,

(...) em 1952, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) pretendeu “mobilizar especialistas que auxiliassem os bispos na discussão de problemas, animar as pastorais que atuavam na sociedade e ser instância de relação com o Estado (GIUMBELLI, 2012, p. 83)”. Em consequência disso, em 1953, a CNBB desencadeou uma campanha de oposição ao espiritismo, mediante ao Secretariado Nacional de Defesa da Fé e Moral, e nomeou o frei Boaventura Kloppenburg para dirigir a Seção Antiespírita, contando a partir de então com um debatedor oficial para cuidar e combater o que o discurso católico denominou de perigosa heresia (DA COSTA, 2001, p. 21).

A campanha antiespírita envolveu a divulgação de pastorais, obras e outros materiais informativos, em que propunha “orientar o clero, esclarecer e prevenir os fiéis católicos contra as ideias espíritas, seus riscos e as consequências para aqueles que frequentassem as reuniões e/ou aderissem ao espiritismo (SCHERER, 2015, p. 145)”. As posturas do Frei Boaventura Souza Kloppenburg reitera as disputas religiosas no contexto brasileiro, já que o mesmo empenhou-se em estudar os princípios doutrinários contidos nas obras de Allan Kardec e com objetivo de refutá-los aprofunda o diálogo do discurso católico com o saber médico-psiquiátrico, o sociólogo e jurídico, com o intuito de denunciar a ação fraudulenta das práticas mediúnicas (DA COSTA, 2001, p. 21).

Esse cenário político coincidia com os avanços do espiritismo em dados do censo de 1940-1950, realimentado discussões em torno da laicidade e das disputas religiosas no cenário político.

Alinhando meu pensamento a Mattos (2020), Dr. Requião assume um importante papel local, o lugar de fala como propagandista espírita tão ressaltado, o promotor público culto, formado na capital, que viabilizou o poder simbólico de quem fala, e indicou como as redes de relações e estratégias de visibilidade das práticas espíritas, no âmbito da sociedade feirense, foram tecidas, estabelecidas e fortalecidas.

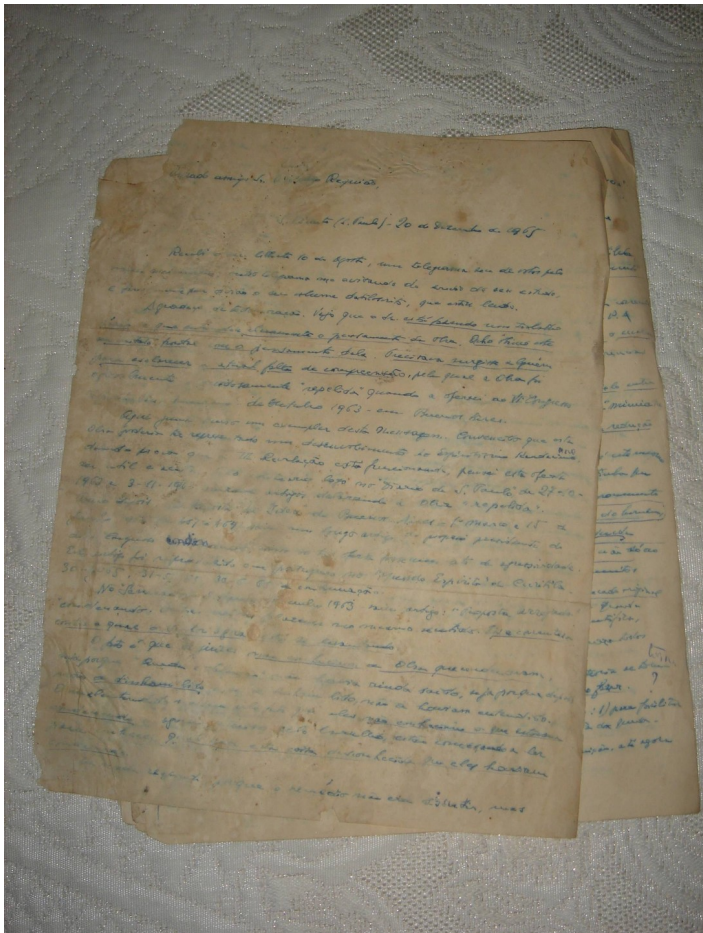
As compreensões, advindas da produção literária, entre 1940-1966, do Dr. Requião, têm contribuído na construção do referencial conceitual para estudos sobre a identidade espírita local. E, seguindo “os rastros esquecidos do *corpus documentae*”, conforme Cavalcanti (2019), sobre Dr. Requião, como o pioneiro disseminador, com harmonia, das obras de Allan Kardec, J. B. Roustaing e Pietro Ubaldi, no campo religioso feirense, foi possível encontrar um fio condutor para reconhecimento de agentes sociais que, na esfera da religiosidade local, ou relacionados à ela, não foram silenciados, não cederam à ditadura da “pureza doutrinária” e produziram pacificamente seus discursos, suas concordâncias e subjetividades.

Dr. Requião seguia o pensamento de Guillon Ribeiro expresso na revista O Reformador, alinhando Kardec-Roustaing-Ubaldi. O Reformador publicou em 1932, na edição 00014, de julho daquele ano, a “Mensagem de Natal”. Esta é classificada no

rol das mensagens de ordem verdadeiramente elevada pela natureza do assunto considerado, muito raras serão as em que, com tanta precisão, clareza, lógica e ao mesmo tempo de um ponto de vista tão harmônico com a Revelação Espírita em seu conjunto (Reformador, 1932, p. 383).

Escreveu uma monografia “A Queda Original e Redenção (Pietro Ubaldi Confirmado)” (figura 19), em 1965, a qual submeteu a Pietro Ubaldi que respondeu, em carta de próprio punho, apoiando a tese (figura 30).

Figura 30 – Carta de resposta escrita por Pietro Ubaldi a Dr. Requião.



A monografia que tenho é uma cópia (Dr. Requião identifica como 3ª. cópia) de cinquenta e três páginas, cópia em bom estado de conservação, feita com papel carbono, oriunda de material datilografado em papel ofício A3, arquivado em classificador rápido, com capa identificada à mão (Figura 19).

Farei uma breve descrição na sequência dos documentos que constam nesta pasta: carta resposta de Pietro Ubaldi dirigida ao Dr. Requião, datada 20 de dezembro de 1965, seguida da carta de Dr. Requião, endereçada à Ubaldi, datada de vinte e quatro de novembro de 1965. Ambas datilografadas e com pequenos reparos, à caneta. Na sequência, a folha de rosto com autoria, título “A Queda Original e Redenção (Pietro Ubaldi Confirmado)”, local e ano. A seguir, por algum descuido, aparece a página 14. Segue outra página repetindo os elementos da folha de rosto e acrescentado um trecho da Mensagem do Perdão. Segue o índice, conforme figura 31.

Figura 31 – Índice parcial de capítulos que constam na monografia “A Queda Original e Redenção (Pietro Ubaldi Confirmado)”, escrita pelo Dr. Osvaldo Requião, enviada a Ubaldi.

Í N D I C E

I N T R O D U Ç Ã O

- I. JUSTIFICANDO...
- II. SÍNTESE DA TEORIA UBALDIANA DA QUEDA E DA REDEMÇÃO DE ARUÇABA
- III. UMA SÍNTESE PESSOAL DA TEORIA
- IV. OS LIVROS DE MOISÉS. A CABALA
- V. O VÊU DE ISIS...
- VI. A TEORIA EM FACE DO GÊNESES
- VII. A TEORIA ANTE A CABALA E O ZENDA-ÁVERSTA
- VIII. A TEORIA EM FACE DO EVANGELHO (Moisés e UBALDI confirmados à luz das parábolas O Filho Pródigo, A Ovelha Desgarrada e A Dracma Perdida)
- IX. A TEORIA EM FACE DO CATOLICISMO
- X. A TEORIA EM FACE DO ESPIRITISMO
 - a) A Contribuição de ALLAN KARDEC
 - b) A Contribuição de J. B. ROUSTAING (X)
- XI. INTERREGNO: A TEORIA EM FACE DA ÉTICA OU COMO NORMA RELIGIOSA

PRIMEIRA PARTE — A CRIAÇÃO

- 1. A CRIAÇÃO ORIGINAL OU SISTEMA UBALDIANO
- 2. A CRIAÇÃO DOS ESPÍRITOS
- 3. INTERAÇÃO DOS ESPÍRITOS NO SISTEMA
- 4. OBJETIVOS DIVINOS DA CRIAÇÃO

(X) c) KARDEC, ROUSTAING ou UBALDI?

Como se pode ver, há algumas anotações, feitas à caneta (caligrafia de Dr. Requião). Após, Dr. Requião inclui um texto em tópicos que não consta no Índice intitulado “Lembrete para uma palestra “A Queda Original e Redenção”, com anotação, à caneta, abaixo do título onde se lê: “Proferida em Feira, em 5.12.1965”.

A monografia na sequência, apresenta ao longo de suas páginas: uma página com título Introdução, onde consta apenas um trecho do livro “Deus e Universo”, de Ubaldi; o capítulo I, “Justificando...”; capítulo III. Uma síntese pessoal da teoria; capítulo VI. Teoria em face do Gênesis; 8. Teoria em face do Evangelho (com frase de abertura do espírito Ramatis) aborda as parábolas do filho pródigo, do dracma perdido e da ovelha perdida; na página 32d, não há um título em destaque, mas um subtítulo “Catolicismo”, com extensa abordagem confrontando Ubaldi, Kardec e Roustaing; segue com capítulo 16; “Outros subsídios evangélicos (1º. Sentido como do Gênesis), que confirmam a teoria Ubaldiana da Queda, da Derrocada e Redenção); segue capítulo 17: “Observações”; e, finalmente, capítulo 18: Conclusão. Como se pode ver, é um documento incompleto conforme o Índice apresentado, cujas lacunas serão entendidas melhor a partir da carta endereçada a Ubaldi.

Segue a transcrição da carta de Dr. Requião, endereçada à Ubaldi, datada de vinte e quatro de novembro de 1965, a partir de cópia, em papel carbono, datilografada pelo próprio Dr. Requião.

Feira de Santana, Bahia, 24 de novembro de 1965.

Caro Mestre e Irmão Prof. PIETRO UBALDI:

Paz em Cristo.

Até que, enfim, podemos remeter-lhe o modesto trabalho, há tempos prometido. Parte dêle, aliás, e, talvez, a menos substancial. Os motivos virão no correr desta.

Devemos-lhe, por isso, uma justificativa.

Quando, em julho, lhe comunicamos estar disposto a enviar-lho até fins de agosto ou princípios de setembro últimos, tínhamos em mente polir, apenas, nosso velho estudo. Foi o que nos propusemos fazer. O homem põe e Deus dispõe, todavia, como lá diz o conhecido ditado: a tarefa de o esmerilhar redundou num total refazimento; desenvolvemo-lo, então, de tal maneira, que ficou, por dizê-lo, irreconhecível. Teria o original, quando muito, umas 60 páginas. E, de acréscimo em acréscimo, saiu-nos uma obra insuspeitadamente alentada. Numa palavra, empolgamo-nos com o assunto, suggestionado pelo leitmotiv da incompreensão dos espiritistas brasileiros, em geral, pela sua magnífica e inigualável contribuição monística, conforme se inteirará o caro Mestre, principalmente, do conteúdo do nº I de nossa Introdução.

Todo o opusculozinho orçará, no fim, por umas 180 a 200 páginas, contada a parte polémica – a letra c) do tema A Teoria em Face do Espiritismo, nº X – que, entretanto, não incluiremos no estudo que, por inteiro, estará em suas mãos, ao mais tardar, aí pelo mês de fevereiro ou março do ano vindouro.

Essa nossa contribuição polemística, a que demos o título de Kardec, Roustain ou Ubaldi?, não integrará, pois, o trabalho (pelo menos agora) a ser submetido à sua apreciação, mas, da mesma, lhe enviarei cópia à parte. Não a incluímos, porque adota acento escarpelador que repugna, como sabemos, ao prezado Mestre. Mas, que é necessário, é. Já não podemos nem devemos continuar contemporizando com a comovedora mentalidade de nossos meios espíritas. Alguém tinha que dizer o que dizemos. Será, porventura, esta uma faceta, sobremodo expressiva do nosso trabalho.

Por agora (perdoe-nos), só pudemos enviar-lhe a inclusa parte introdutória (os nºs I, III, VI, VIII e IX), embora A QUEDA E A REDENÇÃO (Pietro Ubaldi Confirmado) esteja absolutamente pronta, faltando-nos tão só o esforço físico de datilografá-la, na sua parte final, isto é, o restante da Introdução e a 1ª, 2ª e 3ª partes (tarefa inexecutável presentemente, por causa de nossos múltiplos afazeres forenses e magisteriais).

Nesta última, com o método da prova convergente (Bozzano), demonstramos o surpreendente e perfeito acordo de sua teoria da Queda e da Derrocada com as mais respeitáveis tradições conhecidas, especialmente com o Gênesis, a Cabala e o Código dos Brâmanes. Após os textos das referidas tradições e de oportunas e indispensáveis Observações, aduzimos tal cópia de passos pertinentes dos livros Deus e Universo e O Sistema – que o trabalho se transformou numa fulgurante antologia ubaldiana, ante a feliz e ajustada seleção oferecida, com a nossa argumentação, quanto à sobre-excelência de sua Doutrina.

Vários confrades de Feira, a quem temos falado do sonho que ora nos empolga, têm manifestado vivo interesse por conhecerem nosso atual trabalho, e já nos articulamos com eles, para uma reunião especial, quando lhes daremos as primícias dê-te estudo.

Por agora, dissemos só nos foi possível remeter-lhe parte da Introdução. Mas cremo-la bastante sugestiva para lhe possibilitar antecipada visão total dos objetivos e finalidades primaciais que nos guiaram. Pelo índice, fará o caro Mestre ideia clara do restante. Assinalamos a vermelho as epígrafes ora desenvolvidas. A numeração, como natural, é provisória.

Encerra a Introdução, por indispensável coroamento do estudo, o nº XI – A Teoria em Face da Ética ou como Norma Religiosa – parte em que o Mestre é quem fala, através do final de seu Gênese e Estrutura do Universo, ou seja, a que trata das consequências e aplicações práticas das teorias expostas em Deus e Universo e O Sistema (Queda e Salvação (Introdução), p.27-29, 30, 31), enquanto a parte inicial (p. 15-16, 18, 19-20, 21-25, 26) constitui matéria do nº II – Síntese da Teoria Ubaldiana da Queda e da Redenção.

Com a alma sobressaltada de nobres e gratas emoções, passo às suas queridas mãos e submeto à sua abalizada crítica essa modesta contribuição, incapaz, sei perfeitamente, de acrescentar “um côvado” à sua estatura de Missionário.

E, parodiando João, em relação ao Cristo, dizemos, no fecho desta: apesar de nosso dementado empenho de situá-lo, como merece, perante a cristandade espírita do Brasil, estamos ciente de não ser digno de desatar-lhe, sequer, “as correias das sandálias” (Marc., I: 7)...

Que Jesus o preserve e continue iluminando, para poder levar a bom termo a gigantesca e gloriosa tarefa que lhe coube na presente existência!

Discípulo, irmão e amigo,
Osvaldo Requião

Figura 32 – Assinatura final da carta de D. Requião endereçada à Pietro Ubaldi.

Dr. Requião nos seus escritos, defende as ideias de Ubaldi, mas as associa às ideias de Kardec e Roustaing.

Ubaldi responde em carta, que considero “um documento-monumento para a memória” da AEJN (figura 30).

6.2 COMO TIVE ACESSO E POSSE DESTES DOCUMENTOS E OUTROS QUE ERAM DO DR. REQUIÃO:

Durante 20 anos (1999-2020) residi na Rua Castro Alves, sendo, por cerca de 5 anos, vizinha de uma das filhas do Dr. Requião, até que esta vendeu a casa. Na venda, no final dos anos 90, a necessidade do esvaziamento dos cômodos e a entrega do imóvel ao novo dono. Numa manhã, saindo eu e André para o trabalho, estava parado bem próximo à nossa garagem, um caminhão, que sob as ordens da filha de Dr. Requião, proprietária da casa, a Sr.^a Sônia Dórea, coordenava a limpeza dos remanescentes. Era um caminhão simples, com alguns trabalhadores incumbidos da retirada dos últimos pertences, os quais seriam encaminhados para descarte, dado o estrago em que se encontravam, segundo me reportou a Sr.^a Sônia Dórea, na época. Estes últimos pertences eram livros, pastas, jornais, etc que os ratos, cupins, traças, mofo, poeira e baratas deixaram

do Gabinete do Dr. Requião. Boa parte do material estava úmida, manchada. Perguntei a Sr.^a Sônia Dórea se seria possível a doação para mim, e, ao invés de transportar para outro local, seria levado para minha casa para avaliação do que seria possível aproveitar. Ela respondeu que a ordem era retirar, e então ela ia retirar e depositar, em meu quintal, avisando à Família Requião este destino, com o qual concordaram. Deixo aqui registrado meu agradecimento à querida Família do Dr. Requião pela confiança.

Sem nenhum conhecimento sobre preservação, recuperação de documentos, eu não imaginava a tarefa à frente. No piso cerâmico do meu quintal, foram colocados, em pilhas e pilhas de livros, pastas e papéis rotos, úmidos, amarelados, rasgados, manchados e embolorados, todo o acervo. Tudo desorganizado. Ali permaneceram, por cerca de uma semana, sob o forte sol diurno de Feira de Santana, expostos para secagem e descontaminação, no intuito de evitar danos maiores ao material e à minha saúde, pela umidade e bolores.

Após esse tempo, comecei lenta e atentamente com a triagem. Separei e estoquei, em uma estante de aço, na sala de estudos, em minha casa, com alguma proteção, separando livros de material escrito, para facilitar seu manuseio, aqueles aproveitáveis. Alguns documentos foram jogados fora, integralmente, pelo risco à saúde, outros, pela deterioração e danos irreparáveis. Aproveitei cerca de 40% de tudo que veio.

Em meio a tudo isso, achei a carta de Ubaldi para Dr. Requião, desconhecida de seus familiares. Ela foi escrita em São Vicente, de punho próprio, e para preservar o conteúdo, Dr. Requião datilografou e, a partir desta, faremos a leitura, uma vez que a carta original encontra-se esmaecida, como pode ser constatado na Figura 30. Segue transcrição, mantendo-se toda ortografia conforme o documento:

São Vicente (São Paulo), 20 de dezembro de 1965.

Prezado amigo Sr. Osvaldo Requião

Recebi seu bilhete de 10 de agosto, um telegrama seu de votos pelo meu aniversário, outro telegrama me avisando do envio do seu estudo, e finalmente por avião o seu volume datilografado, que estou lendo.

Agradeço de todo coração. Vejo que o sr. está fazendo um trabalho sério e que entendeu claramente o pensamento da obra. Acho ótimo este seu contato frontal com o pensamento dela. Precisava surgir alguém para esclarecer a atual falta de compreensão, pela qual a Obra foi oficialmente e ruidosamente “repelida” quando a ofereci ao VI Congresso Espírita Pan-Americano – de outubro de 1963 – em Buenos Aires³³.

33 Ubaldi voltará a fazer nova oferta simbólica da Obra ao Brasil e aos povos da América Latina, durante Conferência proferida na Escola Parque em Brasília, 1966, conforme Boletim do Núcleo Ubaldiano de Metafísica, Ano IV, no. 6, 1966, São Vicente/SP. A mensagem exposta neste Boletim apresenta divergências daquelas encontradas nos sites do Centro de Estudos Ubaldianos de Belo Horizonte, MG, disp.: em: <https://www.ubaldih.org/index.php/publicacoes-e-mensagens/oferta-simbolica>; e do Museu Virtual Pietro Ubaldi, disp.: em: <https://www.museupietroubaldi.org/1965/01/26/queridos-amigos/>.

Aqui junto envio um exemplar desta Mensagem. Convencido de que esta Obra poderia ter representado um desenvolvimento do Espiritismo kardeciano, dando prova de que a III Revelação está funcionando, pensei esta oferta ser útil e aceita. Pelo contrário, logo no “Diário de S. Paulo”, de 27.10. 1963 e 3.11.1963, saíram artigos declarando a Obra “repelida”. Pouco depois, na revista “*La Idea*” de Buenos Aires – 1.º de março e 15 de junho de 1964 (n.º 467 a 469) – saiu um longo artigo do próprio presidente do dito Congresso “condenando”, como se tal oferta fosse um ato de agressividade. Este artigo foi reproduzido em português no “Mundo Espírita” de Curitiba, 30.4.65, 31.5.65, 30.6.65, a continuação.

No “Semeador” – S. Paulo, novembro de 1963 – saiu o artigo: “Proposta arrojada”, “condenando”. Outras revistas falaram no mesmo sentido. Eis a correnteza contra a qual o sr. agora está se levantando.

O fato é que os juízes não conheciam a Obra que condenaram, seja porque “Queda e Salvação” não havia ainda saído, seja porque depois não tinham lido, e se a tinham lido, não a haviam entendido. O mal-entendido nasceu pelo fato de que eles não conheciam o que estavam condenando e agora, atraídos pelo barulho, estão começando a ler para conhecer qual era esta coisa desconhecida que eles haviam condenado.

Eu nada respondi, Porque o remédio não era discutir, mas estudar a Obra, como o sr. tem feito.

Alguém que a tinha lido se levantou. Foi o Eng.^o José Tagliaferri, de Buenos Aires, do qual envio em anexo uma “Ponencia” que esclarece tudo. Ai o sr. encontra o endereço dele. Se o sr. achar bom, pode se colocar em contato com ele, juntando assim os que são favoráveis à Obra.

Outro grande divulgador da Obra é o Dr. Manuel Emidio da Silva, Embaixada de Portugal – Montevidéu, Uruguai. A ele interessaria muito conhecer o trabalho do sr.

Assim, parece se esteja delineando dentro do Espiritismo outra corrente, favorável à Obra. O mesmo mencionado presidente do VI C. E. P. A. chegou aqui em casa e, depois de minha explicações, entendeu o mal-entendido e agora é favorável. Convidou-me para um giro de conferências em Buenos Aires.

Li o capítulo: “A teoria em face do Gênesis”: ótimo o paralelo entre o nosso sistema filosófico e o relato mosaico, que o sr. cita uma “miniatura” daquele sistema. É bom seja claro que o relato mosaico é uma redução em dimensões humanas do grande fenômeno da queda, mas não é este mesmo nas suas dimensões originais, que são muito maiores. Moisés tinha que falar só do homem e do paraíso terrestre, não podia falar de desmoronamento de dimensões, de involução. A VERDADEIRA QUEDA NÃO É A QUEDA DO HOMEM MAS DE DIMENSÕES, isto é, espírito energia, matéria. É A ESTA QUEDA TANTO MAIOR, DE TODO O NOSSO UNIVERSO, que se refere a Obra, e não só ao pecado original, que é um mínimo caso particular. Mas muitos espíritas entenderam a teoria da queda só como aquela do pecado original de Adão. Precisava esclarecer tudo isto. Na Obra a teoria da queda não é só teoria religiosa, problema de fé; mas é teoria científica, universal, racionalmente demonstrada, então verdadeira para todos os que sabem pensar.

Ótimo também o drama: “O Filho Pródigo”. Assim a teoria se torna mais acessível ao povo, o que é trabalho útil que eu não posso fazer.

No conjunto o sr. está fazendo um trabalho muito útil: 1) para facilitar o entendimento da Obra. 2) para demonstrar a verdade da teoria da queda. 3) para que o Espiritismo possa se enriquecer desta nova contribuição, até agora repelida.

O assunto é imenso e pode ser ainda muito desenvolvido. Nos livros da Obra há só os elementos fundamentais.

Mas sempre acontece o geral. Qualquer desenvolvimento do velho, cada passagem de um velho a um novo testamento encontra a resistência do velho, que tem medo de morrer, enquanto que não se trata de morte, mas de desenvolvimento, isto é, de vida maior.

Assim é vantagem para todos que o sr. exponha a teoria, esclarecendo e facilitando a compreensão.

Vou ler o seu estudo mais pormenorizadamente. Se surgirem outras idéias, lhe escreverei. No momento estou sobrecarregado de trabalho, o que, com o calor terrível e os meus 80 anos, me esgota bastante.

Depois de acabado, o sr. irá publicar este livro? Só assim este seu trabalho pode ser útil.

Em anexo alguns impressos. Aqui já saiu o livro: “Princípios de uma Nova Ética”. Está quase pronto: “evolução e Evangelho”. Logo depois sairá: “A Lei de Deus” e o livro que agora acabei de escrever: “A Descida dos Ideais” (cêrca de 450 páginas).

São todos livros de consequências e aplicações da dita teoria da queda, que no terreno prático se confirmam a cada passo. A fase atual é de conclusões, descendo no terreno prático de nossa vida real, que assim se explica na sua íntima estrutura.

Faltam-me ainda três livros a escrever. A Obra toda será de cerca de 10.000 páginas. Com isso minha missão e tarefa foi cumprida.

Peço por fim que a aceitação seja pela Obra e pelas suas verdades, e não seja exaltação do indivíduo nem culto da personalidade. Eu, acabada a Obra, quero desaparecer na sombra. A minha recompensa não está na glória deste mundo.

Ao sr. a minha gratidão porque colabora no triunfo da Obra, que é o que mais almejo na vida. Desejando-lhe felicidade, seu

Pietro Ubaldi

Numa análise apressada, pode-se cogitar que a carta fosse uma simples resposta de Ubaldi à um texto elaborado por Dr. Requião. Se assim fosse poderíamos considerá-la, apenas, como um gesto cortês de Ubaldi. Assim podemos considerar mas não se limita a isso. É preciso interpretar as indicações ali contidas. O teor da carta pode nos ajudar a problematizar as questões ligadas ao eixo Kardec-Roustaing-Ubaldi.

É ainda de extrema importância compreendê-la dentro do quadro em que ela é construída. Analisando de forma atenta e fundamentada detectei que, devido às particularidades do momento de 1965. Na época, Ubaldi passava por grande dificuldade financeira, numa inflação galopante. Em 1962, com a esposa doente, era ele mesmo quem cuidava e fazia o serviço de enfermeiro e, ainda, limpeza do apartamento. Antonieta morre em 1963, no mesmo ano em que sofre a rejeição de sua obra pela CEPA (“Querem condenar-me, como se eu quisesse agredir e destruir o Espiritismo”). As obrigações do mundo material são muitas, tanto em casa como na condução da obra. Ele tem que corrigir e recorrer as provas de seus livros, manter a extensa correspondência, dar entrevistas, trabalha intensamente, dorme pouco, ainda que cheio de idéias, Ubaldi não consegue escrever como queria.

Nesta carta a Dr. Requião Ubaldi, faz uma espécie de balanço de suas observações sobre o andar da obra no Brasil, em meio a uma crescente onda de impopularidade de sua pessoa e obra considerada “invasora” do cenário espírita.

De forma complementar, para compreender o processo argumentativo de Dr. Requião, para recuperação da informação, torna-se necessário olhar outros documentos do estudo monográfico por ele produzido, como um produto desenvolvido a partir de levantamento bibliográfico, de suas reflexões, de seus estudos sérios, e de sua acuidade intuitiva. Estes documentos estão esparsos em separatas, sendo uma série de artigos expositivos que constituem capítulos da monografia “A Queda Original e Redenção (Pietro Ubaldi Confirmado)”, conforme observa-se no Índice.

Evidentemente, o embate Kardec X Roustaing classificado por Dr. Requião como Fla x Flu, não pareceu interessar-lhe mais, migrando para estudos aprofundados na obra de Pietro Ubaldi, ressoando na sua produção escrita.

Mergulhando e organizando estes documentos, segundo ordenação numérica de capítulos, em ordem crescente e seu conteúdo, identifiquei que trata-se dos seguintes capítulos:

- II. Síntese da teoria Ubaldiana da queda (3 cópias datilografadas);
- III. Uma síntese popular da teoria (3 cópias datilografadas);
- IV. Os livros de Moisés. A Cabala;
- V. A Teoria em face do Gênesis (1 cópias datilografadas);
- VI. A Teoria em face do Gênesis (3 cópias datilografadas);
- VI. A Teoria em face da Cabala e do Zend-Avesta (2 cópias datilografadas);
- VII. Pietro Ubaldi, a “queda dos anjos” e o Espiritismo;
- VII. A teoria em face do “Código Sagrado dos Brâmanes” (O Gênesis Hindu) – 2 cópias;
- VIII. A Teoria em face do Espiritismo (rascunho, escrito à lápis, muito mal conservado);
- IX. A Teoria em face da ética ou como norma religiosa (3 cópias datilografadas);
- X. O véu de Isis (2 cópias datilografadas).

Fora do Índice:

A Teoria Ubaldiana da queda confirmada no Gênesis.

Pietro Ubaldi e o Evangelho (interpretação das parábolas O Filho Pródigo, A ovelha desgarrada e A dracma perdida, à luz da Teoria Ubaldiana da Queda).

Outras monografias: “Kardec; Roustaing ou Ubaldi?”; “Pietro Ubaldi e o Gênesis (Antologia Ubaldiana) – Estudo exegético comparativo entre o Gênesis, a Cabala, o Código Sagrado dos Brâmanes e a Teoria da Queda – Pórtico.

Como citado anteriormente, escreve também algumas memórias autobiográficas em “Unificação do Espiritismo (Uma experiência vivida)”.

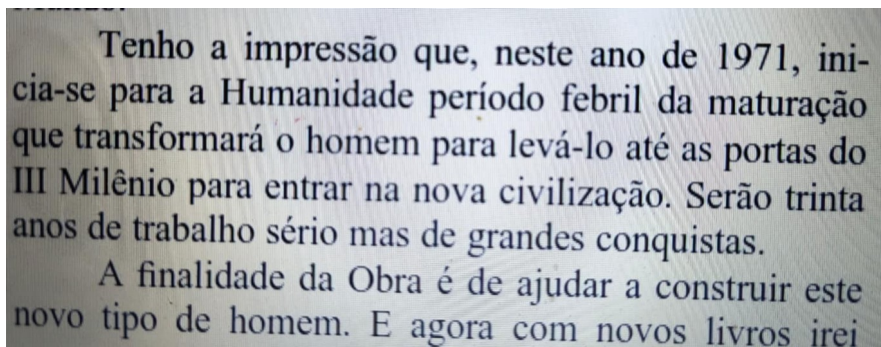
Sintetizando, a produção escrita de Dr. Requião remete, no conjunto, a uma tentativa de contribuir com a conexão das teses de Kardec-Roustaing-Ubaldi, num contexto longe do conservadorismo espírita e em que ali se simbolizaria a confluência das revelações numa única verdade, inclusive, repercutindo positivamente na unificação do Movimento Espírita feirense.

Dr. Requião e demais idealistas (Ostiano Bastos, Manuel Viana, Dórea e o Centro Espírita Jesus de Nazaré) se deixam levar pela epifania e, numa visão de futuro de um projeto inteligente e de vanguarda, apostam nesse sonho de unificação e de novos tempos, do Céu em Feira de Santana.

Nenhum deles, nem mesmo a instituição Centro Espírita Jesus de Nazaré viram seu sonho realizar. Dr. Requião faleceu em Salvador, a 29 de setembro de 1966, sendo o corpo foi velado em Feira de Santana. Anos mais tarde, enviou uma mensagem mediúnica, em que se destacou: a composição do Hino “Colônia Sideral”. Os demais companheiros igualmente partiram acalentando o sonho de um novo Céu, uma nova Terra.

A nova civilização, no entanto, começa a se esboçar anos depois...

Figura 33 – Trecho da carta de Ubaldi a Manuel Emygdio relatando suas impressões sobre a nova civilização.



Tenho a impressão que, neste ano de 1971, inicia-se para a Humanidade período febril da maturação que transformará o homem para levá-lo até as portas do III Milênio para entrar na nova civilização. Serão trinta anos de trabalho sério mas de grandes conquistas.

A finalidade da Obra é de ajudar a construir este novo tipo de homem. E agora com novos livros irei

Capítulo 7 – Os primeiros Centros Espíritas de Feira de Santana

O Espiritismo também chamado Doutrina Espírita é, antes de tudo, um movimento científico-filosófico surgido na França em 1857, no ambiente urbano, com a publicação de O Livro dos Espíritos. Este livro foi escrito a partir de estudos e pesquisas do pedagogo francês Hippolyte-Léon Denizard Rivail, que adotou o pseudônimo Allan Kardec (nome que possuía em uma encarnação anterior como druida na França). O foco do trabalho de Kardec estava no estudo dos fenômenos tidos como produzidos pelos espíritos (almas dos mortos) envolvendo pessoas especiais (médiuns) possuidoras de um dom chamado mediunidade. A partir de uma abordagem científica (positivista) da produção escrita e das observações feitas dentro e fora da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, Kardec estabelece as bases racionais do Espiritismo conferindo-lhe o status de uma ciência. Nas suas pesquisas, os fenômenos produzidos, repetidos e investigados à exaustão não deixaram dúvidas a Kardec de que se tratava de intervenções de inteligências incorpóreas - os espíritos - e assim, as implicações desta constatação para o materialismo foram impactantes. O Espiritismo chega ao Brasil muito rapidamente, onde ganhou contornos de uma religião, atraindo simpatizantes das diversas camadas sociais. A doutrinação alicerçada no Evangelho, a prática da caridade e o exercício da mediunidade são realizadas em locais específicos chamados “centros espíritas” (BARBONI e BARBONI, 2023).

Mapeando a historiografia feirense, há predominância do Catolicismo com espaços extremamente restritos a outros grupos religiosos. Assim, os achados no JFN são muito importantes e reveladores, servindo como instrumento de visibilidade ao Espiritismo, ajudando a delinear o perfil do espírita da época e a possível influência das ideias disseminadas por Dr. Requião. Sua maior atuação foi o compartilhar do conhecimento de Kardec-Roustaing-Ubaldi pelas palestras presenciais (oralidade), reinterpretando para torná-lo acessível ao povo, que pouco lia.

A cidade de Feira de Santana é marcada por uma forte tradição comercial e católica, atividade agropastoril e religião católica, desde a sua origem, permanecendo no imaginário feirense a capela construída pelo casal de colonizadores portugueses, Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandão, em louvor a Nossa Senhora Santana. Oliveira, citando Prof.^a Dr.^a Celeste Pacheco de Andrade (“Origens do Povoamento de Feira de Santana”), apresenta uma outra versão dos fatos: afirma que o mito de fundação da cidade, a partir desta capela, é uma versão historiográfica que tem por objetivo “silenciar a participação de outros grupos sociais na estruturação da cidade”, mantendo a cidade ‘ordeira’.

com hegemonia das elites e oligarquias agrárias feirenses da época aliadas aos interesses da Igreja Católica em consolidar as origens católicas da cidade (MORGADO; BARBONI, 2011).

Figura 34 – Vista da praça do comércio no início do século XX – Feira de Santana, Bahia.



Sabe-se que a origem católica da cidade não é só em Feira de Santana, uma vez que a criação de cidades em Minas Gerais colonial estava também ligada ao Catolicismo, como se vê:

Nos tempos coloniais, a organização eclesiástica servia-se da colaboração de *irmãos-leigos*, que se introduziam pelos sertões em buscado ouro nos filões dos rios que enriquecem a hidrografia mineira.

Com esse objetivo primordial, tais indivíduos radicavam-se em locais estratégicos – sempre junto a um rio –, o que lhes propiciavam a fundação de um arraial, atraindo colonos e suas famílias.

Começavam com uma igrejinha ou capela, em torno da qual agrupavam-se casas de pau a pique com cobertura de folhas de indaiá.

O irmão-leigo transformava-se num misto de aventureiro e de pregador dos dogmas católicos, que pouco a pouco iam estruturando as bases de convencionalismo já mencionado.

Não raro, enriqueciam-se e tomavam outro rumo, levando o produto de sua empresa extrativa. Deixavam atrás de si uma povoação destinada a remotas possibilidades de desenvolvimento.

Desse modo, criaram-se numerosas cidades mineiras (...) (NOVELINO, 2007)

Há grupos espíritas na cidade desde início do século XX, como o Grupo Espírita Paz dos Sofredores (GEPS) e o Centro Espírita Jesus de Nazaré (CEJN), estabelecidos em pequenos núcleos. Como visto, ao longo deste Memorial a ênfase é dada a estes dois centros pelo pioneirismo espírita e por terem se tornado sujeitos do trajetos do pensamento de Pietro Ubaldi.

Loureiro (1994³⁴ *apud* MORGADO, 2015) assinala dois fatos importantes em Feira de Santana: (1) a presença do periódico espírita “Caminho da Luz”, em outubro de 1926, editado pelo jornalista João Varella, periodicidade quinzenal; (2) a atuação de adeptos espíritas, em momento anterior à fundação do GEPS: “Em Feira de Santana, onde o movimento espírita continua atuante, colaboraram nos trabalhos doutrinários: Dr. Gabriel Gomes Pereira, (...) Coronel Abdon Alves de Abreu, político e homem de grande valor, e João José de Abreu”.

Sr. José Pataro dos Santos foi um dos responsáveis pela “introdução” do Espiritismo na cidade de Feira de Santana, no início do século XX. Filho de imigrante italiano, era o dirigente das reuniões que ocorreram na casa de Anísio Alves da Paixão. As reuniões desta época eram exclusivamente mediúnicas e ocorriam em residências, com pessoas de destaque no cenário espírita local: João Varella, Gabriel Gomes Pereira, Abdon Alves de Abreu e João José de Abreu, havendo um silenciamento sobre eles por aqueles que deram seguimento à difusão da Doutrina Espírita na cidade (MORGADO, 2015).

Por volta do ano de 1935 [...], um grupo de abnegados reunia-se, mensalmente, na residência do Sr. Anísio Cotó (Anísio Alves da Paixão) e D. Maria (Maria Bárbara), sua esposa, que era médium. O casal hospedava o Sr. José Pataro dos Santos, que vinha a Feira de Santana com missão única de desbravamento espiritual. Um dedicado missionário, descendente de italianos, já aposentado, de cabelos brancos, aparência simples e humilde, que transmite respeito e admiração (JORNAL INTERAÇÃO, 1998).

Quando havia reunião à noite com a presença de convidados, a médium Maria de Anísio incorporava espíritos necessitados e/ou obsessores dos presentes, que recebiam orientação espiritual do dirigente José Pataro, como também os espíritos mensageiros e trabalhadores que receitavam remédios para os mesmos. A leitura de trechos de livros da Codificação Kardequiana era feita durante as reuniões e recomendava-se a todos o estudo da Doutrina Espírita (JORNAL INTERAÇÃO, 1998). Ou seja, as atividades espíritas giravam em torno de dois eixos: sessões mediúnicas, com foco na prática terapêutica desobsessiva.

Posteriormente, Sr. José Pereira Mascarenhas adere ao grupo que se reunia na residência de Anísio Alves da Paixão, fortalecendo o movimento, com a ideia de fundar um Centro Espírita em Feira de Santana, motivado pelo aumento

34 LOUREIRO, L. *Memórias históricas do Espiritismo na Bahia*. Repercussão no Movimento espírita brasileiro. Salvador: 1994.

do número de frequentadores e pela difusão da Doutrina e, atendendo aos seus ideais, foi fundado o Grupo Espírita Paz dos Sofredores, no dia 17 de maio de 1936, na sua residência, situada na Av. Desembargador Filinto Bastos (MORGADO, 2015).

[...] Na sessão de formação do Centro, Petu (Petronília da Silva) visualizou uma faixa com um letreiro e foi ditando, quase que desenhando as letras pelas palavras, à custa de muito esforço (pois a mesma era analfabeta) na qual se lia: PAZ DOS SOFREDORES [...] (JORNAL INTERAÇÃO, 1998).

O nome do Centro Espírita recebido de forma mediúnica por uma médium analfabeta. Morgado (2015) ressalta a semelhança do nome do Centro Espírita com outra instituição, fundada anteriormente por José Pataro dos Santos, chamada Grupo Espírita União dos Sofredores³⁵, em 13 de fevereiro de 1922, em Salvador.

Mais adiante, José Pereira Mascarenhas doou terreno à rua Castro Alves, no 1.298; a construção foi em regime de mutirão, entre 1937 a 1938. Assinam a ata de fundação: [...] José Pereira Mascarenhas e Amanda Cerqueira Mascarenhas (sua esposa), Maria Augusta Mascarenhas e esposo Odilon Mascarenhas (Lolô), Anísio Alves da Paixão (Anísio Cotó) e esposa Maria Bárbara (médium), Seu Deraldo Alcântara, Adalgisa (D. Ziza), Sr. Aniceto Machado, Quintino Almeida, D. Ana (sua esposa), Sr. Manoel Matias, João Oliveira, Hidelbrando Ramos, Jorge Cerqueira, Petronília da Silva (Petu), Amavivia Santos, Maria da Anunciação, Lucrécio Oliveira, Hilda Pereira Franco, Manoel da Costa Ferreira e Augusta Corrêa (22 pessoas). Pode-se notar a expressiva presença feminina (10 pessoas).

Destaco o casal, Sr. Deraldo Alcântara e Adalgisa (D. Ziza), que residiam ao lado do GE Paz dos Sofredores, sendo sr. Deraldo bem conhecido na cidade, comerciante, instalado à Av. Sr. dos Passos, ao lado da Igreja, que realizava, no Centro, importantes trabalhos de cura e desobsessão.

O Centro Espírita Jesus de Nazaré (CEJN) foi fundado em 24 de agosto 1942 (dia de São Bartolomeu) pelo casal Olegário Bispo de Almeida³⁶ e Eloína Guimarães de Almeida, meus avós. Eles eram católicos, residentes na Rua Barão de Cotegipe n. 11 (hoje 1075), em Feira de Santana; e o médium Manoel Timóteo Azevedo dos Santos³⁷ (1908-1963), diretamente envolvido no tratamento espiritual da criança, filho do casal, pela ação benfeitora do guia espiritual, Caboclo Indayá de Baturité. É filiado à Federação Espírita do Estado

35 Instituição não localizada na lista de Centros Espíritas no site da FEEB, acesso em abril de 2024.

36 Pela lei Municipal no. 1.105/88 deu nome à antiga rua Buenos aires, Rua Olegário Bispo de Almeida, situada no Parque Getúlio Vargas, Feira de Santana.

37 Dá nome a uma rua da cidade no bairro Olhos D'Água, CEP 44003664.

da Bahia (FEEB) de maneira voluntária, possuindo identidade própria desde a fundação.

Eloína Guimarães de Almeida (1903-1991), conhecida como Loló, natural de Tanquinho (Bahia), branca, semialfabetizada, autodidata, inteligentíssima, casa-se aos 35 anos de idade com Olegário, quatro anos mais jovem que ela.

Olegário Bispo de Almeida (1907-1984), natural das roças de Tanquinho (Bahia), analfabeto, de família pobre, negro com sangue de índio, fruto da mestiçagem sertaneja nordestina, com raiz indígena Tapuia, cuja avó, ainda menina, foi “pega no laço”.

Vaqueiro desde menino, ele é acostumado com a vida rude da roça, é sabedor dos segredos da caatinga, por onde abre caminhos, encontrando visagens e assombrações.

Saiu da roça jovem e foi comercializar feijão na região, fazendo fortuna com seu trabalho honesto. Depois de adulto, passou a gozar de certo prestígio social, por ser rico comerciante, juntamente com seu amigo, Enésio Cerqueira, e como proprietário de imóveis diversos e caminhões de carga. Mesmo rico, manteve sua simplicidade de homem da roça, sem fidalguia, com sua tendência política de esquerda baseada na justiça social, contra a Ditadura, apoiador de Jango e, futuramente, do jovem advogado feirense, Francisco Pinto, nas eleições à Prefeitura e à Câmara dos Deputados.

Aprendera de oitiva, coisas lidas, “trabalho de apropriação lento, atento e repetido” (CHARTIER, 1996), sobre o sobrenatural, das forças ocultas, o mundo dos espíritos, reforçando continuamente a cultura da oralidade, talvez inspirada pelo “Lunário e Prognóstico Perpétuo”, essa antiga fonte de ciência popular, oriundo da herança portuguesa, referência para o povo do sertão, que trazia orientações práticas sobre a vida.

Segundo Câmara Cascudo, foi durante dois séculos o livro mais lido nos sertões do Nordeste, com informações sobre horóscopos, rudimentos de ciências, remédios, prognósticos meteorológicos e marés. Disse o folclorista que *“não existia autoridade maior para os olhos dos fazendeiros, e os prognósticos meteorológicos, mesmo sem maiores exames pela diferença dos hemisférios, eram acatados como sentenças”*.

Folhinhas e almanaques também se disseminam com informações semelhantes e no mesmo sentido do Lunário Perpétuo. Em destaque o “Almanaque do Pensamento” oferecia conselhos e orientações sobre diversos aspectos da vida, saúde corporal e espiritual, resguardos, segredos, tabelas das fases da lua, dos eclipses do sol e das festas móveis, previsões do tempo,

horóscopos, rudimentos de direito, navegação, teologia, saúde animal, agricultura, maneiras de interpretar o comportamento dos animais, biografias de santos e papas, orações, e outros dados de interesse geral.

Olegário acompanhava, intuitivamente, as edições do Almanaque do Pensamento e diversos exemplares foram encontrados entre seus pouquíssimos pertences, reunidos pelos filhos para envio à reciclagem, após sua morte.

O conhecimento de Olegário entrelaçava conduta de cristão católico com outras crenças que operavam via forças ditas ocultas, conhecidas da antiguidade, e que remontam a seu passado reencarnatório. Na frente de sua casa residencial, impunha a estrela de Salomão, como símbolo de prosperidade e defesa contra o mal.

Casou-se com Eloína, por volta de 1936, em Feira de Santana, onde estabeleceu residência num casarão, por ele construído, na rua Barão de Cotegipe, que ostentava, na fachada frontal, uma estrela de Davi. Distante de “Tanquinho de Feira” (na época, Tanquinho era distrito de Feira de Santana), preservou-se um pouco dos comentários maliciosos da sua cidade racista e intolerante, que só silenciou a partir do nascimento dos filhos do casal (todos brancos, e, inclusive, Dejazet e Deovane eram loiros); e com o rápido enriquecimento financeiro. Viveram uma vida de fartura, prestígio social, festas, casarão próprio bem localizado, carros, possibilitado pela riqueza de Olegário.

Anos depois, por volta dos anos 1955, com os filhos adolescentes, Olegário já não estava tão bem financeiramente e a falência se segue, por diversos motivos: sucessivas crises comerciais, com endividamento, secas prolongadas e operações financeiras arriscadas, falsos amigos, além de graves problemas pessoais e familiares.

Em 1974, Olegário foi acometido por acidente vascular cerebral, gerando invalidez permanente, falecendo em 1985, pobre e esquecido dos amigos endinheirados, mas cercado pela família, em especial, da filha Dejazet e do amigo Enésio, que dizia: “Olegário não podia morrer como vinha”. Morreu para a Terra e seu corpo foi velado na mesma casa, da rua Intendente Ruy, que havia doado, anos atrás, para a fundação do CEJN, instituição que lhe era tão cara.

Hoje, na casa onde foi fundado o CEJN, funciona um restaurante self-service popular bem movimentado. Frequentemente, almoço lá e procuro um assento bem recuado, de modo que eu possa ter a ampla visão do salão. Enquanto as pessoas se servem, conversam, as garçonetes vão e vêm, eu olho ternamente aquele espaço, pensando que ali, pela primeira vez, funcionou o CEJN, os Espíritos Guias se manifestaram livremente, os passes ministrados, as leituras de O Evangelho Segundo o Espiritismo, tantos foram esclarecidos, obsidiados, curados.... Aquelas pessoas nem sabem, não têm noção de onde pisam, da

jornada espiritual, das cruzadas com o negativo para que a boa semente frutificasse...!

Como se deu a jornada de fundação do CEJN, então? Sem romantizar nossa gênese, nem nosso cotidiano de casa espírita, mas essa é nossa oportunidade de olhar o passado, uma possibilidade de nos unirmos, fortalecer nossos laços de pertencimento, pois “Se as pessoas não tiverem vínculos profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos” (KRENAK, 2019).

Em 1941, o segundo filho do casal Almeida, uma criança do sexo masculino, Dejaci Guimarães Almeida³⁸, com poucos meses de vida, apresentou um quadro estranho de convulsões, sem resolutividade médica, na época. Os prognósticos não eram bons e comprometia a vida da criança. Olegário assume responsabilidade individual e, como pai, vai, então, buscar tratamento espiritual para o filho.

Mau-olhado, quebranto, vento virado? O que tinha o menino que a Medicina não remediava? Olegário não é intimidado pela gravidade e incertezas sobre a saúde de seu filho varão. Na sua busca, o tratamento complementar espiritual não foi institucional, ligado a um Centro Espírita, junto ao GEPS, que já existia, há cinco anos, mas sim, por indicação de terceiros, junto a um médium independente. Esse médium era Manoel Timóteo Azevedo dos Santos, que, em associação a outra médium, Professora “Bila”³⁹, iniciaram visitas constantes à residência da família Almeida, com a aplicação de passes na criança e leitura de O Evangelho Segundo o Espiritismo, caracterizando, no Espiritismo, o culto no lar, a evangelização dos pais e a desobsessão.

A procura por curas espirituais está geralmente associada a um contexto ligado às camadas populares, mas, neste caso, extrapolou essa realidade (BORGES, 2019). Olegário introduz em sua residência, para tratamento do bebê, longe do modelo médico curativista, com reverência e respeito, práticas demonizadas na época: manifestação de espírito e passes. Contudo, há que se

38 Enquanto escrevia este memorial, em 18/08/2025 meu tio Dejaci faleceu depois de seis anos acamado e semiconsciente, corpo emagrecido, entredado sem movimentos. No velório do corpo os filhos não designaram sacerdote para as palavras de despedidas e eu pedi permissão à minha prima Emmanuela para uma vibração e algumas palavras. Com o sepultamento marcado para as 15h, iniciei minha fala junto a uma assembleia de familiares e alguns amigos às 13:30h. Minha prima Adélia ficou ao meu lado “para dar apoio” como ela mesma falou. Li uma passagem de um livro disponível no local do velório, um trecho da religião da Ellen White sem fanatismo religioso, bem escrito. Depois fiz uma afetuosa biografia de meu tio conforme eu lembrava de depoimentos dele mesmo e de minha mãe. A infância, juventude, o desejo de ser ator de cinema, o fisiculturismo, a Educação Física, o casamento, filhos... em seguida chamei atenção dos presentes para a vida espiritual e a missão abraçada por meu tio. Conte a história da AEJN atravessada por ensinamentos espirituais... Emocionada, sou eternamente grata aos fundadores parceiros amigos fiéis à Cristo: meus avós Olegário e Eloina, o médium Manoel dos Santos, a médium Prof.ª Bila, Dejaci - a criança sagrada e a entidade espiritual ancestral Caboclo Indayá de Baturité. Destaquei a possível condição espiritual de meu tio. O que sentia naquele momento dada a situação do desencarne, o ensino das cartas de Chico Xavier para as mães enlutadas me levaram a crer que meu tio voltou a ser uma criança entre 12-17 anos. Adélia pediu a palavra e emocionada expressou sua certeza no que eu anunciara. Pela sua proximidade, ela sentia que meu tio estava com 12 anos, veio ao ambiente para ouvir a própria história, conscientizar-se e seguir adiante amparado. Fiquei igualmente emocionada e passei o restante do dia pensando nesse menino, sentindo sua caminhada espiritual segura. Acordei no dia seguinte pensando no assunto quando recebi uma extensa mensagem de Adélia ainda emocionada com as vivências do dia anterior e reafirmando a condição de meu tio. Nova onda de emoção e muita gratidão tomaram conta de mim!

39 Os informantes não lembravam o nome de registro desta mulher mas apenas o apelido, igualmente não identificado por Morgado (2021).

considerar que o que estava em jogo era precioso: a saúde, a vida da criança. E, por trás disso tudo, um objetivo maior. A vida encontrou um jeito para que o Espírito da Verdade falasse em Feira de Santana. A este respeito, O Livro dos Espíritos alude sobre convulsionários, nas questões 481 a 483.

Figura 35 – Da esquerda para direita: Olegário Bispo de Almeida, Eloína Guimarães de Almeida; as crianças Dejazet e Dejaci (filhos do casal) e Manoel Timóteo Azevedo dos Santos.



Manoel Timóteo Azevedo dos Santos (1908-1963) era cearense (naturalidade incerta assim como estado civil e escolaridade), pardo, autônomo, trabalhador do ofício de mascate vendedor de joias/caixeiro-viajante, bem conhecido na cidade e médium independente que lia o Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec.

Era visto, segundo um dos depoentes, como um homem simples, sério, honesto e reverente à Deus. Pela sua mediunidade, incorporava seu mentor, a entidade Caboclo Indayá de Baturité⁴⁰, curandeiro indígena, que aplicava passes e dava orientações espirituais, numa ação conjunta, totalmente gratuita. Nunca se ouviu dizer que Manoel dos Santos cobrou ou pediu algo para si, ou que o Caboclo Indayá de Baturité tenha prescrito qualquer ritual ou obrigação espiritual.

Nem o médium nem a entidade Caboclo Indayá de Baturité prescreveram para a família Almeida qualquer obrigação, oferenda, ritual, chá, banho, simpatia, rezas ou benzeções. Nada. Apenas passes, orações e Evangelho Segundo o Espiritismo de Allan Kardec. Pelo relatado, médium e mentor trabalhavam em abnegação total à missão da cura e obediência ao Evangelho, garantindo elevação moral espelhada no gênero de vida e atos que eram garantia da pureza de seus ideais.

40 Sobre os primeiros habitantes e a presença indígena no território que viria a ser a cidade de Feira de Santana, há referência do memorialista Rolie Poppino sobre os Aymorés e Payayás. Excelentes fontes sobre o tema: site "Feirenses" <https://feirenses.com.br/tribos-indigenas-feira-de-santana/>; SANTOS (2006), disp.: em: <https://ri.ucsal.br/server/api/core/bitstreams/a03df16d-89ab-4b7b-90c3-e5b9fd8db15a/content>

Com as constantes realizações do que se conhece, no meio espírita como Culto do Evangelho no Lar, na residência dos Almeida (mediante as leituras do Evangelho, os passes e as orientações espirituais), a criança foi curada, não apresentando sequelas, mesmo na vida adulta. “As vozes elevadas só se encontram no seio de uma grande fé”, ensina Ubaldi, em “As Noures” (1988), e ali acontecia, não a restauração da igreja material, mas a restauração espiritual que Jesus havia prometido: “Não vos deixarei órfãos”. Diz, ainda, Ubaldi (1988): “Voz universal, ativa e presente” que se infiltra no mundo, que responde e fala, através dos caminhos possíveis de quem sente e quer ouvi-la.

Em gratidão motivada pela cura do filho, o casal Olegário, com anuência da esposa, Eloina, cede, e por tempo indeterminado, uma casa de sua propriedade, em ótimo estado, situada à rua Intendente Ruy, centro de Feira de Santana, para que Manoel dos Santos ali tivesse um ponto de apoio para as atividades espirituais e livre manifestação do Caboclo Indayá de Baturité, para outras curas gratuitas, em nome de Jesus. Bem transgressora essa raiz de um centro espírita, por não se enquadrar nas origens ditas “kardecistas” puras!

Era o Espiritismo dando um sentido à “doença sagrada” da criança predestinada, Dejaci (nome de origem indígena que significa “conexão com Jaci, a deusa lua”), levando em conta a necessidade do Evangelho para a cidade e região. E é Manuel dos Santos quem dá o nome da instituição: “CENTRO ESPÍRITA JESUS DE NAZARÉ”, segundo centro espírita da cidade, com inauguração a 17.08.1942 (coincidência? 17/08 era data de aniversário da criança Dejaci), mas consta, em documentos, 24.08.1942, prevalecendo esta para as comemorações e efeitos legais. É ele, também quem escreve seu primeiro estatuto.

Ainda que a instalação na casa doada pudesse dar uma certa sensação de provisoriedade, houve um movimento maior e responsável, em que os pioneiros perceberam a grandiosidade do que estava acontecendo, e assim, atuaram de maneira organizada, criando estatuto, reuniões sérias e vínculos institucionais, com base na Doutrina Espírita.

Como pode um simples caixeiro-viajante, sem cultura letrada, assessorado por entidade indígena, fundar um Centro Espírita, escrever seu estatuto e iniciar as atividades espirituais, tudo certinho, com tamanha precisão? É que não havia astúcias nem mentiras de nenhuma das partes. Havia sinceridade com Jesus. Quando as Vozes do Céu têm que ser precisas, Elas são. “Há um acordo entre a sabedoria do Céu e as exigências dos acontecimentos” (UBALDI, 1988, p. 142). As Vozes do Céu sabem que Feira de Santana é importante e que, perdida esta oportunidade, desabaria a missão do Evangelho.

Ou seja, a base espiritual primordial de origem do CEJN é Kardec (personalizado no Evangelho Segundo Espiritismo, como livro das consolações lido e interpretado nos cultos na residência dos Almeida) e o Caboclo Indayá de Baturité (Entidade que atua na cura, reabilitação e prevenção de doenças), unindo forças positivas poderosas e pontos mais longínquos, geograficamente, e aparentemente inconciliáveis, dentro da ação do Espírito da Verdade, que possibilitaram, de forma orgânica, a fundação do CEJN.

Tanto no Espiritismo como na Umbanda, sabe-se que cada guia tem uma missão específica com seu médium e, neste caso, foi uma dupla missão: uma, o rompimento da exclusividade dos médicos, no encaminhamento dos expedientes de cura, reabilitação e prevenção de doenças, mesmo se tratando de uma enfermidade tão complexa para a época; e outra, mais forte e poderosa, com o Evangelho, na inspiração de fundação de um Centro Espírita, nos moldes kardecistas-cristãos, restaurando, para a cidade, a conexão Kardec-Jesus Cristo. Neste aspecto, ensina Emmanuel: “O intercâmbio com o invisível é um movimento sagrado, em função restauradora do Cristianismo puro”⁴¹.

Adentrar nessa questão é essencial para repensarmos a participação de uma entidade indígena e dessas pessoas de origens religiosas diversas na fundação do CEJN e na “restauração do Cristianismo”, uma vez que é comum, entre os espíritas, a representação de fundadores de Centros Espíritas a partir de um viés espiritual europeu que, neste caso, foge à regra. Por essas questões, decidi abordar a origem indígena-espiritual de nossa história, tirando, assim, essa personagem do esquecimento, trazendo-a para a emergência.

Com a fundação do CEJN este terá inicialmente a missão de socorro aos obsidiados, a partir das reuniões mediúnicas e divulgação do Evangelho. Como consequência, há ainda um alcance social extraordinário voltado para a assistência aos pobres, nas curas espirituais, formação de médiuns e, posteriormente, como o marco-zero para todo um movimento filosófico-religioso de variadas expressões de religiosidade, que culminará com a chegada do pensamento de Pietro Ubaldi, por volta dos anos 1950.

A partir desta época, é que começamos a considerar com convicção o papel civilizatório que o CEJN desempenhou/ava na formação da sociedade feirense, uma vez que essa compreensão ficava restrita ao seu âmbito interno. Assim foi com a convicção dos três fundadores parceiros aqui na Terra (o casal Almeida e Manoel dos Santos), a médium, a criança sagrada e a entidade indígena.

E quem foi/é o Caboclo Indayá de Baturité? Qual o seu compromisso com o Espiritismo? O que se espera de um indígena? Infelizmente, não há dados, registros, sobre esta Entidade, sua aparência e suas atividades no CEJN. Nunca

41 Emmanuel/Chico Xavier, Nosso Lar, Prefácio “Novo Amigo”.

foi visto como coadjuvante do Plano Espiritual, no processo histórico de fundação do CEJN, sendo necessário um olhar mais atento de alguns poucos informantes ao protagonismo dessa Entidade, cuja ação e saberes foram inferiorizados e subalternizados.

Apenas um informante declarou ter visto algumas vezes Manoel dos Santos incorporado mediunicamente com a Entidade, dando passes, com performance gestual nas rezas e cânticos “incompreensíveis” próprios.

Sabe-se que seu nome Indayá significa “palmeira”, e Baturité tem várias hipóteses etimológicas, desde nomear uma tribo extinta do Ceará da etnia canindé, passando por uma derivação de “batuíra” e “eté”, nome que honra o chefe Potyguara e significa “valente nadador”, até, do tupi bu (sair, rebentar), ty (água) e eté (boa), significando “sair água boa”. Baturité é também o nome de um município do estado do Ceará, localizado no Maciço do Baturité, sendo a região conhecida como Serra de Baturité, uma das mais úmidas do estado.

Segundo Tall (2012) não seria correto reduzir a figura do caboclo ao índio primordial, propondo, assim como Matias (2024), “o rompimento de uma ideia colonial distorcida e limitada”, uma vez que a palavra “caboclo” é um termo genérico que agrupa diversas personagens ancestrais considerados como entidades superiores, sendo mundo dos caboclos ilimitado, que vão desde indígenas a personagens da mitologia greco-romana.

O caboclo é um rebelde que não tem medo de ninguém. Seu estatuto de autóctone faz com que ele não precise dar conta aos orixás ou aos seres humanos de suas ações. Livre de todas as coações, ele pode tanto ajudar como pode estragar a vida de quem assim ele quiser. Sem compromisso, entretanto, ele desenvolve o papel de mensageiro, de anunciador para quem respeita seu valor. Às vezes confundido com Exu, por causa da sua teimosia e do papel de intercessor que ele desenvolve para os orixás, o caboclo pertence ao mundo intermediário dos ancestrais, que ligam o mundo do além com o mundo humano (TALL, 2012).

Para Bairrão (2004) os caboclos são muito respeitados, temidos, por suas posturas altivas, gestos enérgicos e brados de guerra que, às vezes, proferem.

Os caboclos são antropomorfoses do distante, do elevado. São metáforas do outro, do não-familiar, são emissários do desconhecido. Por definição, consubstanciam a alteridade, longínqua e grandiosa. Conduzem, guiam, promovem travessias. Tipificam a figura do mestre espiritual. Não raro, respondem pela direção espiritual dos médiums e dos terreiros (p.205).

Num país onde se massacram indígenas; em que as crianças são caçadas no laço e no dente de cachorro; em que no carnaval e no mês de abril usam a imagem estereotipada para enfeitar crianças; em que não se reconhece que a nossa cultura é formada a partir de elementos das diversas culturas indígenas..., afastar a imagem indígena de um centro espírita onde Kardec e Jesus estavam

como modelos, era tido até como uma boa ação, uma forma de sanear o ambiente, de salvar o CEJN do ridículo, do impróprio, do atraso.

Eu já era moça, entre os anos 1978-1985, quando tenho noção de ter ouvido minha tia Devanice falar do Caboclo Indayá de Baturité. Quem era? Mesmo frequentando o CEJN não sabia quem era esta Entidade, pois trataram de escondê-lo. Passei então a perguntar à minha mãe e a minha tia quem era esta Entidade e fiquei muito surpresa com a história.

Minha tia era destemida. Sem medo de represálias, ela foi o “sujeito subversivo” que não se calava e continuava a clamar pelo Caboclo Indayá de Baturité, num ambiente de censura. Ela não aceitava a condição de não pertencimento ao qual insistiam em colocar a Entidade pacífica.

Assim como Caboclo Indayá de Baturité, é importante, também, considerar e reconhecer que Chico Xavier sempre teve um destacado lugar no CEJN durante todo tempo, desde Requião, passando por Alípio-Enésio, até tia Devanice. Esta nutre, até hoje, uma verdadeira adoração por ele, propalando seus feitos e divulgando seus livros. Em 1972, foi ela quem impulsionou meus pais para uma excursão dos três à Ubaraba, para conhecerem o trabalho do famoso e querido médium, pessoalmente.

Tais acontecimentos, levantados acima, dentre outros que até poderiam ser aqui acrescentados, a meu ver, são essenciais para que se possa melhor compreender o que é pertencimento, o que é lealdade, o que é lugar de onde a pessoa fala, e, com isso, perceber toda uma trajetória de construção de identidade no CEJN, sua força transformadora e quem foram os sujeitos que expressaram suas ideias, autorizados ou não.

A instalação física do CEJN numa casa no centro da cidade em pleno anos 1940, é um ato corajoso. Além de fortalecer o primeiro centro (GEPS que já tinha cerca de 5 anos de existência), mobilizou adeptos e simpatizantes, deu visibilidade à causa espírita. Permitiu também a ocupação de um espaço físico geográfico com “centralidade”, o ponto de conexão dos adeptos e é o marco determinante de germinação, por onde se aprofunda a raiz do Espiritismo, como segundo centro espírita do território feirense. Este “lugar de reuniões” passa a conter dimensões para além do físico que se articulam e dão pistas para a identidade espírita, compreender as circunvoluções da caminhada espírita e perspectivas de futuro.

Olegário havia adquirido outra casa vizinha que mantinha alugada a uma família simpatizante da Umbanda, e nas adjacências, haviam edificações de depósitos de cereais de outro proprietário, logo, não houve rejeição ou tumulto quanto à vizinhança de rua do centro.

Ainda dando visibilidade às personagens, entre outras pessoas, Manoel da Costa Ferreira (Maneca Coletor), o Maneca da Coletoria, parece ter feito parte do primeiro grupo do CEJN seguindo posteriormente com suas próprias reuniões, em sua residência, conforme relatos de Oliveira (1985).

Constam na ata de fundação do CEJN: Manoel de Oliveira Teixeira, casado, negociante; Durval T. Carneiro, casado, oficial da Polícia Militar; Raimundo Simões Aguiar, casado, professor secundário; Aurino Souza Lima, casado, comerciante; Carlita Rosa de Souza, solteira, professora; Manoel de Souza Lima, falecido; João Pedreira Aguiar, casado, comerciante; Olegário Bispo de Almeida, casado, comerciante; Clarice Rosa de Souza, solteira, professora; Teodorico José Alves, casado, comerciante; Albertina L. Reis, casada, doméstica; Eutrópico Brito, casado, funcionário público. Com este impulso, nascia a Instituição que beneficiou milhares de pessoas, encarnadas e desencarnadas.

Olegário não exerceu qualquer liderança ou destaque pós-fundação dentro do CEJN. Manteve seu compromisso na cessão do imóvel, respeito pelo Espiritismo mas não seguiu como adepto. Já sua esposa, Eloina, seguiu como frequentadora; leitora do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, Evangelho Segundo o Espiritismo, revistas da Legião da Boa Vontade (LBV) e integrante de atividades.

Aos seus filhos⁴², cada um sua missão: Dejaci, a criança doente e curada; Dejaset futura trabalhadora, presidente do CEJN, palestrante, coordenadora de atividades e militante do pensamento de Ubaldo; Devanice, futura trabalhadora ativa em diversas atividades, propagadora das obras de Chico Xavier e dos feitos do Caboclo Indayá de Baturité. Ou seja, nos anos 1950, apenas Dejaset e Devanice seguiram com o movimento das Mocidades Espíritas e, depois de adultas, se integraram de maneira relevante ao CEJN, aí permanecendo firmes na fé. Dejaci integra-se apenas como frequentador, já idoso, após dolorosa viuvez.

Assim como na França do século XIX, o Espiritismo em Feira de Santana começa com reuniões mediúnicas, nas residências de adeptos, com simpatizantes e curiosos convidados, e, só posteriormente, estas reuniões darão origem aos dois primeiros centros espíritas e, muito depois, terão suas sedes próprias.

Na primeira instalação do CEJN, à Rua Intendente Ruy, relataram os informantes sobre ambiente adaptado, pois tratava-se de uma casa residencial, porém, estruturalmente organizado, acolhedor, que remetia à paz. As reuniões mediúnicas eram precedidas pela oração, leitura de O Evangelho Segundo o Espiritismo e O Livro dos Espíritos, com a presença de Manoel dos Santos, aplicando passes, incorporado pelo seu mentor, Caboclo Indayá de Baturité,

42 Dois de seu filhos, Deovane e Swami faleceram crianças.

Entidade-Guia, sábio na Medicina Vibracional, sob forte influência do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, via ensinamentos de seus expoentes: Prentice Mulford, Eliphas Levi, Swami Vivekananda, cuja raiz de introdução no CEJN não foi possível identificar.

Quando o CEJN é institucionalizado, com espaço físico, estatuto, trabalhos, frequentadores, etc, o Caboclo Indayá de Baturité, junto com Kardec, passam a dividir a liderança espiritual com as personalidades do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, tornando o CEJN tão polifônico, tão fecundo, numa amálgama de saberes sem precedentes, que circulam livremente, tornando-se anunciador da emergência do novo, de um mundo espiritual desconhecido para uma população preconceituosa e majoritariamente católica.

Cabe ressaltar que não se tem registro de manifestações mediúnicas de personalidades do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento nas reuniões do CEJN, mas sim, o estudo e a aplicação de seus ensinamentos esotéricos, especialmente a mentalização/meditação (existente até hoje na AEJN, com diversas metodologias).

O que/quem é Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento? Foi a primeira ordem esotérica estabelecida no Brasil em 1909, “alcançando êxito entre a alta burguesia de São Paulo e expandindo-se rapidamente em territórios sulistas e nordestinos” (SANTOS, 2021).

Nas paredes simples da sala de reuniões do CEJN, da Rua Intendente Ruy, nos anos 1942 em diante, pequenos quadros de fotografias dos mentalistas: Prentice Mulford, Eliphas Levi e Swami Vivekananda.

Historicamente, a partir da contracultura, anos 1960, houve um grande crescimento de ordens esotéricas no Brasil, que correlaciona o esoterismo com outras correntes filosóficas e religiosas. Mas estamos quase 20 anos antes deste crescimento acontecer e explodir como “Nova Era”.

Importante, também, registrar que o casal de fundadores, Olegário e Eloina, muito fervorosos com a Espiritualidade (e ela leitora do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento), tiveram, posteriormente à fundação do CEJN, uma filha, na qual puseram o nome de Swami, que veio a falecer aos 10 meses de idade.

Neste sentido, prevalecendo a justiça, é importante destacar o perfeito planejamento divino (e dentro do “politicamente correto”, como entendido nos dias de hoje), desde a presença feminina, várias classes sociais, assim como diferentes grupos étnicos (negro, branco e indígena), estiveram presentes e tiveram voz e voto na fundação e na organização do CEJN⁴³.

43 Por que me preocupei também com as questões raciais, linhas/matrizes religiosas outras e de gênero ao longo desta pesquisa? Porque somos de um país que escravizou pessoas pretas durante grande parte da sua história e ainda persiste uma estrutura social racista, intolerante religiosa e sexista que separam e discriminam fazendo-se necessário pensar nossa história com estas perspectivas.

Importante, também, assegurar as diversas influências filosóficas-espirituais que estiveram presentes e articuladas nas bases de sua fundação e primeiras décadas, parecendo uma prova final do seu futuro destino de “lugar de síntese” e não de conflitos e antagonismos, caracterizando um “processo híbrido e contínuo, estando sujeito a constantes transformações e adaptações, algo tipicamente brasileiro” (SANTOS e FLORES, 2022).

Cabe registrar que, nesse híbrido, mesmo com a raiz em Kardec, todas as influências trouxeram suas contribuições na forma de saberes, valores, cosmovisões, inteligência e conhecimentos práticos: do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento; da filosofia de Pietro Ubaldi; de “Os Quatro Evangelhos” de Jean-Batiste Roustaing; e a inspiração espiritual do Caboclo Indayá de Baturité – que, hierarquicamente, veio primeiro na fundação do Centro e suas orientações espirituais – legitimando este patrimônio imaterial que não foi preservado.

A partir de leituras em Tall (2012), e fazendo adaptação de seus argumentos para a nossa pesquisa, a literatura antropológica afro-brasileira estabelece um lugar periférico, menor e sincrético para o caboclo no mundo religioso afro-brasileiro. Entretanto, assim como nas inúmeras casas de candomblé na Bahia, também para nós, do CEJN, o papel do caboclo, na nossa raiz e dinâmica de fundação, é bem mais importante do que parece, à primeira vista. É uma entidade ligada aos cultos da natureza. Qualquer perspectiva do espiritual parte da natureza, uma vez que nenhum ser humano, muito menos Allan Kardec, inventou os fenômenos espiritualistas.

Na atualidade, permanece na AEJN diversidade (presença feminina, várias classes sociais, diferentes grupos étnicos). As questões e disputas ficaram no campo das influências filosóficas-espirituais. Qual o lugar que impusemos a estas influências? A do apagamento. A influência do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e a presença do Caboclo Indayá de Baturité, nos primeiros anos da fundação do Centro, foram rapidamente apagadas. Posteriormente, “Os Quatro Evangelhos” de Jean-Batiste Roustaing e Pietro Ubaldi entraram em evidência, coexistiram junto com Kardec, entre os anos 1950-1960, mas também foram esquecidos com o tempo, preventivamente, em nome de uma “pureza doutrinária”, bandeira de pessoas em defesa de Kardec, por assim expressarem seu amor sincero à Doutrina Espírita.

No caso de Ubaldi, Roustaing e do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, apoiado por uma argumentação que reverbera até hoje, sobre a contradição destes com os postulados Kardequianos, o apagamento pode ser discutido no campo dos postulados filosóficos e teológicos.

Sobre o apagamento do Caboclo Indayá de Baturité do mérito da fundação do CEJN, foi mais cômodo para a mentalidade da época atribuir a fundação a um homem que reafirmava a afinidade com Kardec (uma vez que persistiu nas narrativas, apenas a figura do seu médium, Manuel dos Santos, que lia Kardec) do que dar o mérito, também, à uma entidade indígena, ligada às casas de Umbanda e Candomblé, totalmente fora do panteão espírita das entidades poetas, cientistas, clérigos, professores, escritores, médicos, afeitas à cultura europeia.

Trata-se de negação dos marcos históricos e da própria raiz, por este ser espiritual corresponder às marcas das culturas locais ditas inferiores, atrasadas, subalternas e, por conseguinte, deveriam ser silenciadas, suplantadas, esquecidas mesmo. Internamente, havia intolerância com aqueles e aquelas que persistiam. Palavras não seriam mais pronunciadas livremente, sob pena da censura coletiva: Roustaing, caboclo, índio, esoterismo, corpo fluídico..., entre outros termos, não faziam parte do CEJN.

Foi tirado do CEJN a chance de enriquecer as suas percepções, de aprender valiosas lições. Os efeitos disso são claros: estes saberes não foram salvaguardados, nem perpetuados, para as gerações seguintes. Foram anulados, esquecidos, desperdiçados. Um epistemicídio. Somos filhos ingratos e alunos rebeldes. Demos as costas a nossos instrutores e às nossas raízes originais, tão preciosas, com a desculpa de “seguir Kardec”.

Agora, cabe perguntar: esta diversidade de linhas no campo do CEJN atrapalharia sua missão de difundir o Evangelho e a prática da caridade conforme Jesus, se eles fundaram o Centro? Que prejuízo trariam à Kardec? Que ameaça representavam à evolução espiritual das pessoas? Que mal poderiam nos causar?

O certo é que, nesta época, Ubaldi, Roustaing, ideias do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e o Caboclo Indayá de Baturité não permaneceram, nem foram respeitados. Mesmo destituídos na hierarquia, no pertencimento, apagados de nossa história, eles, pacientemente, amorosamente, nos suportam/ram ao longo destes anos todos, anonimamente, e sem nada exigir.

Não encontrei registro documental, nem foi sinalizado pelos informantes que estes apagamentos teriam sido contestados, em algum momento, pela comunidade do CEJN, encarnada ou desencarnada. Sobre eles, foram contadas versões de conteúdos viciados. Os relatos que obtive mostravam que houve ao longo dos anos descontentamentos que levaram a várias dissidências e rompimentos, dentro do CEJN, mas nenhum destes ligadas à Roustaing, à Ubaldi, ao esoterismo ou ao Caboclo Indayá de Baturité.

Aos que permaneceram, houve uma aceitação pacífica dos apagamentos. Seguiu-se um período de aparente estabilidade e consequentes

distanciamento e esquecimento de Ubaldi, Roustaing, do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e do Caboclo Indayá de Baturité, no âmbito do CEJN, com supremacia absoluta da Codificação Kardequiana e das Obras de Chico Xavier.

Vejam que, na raiz, a AEJN já assumia as feições e as marcas da multiculturalidade, típicas do Estado da Bahia, e com papel de destaque na história do Espiritismo no Brasil. *“Foi exatamente pela Bahia, berço da civilização brasileira, que as obras de Kardec e Roustaing chegaram ao nosso país, pelas mãos abençoadas do nosso grande pioneiro, Luís Olímpio Teles de Menezes”*, lembra-nos Jorge Damas Martins, em palestra no 6º Congresso J. B. Roustaing (disp.: em <https://www.crbbm.org/museu-roustaing-congressos.html#m6>).

Ainda que, muito tardiamente, tenha sido reconhecido este silenciamento, dos quatro saberes abandonados – Ubaldi, Roustaing, do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e do Caboclo Indayá de Baturité – apenas a Pietro Ubaldi foi dado o retorno ao espaço do CEJN, nos anos 1980. Esse reposicionamento não carrega consigo uma ideologia de branquitude, de *apartheid*, já que os saberes europeus de Roustaing e do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento permaneceram tão desprezados e relegados quanto aqueles indígenas.

Neste caso específico, hipotetizo que o apoio de alguns dirigentes do CEJN, o respeito à mediunidade do Chico Xavier, somado ao trabalho anterior de Dr. Requião, mais a chancela conceituada de um Curso de Extensão Universitária (com a presença de André Luiz Peixinho e o casal de professores Galeffi) e o fato do pensamento de Ubaldi ser complexo e remontar à uma elite intelectual espírita, podem ter sido fundamentais para recuperação, prestígio e valorização do pensamento de Ubaldi, com o desfecho de seu retorno triunfal ao CEJN, nos anos 1980, ainda que não fosse ele unanimidade, entre seus trabalhadores e frequentadores. Esta hipótese é parcialmente suportada pelo fato de que os detratores de Ubaldi não esboçaram reação e praticamente desapareceram.

Mas, afinal, e quanto aos outros, por que a rejeição persistiu? Persistiu devido à perda de espaço, em âmbito nacional, da incômoda tese do corpo fluídico do Jesus, defendida por Roustaing, sendo cada vez mais massacrada. Por esta tese, Jesus, Espírito Crístico de ordem infinitamente superior à nossa, poderia materializar-se e desmaterializar-se, à vontade, plasmando seu próprio corpo, dispensando o uso de um instrumento tão precário, como é o caso do nosso corpo biológico.

Por outro lado, reforçavam a rejeição: as ideias esotéricas do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento eram consideradas incompatíveis com Kardec, portanto, inaceitáveis num Centro Espírita “Kardecista”; e a “perigosa

umbandização”, que a perturbadora presença do Caboclo Indayá de Baturité e outras entidades poderiam trazer (“A Umbanda quer tomar conta do CEJN”, dizia um dos coordenadores). Sim, ao longo dos anos, outras entidades de linha de Umbanda se manifestavam nas reuniões, mas eram imediatamente reprimidas. Entre elas, a Entidade, Zé Pretinho, que se comunicava pela médium Delza.

Os conhecimentos trazidos por essas linhas não foram agregados ao CEJN, sob alegação de que era para evitar “as misturas”. A rejeição a cada dia se agravava mais e era marcada por um “traço da civilização” que se estendia até mesmo ao folclore e festas locais, igualmente rotulados de inferiores, “coisa de gente ruim”, simplificando assim toda uma complexidade cultural, religiosa, espiritual. Kardec deveria se exclusivo e não deveria sincretizar com outras linhas que desviavam o CEJN do “verdadeiro caminho”.

Um ponto interessante é que similares a estas nossas raízes, matrizes culturais das religiões ayahuasqueiras, surgidas na Amazônia, na década de 1910, segundo pesquisas antropológicas, são também compostas numa ecologia de saberes por: a tradição indígena, cristianismo, elementos esotéricos e espiritismo “kardecista”. Mesmo que a semelhança rizomática exista, o CEJN manteve-se numa organização sem rituais, bebidas enteógenas, bailados, etc., típicos das religiões das florestas.

Curioso marcar aqui que o grupo que, ao mesmo tempo, defendia Kardec como única matriz, rejeitava Roustaing, Caboclo Indayá de Baturité e outras entidades ligadas à Umbanda e o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, e apoiava Ubaldi. Mas o Ubaldi **possível** a seus entendimentos.

O processo de exclusão das três linhas não foi dialógico, partilhado, decidido coletivamente, mas sim concentrado nas mãos de poucos e, por conseguinte, altamente excludente, negando o pertencimento e retirando aqueles “personagens inoportunos” de sua condição de protagonistas.

Um possível choque entre estas três linhas excluídas me parece fictício, uma vez que conviveram, em diferentes intensidades, no âmbito do CEJN, por, pelo menos, dezesseis anos, ainda que não haja registros comprobatórios do que penso. Houve um encontro - uma relação baseada na igualdade? Nessa perspectiva, hipotetizo que alguns dirigentes percebiam, no CEJN, uma desigualdade nas influências xamânica, esotérica e kardecista, com desvantagem para este último, ainda não estudado e praticamente desconhecido, e talvez duvidassem da espiritualidade do indígena (“espiritualidade” aqui entendida como sujeição ao Cristianismo e ao Espiritismo). Daí o conflito.

Contudo, percebo nesses dirigentes uma espécie de zelo para com a Codificação Kardequiana, ainda que excessivo e marcado pela intolerância, e assim, de certa forma, permitam-me, eu quero relativizar esta intolerância.

Parece-me que o olhar destas pessoas era no sentido de que Kardec deveria triunfar acima de tudo, por ser entendido por eles como único detentor dos ensinamentos de Jesus, como superior aos demais, por conter a verdade. E em termos sistêmicos, foi a nossa escolha coletiva, fazendo o movimento de desconectar de padrões que julgamos não servirem mais, na expectativa de um futuro mais livre, focado e autêntico, conforme os moldes espíritas “kardecistas”.

O afastamento de Roustaing do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e, em especial, da Umbanda, representada pelo Caboclo Indayá de Baturité e outras entidades, permitiria que a voz do Espírito da Verdade fosse ouvida, as pessoas fossem esclarecidas, à luz límpida da Codificação, evitando-se práticas místicas, esotéricas, apontadas como atrasadas, selvagens, bárbaras, exóticas, porém muito atraentes para um povo de pouca fé, sem estudos em Kardec ou que não procura aprimoramento doutrinário ou espiritual, muito sofrido, em busca de soluções rápidas para seus problemas materiais, numa região com presença do Candomblé, Umbanda, adivinhos, rezadores e benzedores.

Com a proposital omissão sobre Roustaing, do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e em especial da Umbanda, representada pelo Caboclo Indayá de Baturité e outras entidades (e aí volto ao que disse bem anteriormente, aqui neste livro) os Espíritas da AEJN, vivem até hoje um misto de alheamento de seu passado com uma censura velada, permanecendo sem conhecê-los e pegando emprestado a frase de Pinto (1962⁴⁴ *apud* LIMA; MICHELOTTO, 2015), já citada “[...] é claro que estão mal preparados, pois se foram preparados para não estar preparados!”

Para alguns dirigentes da época, a mensagem de Kardec corria “perigo”, e o “perigo” estava exatamente na raiz de fundação do CEJN, na inclinação interna para Umbanda, nos impulsos espirituais “atrasados” de sua origem. É como se o CEJN olhasse seus próprios pais, tivesse vergonha deles, que deveriam ser superados, e os excluísse sem remorsos: “Vocês não fazem parte! Desapareçam! Quero outro pai/mãe civilizado para seguir meu caminho”. Nessa bruta despedida, não houve agradecimento, reconhecimento de suas luminosas contribuições. Fica claro perceber que o “problema” éramos nós e não a Espiritualidade amiga e protetora que fundou o CEJN.

Ao trazer esses padrões, emaranhamentos e crenças limitantes, à luz do nosso consciente coletivo atual, será possível, para nós reconhecermos nosso passado e começarmos um processo de cura, honra e transformação sem precedentes. Este movimento de amor pode garantir um salto evolutivo extraordinário para nós.

Mesmo com a exclusão, o desprezo e os maus tratos recebidos, sinto que Roustaing, Caboclo Indayá de Baturité & Entidades e Prentice Mulford, Swami Vivekananda, Eliphas Levi (do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento) tiveram, para conosco, o cuidado e a responsabilidade dos irmãos mais velhos para com os mais novos (premissa que estrutura o princípio de hierarquia). Permaneceram na resistência, dentro de uma postura ética espiritual, fiéis à Jesus, com dedicação às suas tarefas, obedientes às diretrizes formais do CEJN e aliados do pensamento de Allan Kardec, sem se ofenderem, sem melindres, sem ciúmes. Humildemente, se recolheram e, no anonimato, continuaram trabalhando no CEJN, assumindo outras identidades. Espiritualmente, não houve uma ruptura.

“Nós aprenderemos com aqueles Espíritos que souberem mais e ensinaremos a àqueles que souberem menos, e a nenhum viraremos as costas, a nenhum diremos não, pois esta é a vontade do Pai”, ensina o Caboclo Sete Encruzilhadas. Nisto, eu creio!

O desrespeito e a exclusão dos antepassados viola uma das Ordens do Amor, que é o Pertencimento. Desrespeito à precedência, aos que vieram primeiro, viola a a Hierarquia. E, nesse caminhar, recebemos muito mais do que doamos, havendo um desequilíbrio entre “dar e receber”.

Sinto que, ao longo destes anos, como pais-mães, todos eles sempre estiveram (e estão) conosco, nunca nos julgaram nem abandonaram pois “O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (Paulo, 2Cor 13:4-7).

De forma decolonizada, e ainda adaptando os argumentos de Tall (2012), como restituir o lugar e o papel do caboclo na dinâmica da AEJN contemporânea, com “suas características de autoctonia, ancestralidade, sabedoria ecológica e de grande teimosia, que fazem dele um intermediário privilegiado nas relações humanas com as forças do além”? E as conexões com o Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, entendidas como irrelevantes e superadas? E Roustaing, o “indigesto”, tem seu lugar?

Não se propõe aqui um caminho acabado, mas creio que, dentro de um processo democrático, possibilitando amplo debate, para somar-se, criando e fomentando uma rede com os diferentes saberes e conhecimentos científicos, poderia ser um primeiro passo para honrar o que foi desonrado. Por princípio sistêmico, “ninguém vai pra frente sem reverenciar os que vieram antes, os que vieram primeiro”. Estamos todos conectados a estes nossos pais espirituais por um sistema de energia evolutiva e emoções positivas do Bem.

E neste 2025, com todo avanço intelecto-moral que nos foi oportunizado, não se trata de recriar rituais, nem mesmo estabelecer pajelanças, dentro das sabedorias que entrecruzaram-se na AEJN. Ritos, batismos, beberagens, figurinos, etc., nunca foram condição para estes nossos Guias nos amarem, estarem conosco. Reviver seus feitos, valorizar suas memórias pode fortalecer o laço e o respeito por eles e nos dar forças para um salto evolutivo.

Ampliar a consciência para entender que todos fazemos parte de um sistema, com seus emaranhamentos, que precisa ser curado, requer passar por dores profundas. A comunidade AEJN quer? Tem condições?

“Ditosos os que hajam dito a seus irmãos: “Trabalhemos juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra” porquanto o Senhor lhes dirá: “Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!” (O Espírito de Verdade, O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. XX, item 5).

Capítulo 8. A segunda metade de nossa andança

Para além de seu contexto histórico, há uma andança que nos toca profundamente pelo mistério poético e ao mesmo tempo exato de nossa AEJN, que nos colocaram neste lugar. Como o leitor deve ter percebido, os conteúdos apresentados contêm singularidades desta andança e das nossas vidas - os fundadores, trabalhadores do CEJN, e lógico, minha, que somos formados pela relação estreita com o Espiritismo, com nossa cidade, entre todos nós, e relações espaço-tempo que foram/são estabelecidas.

O CEJN permaneceu no espaço da casa da Rua Intendente Ruy por seis anos, sem placa de identificação na fachada, atendendo Espíritos e pessoas que lá buscavam socorro e consolo, a partir de um cosmos espírita. Foi lá que teve início a caminhada do jovem médium Divaldo Pereira Franco, conduzido pela Prof.^a Clarice para tratamento espiritual, segundo um informante.

Lá, o jovem Divaldo, com 17 anos, sob a orientação de dona Ana Ribeiro Borges, assistiu, pela primeira vez, no dia 5 de dezembro de 1944, a uma sessão mediúnica, sob a presidência do Sr. Manuel Ferreira (Maneca). Nesta reunião, comunicou-se, por psicofonia, através da sua própria mediunidade, o seu irmão recém-desencarnado – José, que, em perturbação espiritual, em busca de auxílio, aproximou-se de Divaldo, afligindo-o psiquicamente (obsessão).

A partir da desobsessão (esclarecimento doutrinário de base cristã), José foi conscientizado sobre a continuidade da vida além-túmulo, dos prejuízos que ele estava causando à saúde de seu irmão. Com a desobsessão, Divaldo foi curado da influência obsessora, restando agora cuidar da mediunidade. Neste mesmo Centro, ele foi orientado para estudos em “O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, iniciando seu conhecimento da Doutrina Espírita que viria a ser sua religião e filosofia de vida para sempre.

Nessa época, não haviam reuniões doutrinárias ou grupos de estudos, apenas a reunião “mesa” mediúnica (mesa dos espíritos), onde homens e mulheres médiuns para desobsessão e atendimento aos Espíritos sofredores, segundo orientações do dirigente encarnado, atuavam. Logo, as pessoas eram orientadas a estudarem sozinhas.

Passo agora uma visão bem geral e bastante resumida dos principais eventos das reuniões práticas de religiosidade mediúnica da época. Acesso livre, as reuniões eram públicas mas não lotadas, mesmo porque havia o medo, o preconceito e rejeição, e os frequentadores ou visitantes não eram necessariamente espíritas mas pessoas buscando resolver seus problemas materiais. Ocorriam à noite, com livro de assinaturas, realização de “correntes

flúidico-magnéticas-espirituais”, organizadas a partir do “médium de cabeceira” sentado à mesa, mantendo-se todos com preces mentais.

Penumbra, prece de abertura improvisada e com voz emocionada, mãos sobre a mesa, olhos cerrados, cabeças inclinadas para frente, trabalhos iniciados. Médiuns falantes, médiuns videntes, comunicações simultâneas. Finalização com orações e aplicação de passes, sem guias espirituais específicos.

Neste período, o Espiritismo, assim como outras religiões mediúnicas, eram alvos de vigilância policial, bem como ataques e perseguições, especialmente do Catolicismo. Nas décadas de 1920 e 1930, a repressão com as religiões mediúnicas eram mais ostensivas, com base no Código Penal de 1890, terceiro capítulo, artigo 157, que previa pena para quem praticasse o espiritismo e a magia, e o artigo 158, para quem praticasse o curandeirismo, considerados crimes contra a saúde pública (GIUMBELLI, 1997).

Boaventura Kloppenburg, clérigo dos anos 1950, vivia atacando o Espiritismo, o Protestantismo, a Maçonaria, Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento e “também a devastadora ação de outras seitas ocultas, pouco conhecidas, precisamente por agirem às escondidas: Esoterismo, Teosofia, Rosacruzianismo”.

Barreiros (2017, 2019), nos seus estudos sobre Feira de Santana, se reporta ao escritor baiano, Eulálio Motta (1907-1988), “o pasquiereiro da roça”, que numa fase de sua vida que não pôde atuar no campo político, direcionou a sua escrita para a religião, publicando panfletos polêmicos, criticando o Espiritismo e o Protestantismo, na defesa do Catolicismo como única religião.

Sobre ataques e perseguições ao CEJN, na rua Intendente Ruy, há relatos de comportamentos de rejeição por transeuntes que não trafegavam pelo passeio, tinham medo ou repudiavam o Espiritismo; a absurda tentativa, na surdina, de membro da própria irmandade, de usurpar, indevidamente, a casa onde estava instalado o CEJN, sendo Olegário avisado a tempo para embargar, por uma senhora, Oficial do Cartório de Registro de Imóveis, que percebeu a infame transação totalmente ilegal, a partir de escrituras falsas, representando esta intervenção a ação da Providência protegendo os inocentes.

Há, inclusive, o episódio, narrado por um dos informantes, de importunação, durante uma “sessão” (atualmente “reunião”) mediúnica. As sessões mediúnicas consistem em momentos, cultos organizados, em penumbra com objetivo de estabelecer comunicação com o mundo espiritual.

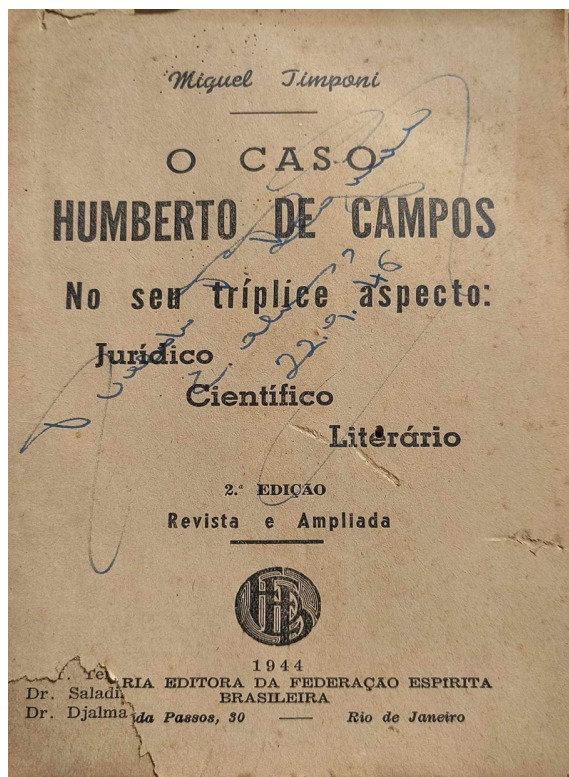
Pois bem: quando os presentes já estavam concentrados, ouvem forte pancada na porta de madeira frontal para a rua. Imediatamente, alguns dos presentes saem assustados para ver o que aconteceu e se deparam com forte mau

cheiro de grande volume fezes, espalhadas na porta, e poucos metros à frente caído na rua, um jovem rapaz. Caído, com a perna quebrada, gritando: “Não foi eu, não! Não foi eu, não!”. Segundo consta, anos depois, a mãe deste rapaz se converte ao Espiritismo e passa a frequentar o CEJN.

Ficou este caso subnotificado, uma vez que o Código Penal e o Estado, que deveriam assegurar a liberdade religiosa e proteger as pessoas, ainda mantinham o Espiritismo como prática ilícita, prevalecendo a criminalização religiosa sobre a segurança da vida das pessoas.

Entendamos a questão: nos anos 1940, em termos nacionais, dois fatos importantes: Vargas, em 1949, exclui o termo “espiritismo” do Código Penal, permanecendo, apenas, como delito grave, a prática do “curandeirismo” e do “charlatanismo”; e o processo movido contra Chico Xavier, sobre direitos autorais requeridos pela família de Humberto de Campos, mobilizou a sociedade e o Direito, e Requião teve acesso ao livro do Dr. Timponi (figura 36).

Figura 36 – Capa do livro “O caso Humberto de Campos no seu tríplice aspecto: Jurídico, Científico e Literário”, pertencente ao Dr. Osvaldo Requião.



Posteriormente, cerca de seis anos depois, o CEJN muda-se para a rua Barão de Cotegipe, nº 11 (hoje nº 1083), um galpão sem divisórias, construído por Olegário e ajuda de alguns seguidores, com capacidade para cerca de 80 pessoas, ao lado do casarão residencial no terreno de propriedade do casal Olegário e Eloina. O galpão ostentava na fachada a placa indicativa “Centro Espírita Jesus de Nazaré” e, neste prédio, o CEJN permaneceu até a construção de sua sede própria, à rua Leonídio Rocha, 231, centro, onde funciona até os dias atuais.

A estrutura construída na rua Barão de Cotegipe demonstra que já havia intenção de iniciar as reuniões doutrinárias, uma vez que o salão foi estruturado, segundo moldes arquitetônicos da época: palco com altura de mais ou menos 1,20m com duas escadinhas de alvenaria em cada lateral, e no teto deste palco, trilhos de cortina (para atividades teatrais). Considerado em sua potência de desenvolvimento, era o CEJN se renovando e se preparando: a nova sede trouxe novos ares e fronteiras de trabalho.

Hoje, neste galpão da Rua Barão de Cotegipe, onde era o CEJN, funciona uma loja de alimentos naturais. Uma certa feita, fui lá e perguntei à moça do caixa se ela sabia o que havia ali, antes deles instalarem a loja. Ela não sabia. Assim como na Rua Intendente Ruy, não sabia que ali funcionou o CEJN, os Espíritos Guias se manifestaram livremente, tantos foram esclarecidos, obsidiados curados. Palestras, evangelização, Mocidade.... Aquelas pessoas nem sabem, não têm noção de onde pisam...!

Nesta nova sede, agora à Rua Barão de Cotegipe, dão continuidade às atividades, com a “cerca de arame farpado” para distanciamento de práticas esotéricas e similares à Umbanda, entendidos como linhas primitivas, evitando “misturas” e adquirindo contornos típicos orientados por Kardec e Evangelhos canônicos.

Alípio Oliveira (1985) reporta-se ao fato de, em 1948, segundo suas memórias, ao chegar na cidade, encontrava o templo sempre fechado, dando a impressão de não haver atividades. Em relatos orais, Oliveira (1985) diz que buscou Sr. Olegário, que afirmou que o Centro não estava fechado, pois Aurino Lima realizava, ali, reuniões mediúnicas, e que os entendimentos deveriam ser com ele e que a chave do prédio estava à disposição para trabalhadores. Oliveira engaja-se às tarefas, encontrando outros idealistas, como Enésio Cerqueira, Osvaldo Requião e, mais adiante, Elísio Dórea.

O Pacto Áureo da Confraternização Geral dos Espíritos do Brasil, com a Caravana da Fraternidade, atividade federativa de alcance nacional, proporcionou uma dinamização no Movimento Espírita Baiano. No CEJN, só por volta dos anos 1950, é que começam as reuniões doutrinárias e mediúnicas, com embasamento em Kardec, ambas públicas, e como já ocorria, os frequentadores

não eram necessariamente espíritas, mas houve um aumento de público, especialmente os assistidos, dado o compromisso no fornecimento de serviços de assistência social aos pobres (alimentos, agasalhos, cobertores, basicamente).

Em 1952, Oliveira relata ter participado de reuniões em casa de Maneca Ferreira, cuja dinâmica era dividida em parte doutrinária seguida de mediúncia. Essas reuniões seriam o embrião do futuro Centro Espírita Emmanuel.

Neste sentido, os relatos de Leal de Souza (2012) jornalista do periódico “A Noite”, sobre reuniões espíritas em Niterói, RJ, durante os anos 1920, são bem similares ao que acontecia aqui, em Feira de Santana, até 1950. No depoimento de Cirne (LEAL DE SOUZA, 2012, p. 528), a situação revelada no livro traz a “lume o estado lamentável em que se encontram quase todas – não todas, felizmente – as organizações fundadas com o nome ou sob pretexto de espiritismo”, no tocante às reuniões mediúnicas públicas e poucas doutrinárias.

Neste período, o país estava sob a vigência do Estado Novo, regime autoritário que tomou como modelo o estado fascista italiano, que vigiava reuniões noturnas, estabelecendo critérios, mesmo que as atividades do CEJN tenham sido consideradas inofensivas, até então.

E, como já descrito sobre a primeira sede, à Rua Intendente Ruy, da mesma forma, num espaço do amplo salão da Rua Barão de Cotegipe, há o livro de assinaturas/atas das reuniões, realização das reuniões mediúnicas com “correntes fluídico-magnéticas-espirituais”, criadas a partir do “médium de cabeceira” e demais médiuns, mesmo os iniciantes, sentados à mesa, recitando passagens evangélicas por cada um, mantendo-se todos com preces mentais.

Penumbra, prece de abertura improvisada e com voz emocionada, mãos sobre a mesa, olhos cerrados, cabeças inclinadas para frente, trabalhos iniciados. Médiuns falantes, médiuns videntes, comunicações simultâneas. Finalização com orações e aplicação de passes “com abundância de gestos”. Não foi citada pelos informantes a participação de médiuns psicógrafos, nem efeitos físicos, nestas reuniões.

As reuniões doutrinárias eram escassas, pouco estudo das obras de Kardec e similares. As Doutrinárias seguiam um *script*: oração de abertura, leitura do Evangelho, comentário. Aplicação de passes. Fundo musical LP “Música à luz da Oração”, que invadiam melodicamente as casas espíritas até os dias atuais.

Nestas reuniões, os frequentadores levavam garrafas com água para fluidificar pelos médiuns passistas, obrigatoriamente destampadas e de vidro incolor. Familiares e amigos escreviam nomes de pessoas em pedaços de papel e colocavam sobre a mesa, rogando socorro, ou no livro de preces – um livro de atas adaptado para escrever nomes das pessoas, endereço, no caso dos vivos, ou indicar a situação de desencarnados sofredores, pedindo “visita espiritual”. Nas

preces, geralmente o “Pai Nosso” ou improvisadas, o nome de Jesus era sempre evocado, juntamente com os “irmãos de luz”. Hinos espíritas eram cantados.

Na abertura e finalização das reuniões, preces geralmente o “Pai Nosso” ou improvisadas, o nome de Jesus era sempre evocado juntamente com os “irmãos de luz”. Hinos espíritas eram cantados. Leitura e comentário do Evangelho Segundo o Espiritismo, depois o comentário seguido da palestra, hinos e preces de finalização às 21:30h.

A caridade era a tônica maior com a Campanha do Kilo, distribuição de cobertores e a “Ronda da meia-noite”. A Campanha do Kilo é o nome fantasia das Campanhas Auta de Souza que aconteciam/em em todo país, criada em 1953. Consiste na coleta de alimentos e outros para distribuir aos pobres, indo de porta em porta pelos bairros residenciais da cidade. A equipe se reúne todos os domingos a partir das 08:00 horas para a preparação dos trabalhos com orações, leitura do Evangelho e cânticos. Saíam pelas ruas com a sacola de tecido branco ou azul claro onde se liam as iniciais “CEJN”, verdadeiro cartão de visitas da honestidade, seriedade e da legitimidade da atividade.

Ficavam até por volta das 11h nas ruas indo de casa em casa a pé e carregando peso, chovesse ou fizesse sol. Havia adicionalmente, uma responsabilidade também na propagação do Espiritismo pela palavra de esclarecimento sobre seus princípios, sem proselitismo nem delongas, e entrega de mensagem espiritual impressa.

Eu saí durante muitos anos como caravaneira nesta atividade e sempre era emocionante, naqueles tempos, descer a Rua Papa João XXIII e suas transversais, ruas sem pavimentação com esgoto a céu aberto, chegar nos casebres, bater palmas e alguém atender e dizer “vou ver aqui” e voltar com um pacote de fubá. Ao nos avistar de longe nas casinhas mais abaixo, os adultos já mandavam suas crianças maltrapilhas nos esperarem com um canequinho de farinha para doar. Sim, além da sacola de alimentos em geral, tínhamos uma outra chamada “a sacola da farinha” onde os doadores despejavam suas doações à granel.

Outra atividade era a “Ronda da meia-noite” com Elísio Dórea, Alípio Oliveira, Enésio Cerqueira, Nourisval Cerqueira, Dr. Requião entre outros homens. Zelinho da Oficina ou colho da Padaria doavam a caminhonete para levar o caldeirão quente cheio da sopa e os cobertores para os mendigos que naquela época viviam nas ruas centrais de Feira de Santana e recebiam o alimento em latas de goiabada, leite em pó, e similares (não haviam as conhecidas “quentinhas”). Macário era dono de um açougue e doava os ossos para fazer a nutritiva comida. Nos passeios da Avenida Senhor dos Passos, centro comercial da cidade, haviam filas de mendigos e doentes que à noite esperavam a “Ronda”.

Enquanto os homens se ocupavam dos mendigos e moradores de rua, as mulheres socorriam as mendigas e moradoras de rua, conduzindo-as para uma área nos fundos do prédio da Prefeitura Municipal de Feira de Santana, onde elas recebiam banho, corte de unhas, roupas limpas. Era a caridade em ação!

Como enfatizado acima, o problema maior estava nas reuniões mediúnicas públicas – chamadas sessão de caridade – com portas abertas para qualquer pessoa, longas, sem controle de horário de chegada e saída, com presença de crianças, doentes físicos e mentais. Ou seja, a reunião se constituía de dirigente da reunião, médiuns, público diversificado, de diferentes classes sociais e etnias, entre doentes e simples assistentes. Muitos doentes mentais agressivos, tidos como obsidiados, eram trazidos ao CEJN, amparados por familiares, amarrados ou até contidos por homens.

Conforme alguns relatos, certas manifestações espirituais não eram autênticas, tratando-se de animismo, ou seja, criações mentais do médium, que o dirigente tratava de cortar, segundo um informante. As comunicações autênticas nem sempre eram espontâneas mas provocadas pelo dirigente dos trabalhos. O transe era imediato ou demorava de ocorrer, a depender do médium ou até do Espírito comunicante, que também influenciava o tempo do transe. Os Espíritos que insistiam em manter-se incorporados recebiam ordens do dirigente para liberar o médium.

Os Espíritos comunicantes eram pessoas comuns, raramente personalidades conhecidas da cidade. No aspecto moral, eram obsessores, Espíritos doentes, alcoólatras, vingativos. Quadros fluídicos do mundo espiritual eram narrados pelos médiuns. Espíritos de cultos afro-brasileiros ou indígenas não eram acolhidos, devido ao preconceito religioso que existia entre os espíritas da época.

Durante as comunicações espirituais, médiuns que se mantinham serenos, outros gritavam, esmurravam a mesa, levantavam, ameaçavam verbal e fisicamente as pessoas. Um informante relata ter assistido algumas destas reuniões, ainda criança. A presença de crianças parece ter sido comum. Estas assistiam de longe ou ficavam embaixo da mesa, escondidas (relato de informante). Alguns adultos não adentravam o recinto, observavam, silenciosos, aguardando, do lado de fora, o término da reunião. O dirigente sempre emitindo palavras consoladoras, de paz, exaltando virtudes, pedindo preces pelos sofredores, pelos loucos, e advertindo aos presentes que deveriam se manter em orações, concentração, seriedade e caridade. Estas mesmas reuniões mediúnicas seguindo mais ou menos este *script* aconteciam em residências.

As reuniões de meditação e preces antecediam a reunião mediúnica e segundo informante, nos anos 1950, ocorriam de forma pontual às 18h e com portas fechadas.

As reuniões doutrinárias aconteciam à noite, com início às 20h. Os frequentadores sentavam em bancos de madeira tipo bancos de igreja, e podiam levar garrafas com água para fluidificar pelos médiuns passistas.

Figura 37 – Flâmula do 1º Congresso Espírita e 1ª Exposição Espírita da Bahia.



Por volta de 1969, dentro do período do surto desenvolvimentista da região e forte incremento da migração para Feira de Santana, ocorre a mudança do CEJN, da rua Barão de Cotejipe para a rua Prof. Leonídio Rocha, 231, no centro da cidade, onde permanece até hoje. A sede, desde então, é um prédio de dois amplos pavimentos, contando com salão doutrinário para cerca de 120 pessoas.

Há duas informações sobre a nova sede física do CEJN: um informante relata que a sede própria seria construída no bairro Tanque da Nação, próximo às imediações dos fundos do Centro de Abastecimento, em terreno doado por Sr. Enésio Freitas Cerqueira; outra, relatada por Oliveira (1985), sobre um terreno comprado numa das ruas transversais à Av. Senhor dos Passos, sentido Rua Marechal Deodoro.

Seja um ou outro, o informante relata que ao iniciar as obras de desmatamento, terraplenagem e assentamento de alicerces, um vizinho procura Enésio Cerqueira, doador do terreno e responsável pela obra, sobre a destinação da edificação. Enésio teria dito que se tratava de um centro espírita, e, ante o assombro do dito vizinho, Enésio recebe a proposta deste de trocar o terreno por outro, de sua propriedade, na Rua Professor Leonídio Rocha. Apesar do terreno da Leonídio Rocha ser um pouco menor, este tinha a vantagem de estar no centro da cidade, o que facilitaria o acesso aos frequentadores. Enésio aceitou e assim foi feito. E aqui cabe esclarecer que Enésio não era engenheiro, como assinalado por Morgado (2021). Na verdade Enésio era comerciante, com baixa escolaridade, e quem, posteriormente vai assumir e finalizar a construção (colocando até recursos do próprio bolso, segundo informantes) é o casal Ivete e Aloísio Cerqueira, sendo ela professora e ele engenheiro civil.

Aí, também, as reuniões mediúnicas eram públicas, com livre acesso, até por volta de 1990. Mesmo com esta forma inadequada, muitas curas e desobsessões foram realizadas. Essas reuniões eram realizadas no salão térreo construído para este fim, na penumbra, com uma lâmpada, luz azul ou verde. Eram coordenadas por Enésio Cerqueira e Alípio Oliveira, com evidente dominação de Sr. Enésio, que compunha a mesa, organizava os trabalhos e determinava quem doutrinava. Sr. Alípio ocupava uma posição mais secundária e educativa, sempre atento ao esclarecimento das pessoas pelas leituras de O Livro dos Médiuns, de Kardec, ou “Estudando a Mediunidade”, de Martins Peralva.

Como de praxe, a manifestação de espíritos atrasados, com expressões de frases raivosas, acessos de tosse, ou brincalhões, ou verbalizando ameaças aos trabalhos, ou também de suicidas era comum. Manifestações espontâneas ou médiuns com guias indígenas, pretos velhos, orixás ou que fossem ligados a religiões afro-brasileiras eram orientados a reprimir a comunicação.

Espíritos com orientação sexual LGBT eram raríssimos: em minha experiência pessoal, de mais de trinta anos frequentando estas reuniões, como doutrinadora, identifiquei poucos espíritos efeminados masculinos (médiuns homens; raros por mulheres) e apenas um espírito, que na última encarnação foi camponesa, manifestou clara insatisfação com sua vida num corpo feminino, foi obrigada a casar e ter filhos, e a médium era uma mulher.

* * *

Em 1954, chega a Feira de Santana o gerente do Banco do Brasil, transferido de Vitória da Conquista, trazendo novo vigor ao CEJN e ao movimento espírita local. Seu nome: Elísio da Rocha Dórea. Já havia residido em Irará, Alagoinhas, São Félix e Itabuna. Defensor e praticante do Esperanto, da macrobiótica e da meditação.

Alinhado à Kardec, torna-se amigo e parceiro de ideal de Dr. Requião, Ostiano Bastos e Manuel Viana, guardando suas particularidades específicas de natureza mais mística, obtidos em outras linhas de estudos (Esoterismo, macrobiótica, Terapias complementares) e pelos caminhos da prática da caridade.

Sr. Dórea, como ficou conhecido, homem de personalidade forte, franco, autêntico, que acreditava em seus ideais, e lutou por eles. Dedicava-se com todas as suas forças à caridade. Nunca foi vaidoso e admitia sua ignorância e a própria imperfeição, pecaminosidade. Seu Dórea, chamado “o Apóstolo anônimo da Caridade”, pelo Dr. Élzio Ferreira, nasceu em Cachoeira, Bahia, em 14 de Junho de 1914.

Filho de Manuel Paulino da Rocha Dórea e Roberta de Oliveira Dórea. Primeiros contatos com a Doutrina dos Espíritos em torno de 1947, quando da

frequência às reuniões dirigidas pelo confrade Guaraci de Carvalho Lima e esposa, mais tarde filiando-se ao Centro Espírita Obreiros do Bem. Era médium psicofônico entre outras faculdades. Dedicado profundamente à caridade, auxiliando diretamente ao “pobre”.

Fundou o Lar dos Velhinhos, em Alagoinhas; junto com Enésio Cerqueira, construiu o Lar do Irmão Velho, primeira sede à rua São José, em Feira de Santana, onde também foi presidente da A. E. Jesus de Nazaré, do Centro Espírita Irmão Salustiano, em Ribeira do Pombal, o Grupo da Fraternidade Leopoldo Machado, em Salvador, juntamente com sua esposa, Janete, em 1973; foi o primeiro presidente da UEVC; implantou a Campanha do Quilo em todas as cidades onde residiu.

Presidiu o núcleo 37 da Legião da Boa Vontade (LBV) sediado em Feira de Santana, onde vários espíritas eram filiados (Sr. Deraldo, Sr. Enésio, Sr. Walter Oliveira).

Nós não entendemos os planos divinos; e por que Jesus escolheria alguém tão difícil de lidar, para a liderança? Seu Dórea era ávido por evolução, tinha pressa em evoluir e não há como negar isso.

Ele não analisava muito suas ações, antes de fazê-las; primeiro colocá-las em prática, depois pensar. Quem sabe? Ele apenas age, por impulso da caridade, e assim lança-se em um risco e outro e outra. Dois episódios: dos empréstimos no BB e Prisão em Cachoeira.

Figura 38 – Cartão de divulgação de Campanha humanitária para o Lar do Irmão Velho (LIV), possivelmente 1965.



“É fácil saber o porquê de Jesus ter escolhido Seu Dórea (figura 39); há um propósito e, além disso, Jesus conhece suas ovelhas, e conhecia o temperamento de cada um dos chamados, dos homens que mudariam o Estado da Bahia, em termos de avanço da Doutrina Espírita”, declara um informante. Usando uma metáfora bem nossa, bem nordestina, bem junina: Seu Dórea não era apenas um fósforo, era uma explosão por completo.

Afirma um informante: “O nome dele tem ‘Rocha’, nome daquele que Cristo escolheu como principal apóstolo de formação lenta⁴⁵, e nisto Ele sabe..., formou a Terra”.

Figura 39 – Imagem de Sr. Dórea.



Outro trabalhador das lides espiritistas de Feira de Santana é o médico, Dr. Ostiano Cerqueira Bastos. Veio da cidade de Candeias, Bahia, para Feira de Santana, nos anos 1950, após três anos de viuvez de Theodora da Silva Bastos, com seus sete filhos pequenos, órfãos de mãe: Theodiano (14 anos), Therezinha (12 anos), Getúlio (11 anos), Aristóteles (10 anos), Hosaná (9 anos), Josemir (5 anos) e Horacinha (3 anos), para assumir emprego na Prefeitura de Feira de Santana, como médico contratado. Viveu como médico pobre, fazendo da medicina um sacerdócio, inclusive prestando assistência médica aos idosos do LIV.

⁴⁵ Refere-se a Simão chamado Pedro, Cefas, “a pedra” sobre a qual a Igreja de Cristo foi construída.

Ambientado na cidade, buscou logo o CEJN, levando os filhos mais velhos para a Evangelização infantil, ao tempo em que ele se engajava nos trabalhos doutrinários, sendo palestrante.

Faleceu aos 78 anos de idade, em Feira de Santana. Sua filha, Therezinha Bastos, permanece firme trabalhadora da AEJN, mesmo com limitações físicas e idade avançada.

Não consegui dados biográficos mais detalhados sobre Manuel Viana, além dos relatados ao longo deste Memorial.

Dando destaque à participação feminina, importante citar outras trabalhadoras, do CEJN, muito queridas, Janete Dórea e Delza Passos Boaventura.

Na AEJN, o serviço e a dedicação à reencarnação e à maternidade é realizado desde anos 1950 pela Manjedoura, composta por equipe de voluntárias espíritas e doadores simpatizantes, no atendimento à gestantes necessitadas cadastradas na instituição.

A distribuição do enxovalzinho era mensal, gratuita e contava com equipe de voluntárias ativas tanto na costura como na realização de palestras educativas sobre espiritualidade, higiene pessoal, cuidados com o bebê e outros temas relacionados, sem conversão à Doutrina Espírita, para as mães.

Como esta atividade se iniciou em nossa Casa?

Dona Janete Dórea, esposa de Sr. Dórea, dois baluartes da caridade na AEJN – ela, ativa trabalhadora na Mocidade Espírita e na distribuição mensal dos enxovais para recém-nascidos, participou da criação do grupo assistencial “Manjedoura”, numa clara alusão ao local humilde de nascimento do Jesus Menino.

Segundo o Evangelho de Lucas, NSr^a deu à luz ao menino Jesus e o colocou em uma local de alimento dos animais – a manjedoura, “porque não havia lugar para eles na hospedaria”. Um nascimento em um lugar muito simples, possivelmente um estábulo ou uma gruta usada para abrigar animais. Mas que não faltaram o amparo espiritual, a presença paterna, e um bercinho confortável e seguro para o menino.

Imitando a narrativa do Evangelho o modelo assistencial aos bebês e suas mães criado no CEJN nos anos 1950 serviu à inúmeras entidades espíritas de nossa cidade como inspiração para desenvolverem ações dessa natureza.

Naquela época, Feira de Santana já era uma grande e comercial cidade, mas a desigualdade e a pobreza eram grandes e assustadora, com alta mortalidade materna e infantil.

Esses dados terríveis chamaram a atenção dos espíritas uma vez que as gestantes carentes não tinham a devida assistência à saúde e muito menos material, com seus recém-nascidos envolvidos em trapos, expostos ao frio.

Como já dito, os enxovais confeccionados de forma artesanal e manualmente pela equipe de costura liderados por dona Janete e outras voluntárias e se constituía de um primeiro amparo ao bebê para que fosse agasalhado por roupinhas e mantas, e não nascesse nu. Não era um rico enxoval mas antes de tudo, era uma forma da AEJN dar um abraço afetuoso de boas-vindas ao bebê que chegava a este planeta.

Tudo sem nenhuma obrigação religiosa ou proselitismo, apenas ofertado com palavras de amor, estes enxovais eram entregues pela equipe às mãezinhas pobres.

Com o tempo, outras pessoas foram sucedendo dona Janete, como Laura Martins (esposa de Rademaker), Almira Amorim, Lêda Lene, chegando aos dias atuais com Edna e Rita Rocha à frente abraçando a tarefa com o mesmo amor e além do enxoval, ofertam como antes, “roupinhas espirituais” e orientação de saúde materno-infantil às mães assistidas pela Manjedoura.

Dona Delza nasceu em 29 de maio de 1923, na Fazenda Retiro, em São Gonçalo dos Campos, Bahia. Filha de Wenceslau de Oliveira Passos e Amância de Oliveira Passos.

Católica, com apenas vinte anos, casa-se, em 1943, com Alberto Boaventura (coletor de impostos), que na Academia Feirense de Letras nomeia a Cadeira nº 5. Moravam à Rua Boticário Moncorvo, no centro de Feira de Santana.

Dona Delza, como era conhecida, tocava violino com belo repertório, repleto de músicas alegres, especialmente do cantor e compositor Roberto Carlos.

A eclosão da mediunidade ocorreu no cotidiano, enquanto realizava a limpeza cristaleira, ouviu um forte “Psiu!”. Sentiu-se mal e, a partir daí, várias enfermidades misteriosas surgiram, inclusive algumas similares à intoxicações. A cidade do Jorro era frequentemente visitada, para tratamento de saúde mas não resolvia.

Num dia, durante uma visita, à sua residência, de Sr. Dórea e Sr. Campos, amigos de seu esposo, a empregada doméstica que lhes servia café teve uma espécie de acesso convulsivo. Neste cenário, ocorreu a primeira comunicação de seu Guia, Frei Marcos, que proferiu, em tom enérgico, a seguinte ordem à jovem caída: “Levante!”.

Retornando ambas do transe, receberam orientações de Sr. Dórea, em especial, para a frequência ao Centro Espírita Jesus de Nazaré, o que não foi imediatamente acatado por D. Delza, oferecendo resistência ao convite.

Com o tempo e alguns incômodos, finalmente, D. Delza buscou a integração à causa Espírita, desenvolvendo múltiplas faculdades mediúnicas, tendo foco na caridade.

Manifestaram-se, por seu intermédio, os seguintes Guias Espirituais: Frei Marcos, Zé Pretinho e Dr. Pero Sebastian. Além destes, muitos e muitos os espíritos, em aflição, estiveram, temporariamente, em seu campo mental, nos 50 anos de mediunidade com Jesus.

Desencarna em 25 de novembro de 2012, aos 89 anos, e a poetisa, Aretusa Santos, em sua homenagem, publica:

À Dona Delza Boaventura

Formosa flor que exala o amor.
Perfume que a mente acalma.
Ao coração, serena.
Presença benevolente que instala a esperança, planta gratidão.
Plasma a Fraternidade Sublime.
Alma luminosa auxiliadora de redensões.
Que continues a violinar Ave Maria.
A acalantar aos que sentem tormentos.
A esperar aos que desanimam.
A enxugar as lágrimas dos infortunados.
A alinhar meus cabelos quando o teu colo busco.
Apóstala do Cristo, que teu sorriso enigmático enterneça sempre teus tutelados!

Nos anos 1960, além das atividades doutrinárias e mediúnicas, há a “Escola de Evangelização Tio Juca” e Mocidade Espírita Sabedoria (posteriormente Mocidade Espírita Valdete de Castro⁴⁶, em homenagem a uma integrante ativa que faleceu jovem) que exercem a pregação da doutrina para crianças e jovens, respectivamente.

Também, nas dependências do CEJN, funcionou, por anos, uma escola de classe única (nomenclatura da época: escola isolada), com mesmo nome do Centro, para alfabetização, ensino das séries iniciais para crianças, sob regência de Dejazet Vasconcelos, normalista recém-formada, como se vê na imagem da figura 40.

Condizentes com os objetivos de difusão do Espiritismo, durante os anos 1950-1980, o palestrante Divaldo Pereira Franco, feirense de nascimento, investido da vocação missionária de divulgador do Espiritismo e transformar o

46 Não há dados ou registros na AEJN sobre Valdete de Castro. Apenas um informante lembrou de seu falecimento, em Salvador, nos anos 1960. Valdete teria uma palestra num dado Centro Espírita da capital à noite e uma das crianças da casa que ela estava hospedada pediu que contasse uma estorinha que a fizesse dormir. Como ainda havia tempo suficiente que antecedia o evento, Valdete leva a criança ao quarto, delta-se ao lado para embalar. Aproximando o horário da palestra e os anfitriões preocupados ao adentrarem o quarto para saber o motivo da demora dão com seu corpo sem vida.

mundo, realiza, com apoio do movimento espírita local, inúmeras palestras, em locais fechados e praças públicas do centro da cidade, à semelhança dos antigos comícios, com palanque e microfones, público numeroso de pé atento à sua pregação. Com fala firme e esclarecedora sobre o evangelho, à luz do Espiritismo, com a crescente fama do palestrante, a cidade não dispunha de auditório grande o suficiente para comportar o exagerado número de admiradores do palestrante, e também havia o propósito de acreditar que estavam fazendo a difusão do Espiritismo.

Figura 40 – Alunos da Escola Jesus de Nazaré, de diferentes séries iniciais, sob regência da Prof.^a Dejaset Vasconcelos, 1965.



Relata, um dos informantes, que numa destas palestras de Divaldo Franco, falando ao público feirense, na Prefeitura Municipal de Feira de Santana (Av. Senhor dos Passos), Genário Brasil ia passando e ouviu trechos de seus ensinamentos e foi tocado. Parou para ouvi-lo e, daquele dia em diante, tornou-se espírita. Genário era carteiro dos Correios & Telégrafos de Feira de Santana. Ingressando no CEJN em 1959, passando em 1973 a frequentar o Centro Espírita Jesus, o Salvador.

Em 1975, o CEJN contava com vários trabalhadores, frequentadores fixos e esporádicos além de simpatizantes da Casa, tais como: Alberto Nogueira Santos, Eloides Tavares Barbosa, Lourdes Carvalho, Justino Alves Pereira, Mario Borges, Harolda Almeida, Daniel Vidal, Elza Zoel de Oliveira, Paulo Afonso Pereira Costa, Reginaldo Pereira da Cunha, Maria de Lourdes de Jesus, Teodoro, José Rafael da Silva, Gerson Pedro da Silva, Helena Santos de Medeiros, Maria Edileuza de Oliveira, Carlota Cerqueira Carneiro, Sabino Fraga da Silva, Maria José Carneiro Fraga, Regina Carneiro Rios, Zélia Oliveira, Alaide Lima, Zulmira

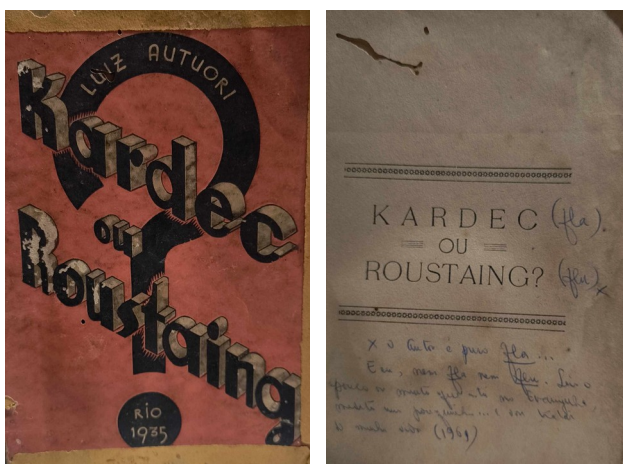
Ribeiro de Oliveira, Antonio José dos Santos Vieira, Ana Lícia Ribeiro de Oliveira, Zélia Maria de Oliveira Araújo, Carmerival Gonçalves Alves, Erasmo Napoleon, Maria Conceição Napoleon, Adail de Oliveira Correia, Alice Costa Santos, Idelfonso Alves dos Santos, Edilio, Joelita Machado de Freitas, Antonia Ribeiro Costa, Raimunda da Hora, Dagmar de Carvalho Costa, José Hermes de Carvalho, Hermiro Fernandes, Hamilton Lima, Lenin Diniz Santos, Tânia Regina Silva dos Santos, Margarida D'Anunciação, Edite D'Anunciação, Gerson de Souza Ribeiro, Maria das Graças Mascarenhas Gomes, Sônia Raimunda dos Santos, Joelita dos Reis Silva, Valdir Fernandes Dias, Roselita Carneiro Lima, José Antônio Carneiro, Francisca Cerqueira, Raimunda Oliveira Moura, Lindaura Santa Bárbara Oliveira, Gilda Medeiros Freitas, Antônio Lima da Anunciação, Isaura da Silva Barbosa, Nancy Gomes, Aroldo Almeida, Elisa Gonçalves, João Teles, Amélia Medeiros...

Capítulo 9 – Kardec-Roustaing-Ubaldi: uma outra síntese possível?

A trajetória doutrinária de Dr. Osvaldo Requião, no Espiritismo, vai estar fortemente vinculada às instituições GE Paz dos Sofredores e ao CEJN (à Rua Barão de Cotegeipe). Esta foi cercada de brilhantismo, ética, inteligência, autodidatismo e autonomia. Começou com Kardec (“O Livro dos Espíritos”), depois Jean-Batiste Roustaing (“Os Quatro Evangelhos”), Chico Xavier e as obras do Prof. Pietro Ubaldi (com quem manteve correspondência por cartas).

Dr. Requião aparece, então, no cenário da Feira de Santana dos meados do século XX, como militante, pioneiro convicto, multiplicador e acelerador na disseminação do pensamento de Kardec-Roustaing-Ubaldi. Esta convicção parece ir mudando com o tempo, chegando anos mais tarde, afastado do CEJN, pela sua transferência para Salvador e morte em 1966, sem a forte defesa de seus argumentos, principalmente sobre Kardec-Roustaing, que antes exercia com tanta convicção.

Figura 41 – Capa de livro que pertenceu a Osvaldo Requião tratando do tema Kardec ou Roustaing (à esquerda). Anotação realizada por Osvaldo Requião em 1961 (“lido em 21.6.61/relido em 21.9.65”), atribuindo à questão Kardec ou Roustaing uma típica disputa do futebol carioca Flamengo (FLA) X Fluminense (FLU), comum na época. Atribui Kardec ser Fla e Roustaing ser Flu, e o autor do livro ser puro Fla. E sobre ele próprio? “E eu nem Fla nem Flu. Leio o pouco ou muito que está no Evangelho, medito um pouquinho..., e vou tratar da minha vida” (à direita).



“Uma vez a humanidade amadurecida, seu olhar pode lançar-se para alturas que nunca tentou divisar, a fim de nutrir-se de ideias mais amplas e compreender o que antes não compreendia” (KARDEC, 2000). As obras de Roustaing e Ubaldi pressupõem um novo desenho de Espiritismo, numa combinação de elementos metodológicos novos (intuição) e com introdução de conceitos de “queda dos anjos”, “evolução em linha reta”, “involução”, que são, até hoje, pouco aceitas no âmbito espírita, por serem avaliadas como estranhas ao pensamento original kardequiano.

A polêmica e a rejeição a Roustaing e Ubaldi e suas obras, no meio espírita nacional, são muito debatidas, mas pouco esclarecidas e estudadas academicamente. No caso de Roustaing, atribui-se uma suposta divergência, ainda com Kardec, em vida, a qual culminou com o esquecimento, no meio espírita da França da época, da pessoa de Roustaing e, conseqüentemente, de sua mais notável obra, “Os Quatro Evangelhos”.

Com Ubaldi, atribui-se que a dificuldade da aceitação e expansão da sua filosofia, no meio espírita, deveu-se a ousadia de elaborar uma doutrina moral de conteúdo universal, capaz de discutir, querer resolver problemas de comunidades com convicções diferentes, e adicionar-se à Codificação Kardequiana; e que, durante a ditadura militar no Brasil, foi atribuída à obra de Ubaldi, pelos agentes do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) – órgão de repressão política, que atuou durante a ditadura civil-militar no Brasil, iniciada em 1964 – um caráter subversivo.

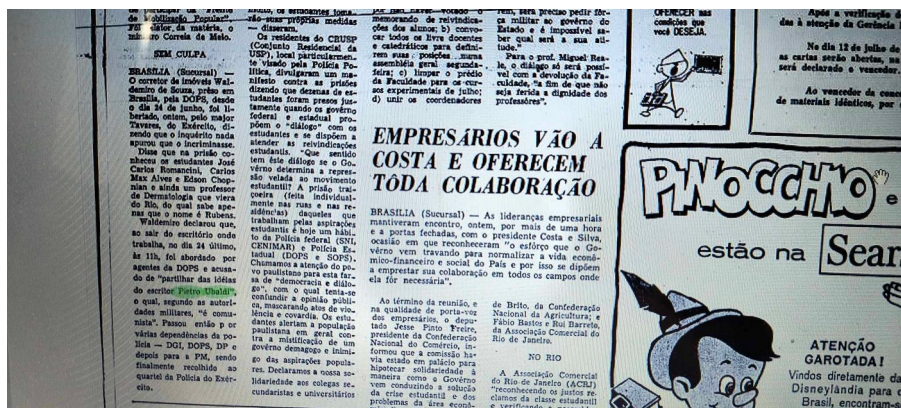
Na nota jornalística, o corretor de imóveis, Waldemiro Lopes, foi preso pelos agentes do DOPS, “acusado de partilhar das ideias do escritor Pietro Ubaldi, o qual, segundo as autoridades militares, é comunista” (Jornal Correio da Manhã (RJ) 06/07/1965, figura 42). Ubaldi defendia o pensamento social do Cristo e a dificuldade de entendimento, aceitação e expansão da sua filosofia podem estar associados à ousadia dele elaborar uma doutrina moral de conteúdo universal espiritualista, capaz de discutir profundamente, querer resolver o problema da desigualdade e da exclusão. Anos se passaram, teses e teses foram defendidas, neste sentido, mas ficaram na superfície. Nada se aproxima do que Ubaldi pensou.

Ubaldi continua subversivo.

Análises das publicações de Requião, no JFN, foram realizadas por Morgado (2021), gerando um texto de grande relevância, por demonstrar que os elementos em que se imbuíu a representação do Espiritismo, nestas comunicações, deriva-se de temas caros aos espíritas, como a crença que Jesus foi um Espírito superior encarnado, e não Deus; a caridade; mediunidade, nos diversos aspectos: as manifestações de efeitos físicos (materializações); a

comunicação com seres desencarnados, em geral, e a prática receitista (MORGADO; BARBONI, 2011).

Figura 42 – Correio da Manhã 06/07/1965.



A ética e o cuidado na condução dos temas, por Dr. Requião (expressa de forma clara em vários títulos de seus escritos – ver adiante), talvez tenha se dado devido ao ofício de advogado, servidor do Poder Judiciário (promotor público) e ciente das antigas restrições do Código Penal, quanto às práticas mediúnicas, e, de forma ética e prudente, ele pode escrever sobre um Espiritismo mais científico e menos polêmico, por assim dizer, com características fundamentalmente cristãs (MORGADO; BARBONI, 2011).

As estratégias de ação de Dr. Requião, na imprensa e o papel que desempenhou na sociedade e nos centros espíritas, permitiram definir, com razoável segurança, como atuação em quatro frentes simultâneas, conforme Morgado e Barboni (2011):

- a **divulgação** do Espiritismo científico, expressa na produção literário-midiática, cumprindo um papel de mediatização sociocultural, principalmente via Jornal Folha do Norte, conduzindo a uma legitimação/aceitação do Espiritismo na sociedade;
- a de **acomodação**, voltado para um equilíbrio entre sua formação acadêmica de advogado e o cargo de promotor público, portanto, conhecedor do Código Penal e suas convicções religiosas;
- a de **protagonista** na informação doutrinária, propriamente dita, dentro dos Centros Espíritas da cidade. Esse último aspecto, o mais relevante assumido, e, ao que parece, mais importante, ideologicamente como formador de opinião e de novos espíritas;

- a de **intelectual**, como autodidata e pesquisador do Espiritismo, bem como na tomada de posição autônoma e independente sobre a base ideológica assumida, unindo, por conta própria, as ideias de Kardec-Roustaing-Ubaldi.

Com este conjunto de estratégias, Dr. Requião exerceu forte influência no Movimento Espírita de Feira de Santana, na construção histórico-social e da identidade desse movimento, garantindo mais qualidade à doutrinação nos Centros Espíritas, acesso ao conteúdo do livro espírita/espiritualista, e ao pensamento de Ubaldi, ainda pouco difundido na época.

Neste aspecto, respeitosamente, discordo de Morgado (2021), ao apontar que a militância de Dr. Requião, no Espiritismo, se dá por meio de sua atuação na imprensa local. Reduzir o campo de ação de Dr. Requião apenas aos escritos é apequenar seu brilhantismo, no protagonismo e na condução de tudo o que fez, seja nas inúmeras palestras, seja na formação de mentalidades, seja nos seus estudos, e, inclusive, na mediação ecumênica.

Por conseguinte, Dr. Requião defende, firmemente, o que estuda e acredita. Seu discurso não é abafado, mas institucionalizado em casas espíritas, sai de dentro dos Centros Espíritas – CEJN e GEPS –, dando visibilidade às suas teses e, conseqüentemente, se legitima, através dos argumentos fortemente embasados na literatura, na ciência e no seu intelecto autodidata, apontando-nos searas, ao mesmo tempo férteis e inexploradas, sobre o pensamento ubaldiano. Curiosamente, é que isso pode ter contribuído para que os espíritas percebessem o atraso intelectual em que viviam e acatassem suas falas, ainda que pouco compreensíveis para muitos.

Entretanto, mesmo com as propaladas divergências entre os pensamentos de Kardec e Ubaldi-Roustaing, em especial sobre a queda vibracional, nos anos 1950-1960, Requião empenhou-se em dar uma ordem lógica às teses e concentrou-se em compatibilizar os conceitos destes autores, tendo sido um importante instrumento de afirmação da informação e do (re)conhecimento das obras e seus respectivos autores aos espíritas locais da época, influenciando a construção não-ortodoxa da identidade de alguns grupos espíritas feirenses, que permaneceram na contra-hegemonia, até os dias atuais.

Sob essa postura convicta e municiado dos argumentos disseminados na revista O Reformador, que sedimentava a conexão Kardec-Roustaing-Ubaldi, Dr. Requião apropriou-se destes e construiu uma teoria geral sobre a origem do Universo, que ensinava da tribuna espírita.

A partir daí, Dr. Requião, com seu fecundo exercício intelectual, estuda e discute com elegância, sistematiza suas pesquisas bibliográficas, explorando todo um aparato conceitual da obra ubaldiana, produz uma monografia sobre

“queda dos anjos” – “A Queda Original e Redenção (Pietro Ubaldi Confirmado)” – contendo a conexão das ideias de Kardec-Roustaing e envia para Pietro Ubaldi, obtendo sua “aprovação” em carta.

Notável palestrante e escritor espírita, Dr. Requião deu visibilidade às suas fascinantes teses, alicerçadas nas obras de Kardec-Roustaing-Ubaldi, mesmo com as sabidas polêmicas e a rejeição de muitos espíritas a estes dois últimos autores. A partir de sua influência e capacidade de argumentar, permitiu que, não só elites, mas também o “povão” frequentador de Centros Espíritas, se dedicassem a pensar sobre estas novas concepções de mundo. Alguns grupos de espíritas feirenses aliam-se à estas ideias e garantem uma identidade.

Desta maneira, entre as décadas de 1950-1960, o CEJN absorveu as teses de Dr. Requião, posicionou-se e manteve-se como protagonista alavancador desta nova forma de pensar espírita, e se estabelece como espaço de resistência, de estudos, de livre-expressão dos grupos afinizados com as ideias de Roustaing e Ubaldi, e, conseqüentemente, de seu maior defensor, Dr. Requião.

Com o tempo, o CEJN vai se reafirmando, reivindica o pensamento de Dr. Requião e passa a ser território livre da ampla disseminação e estudos de Kardec-Ubaldi-Roustaing, na forma por ele percebida: identidade de conceitos (ex.: Deus, evolução, lei de causa e efeito, queda) e não-hierarquização. O mesmo não foi encontrado pela pesquisa sobre o GE Paz dos Sofredores, que parece ter ficado numa posição mais discreta.

Além do pensamento de Dr. Requião, outros grupos realizam suas ordens de pensamento (Kardec-Rosacruz; Kardec-Umbanda; Kardec-Edgard Armond) ou discordâncias do Pacto Áureo, que, com as dissidências, vão fundando outros Centros e angariando outros adeptos. Com esta perspectiva, há um evidente processo histórico de resistência e identidade (ARRIBAS, 2017) nos primeiros CE de Feira de Santana, passando a serem construídas calcadas próximas ao conceito de *território*.

A identificação de grupos com esta ou aquela estrutura permite a produção dos “territórios ideológico-culturais”. Para Carlos (1996), “o lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar”. O Centro Espírita de filiação (entenda-se: frequentar o CEJN significa “aceitar Kardec-Roustaing-Ubaldi”) e o sentido de ser espírita passa também a ser o “pertencimento do indivíduo ou grupo com o seu espaço de vivência”.

Sem dúvida, Dr. Requião em termos filosóficos-doutrinários é o maior marco no Movimento Espírita Feirense, nos anos 1950-1960. Ele defende, firmemente, o que estuda e acredita, seja na imprensa seja na tribuna espírita. Sua fé é firme. Seu discurso não é abafado, mas institucionalizado dentro das casas espíritas, formando novos espíritas e dando visibilidade às suas teses.

Consequentemente, se legitima através dos argumentos fortemente embasados na literatura e no seu intelecto, até os dias atuais, caracterizando uma identidade espírita feirense.

Estes grupos, ainda que com diferentes identidades e estratos, são intrinsecamente vitais e dinâmicos, e estabelecem entre si uma trama de comunicação e reconhecimento, através de um mesmo código, tendo três elementos sintetizadores e universalizantes: 1) a luta para reconhecimento do Espiritismo, como religião cristã, e sua não-satanização; 2) identificação das Obras de Allan Kardec (Codificação Espírita) como eixo doutrinário-filosófico; 3) caridade e gratuidade/voluntariado das ações. Esta tríade surge como fator de aglutinação, de mobilização coletiva, mas sem espaço de vivência, sem *locus* das práticas: um território invisível, de natureza política mas que implica em comunicação, intencionalidade, tensão, mobilização, resistência e identidade.

Entre seus seguidores e admiradores estão vários companheiros e companheiras. Enésio Cerqueira, Thomé Theófilo da Silva, Alípio Oliveira, Lauritz Bastos, Dejazet Vasconcelos, Ostiano Bastos, Estelito Correa, Genário Brasil, Elísio Dórea, Delza Boaventura, Deraldo e Ziza, todos desencarnados, foram seus amigos de perto e admiradores de seu talento, compartilhando com suas ideias doutrinárias, tanto no Grupo Espírita Paz dos Sofredores como no Centro Espírita Jesus de Nazaré.

Seguiu com a caridade, junto a Elísio da Rocha Dórea, Dona Fidelzina e Sr. Osmário, João Teles (pai de Ariston Santana Teles), na Campanha do Kilo, que fazia questão de participar. Formou mentalidade na Mocidade Espírita Sabedoria, com Dejazet Vasconcelos, Devanice Cruz, Therezinha Bastos, Noêmia Requião, Lauritz Bastos, Valdete de Castro, entre outros.

Durante quase 16 anos, Ubaldi e Roustaing foram conhecidos no ambiente do CEJN e GEPS. Mas, como apontei anteriormente, após a morte de Dr. Requião, em 1966, retrocessos na disseminação dos conceitos Kardec-Roustaing-Ubaldi foram identificados, em especial destes últimos, no ambiente dos dois centros espíritas, sendo, ao longo dos anos seguintes, apagados.

Os motivos que levaram a este apagamento tanto de Roustaing como de Ubaldi, nos anos subsequentes a saída de cena de Dr. Requião não são bem claros. Um informante relatou que, desde os anos 1950, no CEJN, as palestras de Dr. Requião, envolvendo Kardec-Roustaing-Ubaldi, não eram unanimemente aceitas por uma minoria de convicções, firmemente conservadoras, havendo, inclusive, alguma contestação de bastidores, murmuração e rejeição sobre esta associação considerada indevida. Evitavam os embates, talvez devido a veemência argumentativa de Dr. Requião, sua reputação como espírita convicto, e a sua posição de destaque na cidade, como respeitável promotor público, hipotetizo.

Com a nova identidade surgida naqueles espaços, mais a atuação dinâmica de Requião, devem ter exigido que aqueles que discordavam de suas ideias “perigosas” fortalecessem entre si, por sua vez, outros laços identitários, demarcando, invisivelmente os limites do seu poder, para se protegerem da influência de seus ensinamentos e permanecerem “fiéis à Kardec”. É uma observação indispensável e sintomática, uma vez que tem algo de premonitório para um CEJN “mais kardecista” que já se começava a se esboçar.

Assim como Ubaldi, Roustaing, Caboclo Indayá de Baturité e Prentice Mulford, Swami Vivekananda, Eliphas Levi (do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento) e, também, as ideias plantadas por Dr. Requião foram lentamente esquecidas. À Kardec e à Chico Xavier foram dados os espaços de pertencimento e fala, aproximando o CEJN de um fundamentalismo doutrinário de caráter conservador.

Como efeito colateral, não se formaram nem houve continuadores com o mesmo entusiasmo e compromisso que Dr. Requião, para dar seguimento à expansão de Roustaing e Ubaldi, não porque as ideias destes não tivessem força, mas por descaso (“preguiça espiritual”), despreparo e ignorância sobre a potência das teses que Dr. Requião defendia.

Com o tempo, Dr. Requião ficou reduzido a um quadro na parede, a dar nome à livraria, e ser lembrado pelos mais idosos pela sua presença enérgica e pelos hinos que compôs. Não pelas ideias. Após sua morte, quando se falava em Ubaldi, Roustaing (raramente), o comentário dos contemporâneos sobreviventes era: “É, Dr. Requião gostava...”. E as suas teses? Ninguém mais sabia delas. Ninguém lembrava nem comentava sobre.

Naquele momento, pós-1966, o foco do CEJN voltou-se para uma linha mais cotidiana de Centro Espírita com atividades de cura desobsessiva, aperfeiçoamento de médiuns, reuniões doutrinárias e prática da caridade material.

Outra hipótese, menos agradável, que levanto é que, neste ínterim, houve em cenário espírita nacional e os centros de Feira de Santana não ficaram de fora, uma expansão de um certo movimento místico, esotérico, ocultista, orientalista ou espiritualista – entendido como “nova era”, embasado em autores como Edgard Armond, Rohden, Ramatis, Lobsang Rampa, Gibran, entre outros. E também da influência do Movimento da Fraternidade/materializações de espíritos; da mudança de estilo de vida (Macrobiótica, vegetarianismo, yoga); da Parapsicologia e dos defensores dos discos voadores e da Era de Aquário, gerando uma nova rede de conexões com o Espiritismo, neste terreno movediço, fluido, multiforme, e polifônico. Nesse novo arranjo, por via de consequência, Ubaldi entrou como **mais um**, neste “caldeirão”, onde seu pensamento foi diluído.

Muitos destes conteúdos, como as práticas divinatórias, magia e conhecimentos esotéricos se refugiaram em seitas ou ordens fechadas, justamente por serem condenados pela religião hegemônica, o cristianismo, e pela ciência ortodoxa. Assim, esses conteúdos não eram acessíveis, pois eram vistos com preconceito, ou seja, estava fora dos padrões de uma sociedade moderna, por exemplo. Ocorre que, a partir da segunda metade dos anos 1960 e, sobretudo, nos anos 1970, houve um revigoramento de uma nova vivência desses conteúdos considerados marginalizados pela ciência moderna. As diversas práticas místico-esotéricas geraram muitas alternativas à sociedade vigente, inspirando a juventude da época a experimentar outros padrões de comportamento. O advento da contracultura correspondeu a uma crítica e a um questionamento da tradição bíblica e do individualismo utilitário (QUEIROZ, 2015).

Ainda assim, é incompreensível, tanto pelas vias filosóficas quanto do senso comum, que uma filosofia da estatura da proposta por Ubaldi seja confundida com práticas místico-esotéricas. Para entender esta questão com mais amplitude, busquei apoio nos próprios argumentos de Ubaldi e de outro grande estudioso – o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, e suas teorias sobre a modernidade, em suas duas vertentes: a sólida e a líquida (MONTEIRO, 2020).

Enquanto Ubaldi propunha uma “A Grande Síntese”, o mundo se orgulhava da fragmentação. Na sociedade líquida, as relações humanas são relações do “ter”, do consumo, superficiais, passageiras, dos “likes” e “curtidas”, espetacularização e publicização da vida privada, nas redes sociais (OLIVEIRA NETO e CARVALHO, 2017).

Na transposição destes conceitos para o campo das religiões e para a fé, o resultado é mais desastroso, dado que Deus foi diluído, não se reconhece uma hierarquia, não se reconhece a soberania divina, prevalecendo o ser humano autossuficiente, como centro de todas as coisas. Deus passa a ocupar um segundo plano e a busca pelo sagrado é externa (SANTANA, 2017)⁴⁷.

Lamentável precariedade humana! Mas Deus não descansa.

No interregno de 1966-início de 1980, cerca de 14 anos se passaram na mornidão filosófica, numa nova onda que se materializou, no CEJN, possibilitando a ascensão de grupos mais voltados à caridade e aos fenômenos mediúnicos, longe de Ubaldi e Roustaing, caracterizando uma tendência de declínio destes pensamentos. A hipótese interpretativa está estruturada nas minhas memórias pessoais e dos informantes, e sustentada na ausência de documentos, relatos ou fatos que comprovem a realização de palestras, eventos, dentro da temática Ubaldi e Roustaing.

Como aludido anteriormente, nos bastidores espirituais, no entanto, a partir dos anos 1980 iniciou-se, paulatinamente, no CEJN, um processo político-espiritual de retomada e reapropriação da identidade voltada para os conceitos de

47 Disp.: em: <https://noticias.adventistas.org/pt/coluna/heronsantana/zygmunt-bauman-e-o-alerta-contra-religiao-fast-food/>

Kardec-Roustaing-Ubaldi, marcada por dois eventos extra-muros CEJN: a fundação do Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana e a realização de um Curso de Extensão na UEFS, ambos em análise, mais à frente. A gestão estratégica das duas instituições UEFS e CEJN será vital para a consolidação do pensamento ubaldiano na cidade.

Com a proposta do Curso de Extensão, o protagonismo da UEFS frente ao pensamento de Ubaldi na região começa a se delinear. Em sua heráldica simbólica de sua predestinação onde se lê *SITIENTIBUS* mostra sua identidade, objetivos que devem ser alcançados, sua intenção estratégica e social.

Com isso, a UEFS foi fundada com um propósito que representa o principal motivo pelo qual ela existe, saciar a sede. Filosofias antigas embora respeitáveis não saciam mais. “Sim, nossa sede é justa”. É sede de infinito e para saciar requer fonte de água boa, límpida, potável, água da vida eterna. A UEFS que vem aos que têm sede e o Universo responde batendo à sua porta⁴⁸.

Segundo Ubaldi, em “As Noúres”, falando sobre as ressonâncias nas igrejas, enquanto locais de culto, orações e cânticos:

Todas essas harmonias são para mim caminhos musicais que me elevam à prece e conduzem à concepção do bem. Por isso, nas igrejas há música e canto. Assim como nos teatros se faz caso das qualidades harmônicas de ressonância acústica, do mesmo modo, nos ambientes de oração, que é fenômeno substancialmente mediúnico, as qualidades de ressonância espiritual deveriam merecer cuidado, como de fundamental importância, se se deseja que o templo satisfaça sua função de elevar as almas. Há igrejas espiritualmente mudas e, do ponto de vista da vibração psíquica, surdas e desarmonicas; e outras que, apesar de humildes e despidas de adornos, têm suas paredes saturadas das vibrações de fé que, durante séculos, as gerações entre elas geraram e projetaram. Minha audição psíquica sente, imediatamente, essas ressonâncias e minha alma responde a essas emanções que as antigas paredes me restituem, que a alma das gerações que junto delas, durante séculos, oraram, nelas infundiram. E nesses ambientes consigo muitíssimo bem minha sintonização mediúnica. Um dia a ciência registrará essas absorções vibratórias, essas emanções de estados de ânimo, essas correntes nouíricas que as paredes podem restituir e de que alguns ambientes se acham saturados. Então, uma restauração artística mais consciente evitará, embora conforme os critérios do olhar e do estilo, certas demolições irreparáveis, que destruam a atmosfera psíquica dos séculos, que pode ser vivíssima, inclusive em ambiente estilisticamente destoante. Essa atmosfera é a flor mais delicada da fé, a mais evanescente, a beleza mais sutil de um templo, seu maior valor espiritual.

A partir destas anotações de Ubaldi proponho outra hipótese explicativa para o que chamarei as fases do CEJN, que nada mais foram do que “escolhas coletivas” nossas. É assumir isso no adulto, não choramingar infantilmente, e entender que somos responsáveis pelo que fazemos ou deixamos de fazer. O CEJN passou por grandes transformações, teve três sedes físicas, variações

48 Inspirado na mensagem “A Incógnita do Além” de Emmanuel, inserida no livro *Escrínio de Luz* (Francisco Cândido Xavier), Ed. O Clarim, SP, 7a.a. ed, 2013.

expressivas em seus trabalhadores/frequentedores (tanto em número como em individualidades), ainda muito mal percebidos.

Interpreto que as mudanças de sedes físicas estavam sempre ligadas às buscas de melhores condições ambientais e expansão de atividades espirituais e sociais (intervenções de assistência humanitária), gerando motivação na equipe de trabalhadores, encontrando uma proporção ideal entre atividades mediúnicas, doutrinárias, assistenciais e outras (Livreria, armazenamento de doações, espaço de evangelização infantil/mocidade, basicamente).

Nestes 84 anos (em andamento e nas revisões retrospectivas), muitos foram os cenários sócio-político-ambientais onde a AEJN esteve inserida. Desde a II Guerra Mundial (entre outras Guerras), o crescimento econômico do país e da região), a Ditadura Militar, os avanços tecnológicos sem precedentes, crises econômicas, a persistente e dramática situação social de pobreza que atinge inúmeras pessoas na cidade, Copas do Mundo de Futebol, problemas ecológicos assustadores, a pandemia...; a lista é imensa! Fora os acontecimentos e desafios particulares de cada um daqueles à frente dos trabalhos do CEJN: mortes, adoecimentos irreversíveis, separações/divórcios, mudança de religião, migração para outros municípios/Estados, esfriamento da fé, brigas internas com dissidência, afastamentos devido a circunstâncias imprevistas.... Somos humanos e frágeis. Todos estes eventos ocasionam perturbações emocionais, psicológicas, econômicas e sociais que afetam, de forma seletiva, a capacidade de enfrentamento, desde a perspectiva coletiva à individual.

No que tange à instituição AEJN, propriamente dita, foram várias transformações: alterações de Estatuto (as duas últimas com missão de estudar e divulgar Roustaing-Ubaldi; mudança e transições identitárias de “o CEJN” para “a AEJN”; eleições internas, definição por uma linha de pensamento Kardec-Roustaing-Chico Xavier-Ubaldi, expandindo os limites de compreensão, correlação e estudo do Espiritismo, em relação ao CR3-FEEB.

Um sobrevoo nos quase 84 anos da AEJN, mostra que estas transformações, numa abordagem “desenvolvimentista”, alimentaram um círculo virtuoso de expansão e aprofundamento de atividades, que podem estar ligadas ao aumento do potencial de realizações espirituais. Podem, também, ser alinhadas em fases inter-relacionadas do seu caminhar, com traços delimitatórios, talvez demasiado grosseiros.

Essas fases interdependentes, e que mobilizaram diferentes atores encarnados e desencarnados, podem ser observadas como acontecimentos históricos da AEJN, que indicam escolhas realizadas coletivamente (homens e espíritos), caracterizáveis e passíveis de delimitação e construção empírico-analítica, possibilitando descrever e medir a magnitude dos fenômenos:

1. A sede, à rua Intendente Ruy (cedido por Olegário e esposa): fundação, organização e onde começam as atividades mediúnicas, marcada pela influência de Manoel dos Santos/Caboclo Indayá de Baturité e Prentice Mulford, Swami Vivekananda, Eliphas Levi (do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento). Manteve a função que tradicionalmente um Centro Espírita, nos moldes “kardecistas”, preenchia na época. Parte destas funções eram de suporte mediúnico e espiritual e, como já explicado, podia ser, e aliás assim era, partilhada pelos incultos, sobre a Doutrina Espírita e a mediunidade – fase da fé mediúnica que durou 1942-1948, 6 anos;
2. A sede, à rua Barão de Cotegipe (terreno cedido por Olegário e esposa, prédio construído por Olegário e simpatizantes): mediunidade, organização de atividades diversas (doutrinária, meditação, mocidade, evangelização, campanhas), estabelecimento do Grupo da Fraternidade Auta de Souza (OSCAL) e estudos a partir de Kardec, Roustaing e Ubaldi (1948-1969);
3. A sede, à rua Prof. Leonídio Rocha (terreno cedido por Enésio Cerqueira, prédio construído por Enésio, Aloísio e Ivete Cerqueira): com duas sub-fases:
 - 3.1. Entre 1969-1990 – científica, com André Luiz, criação dos grupos de estudos e do Núcleo de Estudos Psíquicos (liderado por Alípio Oliveira); espaço do Grupo da Fraternidade Auta de Souza (extinto por volta de 2010);
 - 3.2. Entre 1980 e os dias atuais – engloba todos os itens anteriores e, ao mesmo tempo, revisa fundamentos anteriores, mantendo-os como padrão de solidariedade social; criação de grupos de vivências psico-espirituais de base bioenergética e sistêmica; retomada do pensamento de Roustaing e Ubaldi.

Para melhor esclarecer o item 3, é preciso destacar que, nos primeiros anos da década de 1980 estabeleceu-se, na esfera interna do CEJN, uma reflexão profunda sobre a autopercepção, revendo sua história, conscientizando-se da herança deixada, apenas, por Dr. Requião⁴⁹, e fortalecimento de vínculos entre os simpatizantes, seu destino e suas possibilidades, frente aos novos desafios sociais. Com isso, ratificou-se o pensamento de Dr. Requião, como eixo desta identidade vinculada a Kardec-Roustaing-Ubaldi. Esta identidade assumida contribuiu para um certo esgarçamento das relações com outros grupos espíritas locais e a gestão do Movimento Espírita local.

49 Não há indícios de retomada da herança do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento nem do Caboclo Indayá de Baturité, os quais permaneceram esquecidos. Entretanto, alguns pouquíssimos livros do remanescente gabinete de Dr. Requião de conteúdo esotérico foram encontrados. Seus escritos e suas palestras parecem ter ficado restritos apenas à difusão mais intensa do pensamento de Pietro Ubaldi.

Neste aspecto, abro um parêntese para um comentário paralelo ao texto que diz respeito à dinâmica do seu conteúdo: a chamada Semana Espírita de Feira de Santana (SEFS), organizada pelo Conselho Regional 03 (CR 03), da Federação Espírita do Estado da Bahia (FEEB), braço gerencial/normativo do Movimento Espírita, em Feira de Santana e região, que estabelece um ambiente social de extraordinária dimensão política – ainda que temporário – por poder ser o centro simbólico reconfigurado do Movimento Espírita, produzindo, para o público, uma imagem uniforme homogênea do Espiritismo, em Feira de Santana, sem controvérsias ou conflitos internos.

Grupos dominantes que estiveram à frente das determinações, à respeito do que será “permitido” falar, como tema de palestras e seminários, que fica evidente nas escolhas dos palestrantes e seus conteúdos de palestras, sempre no eixo da produção literária de Kardec-Chico Xavier-Divaldo Franco.

Durante a realização da SEFS, há possibilidade comunicativa dos diferentes grupos de espíritas: é onde se imbricam as diversas identidades por meio de uma sinergia que, de certa forma, reconhece e afirma as particularidades dos diferentes grupos, com seus espaços de vivência ou Centro. Assim, o Centro Espírita, para além de sua função e materialidades estrutural e normativa, pode contextualizar o território identitário definido pela expressão de suas concepções doutrinárias ou liderança constituída.

Neste espaço, temas ligados ao pensamento de Ubaldi são ignorados por não serem considerados espíritas. Contraditoriamente, seu pensamento é citado por alguns palestrantes, sem garantia de sua autoria, e, estranhamente, é dada voz e espaço a artistas não espíritas, patrocinadores, políticos e outras temáticas de importância indiscutível.

Atualmente, fala-se muito sobre “respeito às diferenças”, reconhecimento e a garantia dos direitos das minorias, conviver pacificamente com a diversidade e direitos iguais para todos, porém, no âmbito interno religioso espírita, há, ainda, limites para as possibilidades de expressão, colocados pelas formas institucionalizadas de “gerir o Movimento”, que parece não perceber as multifacetadas identidades de seus grupos. Enfim, respiramos a exclusão espírita contemporânea. Fecho o parêntese.

No intervalo entre 1969-1999, viveu-se uma fase bem científica do CEJN, com obras do espírito André Luiz e diversos outros autores lidos e comentados nas reuniões doutrinárias. Nesta onda, em 1991 houve a criação do primeiro grupo de estudos – o Núcleo de Estudos Psíquicos Manuel Timóteo dos Santos (NEP), liderado pelos dois jovens Lázaro Sampaio e Suani Vasconcelos, apoiados por Alípio Oliveira e Dejazet Vasconcelos. Outros membros que fizeram parte do NEP: Marcelo Martinho, Suzete Vasconcelos, Cida Vasconcelos,

Marilene Sampaio, Sérgio Coccorese, Evilásio Cavalcante, Rogério Tranzillo, Antônio Côrrea e outros membros da Mocidade Espírita da Casa.

Os temas eram de inspiração na obra de André Luiz e Carlos Torres Pastorino (Técnica da Mediunidade) e Parapsicologia, chegando a fazer alguns testes com o famoso baralho das cartas Zenner. Este grupo também foi responsável pela organização do primeiro concurso de poesias, prosas e contos, do CEJN, vencido pelo poeta J. Hermes Fernandes. Também realizaram uma peça de teatro, com eles mesmos, aplaudida no CEJN durante o centenário de Thomé Theóphilo da Silva.

“Seu” Alípio filiou-se ao CEJN, desde os anos 1950. Mesmo com baixíssima escolaridade (não tinha sequer o ensino fundamental completo), era leitor voraz de André Luiz, Carlos Torres Pastorino, Wenefledo de Toledo, Pietro Ubaldi, obras outras que tratassem de mediunidade e, para espanto geral, livros de Medicina.

Ele dizia, discretamente, ter um mentor médico que o intuía e acompanhava nos estudos, produzindo conclusões sólidas e acertadas. Alípio era respeitado, admirado e requisitadíssimo nos centros espíritas da cidade, para palestras sobre mediunidade, formação de médiuns, passes e temas correlatos, inclusive, cabendo a ele o mérito de, num espaço de aproximadamente 30 anos (1960-1990), ser uma espécie de consultor e o (único) maior formador de médiuns espíritas da cidade.

Pois foi ali, no ano de 1992, no salão mediúnico do CEJN, com Alípio já idoso, aproveitando os impulsos do já finalizado NEP, que ele “criou a sede de sua escola física”, às segundas-feiras, a partir das 20h, atraindo todo tipo de alunos e alunas, desde espíritas convictos até sem religião, obsidiados, adolescentes, adultos, ávidos pelos saberes despejados pelo “Mestre” Alípio, como o chamavam carinhosamente.

Um professor de mão cheia, que, dada a sua ética, a profundidade e a responsabilidade do saber, pode ser comparado aos professores eméritos das Universidades. Sempre bem preparado, disciplinado, metódico, com suas fichas de estudos escritas à mão, Alípio era atentamente ouvido e também cravado por perguntas de várias naturezas. A audição já prejudicada, voz educada e suave, mas firme e abalizada, respondia, sem medo ou reticências, promovendo nos ouvintes a firmeza da fé e o gosto pela riqueza do saber.

Instalada como projeto de ensino, tendo como base os princípios epistêmicos da Ciência Espírita, esta “escola” foi um marco para dinamização dos estudos em Ciência Espírita, no CEJN. Todavia, mesmo com a força ética, maturidade e o notório saber de Alípio, a escola não superou entraves da dificuldade com o pensamento de Ubaldi, fincando nos conhecimentos espíritas

de André Luiz e demais citados, seus limites de buscas. Questões conceituais que permitiriam incorporar, assimilar e validar os saberes ubaldianos não foram, naquele momento, resolvidas, apesar do NEP se constituir campo fértil e muito propício para tal, dada a força jovem que ali se fazia presente.

Este trabalho pedagógico de Alípio se desenvolveu por alguns anos, sendo interrompido por questões de saúde e posterior morte (que considero precoce) do querido professor. O que ele pôde contribuir para expansão do saber científico espírita, seja nos centros espíritas seja na sua escola, ele fez e com muita qualidade.

Quem orou e pediu ao Espírito da Verdade um professor, encontrou, em Alípio, este mestre ensinador, competente, educado, paciente e cheio de boa vontade. Reconhecendo seu valor, hoje, na AEJN, temos há 20 anos ininterruptos, o Grupo de Estudos da Ciência Espírita Alípio Oliveira.

Sobre dificuldade em Alípio avançar com Ubaldi, cabe enfatizar que era geral, e não só dele. Naquele momento, tinha que ter um certo tato para trazer à lume qualquer referência à Ubaldi, em plateias tão heterogêneas, mesmo no CEJN.

Uma ideia não poderá ser compreendida no seu século se este é surdo às ressonâncias que ela excita (...). Quando os tempos são surdos à compreensão, o fenômeno sabe esperar a época de sua ressonância, em que finalmente a vagarosa alma coletiva haja sabido atingir sua altitude, condição necessária para o contacto da compreensão (UBALDI, 1988, p. 131).

Naquele momento, na esfera do CEJN, as palestras ministradas sobre Ubaldi eram superficiais, havia boas vendas de seus livros, seu pensamento profundo estava adormecido, sem reagir, com os tempos surdos à sua compreensão, mas essa forma foi possível para o pensamento de Ubaldi ter resistido, ter sido resiliente, esperando ser criada condições para o despertar triunfante, para sua sobrevivência e oportunizar o natural ressurgimento que o aguardava à frente, dentro do Centro Espírita onde Dr. Requião havia plantado as sementes.

Faltava a centelha que reacendesse estas sementes. Como responder “à necessidade impelente de arrastar, para o Alto, a alma coletiva” do CEJN?

Como assinalado anteriormente, entre estas sementes, estão dois admiradores de Dr. Requião – desde a adolescência – Lauritz Rodrigues Bastos e Dejazet de Almeida Vasconcelos. Esta última, minha mãe, membro ativo do CEJN e eleita sua presidente para um mandato inicial de 2 anos, que se estendeu por quase 15 anos (por falta de candidatos à sucessão), entre 1985-1995 e 2000-2004, durante o qual pode estabelecer uma pedagogia de difusão e credibilidade do pensamento de Ubaldi, entre os integrantes da instituição.

Dejazet Vasconcelos era admiradora de Dr. Requião e assistiu várias de suas palestras na juventude mas não apreendeu seus profundos sentidos, nem se tornou militante ativa. Seu papel estratégico, na retomada e na condução da pedagogia que favorecesse a difusão e a credibilidade do pensamento de Ubaldi, nos anos 1980, advém, inicialmente, de sua amizade com Lauritz Bastos, do apoio de Sr. Enésio e Sr. Alípio, e, ainda, pelo mandato, na presidência do CEJN. Posteriormente, com os seus estudos e buscas pessoais, ela passa à militância ubaldiana, tornando-se bem conhecida na cidade, por isso.

Lauritz Rodrigues Bastos (*Lauritz*, variante do francês: “vitorioso”; ou do dinamarquês como variante de Lorenzo, que significa “louro”), nome dado por seu padrinho, um sueco que ia à sua terra natal, Irauçuba (CE), para praticar tiro nas avoantes que chegavam aos milhares nos movimentos de arribação. Irauçuba fica a cerca de 1200 km de Feira de Santana, próxima à localidade de Baturité. Coincidência? Não creio....

Ele chega à Feira de Santana em 1951, com, aproximadamente, 19 anos de idade, vindo de Irauçuba, com seus pais, Paulo Rodrigues Bastos e Abigail Araújo Bastos, e mais cinco irmãos.

Na cidade de Irauçuba, Paulo Bastos, desde cedo, se revelou um hábil articulador político, comerciante, instalando pontos comerciais com diversificado sortimento, tecidos, compra e venda de cereais e peles silvestres. Iniciou, também, uma criação de gado bovino e ovino, instalou hotel e um posto de gasolina. Desenvolveu ações filantrópicas, na seca de 1932, perdendo dívidas, socorrendo pobres, sendo apontado como “o dono da Irauçuba”, “portador do progresso”, sem o qual a cidade não teria como evoluir (MATOS, 2018).

Ainda assim, seu povo não reconheceu seus esforços. No pleito eleitoral para prefeito na cidade, perdeu a eleição, por apenas 01 voto, para seu adversário político, segundo informantes (MATOS, 2018).

Desolado, humilhado pelo seu próprio povo, sai sem rumo, errante, para desespero da família, que desconhecia seu paradeiro. Sem dar notícias, percorre diversas cidades do Nordeste, buscando um porto seguro para um novo recomeço, longe da humilhação que passara, quando veio esbarrar na longínqua Feira de Santana. Com aguçada intuição e senso de oportunidade, Paulo Bastos percebe o forte potencial em Feira de Santana, cidade com grande fluxo rodoviário e comércio vibrante, já naquela época.

Como comerciante experiente, aluga um ponto estratégico, onde abre o Armazém o PRB III, vai buscar a família, integra-se à política local, apoiando Áureo Filho, e aqui se estabelece. Permanece 7 anos na cidade, retornando ao Ceará, em 1959, indo residir em Fortaleza, onde morre em 1962 (MATOS, 2018).

Conforme dados levantados junto aos informantes, quando Paulo Bastos retorna para Fortaleza, leva os filhos mais novos e a esposa, deixando seus filhos mais velhos já estabelecidos e enraizados na Bahia, tanto profissionalmente como em termos familiares. Lauritz foi um dos que ficaram aqui.

Penso que a saída de Paulo Bastos do Ceará, sem destino, humilhado e empobrecido, naquele tempo, com as dificuldades do Nordeste, esquecido pelo Poder Público, as secas e o calor tremendo, sem estradas de rodagem, sem postos de gasolina com lojas de conveniência e lanchonetes de hoje, Paulo Bastos, numa procura dolorosa, relembra, ainda que vagamente, os patriarcas do deserto palestino. Abandonado, ouvindo a voz do Grande Espírito, ele segue aparentemente sem destino, entre a amargura e a esperança de uma outra possibilidade de vida, para si e sua família, guiado por forças sobrenaturais, que prometiam algo melhor para compensar sua derrota política. Estaria sendo guiado pela falange Espírito da Verdade ou pelo próprio Caboclo Indayá de Baturité?

Nesse andar desassombrado, Paulo Bastos chega à Feira de Santana. Intuitivo, com tino comercial aguçado, ele percebe na cidade, o potencial, a chave para um negócio de sucesso e, além de iniciar sua atividade comercial, monta um time de empregados com antigos trabalhadores que manda buscar em Irauçuba. Fixa residência, tem sucesso comercial, assentou a família. Sobretudo, foi pelas suas mãos e sua força paterna que Lauritz vem e fixa-se em Feira de Santana.

Lauritz foi aluno de Dr. Requião, no Colégio Estadual, e mesmo tão jovem e sem vinculação espírita, torna-se admirador de seu pensamento crítico-social, de seu vasto conhecimento filosófico-científico, seu senso de humor inteligente e, por fim, de suas teses espiritualistas avançadas. Ele assimilou bem as ideias de Kardec e Ubaldi, defendidas pelo professor. Criou-se entre os dois uma forte amizade, uma identidade de visão de mundo, muito acima da diferença de idade e da condição professor-aluno, tornando Lauritz um verdadeiro discípulo de Dr. Requião e, conseqüentemente, um espiritualista convicto seguidor de Pietro Ubaldi.

Com o retorno de Paulo Bastos para o Ceará, Lauritz prossegue, nos anos subsequentes, aqui em Feira de Santana, obediente à força realizadora da linhagem paterna, atuante no comércio (armazém PRB III), cuidando bem da própria contabilidade, o que permitiu uma condição financeira razoável para subsidiar a manutenção de sua família e seus ideais espiritualistas, e fiel à Dr. Requião.

Posteriormente, entre altos e baixos da economia, Lauritz encerra as atividades do armazém e, no seu nato empreendedorismo, passa para atividades mortuárias, com sucesso, garantindo, além de suas responsabilidades de chefe de família, a compra dos livros de Ubaldi que estavam sendo reimpressos pela

FUNDAPU, criada por seu amigo de congressos e eventos ubaldianos, José Amaral, de Campos dos Goytacazes (RJ), e que necessitava, não só de divulgação da obra, mas do recurso financeiro pontual para concluir com os 24 livros de Ubaldi impressos.

Lauritz não poupou esforços, inclusive financeiros, tão escassos na época, e manteve-se leal na tarefa, sendo um dos que contribuíram para a impressão e divulgação dos livros de Ubaldi, nos anos 1980-1990⁵⁰. Suas ações multifacetadas, desde a admiração por Dr. Requião, a amizade com José Amaral e o compromisso honrado na compra e revenda de livros, mais suas viagens a Congressos; o empenho na criação do NPUFS – Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana; as notas pagas em jornais; as dezenas de convites expedidos à pessoas da comunidade, para conhecerem Ubaldi, a convicção com que falava de “O Sistema”; a realização do evento na UEFS.... Espalhou sementes, gerou frutos, ajudando Feira de Santana na caminhada para a nova civilização do III milênio.

Como acima apontado, desde as primeiras horas de sua amizade com Dr. Requião, o jovem Lauritz assumiu sua parcela de responsabilidade participativa na divulgação do pensamento de Ubaldi, através da audiência às palestras e conversas particulares com Dr. Requião. A cada dia, aprendia mais sobre Ubaldi, percebia o sentido lógico e profundo daquela filosofia, preparando-se para a missão posterior que seu destino reservava.

Inspiradamente, tomou para si, também, a missão de criar – junto a outros apoiadores – o NPUFS, em 1980 (explicação adiante), publicar pequenas notas pagas, redigidas por ele mesmo, em jornais locais e de outros de circulação estadual.

Suas notas são notícias ou textos autorais, construídos com base no aparato teórico da filosofia ubaldiana e, de alguma forma, são um referencial para este livro. Essas matérias são marcantes, não apenas para a divulgação mas também para a manutenção do bom ânimo dos adeptos, especialmente após a morte súbita do Dr. Requião, em 1966, deixando uma legião de órfãos saudosos de suas ideias.

Os julgamentos terrenos poderão sentenciar que estou mitificando Lauritz, que ele não era a pessoa mais preparada, do ponto de vista espiritual, sem sabermos, exatamente, o que é o Plano Divino e esse “preparo”. Respondo que Deus não chama só os superiores, que Lauritz não é um espírito perfeito, mas que, movido pelo ideal, ele respondeu positivamente, não ficou parado ante o pensamento de Ubaldi, adormecido na cidade há 14 anos, em coma e praticamente sentenciado de morte.

50 Silva (2015, p. 372), lista entre muitos apoiadores da causa ubaldiana neste período: Ariston Santana Teles, Noémia Requião, Romano Galeffi, Lauritz Bastos.

Lauritz ouviu e sentiu, em seu coração, o chamado do imponderável partido de Sua Voz e, inspirado no vigor e credibilidade de seu mestre Dr. Requião, tornou-se um dos responsáveis pelo retorno e revitalização do potente pensamento de Ubaldi, em Feira de Santana, fortalecendo uma egrégora espiritual, vinda das Altas Esferas, da qual ele era servidor, com base no amor, justiça e colaboração, beneficiando milhares de pessoas. Nesse propósito, ele fez tudo o que pôde, sem se queixar, sem esmorecer, sem sovinice, sem terceirizar a responsabilidade que lhe cabia.

Hoje, 45 depois da fundação do NPUFS, gratidão é a emoção que dirijo a Lauritz, por ter mantido o pensamento de Ubaldi em nossa cidade e pelo bastão que nos foi entregue, nesta caminhada, em espiral, de levar adiante o NPUFS.

A História não é feita pelo homem, mas pelas forças imponderáveis que o guiam. E elas intervêm de maneira evidente quando existe um grande motivo e, no caso que examinamos, urgia salvar uma civilização que, criada pelo Alto, pelo Alto foi sempre guiada e protegida (UBALDI, 1988, p. 134).

Figura 43 – Paulo Bastos e sua esposa no monumento a Padre Ovídio em Feira de Santana, anos 1950.



(Acervo: Paulo Rodrigues Bastos Neto e José Dilton Bastos)

Assim, vamos olhar de perto o momento histórico, juntando todos os dados levantados até aqui, somadas às falas dos informantes. Vejamos: com a saída de Dr. Requião do cenário, estabeleceu-se, na cidade, um vácuo de catorze anos sobre Ubaldi (1966-1980), e de 35 anos sobre Roustaing (1966-2009), com maior prejuízo para este último, o qual foi perdendo relevo e praticamente caiu no esquecimento, salvo alguns pouquíssimos adeptos, resistentes, pacíficos, e seus descendentes contemporâneos, na AEJN, que conseguiram retomá-lo, modestamente, para depois, com esforço, realizarem o Congresso, aí mesmo, em 2009.

Em 1980, depois de tantos anos adormecido, os remanescentes Ubaldianos, inspirados em Dr. Requião, liderados por Lauritz e ligados por fortes laços sentimentais, apesar de serem um grupo minoritário, mobilizaram-se de forma a garantir o ressurgimento, a continuidade e a independência do pensamento de Ubaldi em Feira de Santana, criando o NPUFS, sem vir, necessariamente, atrelado à Roustaing. “Silêncios necessários, que fazem parte do plano diretivo, da estratégia dos repousos e dos retornos, em que amadurecem os impulsos mais elevados” (UBALDI, 1988, p.148).

Para conquistarem sua liberdade e evitarem as rejeições daquela época, definiram pela não filiação a nenhuma instituição ou Centro Espírita. Este enclausuramento do pensamento de Ubaldi, a priori, era condição necessária para o ressurgimento.

E assim, segundo Atas (1980), no dia quatro de maio de 1980, na residência de Noêmia Requião, Rua Comandante Almiro, n. 687, em homenagem ao seu querido pai (“Osvaldo Requião a quem devemos a semente do pensamento do Prof. Pietro Ubaldi”), foi fundado o Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana (NPUFS). Aqui, percebe-se a extraordinária força de Dr. Requião que, mesmo 14 anos após sua morte, foi capaz de inspirar e mobilizar um grupo de pessoas para retomada do pensamento de Ubaldi.

No livro de Atas (1980), consta o registro que considero a “certidão de nascimento” do NPUFS, a primeira reunião, secretariada por Elizabeth Cavalcante Vieira, que se iniciou às 16h, com as boas-vindas dadas por Noêmia, que acolheu, em sua residência, o grupo de idealistas para implantação do Núcleo. Passou a palavra para Lauritz, que explicou sobre a finalidade da reunião. A seguir, a palavra foi passada ao Sr. Manoel Viana, contemporâneo de Dr. Requião, considerado “mais versado na obra” sendo portanto a voz autorizada que abordou sobre a metodologia de captação de “A Grande Síntese”, sendo seguido por Ariston Teles, que falou sobre aspectos “mais impressionantes” da obra, com alusão ao encontro Ubaldi/Chico Xavier em 1951, em Pedro Leopoldo, MG.

Outros usaram a palavra: Genário Brasil, Noêmia Requião, Elizabeth Vieira, Landualdo Macedo. Os médiuns Sr. Viana e Ariston registraram a presença espiritual de Dr. Requião. Consta, na ata, que foram feitas diversas fotografias não localizadas pela pesquisa.

Dezessete pessoas assinam⁵¹ esta ata de fundação: Manoel Viana, Ariston Teles, Lauritz Bastos, Elizabeth Cavalcante Vieira, Alípio de Lima Oliveira, Albuquerque, Vanda Maria Bastos, Aracely Bastos, Ariene Lustosa Requião, Isabel F. Dos Anjos Viana, Enésio Freitas Cerqueira, José Rafael da Silva, Thomé Theophilo da Silva, Rademaker Martins, Landualdo Nunes Macedo Filho, Genário Brasil dos Santos, Noêmia Requião.

Figura 44 – Capa do livro “A Grande Síntese”, em italiano, Publicada pela Editora *Mediterranee*, em 1980.



Resumindo, o NPUFS foi fundado em 04 de maio de 1980 por um grupo de espíritas/espiritualistas bem conhecidos na época: Manoel Viana, amigo e contemporâneo de Dr. Requião, casado com Isabel F. Dos Anjos Viana; Ariston Teles, médium espírita, ex-membro do CEJN, na época radicado em Sobradinho/DF; Lauritz Bastos, discípulo de Dr. Requião, casado com Aracely Bastos, autor das notas jornalísticas publicadas em jornais baianos sobre o movimento ubaldiano; Elizabeth Cavalcante Vieira, espírita; Alípio de Lima Oliveira, espírita do CEJN; Albuquerque, desconhecido; Vanda Maria Bastos, médium espírita do CEJN; Ariene Lustosa Requião, viúva de Dr. Requião; Enésio Freitas Cerqueira, espírita do CEJN; José Rafael da Silva, espírita; Thomé Theóphilo da Silva, espírita do CEJN; Rademaker Martins, espírita do CEJN, discípulo de Enésio Cerqueira; Landualdo Nunes Macedo Filho, espírita, cunhado de Elizabeth Vieira; Genário Brasil dos Santos, espírita, iniciou no CEJN depois migrou para Ce Jesus, o Salvador; Noêmia Requião, filha de Dr. Requião, amiga de Lauritz, proprietária da residência onde foi fundado e aconteceram as primeiras reuniões do NPUFS⁵².

51 Uma das assinaturas é ilegível.

52 Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana

Não foi documentado em ata se houve registro em cartório da fundação do NPUFS, bem como seu regulamento interno, descrição de diretrizes para sua gestão, etc., ficando este independente, autônomo, sem vinculação a alguma instituição e suas atividades na informalidade as quais se desenvolvem, ao longo dos anos, de modo customizado, sem comparativo com a estrutura de “Núcleos” existente nas Universidades.

A primeira divulgação da criação do NPUFS e do trabalho que seria realizado ocorreu, em uma nota paga pelo próprio NPUFS publicada no JFN de 06/05/1980, p. 3, onde pode-se ler, no título: “Instalado Núcleo Pietro Ubaldi”, com resumo da ata e destacando seu propósito, seus 18 pioneiros fundadores, a presença de Ariston Teles, o caráter quinzenal dos encontros do Núcleo (aos domingos), no turno vespertino, a inspiração para criação do Núcleo na pessoa do Sr. Manoel Emidio da Silva, ex-cônsul de Portugal, que residia em Brasília, defensor do pensamento ubaldiano, e a partir de incentivos recebidos por seus integrantes nos dois últimos Congressos, realizados em Brasília.

Ressalta, a nota, que na sala onde teve início a fundação achavam-se quatro cartazes, com conteúdos: “Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana”; “Requião: aqui está a sua semente lançada do pensamento de Pietro Ubaldi”; um desenho simbolizando o sistema e o antissistema; outro desenho com a inscrição “Energia, Espírito e Matéria”.

A nota atribui “novo movimento”, promovido pelo NPUFS, possivelmente pelo reavivamento que lhe foi dado e aponta contatos em Brasília dos simpatizantes com Manuel Emidio da Silva, como o inspirador para a fundação de um Núcleo desta natureza, em Feira de Santana.

De 18/05/1980 a 12/10/1980, conforme o livro de Atas (1980), que documenta as reuniões ocorridas, bem como as assinaturas dos presentes, aconteceram reuniões importantes. Em média, a frequência registrada é de oito participantes a cada reunião, exceto, dia 18/08/1980, aniversário de nascimento de Ubaldi, quando há registro de dezoito pessoas, dos quais, muitos não são os mesmos fundadores, presentes em 04 de maio.

A partir dos registros em Atas (1980) percebi a formação de um “núcleo duro”, que lutava para dar conta do processo de estruturação do NPUFS, que, inclusive, passava pela construção de uma pauta de visibilização, estudos e discussões de temas ubaldianos, projeto que foi levado a cabo ao longo deste primeiro ano.

Além das atas de reuniões e registro de assinaturas, constam também, neste livro, diversos recortes de jornais da época, colados (amarelecidos pelo tempo), que tratam de notícias sobre o Núcleo e suas atividades. Importante assinalar que, mesmo com a divulgação, em diversos jornais, a procura de

interessados pelo Núcleo, ao longo do período parece não ter ocorrido. Mesmo com a baixa frequência, as reuniões seguiam e se mantiveram mais ou menos num formato utilizado pelos Centros Espíritas: abertura, prece inicial, informes, leituras, alguns debates e prece final (ATAS, 1980).

A implantação do NPUFS foi importante para promover e possibilitar uma estrutura afirmativa para o pensamento ubaldiano, em Feira de Santana: um local que funcionasse como epicentro, livre de amarras/disputas religiosas e ponto de referência a quem quer que buscasse se aproximar da filosofia de Ubaldi. Tal processo, em grande medida, é fruto das rejeições que Ubaldi e sua obra sofreram no país, bem como em Feira de Santana.

Abaixo, seguem a sequência, página a página, do que consta em Atas (1980), conforme a ordem cronológica sequencial das reuniões, sempre realizadas na residência de Noêmia Requião.

Na segunda reunião, realizada no dia 18/05/1980, com ata lavrada por Neilza Menezes, o NPUFS é chamado de “Grupo Ubaldiano”, foi designado Lauritz Bastos como coordenador das atividades do Núcleo, considerado mais ligado ao movimento espiritualista, ter participado de dois Congressos de Pietro Ubaldi, em Brasília. Aqui percebe-se o claro protagonismo e a liderança de Lauritz, à frente da disseminação do pensamento ubaldiano, em Feira de Santana.

Pelo conteúdo, já se percebe alguma inquietação interna no grupo, no sentido do conhecimento do pensamento de Ubaldi, pois registra-se que “vários irmãos usaram da palavra, abordando, sempre, o pensamento de Pietro Ubaldi”; e, também, a necessidade de uma formalização, organização interna, de ter não apenas Lauritz mas um grupo diretivo, e, assim, segue-se extensa lista de cargos e seus ocupantes, bem nos moldes do padrão administrativo dos Centros Espíritas da época (ATAS, 1980). Ficou assim organizado:

Presidente: Lauritz Rodrigues Bastos

Vice-Presidente: João da Paz Soares

Secretária: Elizabeth Cavalcante Vieira

Tesoureira: Noêmia Requião

Orador: Manoel Viana

Departamento Social e Coordenação de Reuniões: Aracely Teixeira Bastos

Departamento de Divulgação das Obras de Pietro Ubaldi: Enésio Freitas Cerqueira e Alípio Lima Oliveira

Bibliotecária: Ariene Requião

Departamento de Publicidades Jornalísticas: Genário Brasil e Lauritz Rodrigues Bastos

Ainda que organizada para atuarem em diferentes frentes, não há documentos que mostrem as ações desencadeadas. Aparentemente, a equipe não se planejou também, com um projeto que oferecesse uma gama diversificada de atividades que impulsionasse o Núcleo.

Outra nota publicada no JFN, em 13/05/1980, com o título “Espiritualismo”, atribuída a Pietro Ubaldi, mas sem citar a fonte. Ao pé da nota, entre parênteses: Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana.

Sobre a terceira reunião, realizada em 01/06/1980, houve a inicial apresentação de João da Paz Soares a Manoel Viana, uma vez que João não estava presente das duas primeiras reuniões. Presume-se que apenas Manoel não conhecia João, pois apenas a este foi apresentado. Ambos usaram da palavra, abordando temas de “A Grande Síntese”. Destaca-se a fala de Lauritz, sobre cartas recebidas de Brasília (Manoel Emidio da Silva) e Campos dos Goytacazes (José Amaral), com felicitações pela fundação do Núcleo.

Nesta reunião foram tomadas duas decisões administrativas: a Secretária, designada na reunião anterior, Elizabeth Cavalcante, por motivos de comparecimento assíduo às reuniões, foi substituída por Neilza Menezes; as reuniões aconteceriam quinzenalmente, como já vinha acontecendo.

Um recorte jornalístico, de fonte não identificada, datado de 24/05/1980, com o título “Espiritualismo”, apresenta um texto sobre individuação e personalidade, de inspiração ubaldiana, com imagem de Pietro Ubaldi, assinada pelo NPUFS.

Sobre a quarta reunião, consta em ata do dia 15/06/1980, que, após alguns acertos, ficou definido o estudo de toda obra de Ubaldi, começando pelo livro “O Sistema”, com leitura individual em casa e discussão presencial nas reuniões mas sem rigidez, considerando-se flexibilidade para mudanças neste roteiro.

Na sequência, foram feitas leituras e gravações das atas anteriores, cujo motivo não é explicado. Foi dada ciência ao grupo sobre o telegrama de Manoel Emygdio à José Amaral, autorizando a publicação dos livros de Ubaldi. Outra correspondência de Manoel Emygdio desta vez, dirigida a Lauritz, foi lida, confirmando o entrosamento dos diversos grupos ubaldianos do país. Ou seja, uma rede já começava a se formar e no conteúdo do telegrama, Manoel Emygdio demonstra grande emoção e apoio às atividades do Núcleo. Seguiu-se com a leitura e debate do primeiro capítulo de “O Sistema” e encerramento.

Na ata da quinta reunião, realizada em 29/06/1980, no dia de São Pedro, pelo pequeno número de presentes, foi sugerido apenas uma conversa informal, orientada por Manoel Viana, sobre livros de Ubaldi. Foi feita leitura de carta de Manoel Emygdio cedendo direitos autorais para José Amaral reeditar as obras de Ubaldi. Ampla conversa se estabeleceu entre os presentes.

A sexta reunião, realizada em 13/07/1980, contou com três visitantes (que não foram identificados, nem assinaram a lista de presença) e a leitura do capítulo V do livro “Cristo”, que gerou controvérsias e prolongamento da reunião.

A reunião do dia 27/07/1980 foi a sétima, com autoavaliação e análise dos trabalhos do NPUFS, até então, que, mesmo reconhecendo a complexidade do pensamento ubaldiano, foram avaliados positivamente. Seguiu-se com debate sobre diversos temas e a leitura de trechos de livros diversificados da obra ubaldiana, com forte protagonismo de Rademaker Martins.

É possível que, com as notas pagas em jornais, alguma mobilização interna e o boca-a-boca de seus integrantes, o NPUFS foi tornando-se mais conhecido e demandas externas oriundas de Salvador, começaram a chegar.

Na oitava reunião, de 10/08/1980, começa o movimento de expansão do pensamento de Ubaldi para a UEFS. Observei que nas sete reuniões anteriores, não houve menção à realização de evento, ou similar. Na sétima reunião, foi feita uma auto-avaliação importante, demonstrando maturidade do grupo e fortalecimento do campo.

Nesta oitava reunião, já é citada a existência e o protagonismo da Fundação Pietro Ubaldi (FUNDAPU) e a concessão do título de “utilidade pública”, pela Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes, onde era sediada.

Começa, ali um outro movimento. Entre a sétima reunião, ocorrida em 27 de julho, e a oitava, de 10 de agosto, decorrem catorze dias, tempo suficiente para se manter contato com parceiros e organizar a oitava reunião, com a presença de 5 pessoas de Salvador chamados “confrades”, mas não identificados. E assim, a reunião começa..., iniciando-se as atividades do dia, com prece proferida por Dante Galeffi, “que pediu a Jesus nos iluminasse a mente para entendimento de tão profundos ensinamentos”.

Na oportunidade, foi sugerida a difusão discreta do pensamento de Ubaldi, nos Centros Espíritos e em todos os lugares possíveis. A “difusão discreta” estava relacionada à persistente rejeição do pensamento ubaldiano, bem estabelecido no cenário nacional e também em Feira de Santana. Com a falta de um sustentáculo e baluarte destemido como Dr. Requião, o movimento de expansão do pensamento de Ubaldi, na cidade, ficou acéfalo e adormecido.

Para reverter este quadro, nesta reunião, foi aventada a ideia da realização de um Curso de Extensão (Universitária), na cidade, chancelado pela UEFS, com palestrantes de outras instituições de ensino superior e de fora do Estado da Bahia. Dados levantados ajudaram a entender que este evento, em Feira de Santana, funcionaria, a seu tempo, como uma prévia do congresso Pietro Ubaldi de Brasília, agendado para aquele ano.

Dante Galeffi, filho de Romano e Gina Galeffi (figuras 45 e 46), que, na época, era estudante de Arquitetura da UFBA e devia contar mais ou menos 27 anos de idade, foi um dos idealizadores deste Curso de Extensão, fazendo parte dos “confrades”. Seu pai seria o coordenador do evento e sua mãe uma das palestrantes.

Quem é o angélico casal Galeffi? Quando Romano e Gina Galeffi conheceram Ubaldi?

Romano Galeffi, italiano, natural de Montevarchi, nascido a 17 de novembro de 1915, e falecido em Salvador, Bahia, em 1º de janeiro de 1998, filósofo, crítico de arte e espiritualista. Em 1948, conhece, em Roma, Maria Luigia Magnavita (Gina), italiana de nascimento, radicada na Bahia, uma jovem talentosa, inteligente, poliglota, católica praticante, com quem ele se casa, após 4 meses de namoro.

Figura 45 – Artigo, publicado no Jornal Tribuna da Bahia, no dia 04/06/1997, reconhecendo como justa a homenagem de cidadão baiano, conferida ao professor Romano Galeffi.

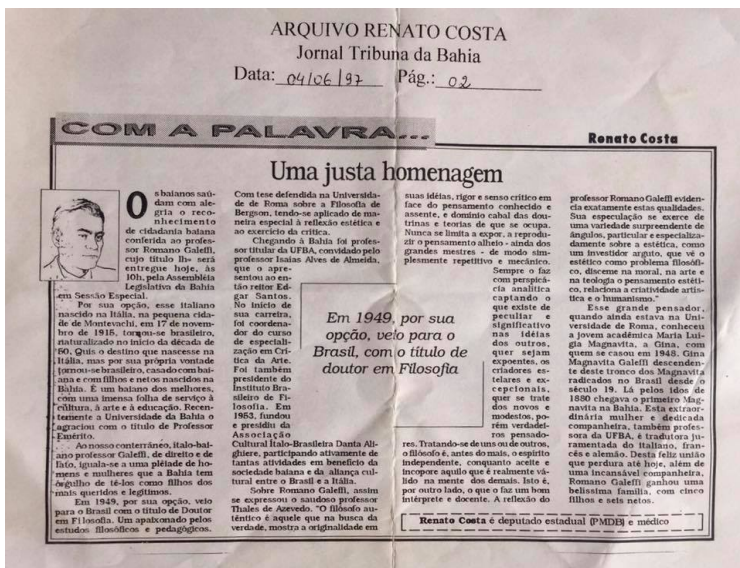


Figura 46 – Reportagem sobre o professor Romano Galeffi, publicada no jornal A Tarde, no dia 25 de janeiro de 1998.



Em 1949, migram para o Brasil, à convite do Reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Prof. Edgard Santos. Romano Galeffi teve uma excelente adaptação à Bahia, aprendendo rapidamente o português.

Romano Galeffi era um homem bom, na avaliação de Sergio Campailla, e junto a sua esposa, Gina, eram tidos como dois anjos de bondade e da caridade. Dra. Gina sacrificou sua carreira científica para se dedicar aos pobres e desabrigados de Salvador. Dr. Romano, espiritualista, desapegado materialmente, entusiasta do pensamento ubaldiano. “O casal de aço inoxidável!” que une, de forma harmônica a caridade, a intelectualidade e o romantismo.

Criam, juntos, a Sociedade Dante Aleghieri, em Salvador. Na UFBA, Romano Galeffi cria a disciplina de Estética, pioneiro na Escola de Belas Artes, onde lecionou até a aposentadoria, entre outras grandes realizações acadêmicas.

Antes de migrar para o Brasil, Dr. Galeffi vai até a gráfica, onde sua tese de doutoramento sobre Bergson, que virara livro⁵³, estava sendo impressa. Lá, encontrou com Pietro Ubaldi, que também acompanhava edição de um de

53 Galeffi, R. *La filosofia di Bergson*. Roma: Stabilimento Tipografico nell'Istituto Statale dei Sordomuti, 1949.

seus livros. Dr. Galeffi conversa, simpaticamente, com Ubaldi, mostra-se conhecedor de “A Grande Síntese” e contagiado com suas teses, trocam impressões sobre espiritualidade muito importantes e, nas despedidas, seus respectivos contatos. Na oportunidade, Dr. Galeffi informa à Ubaldi que estaria migrando para o Brasil e suas percepções sobre o país.

“A Grande Síntese” foi, na Itália católica, um verdadeiro escândalo, considerada uma obra transgressora, gerando posterior indexação da obra, junto com “Ascese Mística”. Dr. Galeffi era espiritualista, possuía dons mediúnicos, leu e se encantou pel“A Grande Síntese”.

Em 1950, durante o I Congresso Brasileiro de Filosofia, na USP, coordenado por Reale, um membro da Federação Espírita Brasileira, em diálogo com Dr. Galeffi, pergunta se ele conhecia Pietro Ubaldi. Ele responde que sim e que tinha o endereço. Pronto! Primeiro passo para o contato direto com Ubaldi e os acertos para sua vinda ano seguinte.

Dr. Galeffi foi tradutor da última obra de Ubaldi – “Cristo” – um trabalho gigante, pois os originais estavam em fitas k-7 gravadas pelo próprio Ubaldi, datilografado pela sua filha. A tradução não foi bem aceita pela Editora, que apontou imperfeições, gerando um certo constrangimento.

Além de intermediador de sua vinda ao Brasil, tradutor de uma de suas mais importantes obras, Dr. Galeffi era amigo de Ubaldi, de longe ou de perto, aquele amigo sem publicidade da amizade, amigo discreto de trocas de extensa correspondência em cartas (perdidas pela família), e, também, um dos apoiadores financeiros de sua vida no Brasil, enviando dinheiro para despesas. Nestas cartas, haviam confidências, trocas de impressões e, numa delas, segundo relatos, há declarações de Ubaldi sobre “forças ocultas, fenômenos estranhos que interferiam, negativamente, na impressão de seus livros.

Com o trágico isolamento ao qual Ubaldi foi submetido, aqui no Brasil, Dr. Galeffi acabou perdendo o contato próximo com o amigo, mas sempre esteve disponível, nunca deixou de ajudá-lo financeiramente. É tanto que, em 1980, 8 anos após a morte de Ubaldi, frente a emergência do Congresso Pietro Ubaldi em Brasília, a ser realizado naquele ano, Dr. Galeffi, em homenagem ao amigo, coordena um importante e mobilizador Curso de Extensão Universitária, na UEFS, sobre Pietro Ubaldi, apoiado pelo NPUFS, mediado pelo seu vice-coordenador, João Soares da Paz (conhecido como João Astrólogo), que era seu amigo e frequentava a casa dos Galeffi, em Salvador.

Seguiram, posteriormente, para o Congresso Pietro Ubaldi, em Brasília, onde o Prof. Dr. Galeffi se fez presente, juntamente com sua esposa e seu filho, Dante, o qual fez uma fala potente, sobre Ubaldi, agradando por demais aos coordenadores do evento, José Bonifácio Alexandre e Manoel Emygdio da Silva.

Hall (1984) no REPORT ON THE LATIN AMERICAN SCHOLARS' PARTICIPATION IN THE SECOND BIENNIAL MEETING OF THE INSTITUTE FOR URAM, de AUGUST 17-20, 1983, TORONTO, cita o trabalho de Romano Galeffi

“About the Origin and Destination of Man” inspirado no trabalho de Pietro Ubaldi, A Grande Síntese (1939), Dr. Galeffi Instituto Brasileiro de Filosofia-Seção da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil, delineou o grande ritmo involutivo-evolutivo do mundo (um ritmo descendente movimento da plenitude do ‘todo’ precipitando um estado inicial de caos e seguido por um processo progressivo) à luz da ciência e de cosmovisão trinitária das articulações indispensáveis de três estados fundamentais do Ser, isto é, espírito, energia e matéria em perpétuas correlações dialéticas entre eles mesmos. Dentro desta tridimensionalidade, comum a todo o cosmos, o ser humano o ser é considerado um animal racional de quatro dimensões, razão lógica, razão econômica, razão ética e razão estética com os respectivos valores do verdadeiro, do útil, do bom e o lindo. Nesta elucidação ontogenoseológica do ‘milagre’ do conhecimento da lógica discursiva à super-racionalidade dos grandes místicos e dos gênios, R. Galeffi deu uma importante contribuição ao nosso encontro.

Prof. Romano Galeffi não parou por aí. E como já sinalizado, traduziu junto com Manuel Emygdio da Silva o último livro de Ubaldi “Cristo”. Em carta de 1986 dirigida a mim, assim se expressa o Manuel Emygdio sobre Romano Galeffi:

E agora, na véspera de Natal, recebi “Cristo” o último livro da Obra, que tive a alegria de traduzir escrupulosamente e que nosso queridíssimo amigo Prof. Romano Galeffi, de Salvador teve a bondade de rever o estilo literário, embelezando-o muito, pois que o meu principal cuidado naquela tradução foi o de não deixar de traduzir tudo o que Ubaldi escreveu. Assim saiu um texto correto e bonito (tendo a beleza sido dada pelo querido Romano Galeffi) (grifos do autor).

Em 1968, Prof. Galeffi foi à Viena (Áustria), participar de um Congresso de Filosofia, como professor da Universidade Federal da Bahia, e levou consigo todos os livros publicados de Pietro Ubaldi⁵⁴ e os entregou à Universidade daquele país. José Amaral relembra que, em julho daquele ano, Ubaldi teve um distúrbio cardíaco, por insuficiência coronariana tendo que ficar internado por oito dias, em São Paulo, indo posteriormente à alta, para a casa “dos Picazio, e a seguir na casa de Maria Antonieta (sua neta, casada com Fernando Fancicili), cercado de todo cuidado e carinho”. Após toda esta situação de adoecimento, a vida deu a Ubaldi uma grande alegria: a notícia do Prof. Galeffi na Áustria (AMARAL, s/d)⁵⁵. Em 1969, Prof. Galeffi vai ao 5º Encontro de Brasília.

Papel importante, também, deve ser dado à sua esposa, Maria Luigia Magnavitta Galeffi (Gina Galeffi – figura 47). Ela era católica praticante, ia

54 Silva (2015, p. 418).

55 Esta informação de José Amaral consta no anexo do livro “Grandes Mensagens” de Pietro Ubaldi, num extenso anexo de sua autoria, sem data, sem ficha catalográfica, dividido em duas partes intitulado “Pietro Ubaldi e o terceiro milênio - biografia”.

diariamente às missas, vivia os mesmos sonhos e apoiava o marido em tudo, inclusive contribuindo para a definição de conceitos ubaldianos, participando, como palestrante, nos eventos sobre Ubaldi. Importante deixar claro que Dr. Galeffi era amigo, apoiador e admirador da obra de Ubaldi. Dra. Gina era apoiadora do marido e, por sua influência tornara-se divulgadora de Ubaldi mas sem a mesma aproximação que seu marido.

Figura 47 – Reportagem do Correio da Bahia, de 16 de julho de 2000.



Percebe uma aproximação espiritual-cultural e laços afetivos entre Feira de Santana e a Itália, para que a implementação do projeto seja bem sucedida a saber: as cores das bandeiras são iguais (verde, vermelho e branco); Sr. José Pataro, descendente de italianos, fundador do GE Paz dos Sofredores; o pensamento de Pietro Ubaldi chegando a Feira de Santana; a Família Galeffi trazendo Ubaldi para a UEFS; André Barboni, descendente de italianos, trazendo, em Feira de Santana, as obras de Ubaldi. Isso não é aleatório como o próprio Ubaldi descreve:

[...] como esta Obra vai caminhando pelo mundo servindo-se dos elementos mais heterogêneos, sobretudo recrutados entre gente simples, sem pretensões intelectuais mas movidos pela força inquebrantável do espírito que, quando quer, remove montanhas (SILVA, 2015, p.97).

Os trabalhos do NPUFS não paravam. Em 18/08/1980, foi realizada, à noite, a reunião extra de aniversário de 94 anos de Pietro Ubaldi. Apesar do caráter “extra” assinalado na ata, esta consta como 9ª Reunião do NPUFS, precisamente às 20h30min, foi feito um silêncio respeitoso e penumbra, para vibração pelo seu nascimento. Após, João Soares fez uma palestra sobre a vida de Ubaldi, demonstrando profundo conhecimento, tendo, no final, a palavra aberta aos presentes. Na ocasião, também foi discutido sobre “a morte do espírito”. Após, os “parabéns!” com bolo e refrigerantes.

Dia 21/08/1980, foi publicada extensa matéria, assinada por Oydema Ferreira, no jornal Tribuna da Bahia, Salvador, p. 6, com manchete “Núcleo Pietro Ubaldi homenageia filósofo”. Na matéria, consta que foi definida a ideia de realização de um Curso de Extensão sobre o pensamento de Ubaldi, em Feira de Santana, com a presença de Romano Galeffi, professor da UFBA.

Em 31/08/1980, a décima reunião seguiu com pequeno número de participantes. Foram feitas leituras e comentários, a partir de trechos dos livros “Deus e Universo” e “A Nova Civilização do Terceiro Milênio”.

Outra nota do jornal Tribuna da Bahia, em 12/09/1980, tratando de um Curso de Extensão, que seria realizado na UEFS, de 31/10 a 02/11, sobre o pensamento de Ubaldi. Fala, ainda, dos esforços de Manoel Emygdio, em Brasília, e José Amaral, em Campos dos Goytacazes para reedição da obra de Ubaldi, no espaço de 10 anos. A nota finaliza com informe sobre ciclo de palestras de Divaldo Franco, na Europa.

A 11ª reunião, ocorrida em 14/09/1980, igualmente com baixa frequência de participantes, na qual Lauritz relata sua viagem à Belo Horizonte (MG) e o evento na OSCAL, onde vários militantes do pensamento de Ubaldi se reuniram para tratar das edições dos livros. Desenvolveu-se a reunião com leituras, comentários.

Em 28/09/1980, ocorre a 12ª reunião, que contou, mais uma vez, com “a presença dos confrades do Núcleo de Estudos Ubaldianos de Salvador”, sem especificar quem são ou quantos. Vieram à Feira de Santana com a finalidade de discutir o curso de extensão, a ser realizado no auditório da Biblioteca Municipal, por ser mais central. Outros assuntos tratados: convites, divulgação, certificados, acomodações para os palestrantes e jantar de confraternização.

O Curso de Extensão seria realizado de 31 de outubro a 2 de novembro de 1980. Notei, porém, que desde a primeira vinda dos chamados “confrades de Salvador”, datada de 10.08.1980 (correspondendo à 8ª Reunião), e esta, de 14/09/1980, transcorreu praticamente um mês. Neste intervalo, foram realizadas 03 (três) reuniões do NPUFS e absolutamente NADA consta em ATAS (1980) sem registros à respeito das tratativas e providências, pela equipe local, para

realização do evento, o que abre espaço para hipotetizar que o estímulo mais forte provinha dos idealistas da capital baiana.

Essa omissão nos próprios registros em ATAS (1980), além de relativizar o peso do NPUFS, na realização deste evento local ao mesmo tempo me causa estranheza. Isto porque como descrito acima, na quarta reunião do Núcleo, consta em ata do dia 15/06/1980, que foram feitas leituras e gravações das atas anteriores. No entanto, para os preparativos do evento, nada é citado. É importante questionar se este documento – ATAS (1980) – é a única forma de atestar os atos e providências da equipe local, sendo necessário pensar quem/como/qual a importância dada, na confecção das atas e documentação da época, pelo NPUFS.

Reconheço as ausências contidas em ATAS (1980) à respeito das providências, contudo este instrumento documental é único e principal recurso para entender a trajetória inicial do NPUFS bem como a realização do evento na UEFS.

Além dos membros locais, assinam o livro de atas, que me levam a crer serem os “confrades de Salvador”: Álvaro (ilegível), Edson Carneiro (Edinho do sisal?), Dante Augusto Galeffi, Maria José Carneiro Lima, Eugênia Galeffi, Cristina S. Ribeiro.

Telegrama de 27/10/1980, de Ferdinando Ruzzante, Daniel e Claudio Picazio, felicitando sobre o evento.

A 13ª reunião foi realizada a 12/10/1980, mesmo com pequeno número de participantes, aos quais foi distribuído o convite e programação do Curso de Extensão, com retificação do local, saindo da Biblioteca Municipal e ficando a realização no campus da UEFS. Nesta reunião, foi definida a lista de convidados. Não foi registrada nenhuma discussão ou providências a serem tomadas para realização do evento. Deu-se continuidade às leituras de capítulo de “O Sistema” e também do Gênesis.

Diversas matérias jornalísticas forneciam publicidade anunciando o Curso de Extensão. No jornal “A Tarde”, de Salvador, dia 15/10/1980, com manchete “Pietro Ubaldi será tema de um curso filosófico”, o texto informa que Ubaldi é pensador, filósofo, escritor e literato italiano. O curso de extensão “A Pluralidade da Filosofia Monista de Pietro Ubaldi” é coordenado pelo Prof. Romano Galeffi e contou com a presença dos palestrantes: Kleber Torres (Vida e Obra de Ubaldi), Mauricio Roscoe (A economia na obra de Pietro Ubaldi), Ariston Teles (Educação Integral), André Luiz Peixinho (A técnica da descida dos ideais), Gina Galeffi (Nova visão sobre o Cristo cósmico na obra ubaldiana), José Bonifácio Alexandre (Construtores da Nova Civilização), Dante Augusto Galeffi (Visão da arte na filosofia de Pietro Ubaldi), Regina Aquino Ferreira (As

ideias de Ubaldi: da teoria à prática), Gilberto Guarino (Epistemologia e Monismo na obra de Pietro Ubaldi) e o próprio Romano Galeffi (Função da razão e da intuição no método de pesquisa ubaldiano).

A matéria do jornal Tribuna da Bahia, Salvador, de 18/10/1980, p.6, exibe a manchete: “UEFS dá curso de extensão da filosofia de Ubaldi”, informando que o curso “A Pluralidade da Filosofia Monista de Pietro Ubaldi” promovido pelo Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana, com apoio da UEFS, a ser realizado na Faculdade de Educação (hoje, o CUCA), mas que foi mesmo no Anfiteatro da UEFS. Como no jornal A Tarde, descreve toda a programação, com palestrantes e títulos das palestras.

Jornal Feira Hoje, de 19/10/1980, também apresenta matéria sobre o curso de extensão universitária, com texto de teor semelhante ao jornal A Tarde e Tribuna da Bahia, acima expostos.

Informativo “Avancemos”, da FUNDAPU, de Campos dos Goytacazes, RJ, outubro de 1980, na p. 4, com matéria “Semana Ubaldiana”, onde Feira de Santana, junto a Brasília, São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro está incluída como cidade onde se comemorou o aniversário de Ubaldi.

Foi entregue aos participantes o Certificado do Curso de Extensão Universitária, “promovido pelo Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana, sob os auspícios da Universidade Estadual de Feira de Santana”, assinado pelo Reitor José Maria Nunes Marques e por Romano Galeffi, coordenador do Curso, como se vê na figura 48.

Figura 48 – Certificado de Extensão Universitária, emitido pelo Núcleo de estudos Pietro Ubaldi de Feira de Santana e pela UEFS.



Com a realização do Curso, a UEFS assume, junto com a Universidade de Brasília (UnB), uma posição política histórica, efetivando-se enquanto espaços educativos democráticos e de disseminação do pensamento de Ubaldi – o qual, no caso em tela, foi excluído do centro espírita e adentra, renovado, o ambiente acadêmico de uma jovem universidade pública do interior da Bahia.

Nessa linha, a UEFS também exerceu um papel de hábil articuladora entre os pares que constituíam o NPUFS, o Dr. Galeffi (UFBa), a comunidade acadêmica e a sociedade feirense, utilizando-se das suas instâncias, como a Reitoria e do que viria a ser a Pró-Reitoria de Extensão.

Como se pode constatar, em um curto espaço de tempo, com agilidade, desde sua concepção (agosto de 1980) até a realização do Curso de Extensão (outubro), apenas dois meses se passaram, impensável na atualidade, em algumas instituições públicas de ensino superior, eivadas pela gestão burocrática, gerencial e corporativa. Em vista disso, a UEFS aparece como universidade autônoma, inovadora e operacional, repleta de possibilidades.

Em Feira de Santana, do pós-1964 até os anos 1980, vivia-se, de fato, uma mudança na cidade, que ansiava pela modernidade marcada pela industrialização e intenso comércio. A cidade que, durante o Golpe Militar de 1964, foi palco de movimentos contra a ditadura, de ativistas e revolucionários como Chico Pinto, viva, agora, uma outra onda: a riqueza industrial e o surto desenvolvimentista, marcado por estabelecimento de instituições, entre eles, a UEFS.

Ainda que a questão política estivesse tão presente na cidade, tanto na resistência à ditadura, assim como no pensamento ubaldiano, ambos não se reduzem a uma discussão/militância partidária, mas concordam que a esfera dos direitos sociais, do direito à vida e da fraternidade são bandeiras fundamentais, como explicitado, em 1951, por Ubaldi, “o pensamento social de Cristo, observado em vários aspectos seus. Primeiro, em face do problema da distribuição da riqueza; segundo, em face do problema do instituto jurídico da propriedade; terceiro, em face da concepção política baseada na conquista e na força, observando a posição assumida por Cristo perante Roma, centro de um império; e, quarto, finalmente, em face da administração humana da justiça. O pensamento de Cristo nos levará, assim, ao problema econômico, jurídico e político, três aspectos fundamentais, através dos quais desejo observar aquele pensamento, que permanece até hoje, em plena atualidade”. Isto vai se constituir a doutrina de seu último e polêmico livro “Cristo”.

A UEFS, instituição pública de ensino superior, autarquia do Governo do Estado da Bahia, havia sido inaugurada em 1976 e reclamava para a cidade, ainda roceira, uma nova ordem social ante os referenciais progressistas e

desenvolvimentistas na qual foi pensada. Seus objetivos educativos, focados essencialmente no ensino, instauravam o método da ação participativa e transformadora da realidade, com a tomada da consciência crítica, tornando a pessoa consciente de sua realidade, liberdade social, de pertencimento à região semiárida do nordeste brasileiro.

Nasce, nesta ambição, e com limitações, a UEFS: instituição pequena, sem projeção nacional, sem pesquisa de destaque, vai construindo sua história. Hoje, conta com 31 cursos de graduação e 37 de pós-graduação, mais de 10 mil estudantes matriculados e quase dois mil servidores, estando com resultado 4 (nota máxima é 5) em 2024, de acordo com o levantamento Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), que gerou o indicador Índice Geral de Cursos (IGC), indicador que analisou quase 2 mil instituições de educação superior, públicas e privadas, do Brasil.

A implantação da UEFS está vinculada à história de Feira de Santana que remonta os esforços da elite intelectual e política-partidária da sociedade feirense dos anos 60 do século XX para a implantação da primeira instituição de ensino superior em Feira de Santana (RODRIGUES, 2012).

A Reforma Universitária de 1968 (Lei 5.540/68), instituída pelo Governo Militar, calcado numa política de segurança como controle e repressão, induziu que os campi universitários fossem instalados longe dos centros urbanos, com objetivo de que as unidades estudantis, construídas a partir da espacialização das universidades que congregavam Escolas, Faculdades e Institutos espalhados em diferentes locais urbanos, com grande mobilização da sociedade, fossem quebrados, afetando negativamente o ativismo político estudantil (MENDES, 2010).

Na época, na Bahia, a contínua expansão da rede pública estadual de ensino de 1º e 2º graus exigia a presença de profissionais habilitados para o exercício do magistério, principalmente no interior, e, neste contexto, surgem as iniciativas de criação de escolas de formação de professores, no interior do Estado. E assim, por meio da Lei Estadual 1.802, de 25 de outubro de 1962, foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Feira de Santana.

Neste período, a Faculdade possuía apenas o Curso de Letras, Licenciatura de 1º ciclo, e, em 1970, passou a contemplar os cursos de Licenciatura em Estudos Sociais e Licenciatura em Ciências, também na modalidade de 1º ciclo, que assegura a formação de professores generalistas, para atender o 1º grau.

Em 1970, a Faculdade de Educação transformou-se em Fundação Universidade Estadual de Feira de Santana (FUFES), por meio da Lei Estadual nº

2784. A implantação definitiva da Universidade Estadual de Feira de Santana aconteceu em 31 de maio de 1976, através do Decreto Presidencial 77.496.

A instalação desta faculdade no contexto de Feira de Santana, inibiu a migração de jovens para outras capitais, além da expansão do ensino particular, no interior da Bahia, propiciando o fortalecimento do ensino superior de âmbito público no Estado.

Pretendia-se interiorizar o ensino superior, que, naquele momento, estava restrito à capital, Salvador, atendendo, primordialmente, a demanda educacional e, posteriormente, a formação de profissionais qualificados para o atendimento das necessidades sociais e econômicas das diversas regiões do Estado, conforme os interesses e relações da burguesia empresarial (MENDES, 2010).

Os cursos de licenciatura (licenciaturas curtas) e bacharelados na área de ciências humanas, disponibilizados pela UEFS, tinham o intuito de atender as deficiências regionais, na formação de professores para a escola média e o comércio/indústria.

O perfil da UEFS foi assim estabelecido, quanto à facilidade e disponibilidade de pessoal docente, além de serem cursos menos onerosos, dependendo, basicamente, da organização de bibliotecas necessárias para seu reconhecimento, por parte do Conselho Federal de Educação (MENDES, 2010).

O campus universitário conforme Santos (1999⁵⁶ *apud* MENDES, 2010),

é o espaço resultante da geografização da sociedade sobre a configuração territorial, formando os fixos e os fluxos que interagem e se alteram mutuamente. Enquanto o campus é criado para exercer o trabalho, o território é o domínio do exercício do poder.

Situada à Avenida Universitária, km 03 da BR 116, a UEFS traz em seu brasão o lema *Sitientibus* (aos que têm sede). Centro-norte baiano, região que integra o semiárido e “encravada no epicentro do mais importante entroncamento do norte/nordeste brasileiro, ponto de convergência migratória” (MENDES, 2010), a UEFS tem como primeiro referencial a diversidade cultural da região.

Nos primeiros anos de funcionamento (1976-1982), a UEFS responde às demandas do mercado, atuando apenas de forma reflexa, com práticas curriculares, assentada na cultura academicista tradicional, na qual a reprodução do conhecimento – o ensino no sentido mais estrito – é presença dominante. Nessa fase, o foco das atenções é dirigido, prioritariamente, para a implantação estrutural da instituição, a saber: instalação e expansão física do campus

56 SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: HUCITEC, 1999.

universitário, elaboração e aprovação de instrumentos normativos, constituição da Administração Universitária, entre outras ações. Contudo, nesse ínterim, a instituição universidade, para os poderes constituídos, não faz jus nem mesmo a participar das discussões acerca de seu destino.

A minha preocupação em “pensar Ubaldi”, dentro das questões regionais, com ênfase no lugar do semiárido baiano, se reveste numa preocupação em disseminar e produzir conhecimento que alcança poucos. Para atingir tal finalidade, é necessário retomar a estrutura da missão da UEFS, inscrita como *SITIENBIBUS* (aos que têm sede).

Meu sentimento – e aqui tomo as palavras de Silveira (2015), inspirado em Gramsci – se dirige ao fato do pensamento ubaldiano não ter chegado também a todo povo, às gentes simples da região, vaqueiros, lavadeiras, aos feirantes, ficando restrito “aquilo que apenas as elites aprendiam: os cantos dos poetas, os nomes dos artistas e dos pensadores, a ciência, enfim, a cultura humanística, ‘desinteressada’, elaborada, necessária aos que anseiam por um “senso novo de dignidade e de liberdade”. Pelo fato dos governantes e das instituições educativas da cidade não terem abraçado a tarefa de levar avante um projeto político-pedagógico enraizado na solidariedade e no espírito de cooperação, que redefinisse a centralidade do pensamento de Ubaldi, este tornou-se um privilégio, e de poucos, naquele momento.

A formação intelectual dos sujeitos e transformação social via Síntese Monista não foram entendidas como necessidade. A UEFS com sua missão institucional declarada na heráldica, dentro de seus limites e possibilidades, foi atendendo a algumas e esparsas demandas para difusão do pensamento/Obra de Ubaldi e seu potencial transformador da realidade social local.

Medeiros (2021) chama atenção para alguns aspectos sociais da obra ubaldiana: o livro “Cristo”, dividido em duas partes e cuja segunda parte é dedicada a tratar do Evangelho e Problemas Sociais; a obra A Nova Civilização do Terceiro Milênio, que apresenta o esboço do que pode ser chamado O Pensamento Social de Cristo (título do capítulo XX), que por sua vez complementa o capítulo XCI de sua primeira grande obra, A Grande Síntese, intitulado: A Lei Social do Evangelho (MEDEIROS, 2021).

... verdades essas que, quando postas a serviço de todos, podem trazer benefícios e justiça para todos. E por que não chega para todas as gentes?

Van Dijk (2008⁵⁷ *apud* CAVALCANTE, 2021) aponta que uma das formas de controlar o poder é regular o acesso ao discurso, entre os quais, uma das formas mais influentes de discurso público caracteriza-se pela mídia de massa:

57 VAN DIJK, T. A. *Discurso e poder*. Hoffnagel, J.; Falcone, K. (Orgs.). São Paulo: Contexto, 2008.

Quem tem acesso à (produção da) notícia e ou aos programas, e quem controla tal acesso? Quem é capaz de organizar entrevistas coletivas que serão assistidas por muitos jornalistas? Os releases de quem estão sendo lidos e usados? Quem está sendo entrevistado e citado? As ações de quem são definidas como notícias? Os artigos de opinião de quem ou cartas ao editor estão sendo publicados? Quem pode participar de um programa de televisão? E, de forma geral, a definição de quem acerca da situação social ou política é aceita e levada a sério? (VAN DIJK, 2008, p. 19).

E no caso do pensamento de Ubaldi, como este se difunde em Feira de Santana?

Uma análise da dinâmica dos fatos ajuda a entender. Como dito anteriormente, nos anos 1950, Dr. Requião é o palestrante renomado nos dois únicos centros espíritas da cidade, disseminando o pensamento de Kardec-Roustaing-Ubaldi em palestras e, a partir daí, formando consciências e “nunca de fatigados carregadores de conhecimentos, oprimidos pelo trabalho aquisitivo de noções” (Ubaldi, 1988). Importava dar ao seu público desejoso da verdade a consciência de seu destino, definido por Ubaldi, com a oferta de sua obra ao Brasil e aos povos da América Latina, como anunciado no jornal N.U.M. (Boletim do Núcleo Ubaldiano de Metafísica, de São Vicente, São Paulo) (Figura 49).

Figura 49 – Recorte do N. U. M. (Boletim do Núcleo Ubaldiano de Metafísica, de São Vicente, São Paulo), ano IV, 1966, nº 6, onde se vê listagem de divulgadores no Brasil e no exterior.



Com sua morte, em 1966, sem deixar sucessores à altura de seu vigor, suas coragem, inteligência e retórica, todo este esforço pessoal de Dr. Requião foi arrefecido, provocando um silenciamento de suas ideias no CEJN, por toda década de 1970, embora as pessoas soubessem da importância da ação de Dr. Requião e os conhecimentos passados nas palestras, para a evolução espiritual.

Mas faltava força para vencer a “preguiça espiritual” para ler Ubaldi, ler Roustaing, estar atento a seu tempo e fazer conexões. É quando, em 1980, cria-se o NPUFS, realiza-se o Curso de Extensão na UEFS e retoma-se o pensamento de Ubaldi no CEJN.

Nas décadas de 1980-1990, com a retomada do pensamento de Ubaldi no CEJN, observa-se a presença de diversos protagonistas, desde os anos 1950 no movimento espírita, pela divulgação das suas obras. Entre eles, Lauritz Bastos Rodrigues (fundador do NPUFS) e Dejazet Vasconcelos (então presidente do CEJN). Lauritz, como discípulo de Requião, é empenhado na divulgação do pensamento, na mídia, e da obra de Ubaldi, pela aquisição de livros. Em 04 de maio de 1980, na residência de Noêmia Requião (filha de Dr. Requião), funda o Núcleo Pietro Ubaldi. Como relatado na pág. 60. Este Núcleo funcionou sob sua coordenação por cerca de seis anos.

Seguindo: contava Lauritz, com apoio do CEJN, na pessoa de Dejazet Vasconcelos (presidente), como lócus de divulgação ubaldiana, que recebia deste os livros para venda. Para tanto, além dos livros expostos na modesta livraria da Casa, no quadro doutrinário das reuniões públicas vários palestrantes locais eram pautados com temas ligados ao pensamento de Ubaldi e nas falas faziam a conexão Kardec-Ubaldi. Nesta época, não se fazia a conexão Kardec-Roustaing-Ubaldi, pelo desconhecimento das teses roustainguistas e total apagamento de Roustaing no âmbito do CEJN, motivado pelos não adeptos que permaneceram ativos pós saída de Dr. Requião.

Os palestrantes empenhados em manter acesa a obra de Ubaldi se revezavam nas doutrinárias de quartas e domingos, quando escalados, e neste contexto, ainda que apresentando argumentos de forma superficial mas extremamente respeitosos e emocionados, provocavam a curiosidade dos ouvintes e, conseqüentemente, estimulavam a venda de livros, à preços acessíveis. Os valores obtidos na venda eram repassados à Lauritz, que, por sua vez, repassava a FUNDAPU.

As vendas eram expressivamente significativas, considerando-se o valor dos livros, a complexidade dos temas tratados, num mercado fora do eixo livreiro da capital baiana e do sudeste brasileiro. Os livros de Ubaldi tinham a sua existência regida pelo afã dos adeptos em disseminar seu pensamento.

Esta ambientação da mensagem de Ubaldi, no CEJN, criou um espaço aberto de discussões, não só para a mensagem ubaldiana. Lá, as pessoas podiam se manifestar livremente, exceto aqueles discursos contrapostos à civilidade e ao Evangelho, que eram publicamente rechaçados. O próprio movimento espírita local, na época chamado Aliança Regional Espírita (ARE), utilizava, inúmeras vezes, o auditório do CEJN, por ser o maior entre os centros espíritas de então, acessível e sempre acolhedor, com as palestras de promoção evangélica, científica

e filosófica, de base espírita ou espiritualista. Por ali, passaram Henrique Rodrigues, Ney Prieto Peres, Carlos de Brito Imbassahy, André Luiz Peixinho, Ruy Maia Diamantino, Florêncio Anton, Marcel Candidé Mariano, entre outros, deixando valiosos conhecimentos; outros, entretanto, contavam histórias e piadas, sem fundo moral, ou despejavam alguma prepotência e rejeição à Ubaldi e Roustaing.

Sobre isso, informantes relataram fato ocorrido no ano de 1986, ano em que eu me encontrava residindo em Brasília. Esse grupo da ARE, acima referido, promoveu um evento com conhecido e cultuado nome da ciência espiritualista/psicobiofísica do sudeste brasileiro, nas dependências do CEJN. O evento teve uma grande e notável repercussão, lotando o auditório chegando a 150 cadeiras. Anunciado o palestrante, com suas credenciais acadêmicas foi-lhe dada a palavra, que segundo narrado, este, com alguma arrogância de quem chega no “nordeste atrasado”, para ensinar aos tabaréus, começa a falar. Não transcorreram vinte minutos e a Prof.^a Marizel (nome fictício), humilde e educadamente, levanta a mão para uma pergunta, na qual ela argumentava que o que o palestrante falava estava em desacordo com Pietro Ubaldi. Mal terminou sua pergunta e o palestrante, demonstrando impaciência e descaso, responde que não concordava, que estava errado, pois “Ubaldi é uma cavalgada”. Segundo os relatos, minha mãe, sentada ali, pertinho da tribuna, na terceira ou quarta fila, imediatamente levanta o braço, com dedo em riste, voz de trovão, brada: “Alto lá! Mais respeito com o Professor Missionário do Alto!!!” Sua fala estrondou no recinto e toda a plateia reagiu e agitou-se, favorável à defesa de minha mãe. O tal palestrante, atônito mesmo, com o microfone nas mãos, mal conseguia falar ou ser ouvido, dada a confusão instalada. Minutos depois, com muita habilidade na intervenção, os organizadores conseguiram apaziguar os ânimos, justificando e apresentando desculpas pela infeliz expressão do palestrante. Este em apenas mais alguns minutos, deu por encerrado o evento.

Soubemos, por outra fonte, que, findo o evento, já na dispersão, o palestrante teria, nervosamente, questionado os organizadores sobre o porquê de tê-lo sido trazido para um “ninho de ubaldistas”. Um dos organizadores teria respondido, calmamente, que o tema do evento, a ser tratado por ele, era outro e não atacar Ubaldi, dando o assunto por encerrado.

E lá se foi o palestrante, de volta para sua terra, levando na bagagem uma lição de humildade (tomara tenha aprendido) e mais respeito com o próximo. Anos depois, este episódio foi contado por mim a Henrique Rodrigues⁵⁸. Henrique foi velho e declarado admirador de Ubaldi, defendendo-o como possível. Ficou horrorizado com o acontecido, posto que ele conhecia o tal palestrante e as suas boas raízes familiares, onde se contavam simpatizantes de Ubaldi.

58 Silva (2015, p.394 e 404).

Discursos de ódio, ataques à dignidade pessoal, falta de respeito, sempre existiram e Ubaldi não ficou imune à tais crimes de ofensa, mesmo depois de morto, em locais pacíficos, em eventos de formação humanística, quando detratores tentam aproveitar para mostrar sua ignorância. Com certeza, isso não é direito à liberdade de expressão.

Por outro lado, as atividades do NPUFS foram esfriando, seja por morte de vários membros já envelhecidos, afastamento de outros, ou desinteresse pelo pensamento de Ubaldi, chegando ao ponto de não mais acontecerem reuniões. O NPUFS se resumiu na pessoa de Lauritz, que, esporadicamente, publicava notas nos jornais locais.

E assim se manteve, até que, em 1999, acontece o 4º Congresso Pietro Ubaldi (DA MORTE DO HOMEM VELHO À RESSURREIÇÃO DO HOMEM NOVO), sediado em Nazaré, Bahia. Não conhecemos a organização do evento. Quem terá sido a “alma missionária”, ou grupo de almas, que organizaram e fizeram acontecer, na cidade de Nazaré, um Congresso, importante por si só, mas que serviu de impulso para a realavancagem do Núcleo Pietro Ubaldi, em Feira de Santana? A eles, nossa reverência e gratidão!).

Lauritz foi a este congresso e, de lá, retorna extasiado com o impulso que o pensamento de Ubaldi vinha recebendo por outros palestrantes, do Sudeste e do Centro-Oeste. Em especial, a fala de Maurício Neiva Crispim, de Brasília, do qual Lauritz adquire uma fita de vídeo VHS, sobre “Atécnica funcional da Lei de Deus”. De posse do material, entrega à minha mãe, Dejazet (presidente do CEJN), recomendando que assistisse, com atenção, e, se achasse por bem, que o convidasse para uma palestra, em Feira de Santana. Dejazet repassa o VHS para mim com as recomendações de Lauritz.

Dias depois, fui assistir ao VHS e, após alguns minutos, completamente contagiada com aquela energia, interrompi e telefonei para minha mãe, alertando sobre a urgência de convidar aquele palestrante, dada a clareza e o conhecimento profundo que ele demonstrava sobre Ubaldi. Imediatamente, começamos a agilizar os contatos e financiamento para a vinda, em 2001, de Maurício Crispim, que, nesta época morava no DF e mantinha amizade com Ariston Teles. Seria a celebração dos 50 anos da vinda de Ubaldi à Bahia (1951-2001). Ele aceitou de primeira, ficou hospedado, modestamente, em nossa residência, com sua esposa, o que nos deu mais proximidade e amor pelo grande ser humano que ele é.

Este primeiro seminário, no CEJN não foi um grande sucesso de público mas sim de discussões, repercutindo fortemente entre nós, em mim principalmente, semelhante ao evento de 1980 na UEFS, quando assisti a palestra de André Luiz Peixinho, só que, desta vez, promoveu mobilização e impulso para eventos outros.

As palestras de Crispim mostravam as grandes distâncias e as diferenças de perspectivas e de linguagem entre nós e Ubaldi. Nosso saber ubaldiano era míope, miúdo, primário. Crispim nos colocou de frente para causas profundas, rearrumou nossas mentes e nossa Casa, conduzindo-nos ao ponto crítico de nossa maturação biológica.

Eu mesma tinha uma dificuldade tremenda para entender a “queda vibracional” e praticamente rejeitava, entendendo, como disse antes, como um “deslize” na obra de Ubaldi. Minha mente estreita, cinzenta e uniforme se perturbava a cada menção da queda. Mas Cristo resplandeceu em meu destino e, através das palavras de Crispim, entre sustos e sacolejadas mentais, fui curada da ignorância, o que me trouxe à realidade de minha vasta responsabilidade consciente de rebelde decaída e nunca mais acusei o Criador de ser injusto. A partir daí, passei a entender-me, a assimilar meus erros e a ler o mundo de outra forma.

A presença de Crispim, no CEJN, ressoava como algo muito familiar, de confiança, atenção e cuidado com seu rebanho, e amparados pela sua sabedoria e intuição mediúnica elevadas, personalidade muito forte e suas mãos seguras, sonoridade de sua voz, fomos, em grupo, tateando e retornando para Ubaldi, e também Roustaing, redescobrimos nossa original identidade espírita, engendrada lá nos primórdios do CEJN.

Nas suas vindas ao CEJN, era comum flagrá-lo falando e rindo alto, com seu grande senso de humor, bom coração, cercado de várias pessoas que queriam abraçá-lo, conversar, tirar dúvidas e registrar, em fotos, aquele momento. Ele atendia a todos, amável e positivo (sem “passar pano”), chamando à responsabilidade do Evangelho.

Definidas as datas de cada estadia, começava-se logo o processo organização, aquisição de livros, distribuição de tarefas, de divulgação, geralmente com as atividades no sábado à tarde e domingo pela manhã. A influência salutar de Crispim não se restringia à nossa cidade, tendo, algumas vezes, dividido sua presença com outros municípios vizinhos, que programavam palestras nos seus centros espíritas, como Santo Antônio de Jesus, Alagoinhas e Riachão de Jacuípe, com Edson do CE Petitinga, Antônio Santana e Carlos Alberto Menezes, respectivamente, nas coordenações locais (figura 50).

Crispim vai se tornando, para nós, cada vez mais, indispensável. O mentor, o intelectual orgânico que nos arrastou de volta a Jesus, o professor que vem a público lembrar, com sua voz potente, sua presença física marcante, o que havíamos relegado ao esquecimento: o Evangelho. Suas palestras, no CEJN, passaram a ser terapêuticas, necessárias, fundamentais, alegres.

Figura 50 – Folder de divulgação dos Seminários que comemoraram os 50 anos da vinda de Pietro Ubaldi à Bahia.

Centro Espírita Jesus de Nazaré
Rua Prof. Leonídio Rocha, 231
Feira de Santana/BA

*50 anos da vinda de
Pietro Ubaldi
à Bahia*

Palestras em comemoração aos
59 anos do
C. E. Jesus de Nazaré



Todo o mês de Agosto/2001
Domingos às 17:00 h
Quartas às 20:00 h

Convidados: Solange Meiking, André
Luiz Peixinho, Maurício Crispim, entre outros.

SEMINÁRIOS
Maurício Crispim (25 e 26/08)
Claubete Nóbrega (18/08)

Domingos - 17:00 h
05/08 - João de Baixa Grande
Tema: *Paclência*
12/08 - André Luiz Peixinho
Tema: *A Síntese da
"Grande Síntese"*
19/08 - Solange Meiking
Tema: *Renovação Mental*
26/08 - a confirmar

Quartas-feiras - 20:00 h
01/08 - Germário Santos
Tema: *A História de um Homem*
08/08 - Carlos Alberto Menezes
Tema: *Problemas Atuais*
15/08 - José Hermes
Tema: *Cristo*
22/08 - Mariete Brito
29/08 - a confirmar

SEMINÁRIOS
Técnicas Funcionais da Lei de Deus e Medicina Vibracional
com Dr. Maurício Crispim
Dias: 25 e 26/08
Local: C. E. Jesus de Nazaré
III Encontro de Sexualidade
com Dra. Claubete Nóbrega
Dia: 18/08

Num “moto vorticoso” de alegria e esperanças, suas exposições eram repletas de recomendações edificantes, lotadas por um público atencioso, bem diversificado (idosos, jovens, mulheres, homens, espíritas, espiritualistas, curiosos, ricos e pobres), às vezes, tumultuadas pelas nossas reações e bateria de perguntas que fazíamos, ansiosos, sem compreender a mensagem de Ubaldi, uma vez que estávamos em (re) “alfabetização”.

A capacidade orgânica de Crispim conseguia unir peças aparentemente controversas, tão distantes entre si: Kardec-Ubaldi-Roustaing-CEJN-Bíblia-Física Quântica-Psicanálise, e, por vezes, em uma mesma palestra, íamos das demoradas gargalhadas coletivas às reflexões profundas e emocionantes sobre Jesus.

O homem é um gênio! Crispim é esse grande ser humano, homem simples, eminente médico homeopata e querido amigo-irmão.

Nunca reclamou privilégios, hospedagem especial ou momentos de solidão/distanciamento das pessoas. Muito pelo contrário: Crispim é povão, gente como a gente. Como emissário de Jesus, vivia e comia com as gentes do jeito que eram, e conforme Marcos 6:30 e Lucas 10:33, ele nos viu, teve compaixão, porque éramos como ovelhas sem pastor. Começou, pois, a nos ensinar muitas coisas sobre o Evangelho, sobre Chico, sobre Ubaldi, nos colocando sob seus cuidados fraternos.

Suas vindas alavancavam nossa alegria e nossa fé. Minha mãe repetia nas reuniões com sua poderosa voz: “Crispim está chegando!”, animando a plateia e convocando todos e todas.

Em minha casa, era o saudável alvoroço, a azáfama, para recebê-lo com mesa posta, um cardápio um pouco mais elaborado, cuidados diversos para receber o nosso visitante ilustre. Em minha família, virou meme, até os dias atuais: quando meus filhos veem qualquer movimento doméstico fora da rotina com mesa posta servindo uma iguaria, perguntam logo: “Crispim está vindo?”.

Destaco que, paralelamente, havia um movimento comercial importante e boas vendas de livros, em especial de Ubaldi, cujo capital era utilizado para equipar o CEJN, reabastecer a Livraria e outras pequenas despesas de custeio, uma vez que as doações financeiras para compra de passagens aéreas e traslado de Crispim não eram suficientes. Havia um grupo de doadores muito ligados à minha mãe, que fazia questão de ajudar na cobertura dos gastos.

Nas palestras, Crispim demonstrava, também, conhecer Roustaing mas, em função de sua ética, era sempre discreto com relação à tese do corpo fluídico de Jesus, creio eu que sondando o ambiente e nossa aceitação, muito em função das polêmicas nacionais sobre essa tese.

Através de Crispim, retoma-se no CEJN um processo de protagonismo do pensamento de Ubaldi-Roustaing local (que ele já desenvolvia em escala nacional), num trajeto sinuoso mas sempre ascendente, apesar das atitudes de alguns dos nossos, preconceituosas e excludentes. Assim, houve um alargamento considerável do nosso campo consciencial, uma tomada de consciência da urgência de sermos protagonistas de nosso aperfeiçoamento moral, leia-se, evolução.

Nos anos 2001-2002, Crispim veio ao CEJN, com seminários esclarecedores, atraindo enorme público e fãs. Em 2003, além de Crispim, veio também outro palestrante, defensor das teses ubaldianas e forte conhecedor de Roustaing, Jorge Damas (RJ), com quem fiz contato via e-mail para o convite. De primeira, aceitou vir ao CEJN, para proferir seminários.

Com seu discurso grandiloquente, pela primeira vez, pós-Dr. Requião, foi veiculada, explicitamente, no âmbito do CEJN, a conexão Kardec-Ubaldi-Roustaing. Sem Damas, não seria possível, ao CEJN, enquadrar Kardec-Ubaldi-Roustaing, acrescido de Chico Xavier, num desenho maior, e entendê-los como integrantes do mesmo time, falando a mesma linguagem, em épocas e para públicos diferentes: criação-queda-evolução e a lei de amor onipresente. Traduzo, aqui, Damas, como o destemido, disposto a enfrentar as mentes mais endurecidas, a nos recordar, a todo custo, que Kardec-Roustaing-Ubaldi-Chico Xavier é o eixo de tudo, esforçando-se, a cada palestra, em propor novas interpretações desta conexão, de forma a ser inteligível.

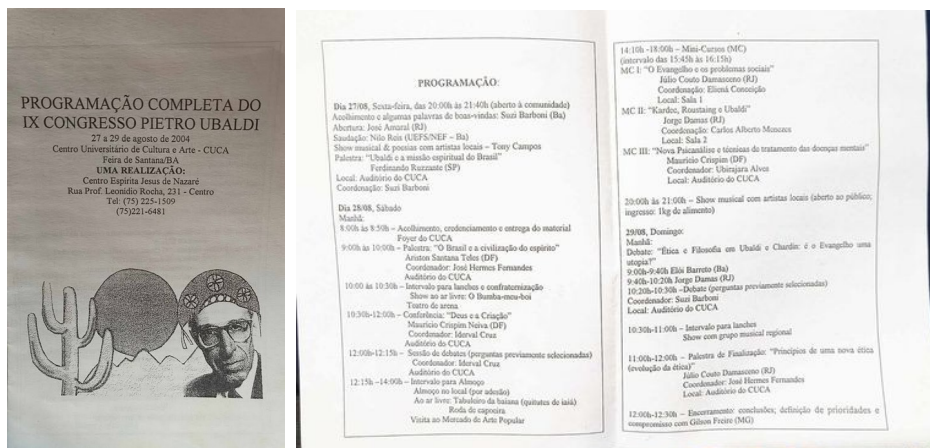
Posteriormente, Júlio Damasceno (RJ) também vem ao CEJN para reforçar a conexão Kardec-Roustaing-Ubaldi chegando, junto com Damas, a nos ajudar fortemente na realização, em Feira de Santana, do IX Congresso Roustaing (2009). Crispim nos alertou, numa de suas vindas: “Vocês gostam de mim e de Damas? Preparem-se pois vocês vão amar o Júlio! Ele é especial!” De fato, um ser humano especial, de uma nobreza de caráter ímpar, com um trato educado e refinado conosco, além da humildade pessoal. Júlio costumava nos chamar pelo nome, atento às pequenas delicadezas e gentilezas, sempre expressou amabilidade para nós. Ele nos cativou para sempre!

Esta conexão, Kardec-Roustaing-Ubaldi, foi reavivada, no CEJN pelos três palestrantes, todavia, não se constituía em novidade, no campo espiritual CEJN, pois Requião já fazia isso, desde os anos 1950, inspirado em suas leituras, em O Reformador.

O grande mérito de Crispim, Damas e Júlio é que foram três missionários amorosos que pacientemente vieram à nossa cidade para nos fazer lembrar de forma pedagógica, responsável e autêntica, de nossas raízes impregnadas destes tesouros de conhecimentos (Kardec-Roustaing-Ubaldi) relegados ao esquecimento, tornando-nos protagonistas da nossa própria história.

A referência a Crispim, Damas e Júlio se desloca dos meros elogios e enaltecimentos das qualidades para o reconhecimento dos esforços que os três, amorosamente, empreenderam, durante anos, na nossa recuperação espiritual. A influência altamente positiva, construtiva e afetuosa deles sobre nós, do CEJN, é indiscutível, foi tão benéfica que, desta vinda de 2003, foi planejado um Congresso Pietro Ubaldi, aqui em Feira de Santana, para 2004, com o tema: “Brasil: princípios de uma nova ética” (figura 51).

Figura 51 – Programação do IX Congresso Pietro Ubaldi – Feira de Santana – Bahia, 2004.



A organização ficou com o CEJN mas todo apoio de infraestrutura (espaço físico, cerimonial, data-show, som) ficou por conta da UEFS, que cedeu o teatro do Centro de Cultura e Arte (CUCA) para abrigar o evento, de 27 a 29 de agosto de 2004. O apoio pessoal da Vice-Reitora, Prof.^a Evila de Oliveira Reis Santana e do Núcleo de Estudos Filosóficos (NEF-DCHF), coordenado pelo Prof. Nilo Henrique Neves dos Reis, foram fundamentais. Suani de Almeida Vasconcelos, minha irmã, com sua energia realizadora, se auto incumbiu de fazer toda essa mediação.

Prof. Nilo Reis publicou, no Ideação Magazine, informativo do NEF-UEFS, dois artigos meus, que fazem referência à Ubaldi: “A amizade em Ubaldi” (figura 47 – esquerda), 2003; e “Ciência – o ciclo que está passando” (figura 53 – direita), 2004.

Para divulgar o Congresso, três momentos importantes: a realização de uma “feira”, em espaço público aberto (estacionamento da Prefeitura, próximo à Igreja senhor dos Passos), num domingo inteiro de atividades como inscrição para o evento, palestras, música, declamação de poesias, venda de livros e lanches. Atraiu público notadamente espírita e espiritualista; divulgação, em jornais locais: uma edição especial do Jornal Interação, só sobre o Congresso, e uma nota no jornal “Corpo e Mente” (figura 48); e realização de um programa de rádio especial, sobre a Biografia de Pietro Ubaldi e o Congresso, dentro do programa Alvorada Espírita, coordenado por Adilson Gomes, o Big Boy. Neste Programa, compareceram Dejazet e Suzete de Almeida Vasconcelos, como entrevistadas, cabendo a elas o pioneirismo local de levar a biografia de Ubaldi às ondas do rádio.

Figura 52 – Mesa de Abertura do IX Congresso Pietro Ubaldi, 2004, em Feira de Santana, Bahia.



Da esquerda para direita: Mauricio Crispim (representante dos palestrantes), Dejazet Vasconcelos (Presidente CEJN), Nilo Reis (NEF-DCHF/UEFS), Suzi Barboni (Coordenadora do Congresso), Gilson Freire (Associação Médica Homeopatia-MG), José Amaral (Presidente da FUNDAPU), Clara Leonor Silva Carneiro (Coordenadora FEEB CR03), Ferdinando Ruzzante (amigo e tradutor de obras de Ubaldi).

Criamos uma logomarca para o Congresso, na qual, no cenário desolador e solitário da caatinga, no semiárido baiano, Ubaldi aparecia, em *close*, com um chapéu de couro de abas laterais, em formato de meia-lua, típico do folclore do Nordeste brasileiro, por sinal, usado pelo mestre da sanfona, Luiz Gonzaga, em suas apresentações. Na aba frontal, virada para cima, três pequenas imagens, como flores com um número par de pétalas, fechadas em um círculo, três lótus de 4 pétalas (*Muladhara*, que rege nossa força de vontade, consciência física e energia vital) (Figuras 51 e 54).

A ideia foi minha e, após ser apresentada em reunião, foi acatada pela equipe organizadora local. Queríamos um Ubaldi presente entre nós e com sotaque nordestino, reinventado por meio de contra narrativas decoloniais, representado como plural e, ao mesmo tempo, coberto das singularidades regionais, dentro de uma ética dialógica que o aproximaria de nossa gente, descentralizando-o do Sudeste, bem como da Europa.

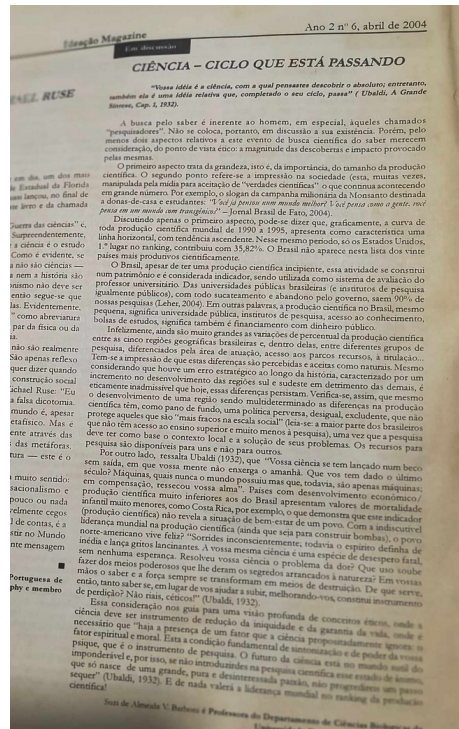


Figura 54 – Nota de divulgação do IX Congresso Pietro Ubaldi no Jornal Corpo Mente de junho de 2004.



Na icônica logomarca, procuramos afirmar a brasilidade ubaldiana por meio do folclore local, com os traços do povo – elemento autêntico revelador da essência de nossa região – uma vez que sua obra era vista como difícil, inacessível, da ciência branca-norte-americana/europeia, e cabia a nós, organizadores, atrair as pessoas para o evento.

Surgiram interpretações distorcidas e marcadamente passionais sobre a imagem, para a qual houve uma rejeição direta e veemente, por parte do coordenador da FUNDAPU, que chegou a divulgar o evento retirando o chapéu da logomarca. A justificativa dada estava associada à falta de adequação da logomarca à proposta do evento, considerada exótica, sem propósito, selvagem, ridicularizando a imagem de Ubaldi, atrelando-a ao cangaço e, daí, gerando um estereótipo muito negativo.

Apesar do atrito e a pressão sobre a Comissão Organizadora local, esta manteve-se firme e não cedeu, tratando de imprimir folhetos de divulgação e camisas com a logomarca polêmica. Neste sentido, contamos com apoio declarado de Gilson Freire, que em sua fala meiga no Congresso, tratou do assunto de forma compreensiva e apaziguadora. Até hoje, na página do IPU, onde estão expostos todos os cartazes de divulgação dos inúmeros Congressos Pietro Ubaldi, aquele de 2004, o IX, o de Feira de Santana, não consta o cartaz, apenas uma fotografia ilustrativa do encerramento (<https://congresso.pietroubaldi.org/>).

Durante o Congresso, Lauritz Bastos faz a transferência dos arquivos do Núcleo para a direção do CEJN, nas pessoas de Dejazet, Suzi e Suani Vasconcelos, conforme termo na contracapa do livro de atas, de 1980, assinado por ele, Genário Brasil e Elizabeth Cavalcante, em 27 de agosto de 2004 (ATAS, 1980). Esses arquivos constavam do livro de atas e uma pasta rosa contendo diversos recortes de jornais, cartas, telegramas, relacionados ao NPUFS, e foram entregues, em mãos, a mim, o que acolhi, emocionada, e com muita honra.

Na oportunidade, conversei com Lauritz, questionando se com essa transferência, poderíamos “reabrir” o NPUFS, que foi totalmente acatado por ele.

Pouco antes do Congresso, em 2004, numa conversa particular, minha mãe, então Presidente do CEJN, me avisou que eu seria a próxima presidente, que havia necessidade de renovação, que eu deveria assumir os cargos e encargos materiais e espirituais do CEJN, para os quais eu me sentia muito despreparada, em especial, frente ao longo e sereno mandato dela. Tive muito medo, contudo, por obediência à minha mãe, aceitei, e me apeguei fortemente aos ensinamentos do livro “Seara Bendita”⁵⁹, livros de Kardec e Ubaldi, e que fosse permitido dar continuidade ao trabalho que vinha sendo desenvolvido por Dejazet.

Diante disso, eu estava, em 2004, com a realização do Congresso, iniciando um mandato de presidente do CEJN e, posteriormente, também fui (obrigatoriamente) eleita Diretora Interna do Lar do Irmão Velho, compondo a Diretoria da Instituição, tendo Olegário Santos (*in memoriam*), como Presidente. E a reabertura do NPUFS.

Meu coração pulsava mais forte.

A partir de março de 2005, reiniciam-se as atividades do NPUFS, desta vez, ancorado e entendido como grupo de estudos do CEJN. É a partir deste período que o conhecimento ubaldiano assume uma preponderância e um vigor inéditos, tanto no âmbito do Centro como na cidade, abrindo caminho para retorno à UEFS.

O retorno do NPUFS mostrou que havia uma demanda por estudos ubaldianos, haja vista sua reunião de reinstalação, em 06 de março de 2005, na sede do CEJN, às 10h, com a presença de 19 pessoas que assinaram a lista de presença. A pauta composta por momento de acolhimento, prece de abertura por minha tia Devanice Cruz (a qual enfatizou, em sua rogativa, que Ubaldi tinha conhecimento daquele movimento que ali se manifestava), seguido por informes gerais e uma palestra proferida por mim, com o tema: “Histórico do NPUFS e comentários sobre o prefácio de A Grande Síntese”. Finalizada com convocação para a próxima reunião, no critério quinzenal.

Na reunião de 20 de março de 2005, um público de 30 pessoas assistiu a palestra “Leitura comentada do prefácio de A Grande Síntese e a história de Ubaldi”.

As quatro reuniões subsequentes (abril-maio de 2005) garantiram um público média de 30 pessoas, com temas sobre a história de Ubaldi, a intuição, filosofia monista, teoria cinética, motos vorticosos, garantindo uma boa aproximação com o pensamento ubaldiano, em destaque, A Grande Síntese.

A partir de junho de 2005, a frequência cai, girando em torno de 15 participantes, com fidelização de alguns. Os temas são o sistema, o antissistema, a queda. A partir de setembro/2005 até os dias atuais, esta frequência se manteve com ligeiras oscilações para mais, e a opção por um estudo sequenciado da obra de Ubaldi.

Em Atas (2007), registros da presença de Ariston Santana Teles, acompanhado por sua esposa Isabel Teles, no CEJN, em 02 de maio de 2007 às 9:30h para uma reunião comemorativa do 30º Aniversário do NPUFS, onde proferiu palestra para um público de 28 pessoas. Naquele evento, eu fiz a abertura, lendo a ata de fundação do NPUFS, datada de 04/05/1980, anunciei a realização do VI Congresso Roustaing, em junho próximo, no CEJN, e passei a

palavra para Ariston. Este inicia sua fala presenteando o CEJN com uma cópia da fotografia de Ubaldi visitando Chico Xavier, na Fazenda Modelo, em 1981, presente este exposto, até o presente dia, na recepção da AEJN. Em sua fala ressalta os dois grandes médiuns. Relata um sonho que teve com Ubaldi, vindo até ele numa espécie de nave espacial. Finalização às 11h55min com algumas palavras de Lauritz, fundador do NPUFS.

Por volta de 2008, o médium Wanderley Soares esteve no CEJN. O objetivo da visita foi o de realizar seminários, estudos, sobre seus livros mediúnicos, psicografados a partir de ditados de Ermance Dufaux, os quais faziam muito sucesso na época, com destaque para “Seara Bendita” e “Atitude de Amor”.

Foi recepcionado, calorosamente, no CEJN, conversamos um pouco sobre a nossa história e falei sobre Ubaldi, que ele declarou conhecer pouco. Na manhã seguinte, após o primeiro seminário, Wanderly me perguntou se Ubaldi já havia se comunicado no CEJN, se recebíamos mensagens dele. Respondi que “não”, considerando a ingenuidade da pergunta. Imagina! Ubaldi se manifestar entre nós!

Foi então que ele me disse que não entendia porquê Ubaldi não se comunicava, uma vez que estava presente entre nós, praticamente materializado. Que conhecia muitos Centros Espíritas e em nenhum deles se falava em Ubaldi. Que Ubaldi estava presente porque era sinceramente amado por nós. Fiquei parada com esta revelação. Nunca tinha pensado em “Ubaldi entre nós”, mas sempre em Ubaldi nas altiplanuras iluminadas. A partir deste dia, passei a considerar a presença, o amor, a intercessão de Ubaldi em nossa Casa e em nossas vidas.

Na UEFS, de 1980 a 2014, foram 34 anos, onde ocorreram o Curso de Extensão de 1980 e o Congresso de 2004, com longos intervalos de silêncio. Paralelamente, a partir de 2004, as atividades do NPUFS são reiniciadas como já descrito. Dois fatos importantes neste intervalo de tempo: 1) Lauritz Bastos me apresentou sua inquietação e discordância pessoais em ter constatado que nos últimos livros publicados pela FUNDAPU, na listagem das Obras Completas de Pietro Ubaldi exposta na orelha dos livros, três outros livros de autoria de José Amaral haviam sido incluídos no rol: “Pietro Ubaldi&Nazarius”, “Palavras de Sua Voz” e “Pietro Ubaldi, o Missionário”, conforme se pode verificar na 3ª edição de “O Sistema”, pela FUNDAPU. A questão era séria mas teve pouca repercussão no NPUFS, sendo posteriormente lembrada. Levei o fato ao conhecimento de André Barboni que tomou para si a pesquisa sobre a produção bibliográfica de Ubaldi, encontrando falhas editoriais, erros de tradução, supressão e livros anunciados e não escritos (“A Plenitude dos Tempos”). André produziu um longo e detalhado estudo exposto em palestras diversas sobre a complexidade e confusão editorial dos livros que conduziram-no para uma maior aproximação

com o Instituto Pietro Ubaldi (IPU), na pessoa de Marcus, e começar um novo trabalho de tradução, com total apoio do IPU, organizando acadêmica e graficamente todo acervo, disponibilizando gratuitamente em PDF no site do CRIS-UEFS. Deste esforço, já foram traduzidos e organizados até o momento, os livros: Grandes Mensagens; A Grande Síntese: síntese e solução dos problemas da Ciência e do Espírito; As Noures; Ascese Mística: do plano conceitual humano ao super-humano; A Nova Civilização do Terceiro Milênio: rumo a nova era do espírito; Ascensões Humanas: o problema social, biológico, místico; Deus e Universo; O Sistema: Gênese e Estrutura do Universo; A Grande Batalha.

Em 2006, com abertura de outras racionalidades em saúde pelo Governo Federal, que permitiram o estabelecimento da PNPICS, mudança nas mentalidades, permitiram que novo cenário se configurasse, em 2014, quando encaminhei, para o Colegiado do Curso de Educação Física da UEFS a proposta de criação da disciplina optativa Saúde e Espiritualidade, a qual, após tramitação, foi aprovada com o código BIO161.

Esta disciplina visa “Compreender a Espiritualidade como importante fator, no processo saúde-doença, na integralidade e humanização da atenção, para além dos limites da fisiologia corporal, permitindo ao aluno aprofundar reflexões sobre corpo, alma e saúde”. As aulas tratam de Espiritualidade no contexto amplo, levando em consideração a saúde espiritual, elaborando a ementa com temas que refletissem a preocupação com o transcendente e com a formação de profissionais que atendam às necessidades emergentes do campo da saúde integral.

Cinco anos depois, após a experiência promissora com BIO161, seguindo o mesmo processo anterior, solicitei a criação da disciplina BIO163 – Terapias Corporais, com a ementa “Histórico das psicoterapias. Anatomofisiologia emocional do corpo humano. Influência biológica, histórica e cultural no corpo humano e seus movimentos. Biótipos, caráter e corpo segundo Ubaldi, Reich e Lowen. Princípios bioenergéticos da análise corporal. Dinâmicas corporais (massagem, dançaterapia, exercícios, movimentos livres) na autoexpressão, autopercepção e autoconhecimento como dispositivo de saúde”, tendo as ideias ubaldianas presentes na referência bibliográfica com o livro “Princípios de uma nova ética”. Nas aulas, Pietro Ubaldi aparece como um filósofo espiritualista que definiu os três biótipos terrestres, que trata de uma nova psicanálise e propõe uma nova ordem social, pautada na justiça e na honestidade.

2020 foi o ano da pandemia de covid-19. Uma doença grave e mortal que se alastrava pelo mundo. Para evitar sua propagação, entre as diversas medidas sanitárias, estava o distanciamento social, e todos os espaços coletivos foram alterados por completo, impedindo eventos presenciais. Era necessária a adaptação às novas circunstâncias e, com isso, as atividades na AEJN foram

fortemente impactadas, havendo suspensão por cerca de 30 dias, sem prejuízo, apenas, da entrega das cestas básicas. Imediatamente, a Diretoria se reúne para avaliar a situação espiritual dos frequentadores, necessitando reinventar a AEJN para continuar sua missão evangelizadora e consoladora e, estrategicamente, define pelo retorno *online* das atividades de estudos, entre estes, o NPUFS.

Em face disso, foi estabelecido um cronograma de reuniões virtuais, na Plataforma Zoom, gravadas mediante permissão, mantendo-se o caráter quinzenal e reduzindo o tempo em 90 minutos, para evitar super-exposição à tela plana. O processo de transformação digital que ocorreu, com a pandemia, favoreceu muito a realização de webinários e congressos, à distância, possibilitando uma excelente interação.

Os participantes do NUPUFS mostraram uma adaptabilidade significativa, ao migrar para a plataforma online, amplamente sustentada pelas ações proativas e empáticas do coordenador técnico, Luiz Alberto Nogueira Lago, inclusive incrementando o grupo no aplicativo WhatsApp, com avisos constantes, recomendações de vídeos relacionados, chamadas para as reuniões, etc.

Os dados mostram que, até dezembro de 2022, com a total eliminação do risco pandêmico, foram realizadas, aproximadamente, 70 lives, alcançando uma média de 18 participantes por encontro, considerado importante por manter a média dos eventos presenciais pré-pandêmicos. Os eventos presenciais passaram a ser retomados, apenas, no primeiro encontro, de abertura, e no encerramento, anuais. Estes eventos, ainda que muito pontuais, têm o objetivo de permitir interação entre os participantes do NPUFS porém não atinge um maior número de pessoas.

Realizamos, em 2024, o Congresso Pietro Ubaldi +20 alusão à 2004-2024, sediado na AEJN, com apoio do IPU e do IBBIS, com programação diversificada, momentos síncronos e assíncronos, e com participação de Maurício Crispim, direto de Goiânia, fazendo palestra e depois abrindo para perguntas. Em agosto de 2025, foi a vez do “pinga-Fogo” *on line* com nosso Crispim com perguntas exclusivamente sobre Ubaldi, transmitido pelo YouTube.

De posse de nosso passado, continuamos escrevendo e produzindo nossa história com o alargamento do presente.

“História parece divertir-se com seus personagens, destruindo os mais poderosos, exaltando os mais humildes, demonstrando-nos obedecer a designios que não se identificam com os dos homens. Muitas vezes até mesmo os mais espertos e astutos denotam grande cegueira em face dos acontecimentos futuros e a História conduz governantes e governados a situações inesperadas. Acontece que os fortes tombam e os humildes triunfam o mínimo se torna máximo e ao contrário, as mais sólidas construções desabam e as mais débeis continuam de pé. Enquanto o homem arquiteta planos, a História, instável e repleta de surpresas, faz os acontecimentos se desenvolverem de acordo com o plano diretivo por ela

elaborado e bem diferente do formulado pela razão humana. Não poderemos compreender esse plano interior, sem antes entender o funcionamento orgânico do universo. Nenhuma orientação política, nenhuma filosofia e nenhuma interpretação da História atuam apenas em função desse conhecimento mais amplo. Como existem dois planos históricos, um exterior e aparente, outro interior e real, a História se desenvolve através de duas espécies de acontecimentos: os exteriores, visíveis e ruidosos, que todos acompanham e a História registra, e os interiores, invisíveis silenciosos e subterrâneos, que as pessoas e a História não veem senão quando finalmente se manifestam em frutos concretos e maduros. Assim, os períodos de incubação e de germinação, tão importantes quanto os de desenvolvimento e plenitude, passam despercebidos e permanecem secretos. A História é uma florescência de acontecimentos, dos quais não percebemos nem o intenso e íntimo trabalho preparatório, onde reside seu significado, nem a calma subterrânea e que continuam a elaborar-se. E, desse modo, muitos fatos continuam sem explicação lógica” (UBALDI, 1992, p.331-332).

Hoje, o NPUFS continua filiado à AEJN, com reuniões em caráter virtual, mantém a média de 18 participantes, e segue em frente, certos de nosso pequeno esforço que não pode se apagar.

Depois de dois mil anos, Ubaldi, o

apóstolo, a rocha escolhida pelo Cristo para lançar os fundamentos da nova civilização do terceiro milênio. A rocha escolhida pelo Cristo para lançar as bases da futura civilização do espírito. E eu convido, a cada um de vocês, a conhecer a obra dessa rocha, a obra desse apóstolo, que é a obra de Pietro Ubaldi. Para quem já conhece, eu convido a estudá-la. Para quem já estuda, eu convido a colocar em prática. Para quem já coloca em prática eu convido a sentir intimamente aquilo que ele trouxe como uma luz resplandecente na aurora do século XX. E então nós poderemos dizer, assim com o Cristo falou quando esteve entre nós: Eu e o Pai, somos Um. (Alexsandro Medeiros⁶⁰).

60 Disponível em: <https://www.facebook.com/photo/?fbid=9339738369482896&set=gm.9371767126268161&idortv=264120063699625>.

Finalização de nossa andança...

“A sinfonia está escrita. O canto cala. Para retomar em outras formas em outros lugares. A voz se extingue. O pensamento se afasta da sua manifestação exterior, no profundo, até o seu centro, no Infinito”.

(Ubaldi, A Grande Síntese)

Finalizo esta “cronistória pessoal”, como diz Ubaldi, tomando para mim as palavras de Martin Luther King: “Talvez não tenha conseguido fazer o melhor, mas lutei para que o melhor fosse feito. Não sou o que deveria ser, mas Graças a Deus, não sou o que era antes”.

Fiz um compromisso de auto-exigência em ser verdadeira e compartilhar feridas, falando abertamente sobre dores, enganos, fatos tristes, ressentimentos, como vi & vivi, sei e sinto, mantendo o cuidado/respeito com a memória dos que partiram e a nossa história.

Nestes escritos exaustivos e pobres, revi nossa história. Eles são fruto da minha memória e de mais de dez anos de levantamento de dados, cujo propósito foi apresentar a cartografia de nossa andança, do percurso da chegada, implantação e fixação, numa cidade do interior da Bahia e numa universidade pública, do pensamento de Pietro Ubaldi, bem como descrever seus percalços e êxitos, além de identificar os principais atores e incentivadores, com destaque para a AEJN. Neste contexto, contei, aqui, parte da história de meu povo, de minha família, de minha história, sustentada pelos Benfeitores Espirituais.

Conhecer esta história não nos torna melhores pelo simples fato de conhecer. Mas, se permitirmos, pelo amor, sem medo e sem julgamentos, respeitaremos o nosso passado e as escolhas que fizemos coletivamente, sem culpas. Que somos as pessoas certas para levarmos adiante a “barca de Pedro”, uma vez que, “para que cada fenômeno avance na evolução, é necessária a consolidação das suas bases, resultante da repetição e revisão do passado” (Ubaldi, História de um Homem).

Sinto-me, diante disso, um pouco como Ubaldi, em “As Noúres” (1988)

Exultante e prostrado, olhava aquele livro, saído de minha pena, não sei de que resplandecente fonte, através de minha alma extasiada, aquele livro escrito sem premeditação e sem preparação, tão estranhamente desejado pelo destino. E perguntava a mim mesmo se ainda estava sonhando ou estava louco, a mim mesmo perguntava que significavam essas coisas maravilhosas para minha vida e para a vida do mundo. Olhava a obra concluída, à qual fora loucamente lançado por um impulso mais forte do que eu, e que havia levado a termo sem saber e sem desejar, porque um centro, diverso da minha consciência normal, sabia e desejava por mim (Ubaldi, As Noúres).

Fica claro, em todo percurso da reconstrução histórica, um altíssimo investimento do Mundo Espiritual, na superação dos desafios para estabelecimento, fixação e avanço da AEJN, enquanto lócus de matrizes filosófico-religiosas-espiritualistas, que nos aproximou da “grande curva”, completando um ciclo de evolução e se preparando outro.

Chegou a hora de compreender-nos como conscientes colaboradores de Deus e de Sua criação. As transições identitárias de cada momento do grupo espírita se diferenciavam por vários aspectos, por pertencimentos e redes, marcada, principalmente, pela filiação a um certo estilo de interpretação da Doutrina Espírita (LEWGOY, 2004). Esta andança, apresentado nos contextos históricos e culturais de cada época, possibilitou o encontro da nossa identidade espírita única, autêntica, genuína e dinâmica, atualmente definida como uma identidade de base epistêmica cristã, alicerçada em Kardec-Roustaing-Chico Xavier-Ubaldi, articulados, sem sobressair qualquer condição de dominante ou subalterno, mas apenas como cooperadores de Deus.

Em tempos de Regeneração, sei que, doravante, ainda teremos enormes e importantes percursos para fazermos, na divulgação e vivência das Obras de Roustaing e, mais ainda, de Ubaldi. Estamos bem cientes dos pesados desafios postos, mas também temos convicção da tremenda força evolutiva, em espiral presente, em nossa AEJN, e, com certeza, seguiremos todos acompanhados, amorosamente, pelo próprio Ubaldi, por Roustaing, pelos guias do Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento, pelo Caboclo Indayá de Baturité e por aqueles que já se foram.

Os sonhos de Dr. Requião e companheiros, antes impedidos seja pelas nossas ignorância seja pelas nossas fraquezas, agora se tornam possíveis com nosso despertar para a identificação própria e de todos que fazem parte, conscientes mais do que nunca de nossas responsabilidades.

Que possamos ter alegria por este caminhar coletivo e do nosso senso de pertencimento ao rebanho do Cristo, tanto como AEJN como NPUFS (2025 - 45º Aniversário do Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana).

Para tanto, quero aqui reescrever/transcrever Ubaldi, em “A Grande Síntese”, adaptando-o à nossa realidade de AEJN, sobre o que foi aqui escrito. Se este livro responde à verdade, para tantos fatos conhecidos nossos, deve responder, também, para um compromisso e responsabilidade de cada um admitir e seguir os princípios de uma moral superior, evangélica, como parte integrante de suas vidas, aqui na Terra. Seguir os princípios do Cristo, pertencer à AEJN, não será mais questão de fé, mas de inteligência.

Depois disto, fica óbvio que chegou nossa hora. A maturação chegou no ponto crítico. Cada pessoa, dotada de inteligência e sinceridade, terá o dever da

honestidade e da justiça, entre outras dimensões espirituais, pois sabe que “nunca a vontade de Deus esteve, na Terra, tão luminosamente presente, tão ativamente criadora” (UBALDI, A Nova Civilização do Terceiro Milênio) e tão clara. Diante da demonstração evidente, que põe a questão moral na base do dilema: ou compreender ou não compreender, não são mais lícitas dúvidas e fugas, e o malvado/mentiroso não poderá ser, senão, inconsciente ou de má-fé.

“Chegou a hora de dizer ao homem: levanta-te, Filho de Deus, sob forma de consciência mais esclarecida, em estado social mais orgânico e completo; supere a ferocidade atual e civilize-se, finalmente, mais à sério” (UBALDI, A Nova Civilização do Terceiro Milênio).

Não será mais discutível uma ciência da vida baseada em uma concepção materialista, irresponsável, frouxa, cínica. Pertencer à AEJN, em todos os tempos, é uma relação harmônica e orgânica com seu destino, seu karma, que o obriga a desenvolver-se em todos os fenômenos evolutivos e não mais estar na vida como uma nota dissonante, no grande concerto do universo.

Não mais, como em tantas filosofias e religiões, um passatempo sem responsabilidade, mas um verdadeiro edifício, repousando sobre uma fundação vasta, como o infinito: é cada um de nós, visto em relação às leis da vida, e estas em relação às leis do todo.

Completada a discussão, não será mais lícito, racionalmente, a nenhum de nós, fugir/escapar da rede de Pedro, abandonar a “barca AEJN”, isolar-se no seu egoísmo, indiferente ou agressivo, sem uma severa resposta da Lei.

Se tudo é organismo, também a coletividade não pode ser, consequentemente, senão um organismo. Logo, você é uma pequena peça que faz parte de uma engrenagem evolutiva perfeita e complexa, cujo epicentro é você mesmo, apoiado pela comunidade, pela família AEJN.

Prosseguirei, nesta vida e na outra, em minha luta pela afirmação do Evangelho, a única coisa que me parece valorizar uma vida, luta que considero doravante, como missão (Ubaldi em As Noures).

A audácia de minhas conclusões, aqui postas, é porque sinto que nos encontramos diante de um importante momento da força evolutiva da vida, da “efervescência dos tempos ansiosos por novas direções”, da transição planetária, da nova civilização, que não podem ser detida, e já sabemos reconhecê-las sentindo seus impulsos. A partir de agora, será preciso reconstruir cheios e cheias de esperança e alegria, consciente e coletivamente, as ruínas que produzimos na derrocada.

E aviso que são estes os nossos planos na reconstrução: o amor, a colaboração e a obediência. Somos, como possível, cada um do seu jeito, destinos seguindo CRISTO.

Peço a bênção aos nossos ancestrais e a meu pai espiritual, Pietro Ubaldi.

* * *

Feira de Santana, Bahia, 08 de dezembro de 2025.

(Chegada de Pietro Ubaldi e Família imigrantes ao Brasil, em 8 de dezembro de 1952)

FONTES PRIMÁRIAS

ATAS. Registro das reuniões do Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana (2005)

ATAS. Registro das reuniões do Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana (2007)

ATAS. Registro das reuniões do Núcleo Pietro Ubaldi de Feira de Santana (2014)

BARBONI, S. de A. V. Memorial sobre a chegada e implantação do pensamento e da obra de Pietro Ubaldi em Feira de Santana e na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia – Brasil: resultados parciais. In: BARBONI, A. R.; BARBONI, S. de A. V. (Orgs.) **Sapere aude + Ubuntu [recurso eletrônico]: relatos e experiências de quem se importa.** Feira de Santana, Universidade Estadual de Feira de Santana, Núcleo de Pesquisa e Extensão em Filosofia, Saúde, Educação e Espiritualidade (NFSEE), 1. ed. 2024.

UBALDI, P. **As Noúres**, 4. ed. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1992.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. L. F. de. Urbanização, escolarização e variação linguística em Feira de Santana-Bahia (século XX). **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], n. 4, 2012. DOI: 10.35499/tl.v0i4.170. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/170>.

ALMEIDA, N. L. F. de; CARNEIRO, Z. Introdução à Coleção. In: ____ **Amostras da língua falada no semi-arido baiano**. Feira de Santana/Salvador: UEFS/FAPESB, 2008.

ALVES NETO, R. R. Pensar à luz do presente: pensamento, história e atualidade em Hannah Arendt. **O que nos faz pensar**, v. 20, n. 29, p. 235-258, 2011.

ARAÚJO, A. O. **Redes e centralidade em Feira de Santana (BA)** – O centro de abastecimento e o comércio de feijão. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, 2005.

ARRIBAS, Célia da Graça. **Espíritas de todo o Brasil, uni-vos! Meandros da unificação espírita na primeira metade do século XX**. *Religião & Sociedade*, v. 37, n. 3, p. 150-172, 2017.

BARBONI, A. R. **Filosofia Brasileira: Um sonho ou uma possibilidade**. [Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação – Filosofia, UEFS] – Feira de Santana – Bahia: Universidade Estadual de Feira de Santana; 2014. Disponível em: https://cris.uefs.br/pdfs/barboni_2014.pdf. Acesso em: 26 nov. 2025.

BARATTA, G. Escola, filosofia e cidadania no pensamento de Gramsci: exercícios de leitura. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 21, n. 1 (61), p. 31-49, jan./abr. 2010. Disponível em: <<http://goo.gl/KrDbNf>>. Acesso em: 14 jul. 2015. ISSN 1980-6248.

BARREIROS, L. L. S. (2018). **O VOCABULÁRIO DE EULÁLIO MOTTA**. Tese de Doutorado. UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. INSTITUTO DE LETRAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA. Salvador, Bahia, 2017.

BARREIROS, L. L. S.; DE SANTANA, Feira. O acervo de Eulálio Motta e os perfis do poeta contador de histórias. **A Cor das Letras**, v. 20, n. 3, p. 158-181, 2019.

BELLINGIERI, Julio Cesar. Teorias do desenvolvimento regional e local: uma revisão bibliográfica. **RDE-Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 2, n. 37, 2017.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. A construção social da realidade. Petrópolis: Vozes, 1985, p.75.

BORGES, Miguel Angelo Velanes. Saberes e práticas de rezadeiras e benzedadeiras em comunidades de Camaçari: diálogos entre saberes populares e educação formal. **V Encontro Estadual de Ensino de História ANPUH**, 2019.

BRASIL. Lei 5.540/68. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 28 nov. 1968. p. 10369, col. 4.

BRUGGER, W. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1987, p. 220.

CAMPOS, J. M. **Entre tinteiros e palanques: a trajetória intelectual e política de Arnold Ferreira da Silva em Feira de Santana-BA (1909-1930)**. 2016. 154 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em História) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2016.

CARDOSO, C.F.; VAINFAS, R. 2012. Novos domínios da história. Ed. Elsevier. Rio de Janeiro, RJ. 320p.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. 1996. Disp. em: http://www.controversia.com.br/uploaded/pdf/12759_o-lugar-no-do-mundo.pdf.

CARMO, R. M. do. A construção sociológica do espaço rural: da oposição à apropriação. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p. 252-280, 2009.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário de Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro / Ministério da Educação e Cultura, 1962, p. 434

CAVALCANTE, D. R. S. Discurso e ideologia: análise de materialidades sobre o filme “Promising Young Woman”. **Anais Eletrônicos do VI Seminário Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa (VI SEFELI)**, v. 6, 2021, 2021.

CAVALCANTI, J. do R. B. A. **Jornalismo e silenciamento: uma análise da cobertura dos jornais pernambucanos sobre o Movimento Ocupe Estelita**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

CHALOUB, S. **Lar, trabalho e botequim**. 2. edição. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

CHARTIER, Roger (Org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996, p. 86.

CORRÊA, R. L. **A Rede urbana**. São Paulo: Ática, 1989. 96 p.

COSTA, A. R.; FIALHO, V. R.; LEFFA, V. J. **Pesquisa Narrativa em Linguística Aplicada em Computer Assisted Language Learning e em Complexidade**. In: Caminhar, transitar, transgredir pela Linguística Aplicada crítica e decolonial. UERR, 2024.

DEMINICE, Daniel. **A arte de se construir cidades em meio à política local: Ribeirão Preto, 1890-1960**. 2015. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Carlos Universidade de São Paulo.

FRANZINI, F. O conteúdo histórico da forma urbana: historicidade e cultura histórica nos discursos sobre Brasília. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, v. 10, n. 2, p. 334-344, 2018.

GIUMBELLI, E. **O cuidado dos mortos**: uma história de condenação e legitimação do Espiritismo. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1997.

GOMES, P. A. C. de S. **Da partilha ao comércio: sociabilidades, usos e conflitos nos mananciais de Feira de Santana (1900-1957)**. 2023. Dissertação de Mestrado]. Universidade Estadual de Feira de Santana.

GOUHIER, H. **Bergson et le Christ des évangiles**. Paris: Arthème Fayard, 1961.

GUIMARÃES, M. L. S. Vendo o passado: representação e escrita da história. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, v. 15, p. 11-30, 2007.

HALL, H. Report on the Latin American Scholars' Participation in the **Second Biennial Meeting of the Institute for URAM**, August 17-20, 1983, Toronto. 1984.

HARTOG, François. Tempos do Mundo, História, Escrita da História. In: GUIMARÃES, Manoel Luiz Salgado (Org.). Estudos sobre a Escrita da História. Rio de Janeiro: 7Letras, 2006, p. 24.

HUME, D. **Investigação Acerca do Entendimento Humano**. Trad. André Mesquita. Editora Escala. São Paulo – SP, 2003.

JORNAL INTERAÇÃO. **Uma clareira na mata**. Feira de Santana (BA). 18 de outubro de 1998, p.3.

KARDEC, A. A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo. 39ª. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2000.

KOVALESKI, D. F.; FREITAS, S. F. T. de; BOTAZZO, C. Disciplinarização da boca, a autonomia do indivíduo na sociedade do trabalho. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11. p. 97-103, 2006.

KRENAK, A. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo. Ed: Companhia das Letras, 2019.

LAMENHA, S. **HI-SO**. Diário de Notícias, Salvador, 21 jul. 1966. Caderno 2, p. 3.

LEAL DE SOUZA. No mundo dos espíritos. Inquérito de A Noite. 2.a. edição, Ed. do Conhecimento, Limeira, São Paulo. 2012.

LE GOFF, J. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 1992.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e memória: escrita e literatura. Campinas: Ed. Unicamp, 1994. p. 423-483.

LEWGOY, B. Etnografia da leitura num grupo de estudos espírita. *Horizontes antropológicos*, 10, 255-282. 2004.

LIMA, V. A. O silêncio como forma de censura. **Observatório da Imprensa**, 22/03/2011. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/o--silencio-como-forma-de-censura>.

LIMA, M. F.; MICHELOTTO, R. M. O pensamento do filósofo Álvaro Borges Vieira Pinto (1909-1987) e a reforma da Universidade Brasileira. **Quaestio – Revista de Estudos em Educação, Sorocaba**, SP, v. 17, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/quaestio/article/view/2411>. Acesso em: 27 nov. 2024.

LOPES, J. S. **Lugar de branca/oea/o “branca/o fora do lugar:** representações sobre a branquitude e suas possibilidades de antirracismo entre negra/os e branca/os do/no movimento negro em Salvador-BA. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal De Pelotas.

LUCENA, T. I. N. de; GERMANO, J. W. **Feiras livres:** cidades de um só dia, aprendizados para uma vida inteira. Natal: EDUFRN, 2015.

MATTOS, R.S. **O espiritismo e suas disputas: Fernando do Ó e Denizard Souza no campo religioso brasileiro.** Revista Brasileira de História das Religiões. ANPUH, Ano XIII, n.38, Setembro/Dezembro de 2020 - ISSN 1983-2850, p. 215-239.

MEDEIROS, A. M. Pietro Ubaldi e o Pensamento Social do Cristo. Portal de Conferências da Unicap, **IV COLÓQUIO DO GRUPO DE PESQUISA RELIGIÕES, IDENTIDADES E DIÁLOGOS 2021.** disp. Em: <http://www1.unicap.br/ocs/index.php/coloquiorid/coloqid4/paper/view/1954>.

MENDES, F. S. A **Universidade Pública enquanto instituição científica, um olhar histórico sobre a UEFS.** Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA. 2010. Disp. em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/16027>.

MENDES, S. R. Tropas e tropeiros nos caminhos do cacau. **XXV Simpósio Nacional de História-ANPUH**, Fortaleza-PE, p. 25, 2009.

MIGUEL, Sinuê Neckel. **Espiritismo fin de siècle: a inserção do Espiritismo no Rio Grande do Sul.** Revista Brasileira de História das Religiões, v. 4, p. 145-184, 2009a.

_____. **Espiritismo e política: o compasso dos espíritas com a conjuntura dos anos 1930-1940.** Debates do NER (UFRGS), v. 15, p. 39-70, 2009b.

MONTEIRO, E. C. **História em quadrinhos Neon Genesis Evangelion: tautologia e guia de resiliência pop da modernidade líquida.** Tese de Doutorado em Teoria da Literatura. Escola de Humanidades. Programa de Pós-Graduação em Letras.PUCRS, Porto Alegre, RS. 2020

MORGADO, C. de O. **O vôo do pássaro e seu canto:** trajetória de um espírita e do Espiritismo em Feira de Santana (1940-1960). 2015. Dissertação de Mestrado. Departamento de Ciências Humanas e Filosofia. UEFS, Feira de Santana, Bahia.

MORGADO, C. de O. **O vôo do pássaro e seu canto:** trajetória de um espírita e do Espiritismo na Bahia (1940-1960). Saggia Editora, 2021.

MORGADO, C. de O.; BARBONI, S. A. V. **Representações religiosas em Feira de Santana, Bahia:** o que aponta o Jornal Folha do Norte (1940-1970) sobre o Espiritismo, SEMIC-UEFS, 2011. Disp. Em: <http://anais-semic.uefs.br/anais/xv/upload/2011/2011XV-028CHA095-100.pdf>

NASCIMENTO, Márcia Suely Oliveira. Visões literárias e cenas urbanas da Feira de Santana da década de 1940. **TEL Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 13, n. 2, p. 98-113, 2022.

NERY, B. K. de S. **Feira de Santana:** o redesenho e a (re) construção da imagem da cidade a partir do Projeto “Novo Centro” (2020-2022). 147 f. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade – Mestrado. Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana-Ba, 2023.

NOTÍCIA DE REDAÇÃO. **Tarde de autógrafos.** Folha do Norte, Feira de Santana, 23 jul. 1966.

NOVELINO, Corina. **Eurípedes Barsanulfo: o homem e a missão.** 18a. ed. Araras-SP: IDE, 2007, p. 24-25

OLIVEIRA, A. de L. **Centro Espírita Jesus de Nazaré.** Pelo quadragésimo terceiro aniversário de Fundação. (mimeo). Acervo Documental da Associação Espírita Jesus de Nazaré, Feira de Santana, Bahia. 1985.

OLIVEIRA, A. M. C. dos S. **Feira de Santana em tempos de modernidade:** olhares, imagens e práticas do cotidiano.(1950-1960). Universidade Federal de Pernambuco 2008.

OLIVEIRA, G. B.; SOUZA LIMA, J. E. de. Elementos endógenos do desenvolvimento regional: considerações sobre o papel da sociedade local no processo de desenvolvimento sustentável. **Revista da FAE**, v. 6, n. 2, 2003.

OLIVEIRA NETO, E. S.; CARVALHO, A. C. F. de. (2017). Mito e Religiosidade na Sociedade Líquida. ID *on Line*. **Revista de Psicologia**, 11(34), 39–45. Disponível em: <https://doi.org/10.14295/online.v11i34.669>.

PAZIANI, R. R. **Construindo a Petit Paris:** Joaquim Macedo Bittencourt e a Belle Époque em Ribeirão Preto (1911-1920). Franca: Tese (Doutorado – História), Universidade Estadual Paulista, FHDSS, 2004.

PAZIANI, R. R. Desejos de civilização, véus da barbárie: um olhar sobre a construção do imaginário urbano da Belle Époque Caipira no Almanach Ilustrado de Ribeirão Preto de

1913. Associação Nacional de História – **ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA** – 2007.

PESAVENTO, S. J. **Os pobres na cidade: vida e trabalho-1880/1920**. 2. ed (1., 1994). Porto Alegre: Ed. UFRGS;1998, p.08.

PINHO, M. dos S. Imagens do Shopping no espaço urbano de Feira de Santana. **Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia-UESB**, ISSN 2358-5293, n. I, 2014.

QUEIROZ, Larissa Maria de et al. Indumentarias de falanges femininas no Vale do Amanhecer: uma etnografia no templo de Eusébio-CE. Brasil. Universidade de Salamanca, Espanha, MASTER EM ANTROPOLOGIA DE IBEROAMÉRICA. 2015.

REIS, I. C. F. **A família Negra no Tempo da Escravidão: Bahia 1850-1888**. Tese de Doutorado. Unicamp, 2007.

RISSO, G. C. de S. **Educação Humanista: Um estudo de caso sobre o atendimento educacional para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social na Mansão do Caminho em Salvador (BA)**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel – PR, 143 f. 2020.

REGO, Teresa Cristina. **Trajetória intelectual de pesquisadores da educação: a fecundidade do estudo dos memoriais acadêmicos**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, vol. 19, nº 58, p. 779-800, 2014.

RODRIGUES, I. P. **Contribuições do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-SAÚDE) na formação do Biólogo: elementos para avaliação da experiência da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia**. Colegiado do Curso de Ciências Biológicas, UEFS, 2012.

SANTO, S. M. (2022). O desenvolvimento urbano em Feira de Santana (BA). *Sitientibus*, (28). <https://doi.org/10.13102/>.

SANTOS, C. M. da S. **O ensino religioso e a gestão escolar na formação ética do educando**. 2015. 94 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2015.

SANTOS, C. R. dos. **Interações Espaciais do Centro de Abastecimento de Feira de Santana**. Feira de Santana. Monografia de Especialização em História. Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS, 2003.

SANTOS, L. R. B. de M. M. dos. **A escolarização da população pobre na Parahyba do Norte: instruir para civilizar, 1855 – 1889**, 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

SANTOS, R. A. **A Híbrida Barquinha: Histórias, Influências e Rituais**. São Paulo: Editora Dialética, 2021.

SANTOS, R. A; FLORES, D. Hibridismo cultural acreano: uma reflexão histórica e conceitual sobre a religião da Barquinha. *Revista Relegens Thréskeia*, 11(1), 141-159. 2022.

SARMENTO, P. “NEM UM POÇO A MAIS”: a representação positiva da luta das mulheres indígenas e quilombolas pelo jornal Século Diário contra a indústria petrolífera no ES. *Anais do Seminário Comunicação e Territorialidades*, v. 1, n. 5, 2019.

SILVA, A. J. M. **Natureza sã, civilidade e comércio em Feira de Santana**. Elementos para o Estudo da Construção da Identidade Social no Interior da Bahia (1833-1937). Dissertação de Mestrado, UFBA, Salvador, 2000.

SILVA, R. A. da; FERNANDEZ, J. C. A.; SACARDO, D. P. Para uma “ecologia de saberes” em saúde: um convite dos terreiros ao diálogo. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, p. 921-931, 2017.

SILVA, A. S. T.; ANDRADE GÓES, E. de; RITA de CÁSSIA, G. R. Memórias de Feira de Santana: um estudo de caso. **ANPUH – XXII Simpósio Nacional de História** – João Pessoa, 2003.

SILVA, J. L. **Museu Érico Veríssimo: a preservação museológica de seus arquivos históricos**. Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Especialização Gestão em Arquivos, EaD, RS, 2012.

SILVA, M. A. de O. **Plutarco historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006, 168 pp.

SILVA, M. E. da. **O gênio de Ubaldi e a Evolução da Humanidade**: colóquios e correspondência. Brasília – DF: Ontoletras, 2015. 512p.

SILVA SOUZA, M. S. Os salões de Arte de Feira de Santana (1980 e 1984) e a consolidação das artes visuais como elemento referencial da cultura artística feirense. **Anais dos Seminários de Iniciação Científica**, n. 23, 2019.

SILVEIRA, R. T. Escola e classe social de uma perspectiva gramsciana: a sala de aula, o intelectual e os simples. **ETD-Educação Temática Digital**, v. 17, n. 3, p. 558-575, 2015.

SOUSA, I. C. de. **Garotas tricolores, deusas fardadas**: as normalistas em Feira de Santana, 1925 a 1945. EDUC Editora da PUC-SP, Univ Pontifica Comillas 2001.

SOUZA, E. B. Nietzsche e Lima Barreto: Intelectuais na corda bamba. *Revista Barda*, ano 8 No. 13, Centro de Estudios em Filosofía de la Cultura, Facultad de Humanidades, Universidad Nacional del Comahue. Neuquén, Argentina. 2022.

SOUZA, I. C. J. de. **Escolas ao povo**: experiências de escolarização de pobres na Bahia - 1870 a 1890. 2006. 400 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

SOUZA, G. B. (2000). Uso de Sistemas de Informação Geográfica para o zoneamento geotécnico do município de Feira de Santana – BA. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.23, p.113-136, jul./dez. 2000

SOUZA, N. R. Resenha de “Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole” de Heitor Frùgoli Jr. **Revista de Sociologia e Política**, n. 14, 2000.

TALL, E. K. O papel do caboclo no candomblé baiano. In: CARVALHO, MR., and CARVALHO, AM., org. Índios e caboclos: a história recontada [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 79-93. ISBN 978-85-232-1208-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>

TAVARES, M. C. e BELUZZO, L.G.M. Notas sobre o processo de industrialização recente no Brasil. *Rev. adm. empres.* 19 (1), 7-16, Mar 1979.

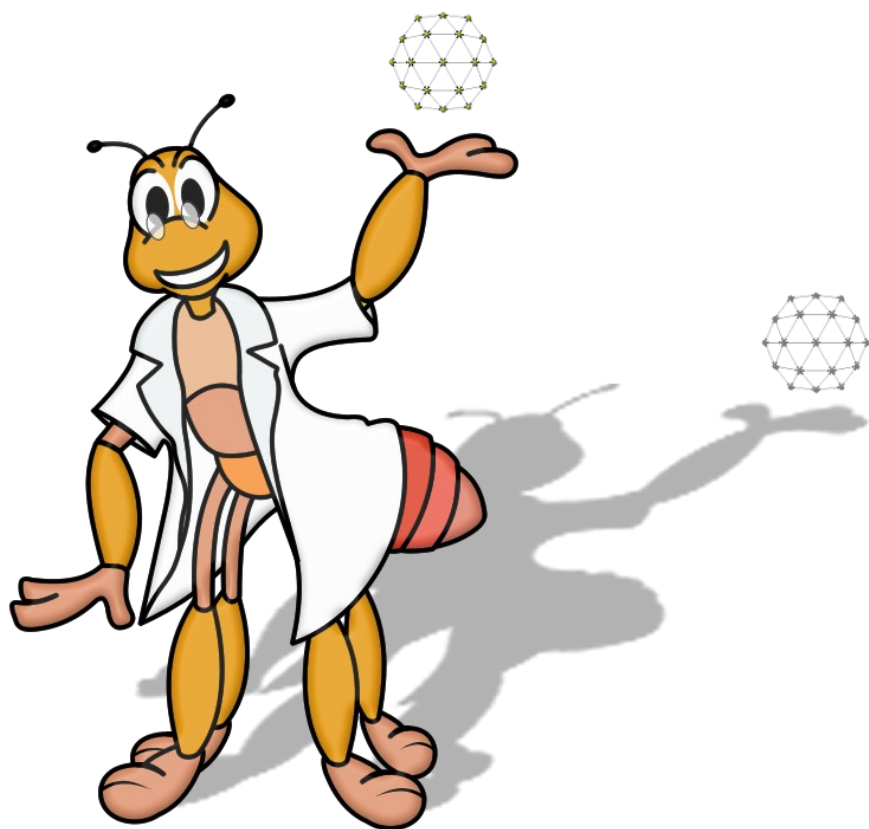
TELES, A. O. **O comércio informal em Feira de Santana (BA): permanências e mudanças.** 2017. 274 f. Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 528 p

UBALDI, P. **A nova civilização do terceiro milênio.** 4. ed. Tradução de Oscar Paes Leme. Rio de Janeiro: Fundação Pietro Ubaldi, 1992.

USARSKI, F. **Relatório da visita de Michael Pye à PUC-SP e ao Brasil.** 2008. Disp.: https://www.researchgate.net/profile/Frank-Usarski/publication/26569613_Relatorio_da_visita_de_Michael_Pye_a_PUC-SP_e_ao_Brasil/links/598863ce45851560584f4964/Relatorio-da-visita-de-Michael-Pye-a-PUC-SP-e-ao-Brasil.pdf

VEIGA, B. (2017). O lançamento da lápis de ouro ou Dona Flor e seus dois maridos chega a Feira de Santana. **Revista Léguas e Meia**, 3(1), 212-222. <https://doi.org/10.13102/lm.v3i1.1985>.



Todo mundo pode mudar o Mundo!